

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

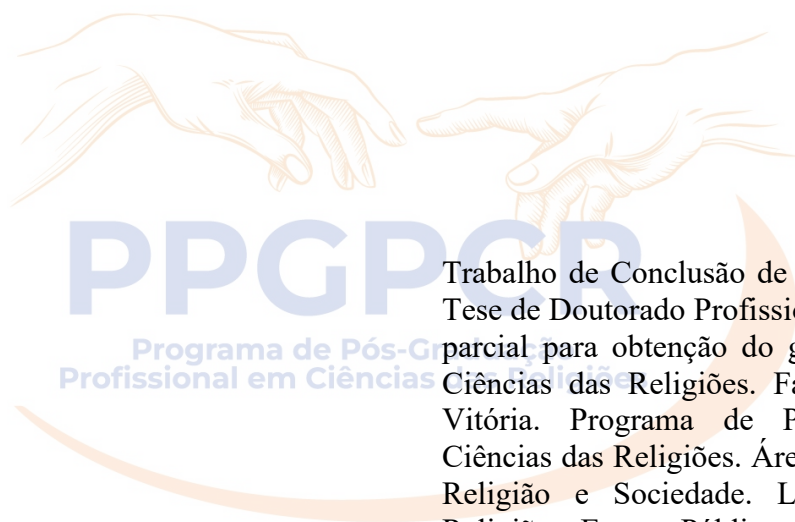
WALLACE SOARES DA PAIXÃO



**“IGREJA PROFÉTICA DE ROSTO POPULAR”:
UMA ANÁLISE DO *CORPUS* LITERÁRIO DE MILTON SCHWANTES E SUAS
IMPLICAÇÕES PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES APLICADAS**

WALLACE SOARES DA PAIXÃO

“IGREJA PROFÉTICA DE ROSTO POPULAR”:
UMA ANÁLISE DO *CORPUS* LITERÁRIO DE MILTON SCHWANTES E SUAS
IMPLICAÇÕES PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES APLICADAS



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Tese de Doutorado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Graham Gerald McGeoch

VITÓRIA-ES

2025

Paixão, Wallace Soares da

Igreja Profética de Rosto Popular / Uma análise do *corpus* literário de Milton Schwantes e suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas / Wallace Soares da Paixão. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

x, 247 f. ; 31 cm.

Orientador: Graham Gerald McGeoch

Tese (doutorado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

Referências bibliográficas: f. 233-247

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Milton Schwantes. 4. Leitura Popular da Bíblia. 6. Igreja profética de rosto popular. 7. Fundamentalismo bíblico. 8. Ciências das Religiões Aplicadas. - Tese. I. Wallace Soares da Paixão. II. Faculdade Unida de Vitória, 2025. III. Título.

WALLACE SOARES DA PAIXÃO

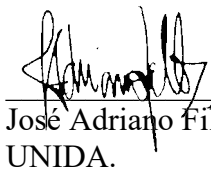
“IGREJA PROFÉTICA DE ROSTO POPULAR”:
UMA ANÁLISE DO CORPUS LITERÁRIO DE MILTON SCHWANTES E SUAS
IMPLICAÇÕES PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES APLICADAS

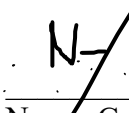
Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Tese de Doutorado Profissional como requisito
parcial para obtenção do grau de Doutor em
Ciências das Religiões. Faculdade Unida de
Vitória. Programa de Pós-Graduação em
Ciências das Religiões. Área de Concentração:
Religião e Sociedade. Linha de Atuação:
Religião e Espaço Público.

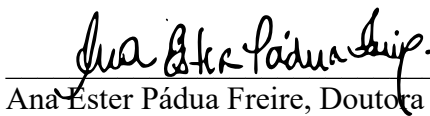


Data: 10 jun. 2025. Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões


Graham Gerald McGeoch, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).


José Adriano Filho, Doutor em Teoria e História Literária, Doutor em Ciências da Religião,
UNIDA.


Nancy Cardoso Pereira, Doutora em Ciências da Religião, UMA.


Ana Ester Pádua Freire, Doutora em Ciências da Religião.



Para Iraneide Soares da Cruz – mamãe – meu exemplo sublime de amor, determinação e resiliência.

AGRADECIMENTO

À Faculdade Unida de Vitória (FUV) e *Evangelisches Missionswerk in Deutschland* (EMW), pelos auxílios concedidos, sem os quais esta pesquisa não teria sido realizada.

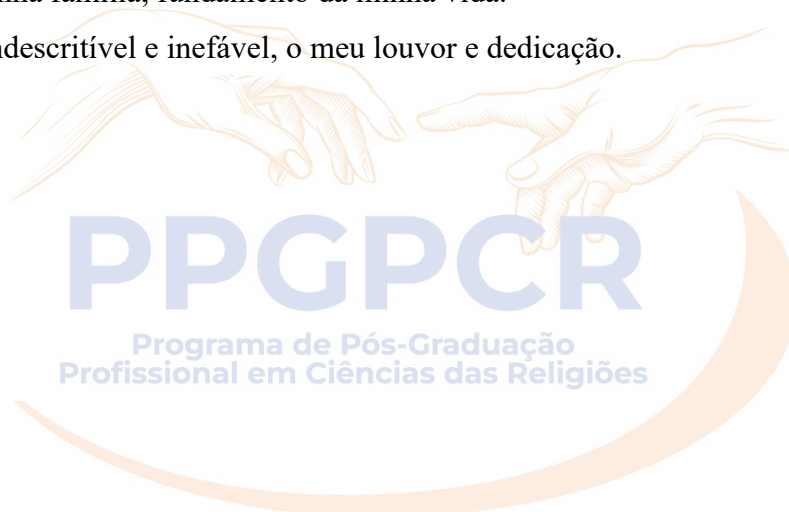
Ao professor Osvaldo Luiz Ribeiro, por me acompanhar nos primeiros dois anos do doutorado, pelo apoio, pelas conversas e pelo incentivo. Sou eternamente grato.

Ao professor Graham Gerald McGeoch, mais que um mestre e orientador, revelou-se um amigo, acessível, atencioso, motivador e disponível para continuar uma orientação já encaminhada.

Aos/às funcionários/as e professores/as da FUV, em especial à professora Claudete Beise Ulrich e Ana Maria Furtado, sempre solícitos/as e presentes em todos os momentos.

À minha família, fundamento da minha vida.

Ao indescritível e inefável, o meu louvor e dedicação.





“A pesquisa bíblica acadêmica faria bem em
cuidar dos tesouros ocultos que ainda podem
ser encontrados na obra de Milton” Schwantes.
Rainer Kessler.

RESUMO

A pesquisa analisa a literatura de Milton Schwantes no intuito de localizar uma eclesiologia subjacente fundamentada na atuação orgânica de teólogas e teólogos, em especial pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia, refletindo sobre suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas. A partir da seleção e classificação das obras literárias produzidas nas décadas de 1970 e 1980, o tema da eclesiologia em Milton Schwantes é debatido à luz das efervescências políticas, econômicas, sociais, culturais e eclesiais que marcaram a América Latina e favoreceram a recepção dessas obras naquele período. A categoria de intelectual orgânico gramsciana e a perspectiva de educação popular freireana estruturam o referencial teórico para as análises e hipóteses levantadas na pesquisa, sobretudo no que diz respeito à atuação de teólogas e teólogos orgânicos nos círculos bíblicos para leitura popular da Bíblia no seio de uma igreja profética de rosto popular, com uma proposta de práxis transformadora sempre direcionada à pastoral. Milton Schwantes é apresentado como um transgressor de fronteiras epistemológicas entre as Ciências das Religiões e a Teologia, um intelectual orgânico subversivo que não aceita outra maneira de empreender análises exegéticas a não ser pela perspectiva da ação pastoral. A igreja profética de rosto popular, modelo eclesial que emerge da literatura analisada, mostra-se uma alternativa necessária, entre outras, capaz de mitigar os efeitos deletérios do projeto fundamentalista em torno do texto bíblico no século XXI. Encerra-se com a proposta de um esboço para implementação da igreja profética de rosto popular passível de revisão, atualização e ampliação.

Palavras-chave: Milton Schwantes. Leitura Popular da Bíblia. Igreja Profética de Rosto Popular. Fundamentalismo Bíblico. Ciências das Religiões Aplicadas.

ABSTRACT

This research analyses the literature of Milton Schwantes with the intention of locating an underlying ecclesiology founded on the organic actions of theologians, particularly biblical scholars, reflecting on the implications of Applied Religious Studies. Starting with a selection and classification of literature produced in the 1970s and 1980s, the theme of ecclesiology in Milton Schwantes is discussed in light of political, economic, social, cultural and ecclesial vibrancy that marked Latin America and favoured the reception of the work at that time. The Gramscian category of organic intellectual and the Freirean perspective of popular education structure the theoretical reference for the analyses and hypotheses raised in this research, above all in relation to the action of organic theologians in the Bible Circles of popular Bible reading in the heart of a prophetic Church with a popular face, with a transformational praxis always directed towards the pastoral. Milton Schwantes is presented as a transgressor of the epistemological boundaries of Religious Studies and Theology, a subversive organic intellectual who does not accept another way of beginning pastoral exegesis if not through pastoral action. The prophetic Church with a popular face, an ecclesial model that emerges from the literature analysed, shows a necessary alternative, amongst others, capable of mitigating the delirious effects of the fundamentalist project around the Bible in the twenty-first century. The research concludes with a proposal of an outline for implementing a prophetic Church with a popular face, liable to revision, updating and enlarging.

Keywords: Milton Schwantes. Popular Bible Reading. Prophetic Church with a Popular Face. Biblical Fundamentalism. Applied Religious Studies.

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO.....	11
1 TAXONOMIA DA LITERATURA DE MILTON SCHWANTES	21
1.1 Recepção do <i>corpus</i> literário de Milton Schwantes na América Latina.....	21
1.2 Mapeamento e classificação das obras	35
1.3 Eclesiologia de Milton Schwantes e as pesquisas bíblicas contemporâneas.....	51
1.4 A atuação orgânica a partir da igreja segundo a literatura de Milton Schwantes.....	73
2 A ECLESIOLOGIA DE MILTON SCHWANTES E A EDUCAÇÃO POPULAR FREIREANA.....	85
2.1 Elementos da educação popular de Paulo Freire na literatura de Milton Schwantes	85
2.2 Ação transformadora como princípio eclesiológico	97
2.3 Círculos bíblicos como espaço de organização, contextualização e conscientização	107
2.4 A dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes	117
3 IMPLICAÇÕES DA ECLESIOLOGIA DE MILTON PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES APLICADAS.....	130
3.1 Milton Schwantes nas fronteiras entre a Teologia e as Ciências das Religiões	130
3.2 Relações entre a ação pastoral e a eclesiologia de Milton Schwantes.....	140
3.3 A práxis transformadora na igreja profética de rosto popular	150
3.4 Ciências das Religiões Aplicadas e a atuação de teólogas e teólogos orgânicos	161
4 IGREJA PROFÉTICA DE ROSTO POPULAR COMO <i>LOCUS</i> DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL PARA TEÓLOGAS E TEÓLOGOS ORGÂNICOS	173
4.1 Pertinência da igreja profética de rosto popular no século XXI.....	173
4.2 Círculos bíblicos como horizonte de mitigação do fundamentalismo bíblico.....	186
4.3 Atuação de teólogas e teólogos orgânicos e perspectivas futuras para as Ciências das Religiões Aplicadas	197
4.4 Implementação da igreja profética de rosto popular	208
CONCLUSÃO.....	221
REFERÊNCIAS	233

LISTA DE SIGLAS

ABIB	Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica
ANAMPOS	Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEBI	Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos
CEDI	Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CIB	Curso Intensivo de Bíblia
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CUT	Central Única de Trabalhadores
EMW	<i>Evangelisches Missionswerk in Deutschland</i>
EST	Escola Superior de Teologia
IAHR	<i>International Association for the History of Religious</i>
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
ISAL	Igreja e Sociedade na América Latina
ISI	Industrialização por Substituição de Importação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OEA	Organização dos Estados Americanos
PPG	Programa de Pós-Graduação
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
REBILAC	Rede Ecumênica Bíblica Latino-Americana e Caribenha
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo

INTRODUÇÃO

A pesquisa analisa o *corpus* literário de Milton Schwantes – *in memoriam* – com o propósito de localizar um modelo eclesial fundamentado em uma atuação orgânica, nos termos do conceito gramsciano de intelectual orgânico,¹ pautado em alguns elementos da educação popular freireana,² bem como caracterizado por uma hermenêutica bíblica engajada na atuação profissional de teólogas e teólogos, em especial especialistas em ciências bíblicas, considerando suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas³. Denomina-se o modelo eclesial intuído de *igreja profética de rosto popular*, por razões que serão melhor esclarecidas no decorrer da pesquisa que, em grande medida, marcaram a vida pastoral, acadêmica e a obra desse autor.

No conjunto, as obras que versam sobre a vida e obra de Milton Schwantes podem ser classificadas como: homenagens natalícias e póstumas; coleções de pequenos manuscritos de reflexão pastoral e leitura popular da Bíblia, marcadas por uma linguagem popular para a compreensão das leitoras e leitores; análise da teoria e da metodologia *autóctone* da América Latina, com abrangência do método de Milton Schwantes e das principais ênfases hermenêuticas que caracterizam sua exegese; dossiê temático abordando seu horizonte e projetos teológicos; e artigos com apontamentos sobre sua hermenêutica bíblica.⁴

A atuação de Milton Schwantes na América Latina e no Brasil, como pesquisador do texto bíblico, professor acadêmico e pastor luterano, pode ser datada a partir da década de 1970, quando ele retornou da Alemanha, em 1974, após concluir seu doutorado, e assumiu uma paróquia em Cunha Porã, Santa Catarina. Em 1978, ele se tornou professor na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), conhecida atualmente como Escola Superior de Teologia (EST). Esses e outros registros sobre a vida e obra de Milton Schwantes são oferecidos no livro intitulado *Profecia e esperança: um tributo a Milton*

¹ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 36.

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 32-57.

³ Udo Tworuschka sugere a expressão Ciência Prática da Religião, reconhecendo outras referências sobre uma Ciência da Religião Engajada. Embora as ideias desse autor serão fundamentais para as reflexões aqui propostas, opta-se pela utilização da elocução Ciências das Religiões Aplicadas, em consonância com o Documento de área 44 da CAPES e, em relação ao seu uso no plural, com a nomenclatura adotada pelo PPG da FUV. Saiba mais em: TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 579.

⁴ CRUZ, Wallace S. *O lugar do pobre para uma práxis profético-ecumênica: a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. p. 11-17.

Schwantes, publicado, em 2006, em comemoração ao seu sexagésimo aniversário.⁵ Em relação à sua abordagem sobre o autor, a obra seleciona temas hermenêuticos que perpassam a Bíblia Hebraica, todavia, seu conteúdo não oferece detalhes sobre sua metodologia exegética, não explora por completo sua literatura e não apresenta elementos de sua eclesiologia.⁶

Numa análise mais robusta, porém, mais voltada para o movimento bíblico latino-americano do que para a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes, Hans de Wit questionou sobre a legitimidade e/ou vulnerabilidade das hipóteses postuladas por esse autor. No entanto, ele não apresentou uma descrição abrangente acerca do contexto de produção literária de Milton Schwantes, como também não fez alusão à sua eclesiologia e atuação orgânica. Na verdade, o autor se mostrou mais interessado numa investigação mais ampla dos métodos de interpretação utilizados no movimento bíblico latino-americano, sem perder de vista as contribuições de Milton Schwantes, deixando de lado sua eclesiologia conforme a abordagem proposta nesta pesquisa.⁷

Em 2012, ano do falecimento de Milton Schwantes, Nancy Cardoso ofereceu um tributo com a organização de uma coleção de manuscritos de reflexão pastoral. Em resumo, a obra não empreende análises críticas sobre a exegese e a hermenêutica do autor, muito menos aponta para elementos eclesiológicos pressupostos no horizonte interpretativo dele, mas os textos reúnem apenas alguns temas relacionados à leitura popular da Bíblia que, em geral, são marcados pelo uso de uma linguagem mais popular, visando a compreensão das leitoras e dos leitores acerca das contribuições de Milton Schwantes para a pastoral e para a leitura popular da Bíblia.⁸

No mesmo ano, o dossiê proposto pela revista *Caminhando*, intitulado *Vida e obra de Milton Schwantes*, ressaltou o horizonte e as propostas teológicas desse autor. Nesse dossiê temático, Lucas Nascimento, ex-aluno de Milton Schwantes, sistematizou sua metodologia exegética. Porém, além da boa exibição dos principais momentos da análise exegética, o texto não ultrapassa as fronteiras de uma demonstração didática para descrever exercícios exegéticos, não avançando para uma análise da hermenêutica e nem da eclesiologia proposta pelo autor.⁹

⁵ DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 9-41.

⁶ DREHER; MUGGE; HAUENSTEIN; DREHER, 2006, p. 9-41.

⁷ WIT, Hans. *En la dispersión el texto es patria: introducción a la hermenêutica clásica, moderna e pós-moderna*. San José: Universidad Bíblica Latino Americana, 2002. p. 255-267.

⁸ PEREIRA, Nancy C. *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012. p. 5-11.

⁹ NASCIMENTO, Lucas M. A bíblia e a vida: o método exegético de Milton Schwantes. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 55-63, 2012. p. 55-63.

Haroldo Reimer, no ano seguinte, pavimentou caminhos para futuras pesquisas através de seus apontamentos sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. Na mesma linha dos textos precedentes, ele não refletiu sobre a proposta eclesiológica do autor.¹⁰ Um esforço semelhante foi notado no ano de 2018, a partir da aproximação da atuação de religiosos luteranos ao conceito gramsciano de intelectual orgânico. Nesse artigo, a atuação de Milton Schwantes foi descrita ao lado de outros pastores, mas não há resquícios de uma descrição sobre sua eclesiologia.¹¹

No ano de 2023, Rainer Kessler publicou um manuscrito sobre as relações entre Milton Schwantes e a Alemanha. O texto procura demonstrar que a tese doutoral desse autor revolucionou o contexto acadêmico, tornando-o um dos expoentes da exegese e da teologia bíblica alemã.¹² Ele explica que o reconhecimento de Milton Schwantes foi mais lento na Alemanha, porque, “para ele, não havia uma separação entre atividade acadêmica com a Bíblia e trabalhos eclesiais e comunitários”¹³, de modo que “ainda existem muitas pessoas na vida acadêmica alemã que buscam diferenciar entre o trabalho histórico-crítico com a Bíblia e – como se costuma dizer – a ‘aplicação’ na prática”¹⁴. Esse autor faz considerações pertinentes sobre Milton Schwantes, no entanto, apresenta apenas alguns apontamentos sobre o seu perfil acadêmico e suas inclinações pastorais, sem aprofundar, de fato, sua eclesiologia.

É provável que o estudo mais amplo desenvolvido e publicado, até o momento, seja minha dissertação de mestrado defendida em 2021.¹⁵ Com esta pesquisa, procurei ofertar uma análise dos principais desdobramentos da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes para uma praxis profético-ecumênica, num recorte temporal que compreende o final da década de 1970 até a primeira metade de 1980, apresentando uma bibliografia brevemente comentada de suas obras.¹⁶ Nesse ínterim, no intervalo entre 2020 a 2023,¹⁷ publiquei alguns artigos com o objetivo

¹⁰ REIMER, Haroldo. Não há davar sem contexto: apontamentos sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 232-245, 2013. p. 232-245.

¹¹ PY, Fábio; PEDLOWSKI, Marcos A. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). *Revista Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 233-252, 2018. p. 246-249.

¹² KESSLER, Rainer. Milton Schwantes (1946-2012) e Alemanha. *Revista Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 273-278, 2023. p. 274.

¹³ KESSLER, 2023, p. 276.

¹⁴ KESSLER, 2023, p. 277.

¹⁵ É o que indica o levantamento realizado a partir do *Banco de Teses* e no *Portal de Periódicos da Capes*. Consulte: CAPES. *Catálogo de teses e dissertações*. [s.d.]. [online]. [n.p.]. Ver também: CAPES. *Portal de periódicos*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

¹⁶ CRUZ, 2021, p. 135.

¹⁷ Por exemplo: CRUZ, Wallace S. A interpretação do texto bíblico de Milton Schwantes: por uma mediação da Ciência Prática da Religião. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 14, n. 2, p. 735-753, 2020a; CRUZ, Wallace S. Por uma leitura da realidade presente na perspectiva de Milton Schwantes. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 34-49, 2020b; e o artigo já citado, que aproxima Milton Schwantes do conceito de intelectual orgânico, em Gramsci, a saber: CRUZ, Wallace S.; ULRICH, Claudete B. A formação de “biblistas orgânicos” a partir da

de aproximar o horizonte hermenêutico e eclesiológico dele às Ciências das Religiões Aplicadas.¹⁸

Não seria inútil considerar, à luz dos textos supramencionados, que a pesquisa sobre Milton Schwantes não se divide em correntes de pensamento distintas. Entretanto, boa parte dos manuscritos que abordam sobre ele, quando não tratam com o aprofundamento necessário sobre seu horizonte hermenêutico, desprezam ou não aprofundam os elementos eclesiológicos presentes em sua literatura que articulam a atuação orgânica e popular de profissionais teólogas e teólogos a partir de um espaço eclesial específico, que prefiro chamar de igreja profética de rosto popular. Essa fissura abre espaço para a proposta desta pesquisa, cujos objetivos e demais elementos metodológicos serão apresentados mais adiante, após relatar um pouco sobre minha prática profissional.

Até o momento, sou formado em Administração, licenciado em Letras-Português e graduado em Teologia, com mestrado em Ciências das Religiões. É nestes dois últimos campos que venho atuando com mais intensidade, fazendo revisões textuais em pesquisas de diferentes áreas e como professor de Ciências das Religiões e Teologia contratado em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte, Minas Gerais. Meu contato com a literatura de Milton Schwantes ocorreu na graduação em Teologia. Ela se tornou objeto de estudo no desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso e dissertação de mestrado.¹⁹ Na metade da graduação em Teologia, por ter me destacado sobretudo nas aulas de hebraico bíblico, fui contemplado com uma bolsa de estudos fornecida pela *Evangelisches Missionswerk in Deutschland* (EMW) para cursar o mestrado. Cursei a graduação e o mestrado simultaneamente, mas o desejo de trilhar uma jornada no campo da hermenêutica bíblica tornou esse desafio mais leve, na medida em que os textos de Milton Schwantes me ajudaram a lidar com as sequelas do desemprego e com as dificuldades de acesso às universidades brasileiras que enfrentei.

A literatura de Milton Schwantes revigorou meu desejo de ser uma voz entre outras no campo da Teologia e das Ciências das Religiões. Em parte, cai na situação de desemprego por

Ciência Prática da Religião: um tributo a Milton Schwantes. *Revistas Caminhos*, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 124-143, 2023. p. 124-143.

¹⁸ Em virtude do meu matrimônio, em 2023, meu nome foi alterado. Antes, eu era chamado de Wallace Soares da Cruz, agora, Wallace Soares da Paixão. Essa informação é importante, pois meus artigos publicados até outubro de 2023 estão identificados com o nome antigo. Um artigo publicado após a data do meu casamento é este: PAIXÃO, Wallace S. A invenção de uma comunidade eclesial orgânica: ação pastoral e teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos. *Revista Unitas*, Vitória, v. 11, n. 1, p. 81-99, 2023. p. 81-99.

¹⁹ Meu trabalho de conclusão de curso foi o seguinte: CRUZ, Wallace S. *Intertextualidade e interdiscursividade no corpus literário de Milton Schwantes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2020c. p. 4-21.

causa de leituras fundamentalistas da Bíblia²⁰ realizadas no interior de uma igreja que eu frequentava na época. Naquele espaço eclesial, argumentava-se que aquela situação era a “vontade” divina. Destarte, a literatura e a trajetória de vida de Milton Schwantes iluminaram meu horizonte, fazendo-me acreditar na possibilidade de um novo jeito de interpretar o texto bíblico e ser igreja no mundo:

Essa é a questão da Bíblia: você acolhe seu grito por vida, ou você se devota às injustiças dos senhores deste mundo. Você cai de joelhos, ou vira as costas aborrecido [...]. Ler a Bíblia é, pois, uma festa [...]. Ler a Bíblia é também chorar. O grito da dor doída do corpo machucado leva às lágrimas [...]. Em dor, em vitórias mil – num e noutro caso a Bíblia é oração [...]. No fim, [...] terminada a luta, vitoriosa a justiça e enxugado o pranto, explodir numa festa de alegria.²¹

Frases como essa foram cruciais em minha decisão de investigar os *corpora* de Milton Schwantes. A identificação com os escritos dele me impulsionou a buscar por “tesouros” escondidos em suas obras literárias. E foi pensando na maneira como ele entendia ser o papel da igreja que idealizei a elaboração desta pesquisa, cujos objetivos e estrutura metodológica serão descritos a partir deste momento.

O objetivo principal da pesquisa consiste em avançar em um aspecto peculiar da hermenêutica bíblica de Milton Schwantes, isto é, sua eclesiologia pautada numa atuação profissional, orgânica e popular, com base nas pistas materializadas em seu *corpus* literário, pensando nas suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas. É uma estratégia para dar sequência e profundidade à pesquisa do mestrado, na qual me debrucei sobre o horizonte político-hermenêutico do autor.²² A proposta da presente pesquisa consiste basicamente em extrair contribuições profissionais – das principais obras escritas por Milton Schwantes – que situam, de alguma forma, a atuação orgânica de teólogas e teólogos a partir das igrejas, numa perspectiva profética e popular, direcionada à realidade das pessoas em situação de pobreza.²³

Na América Latina, sobretudo no Brasil, Milton Schwantes é conhecido e lembrado como intelectual e pastor que se serviu do texto bíblico para impulsionar pessoas em situação

²⁰ Parte-se do pressuposto de que o fundamentalismo envolve leituras rígidas, inflexíveis e descontextualizadas. Ele procura no texto bíblico as bases para enclausurar e legitimar posicionamentos e práticas excludentes. Em sua lógica interna, a religião do outro sempre representa uma ameaça, de modo que é relegada à deslegitimação, amiúde, por intermédio da demonização do universo simbólico e cultural de uma tradição. Configura-se como um pensamento anacrônico, porque impõe seus pressupostos sobre o outro, independentemente das condições históricas. Para saber mais sobre o conceito de fundamentalismo religioso, recomenda-se a seguinte leitura: MARIA, Tayná L.; CHEVITARESE, André L. Fundamentalismo religioso cristão: em busca de um conceito. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana; DUSILEK, Sérgio; MARIA, Tayná L. (orgs.). *Fundamentalismo religioso cristão: olhares transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Klíne, 2021. p. 16.

²¹ SCHWANTES, Milton. Caminhando na oração. *Revista Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 89, p. 22-24, 1995a. p. 23-24.

²² CRUZ, 2021. p. 9-122.

²³ CRUZ, 2021. p. 23.

de pobreza na luta por condições dignas de vida, e, na mesma intensidade, para promover a formação de pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia,²⁴ com uma opção metodológica e hermenêutica preferencialmente direcionada aos pobres latino-americanos e sua libertação.²⁵ A necessidade de delimitar a pesquisa à análise dos *corpora* de Milton Schwantes se relaciona à uma dificuldade específica que enfrento desde o período de realização do mestrado digna de nota, a saber: um saudosismo exacerbado em torno da memória do autor, por parte de muitas pessoas que com ele conviveram e trabalharam.

Por causa dessa barreira quase intransponível, alguns convites de entrevistas para coletar dados sobre Milton Schwantes foram rejeitados e/ou não respondidos, bem como o acesso aos manuscritos e poesias não publicados também foi negado. Dessa forma, o material publicado inevitavelmente tornou-se a principal fonte de análise para esta pesquisa, o que, segundo Humberto Eco, não seria uma ação ilegítima, pois, a utilização livre de um texto se relaciona com a decisão de ampliar o universo do discurso. No pensamento desse autor, a interpretação implica num recorte e na existência de fronteiras determinadas por estratégias textuais que são colocadas em jogo pela dialética do autor, texto e leitor-modelo.²⁶

Ao considerar tais limites, procuro uma resposta para a seguinte questão-problema: como a literatura de Milton Schwantes apresenta um modelo eclesiológico pautado numa atuação orgânica e popular com pressupostos hermenêuticos para a atividade profissional de teólogas e teólogos, sobretudo pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, e quais suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas? Considera-se como hipótese incipiente que, no *corpus* literário de Milton Schwantes, há uma eclesiologia subjacente, interpretada nestas linhas como um modelo de igreja profética de rosto popular, que emerge como *locus* privilegiado para atuação profissional de teólogas e teólogos orgânicos, em especial pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, com implicações para o campo das Ciências das Religiões Aplicadas. A refutação ou a confirmação dessa hipótese é relevante para cotejar o aspecto profissional da pesquisa e sua aplicabilidade, porque considera mormente a inserção

²⁴ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 128.

²⁵ TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Revista Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012. p. 63.

²⁶ Para Humberto Eco, autor e leitor-modelo são estratégias textuais. Seus papéis possuem uma dimensão empírica e virtual, ou seja, o autor empírico – sujeito da enunciação textual – apresenta hipóteses sobre um certo leitor-modelo. Ao fazê-lo, elabora seu texto a partir de uma estratégia textual, constituindo um dado autor enquanto sujeito do enunciado. Em contrapartida, o leitor empírico configura uma hipótese de autor pelas estratégias textuais. Para ele, o importante é o que está na lacuna das estratégias textuais, isto é, o espaço em que são hipotetizados autor e leitor-modelo, e não nas intenções atribuídas tanto para o autor quanto para o leitor empírico. Nesse sentido, a cooperação textual representa um fenômeno que ocorre entre duas estratégias discursivas, e não entre os sujeitos. Saiba mais em: ECO, Humberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 44.

profissional de pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia nos processos de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, por intermédio de uma leitura política do texto bíblico.

Para confirmar ou refutar tal hipótese, o referencial teórico da pesquisa se estrutura nas contribuições de dois pensadores: Antonio Gramsci e Paulo Freire. O primeiro ajuda a situar Milton Schwantes como intelectual orgânico pelos vínculos que ele estabeleceu com os setores agrários, urbanos e populares dos movimentos sociais e rurais no Brasil. Trata-se de uma atuação simultânea com atividades intelectuais, como pastor luterano, professor acadêmico e pesquisador da Bíblia, marcadas por um profundo interesse pela organização camponesa e operária, em especial no contexto da ditadura militar. Na concepção gramsciana, essa seria uma atuação intelectual ligada à uma práxis social que contribui para a “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político [que constituem] ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz”²⁷.

Objetiva-se ainda mostrar que a literatura de Milton Schwantes está permeada pelos seguintes elementos da educação popular: teoria-prática, conscientização e as relações com o mundo do trabalho, que, tanto em Paulo Freire quanto em Milton Schwantes, estão numa relação intercambiável, levando em consideração as práticas educativas e as experiências com os grupos populares que eles vivenciaram. Na ótica de Milton Schwantes, as igrejas deveriam intensificar sua presença nas periferias, ajudando na criação de uma plataforma ideológica pautada no conflito com o Estado. Compreende-se que essa proposta envolve a atuação profissional de teólogas e teólogos, sobretudo pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, numa espécie de constituição de uma corrente de pensamento orgânica, de modo que sua atuação deve ocorrer preferencialmente no contexto de uma igreja profética de rosto popular. Espera-se, pois, demonstrar que a eclesiologia intuída na literatura de Milton Schwantes dialoga com os conceitos desenvolvidos por Antonio Gramsci e Paulo Freire.

A pesquisa não pretende se debruçar, em termos metodológicos, sobre os aspectos ligados à vida profissional e pastoral de Milton Schwantes sem o suporte literário necessário. Pretende-se, ao invés disso, articular a pesquisa bibliográfica, documental e exploratória, elencando e classificando suas principais obras – livros, artigos, entrevistas e outras publicações – em diálogo com as contribuições dos campos das Ciências Sociais, hermenêutica bíblica latino-americana, Sociologia da Bíblia, Ciências das Religiões Aplicadas, em especial o *Documento de área 44* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

²⁷ GRAMSCI, 1982, p. 36.

(CAPES), entre outros, o que justifica a abordagem documental da pesquisa. Em seu caráter exploratório, a pesquisa levanta hipóteses incipientes e localiza o modelo de igreja profética de rosto popular como *locus* privilegiado para atuação orgânica de teólogas e teólogos, mormente especialistas nas ciências bíblicas.

Para alcançar seu objetivo geral, a pesquisa se estrutura em quatro capítulos correspondentes aos seus objetivos específicos. O primeiro capítulo descreve, identifica e conceitua a eclesiologia a partir das obras literárias de Milton Schwantes. Trata-se de uma proposta de taxonomia desses *corpora* que visa sua sistematização, organização e classificação. Para tanto, reflete-se sobre a recepção das obras no contexto latino-americano, por ser o cenário mais destacado em todos os trabalhos literários do autor. Na sequência, os principais textos são mapeados e classificados à luz do tema da eclesiologia, que será analisado, posteriormente, segundo a ótica de Milton Schwantes. O capítulo encerra destacando a perspectiva subjacente aos textos mapeados e classificados sobre a atuação orgânica de teólogas e teólogos a partir de um ambiente eclesial, fundamentando-se no conceito de intelectual orgânico em Antonio Gramsci.

O segundo capítulo empreende aproximações entre o horizonte eclesiológico de Milton Schwantes com a proposta de educação popular em Paulo Freire. Busca-se identificar a presença de elementos da educação popular freireana na literatura em análise, mormente na metodologia de leitura popular da Bíblia. A noção de ação transformadora é descrita como um princípio da eclesiologia de Milton Schwantes, cujo propósito visa a promoção da conscientização e politização dos pobres. Por isso, os círculos bíblicos ganham destaque não apenas como um setor da igreja profética de rosto popular, mas, também, como espaço privilegiado para organização, contextualização e conscientização, o que pressupõe a atuação orgânica de teólogas e teólogos. O capítulo finaliza com uma reflexão sobre a dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes, que evoca a tradição bíblica como resposta aos dilemas sociais, políticos, econômicos e religiosos que marcaram a América Latina nas décadas de 1970 e 1980.

O terceiro capítulo aborda as implicações da eclesiologia de Milton Schwantes para as Ciências das Religiões Aplicadas. Em sua trajetória intelectual, esse autor também atuou como professor de Ciências das Religiões e Teologia, o que o caracteriza, segundo a CAPES, como um pesquisador que analisou “o fato religioso, os fenômenos religiosos e/ou as linguagens religiosas, desenvolvendo aproximações históricas e comparativas, sistemáticas e

hermenêuticas das práticas e experiências religiosas humanas e das suas instituições sociais”²⁸. Milton Schwantes é filho de seu tempo, por isso, é importante perguntar sobre o seu lugar nas fronteiras entre a Teologia e as Ciências das Religiões na atualidade. Para isso, investiga-se as relações entre ação pastoral e sua proposta eclesiológica, privilegiando uma análise da práxis transformadora no contexto de uma igreja profética de rosto popular. Encerra-se com a apresentação das Ciências das Religiões Aplicadas como *locus* notável para aplicação de conhecimentos científico-religiosos sobre os dilemas da vida concreta e construção de novas metodologias e teorias, o que considero não desprezar a eclesiologia em tela.

O último capítulo delineia o caráter profissional da pesquisa, na tentativa de situar a eclesiologia de Milton Schwantes como espaço privilegiado de atuação de teólogas e teólogos orgânicos a partir das Ciências das Religiões Aplicadas, que, por seu caráter “ilimitado, inter e transdisciplinar, [...] incentiva e promove uma ação orientada, crítica, comunicativa, político social das [Ciências das Religiões]”²⁹. Neste capítulo, discute-se sobre a pertinência da igreja profética de rosto popular na contemporaneidade diante dos novos desafios e problemas em torno da leitura da Bíblia, de modo que os círculos bíblicos são apresentados como alternativa para mitigação dos efeitos das leituras fundamentalistas do texto bíblico. Para situar o debate no campo das Ciências das Religiões Aplicadas, reflete-se sobre a atuação orgânica de teólogas e teólogos com base nas orientações do *Documento de Área 44* da CAPES. Ao final, apresenta-se um conjunto de considerações e orientações sobre a implementação do modelo de igreja profética de rosto popular na perspectiva das Ciências das Religiões Aplicadas.

Nos limites da literatura de Milton Schwantes, a pesquisa propõe uma atuação orgânica para teólogas e teólogos profissionais, sobretudo pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico. O *locus* privilegiado para atuação desses profissionais também é intuído neste *corpus* literário, a saber: uma igreja profética de rosto popular. A literatura desse autor expressa grandes expectativas pela construção de espaços simultaneamente eclesiais, acadêmicos e populares para conduzir os pobres aos umbrais do pensamento crítico, como também destaca a premência de atualizar suas próprias convicções metodológicas para “acolher [...] nos caminhos já andados [...] novas percepções à luz de novas hermenêuticas em uso e prática nas academias”³⁰. As Ciências das Religiões Aplicadas podem emergir como lugar para tais atualizações e subsidiar, por intermédio de seu arcabouço teórico-metodológico ilimitado, inter e transdisciplinar, as

²⁸ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de Área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: MEC; CAPES; DAV, 2019. p. 4.

²⁹ TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

³⁰ SCHWANTES, Milton. Editorial. *Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 7-8, 2005. p. 8.

teólogas e teólogos orgânicos em seu compromisso de conscientizar e politizar as pessoas em situação de pobreza.



1 TAXONOMIA DA LITERATURA DE MILTON SCHWANTES

Com o objetivo de descrever, identificar e conceituar a eclesiologia pressuposta em Milton Schwantes, este primeiro capítulo provê uma estrutura de suporte para, sistematicamente, organizar e classificar o *corpus* literário dele. Para tanto, reflete-se acerca da recepção dessas obras na América Latina, campo fértil para o desenvolvimento do horizonte hermenêutico do autor. Em seguida, realiza-se um mapeamento seguido de uma classificação literária, considerando como parâmetro o tema da eclesiologia. Depois, desenvolve-se uma análise da eclesiologia, segundo o pensamento de Milton Schwantes. Por último, discorre-se sobre a perspectiva subjacente a esses textos sobre a atuação orgânica de teólogas e teólogos a partir de um determinado ambiente eclesial.

1.1 Recepção do *corpus* literário de Milton Schwantes na América Latina

O processo de recepção da literatura de Milton Schwantes no continente latino-americano está muito ligado ao cenário político, econômico e social, ao horizonte teológico protestante e aos estudos bíblicos desenvolvidos na segunda metade do século XX.³¹ As condições econômicas e sociais da América Latina, sobretudo a partir da década de 1960,³² evidenciaram deslocamentos nas relações entre a teologia protestante e as questões sociais do continente, na compreensão tradicional da práxis das igrejas e no campo da hermenêutica bíblica especializada, que, implícita ou explicitamente, perpassam a literatura em tela.³³

As lutas sociais e populares decorrentes da situação política, econômica e social da América Latina, além de compor o conjunto de temas recorrentes abordados por Milton Schwantes, são uma chave para compreender a recepção de suas obras.³⁴ Mais adiante, ao lado dessas questões, o modelo eclesiológico pressuposto nos *corpora* do autor também será refletido à luz das tensões eclesiais da época, sobretudo em torno da proposta de ser uma igreja dos pobres neste continente.

³¹ As obras de Milton Schwantes foram produzidas e publicadas no período entre os anos 1974 a 2013. Para mais detalhes, consulte a *Bibliografia brevemente comentada de Milton Schwantes* disponível em: CRUZ, 2021, p. 135-179.

³² GOTAY, Samuel S. Teologia da Libertação latino-americana: Camilo Torres. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 1-21, 2020. p. 6-8.

³³ SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989a. p. 10.

³⁴ SCHWANTES, Milton. A cidade da justiça: estudo exegético de Is. 1.21-28. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 1, p. 5-48, 1982a. p. 21.

Em relação ao Brasil, Thomas Skidmore oferece um mapeamento dos principais impactos da ditadura militar e do capitalismo industrial entre as décadas de 1970 a 1980,³⁵ contexto inicial da produção literária de Milton Schwantes.³⁶ O modelo econômico vigente nessa época privilegiou o progresso da urbanização e da industrialização em detrimento dos interesses das classes camponesas e populares,³⁷ que constituem o público privilegiado da teologia bíblica proposta por Milton Schwantes.³⁸

No início da década de 1970, quando “Milton Schwantes retornou ao Brasil e iniciou suas atividades pastorais e acadêmicas”³⁹, manifestaram-se os sinais do malogro da política de Industrialização por Substituição de Importações (ISI), que primou, desde a década de 1930, por tentativas de industrialização e transferência da produção primária para o modelo de produção industrial. As cidades foram invadidas por avalanches de camponeses e nelas foram criadas camadas periféricas, gerando desequilíbrio social e situações críticas pela falta de facilidades, assistência e seus efeitos corolários: problemas de moradia, desemprego, instabilidade, tensões e pressões políticas, delinquência, entre outros.⁴⁰ Na listagem de Sérgio Abranches, as famílias pobres sofreram ainda com a subnutrição, um fator que diminuía as chances de sobrevivência e provocava danos físicos e intelectuais, em especial nas crianças em idade escolar.⁴¹

Nesse contexto, a ditadura militar já havia sido instaurada no continente latino-americano, servindo à hegemonia estrangeira que explorava os recursos de seus países. O Estado atuava no controle e na arbitragem da política fiscal sob o fracasso do liberalismo econômico, adquirindo uma posição econômica a partir dos reformistas democratas de esquerda e dos modelos populistas. A classe operária lutava por melhores condições de vida e participação em questões políticas.⁴² Com o êxodo rural, a infraestrutura urbana entrou em

³⁵ SKIDMORE, Thomas E. *The politics of military rule in Brazil, 1964-85*. New York: Oxford University Press, 1988. p. 29-33.

³⁶ CRUZ, 2021, p. 135-179.

³⁷ Sérgio Abranches argumenta que “a maioria absoluta dos domicílios pobres apresentava, em 1976, condições insatisfatórias em suas instalações sanitárias e de água, na densidade de moradores e na qualidade dos materiais de construção. [No ano de 1978], apenas 18% dos domicílios de baixa renda podiam ser considerados plenamente satisfatórios nesses itens”. Consulte: ABRANCHES, Sérgio. *Os despossuídos: crescimento e pobreza no país do milagre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 39.

³⁸ SKIDMORE, 1988, p. 29-33.

³⁹ CRUZ, 2021, p. 18.

⁴⁰ SKIDMORE, 1988, p. 29-33.

⁴¹ ABRANCHES, 1985, p. 40-41.

⁴² Os impactos e as consequências das transformações econômicas e o acelerado desenvolvimento urbano foram elementos significativos para a construção dos cenários que abrangem a compreensão crítica das lutas sociais protagonizadas pelos movimentos sociais e populares brasileiros. O desenvolvimento urbano, o crescimento das correntes migratórias e a expansão das atividades econômicas em descompasso com as políticas de distribuição de renda foram prejudiciais para as camadas populares, que procuraram se organizar em diferentes movimentos para

colapso, impactando a indústria e a classe média. As tentativas de incorporação de novas classes, por parte dos governos populistas, culminaram em medidas inflacionárias e decisões contraditórias em relação à necessidade de concentração de capital na indústria que, ao exaurir seu mercado, requeria o controle da pressão sobre as classes populares.⁴³

As economias latino-americanas fortaleciam ainda mais seus vínculos de dependência por causa de sua necessidade de capital e de ajuda econômica. O imperialismo norte-americano, ao injetar capital nelas, exigia garantias de estabilidade aos governos contra as pressões das classes populares. Os governos eram controlados pelos Estados Unidos através de seu principal instrumento de dominação, a Organização dos Estados Americanos (OEA). O desenvolvimento mostrou que medidas keynesianas eram insuficientes para as economias latino-americanas, e elas foram sacrificadas pela subsistência do mercado mundial que estava no controle da produção, dos sistemas de comercialização, dos preços, e de outros fatores econômicos.⁴⁴

A reforma agrária para a modernização da produção, absorção da mão de obra, expansão do mercado interno e alívio das tensões políticas também não teve êxito na América Latina. A exploração sobre a classe camponesa e povos indígenas era intensa e absoluta, com grandes dificuldades políticas. No Brasil, as expectativas de renovação do segmento rural eram quase inexistentes, pois a burguesia nacional e os setores políticos mantinham uma relação bastante estreita com a oligarquia tradicional.⁴⁵

As décadas de 1970 e 1980 foram um período de grande efervescência marcado pelas lutas contra as ditaduras militares e o capitalismo industrial, bem como pela busca por direitos sociais e políticos no continente latino-americano. No Brasil, diversos movimentos sociais emergiram, como o movimento operário, estudantil, feminista, negro, movimento diretas já e outros ligados às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que organizavam camadas populares e lutavam por justiça social. Episódios marcantes da história das lutas sociais registraram, por exemplo, ocupações de fazendas como ocorreu na Fazenda Anoni, ocupada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST),⁴⁶ no Rio Grande do Sul, em 1986, na qual Milton Schwantes participou através da Comissão Pastoral da Terra (CPT).⁴⁷ Em resumo, foi um

reivindicar a assistência às suas necessidades básicas e condições de vida. Consulte: ABRANCHES, 1985, p. 40-50.

⁴³ SADER, Emir. *A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 57-62.

⁴⁴ SADER, 2009, p. 57-62.

⁴⁵ ABRANCHES, 1985, p. 40-41.

⁴⁶ STÉDILE, João P.; FERNANDES, Bernardo M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 17-19.

⁴⁷ CARDOSO, Nancy. Milton Schwantes: o desafio da Teologia da Libertação. In: *TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO* [Site institucional]. 21 out. 2015. [online]. [n.p.].

período profundamente marcado por manifestações populares contra a política econômica recessiva por meio de atos públicos em defesa da democracia, da livre organização e do protesto contra as arbitrariedades da ditadura militar.⁴⁸

Cuba emergiu, nesse contexto, como uma alternativa para a América Latina, nos termos de independência norte-americana, políticas distributivas com medidas direcionadas à industrialização, reforma agrária e urbana e propostas de alfabetização. O marxismo influenciou o imaginário cubano que situava o guerrilheiro na dianteira da revolução e considerava a classe camponesa como povo.⁴⁹ A revolução não exigia a maturidade das condições objetivas, tampouco a revolução burguesa. Cuba impactou fortemente a América Latina com uma perspectiva revolucionária que enaltecia a figura do guerrilheiro como expressão do “novo sujeito”, porém, agora, inalienável. Era a imagem de um reformista social inspirador de ideais moralizantes com potencial para promover a revolução esperada.⁵⁰ Essa esperança perpassou os povos latino-americanos e, segundo Samuel Gotay, os “sacerdotes com formação europeia, impactados pela natureza dos tempos que refletem na cultura, na teologia e na ética social, [vincularam-se] à revolução por motivos religiosos, mas aceitando a revolução nos seus próprios termos”⁵¹.

O cenário político, econômico e social da América Latina deteriorou as condições de vida das classes populares, sobretudo da infraclasse constituída pelas pessoas marginalizadas e que integravam o subemprego. As implicações disso no território brasileiro evidenciaram – além da fome, enfermidade, mortalidade, entre outros problemas sociais que se agravaram – a exploração da classe camponesa, que já não podia mais subsistir no campo em virtude dos processos de modernização tecnológica de segmentos da agricultura, que aumentava a dependência da indústria de insumos em substituição da mão de obra campesina e da utilização de recursos naturais. Eram problemas com proporções insuportáveis, e o elevado índice de crescimento populacional dificultava ainda mais a situação para as classes populares.⁵²

⁴⁸ SADER, Emir. Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade. In: SILVEIRA, Rosa M. G. (org.). *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. Vitória: Universitária, 2007. p. 75-83.

⁴⁹ Em relação ao Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, a categoria “povo” estava profundamente ligada à resistência contra a ditadura militar e à luta pela redemocratização do país, através dos movimentos sociais e populares. A ideia de povo associava-se à luta por direitos como a liberdade de expressão e justiça social. Na década de 1980, seu significado foi ampliado, abarcando a noção de participação democrática e cidadã. Veja: ABRANCHES, Sérgio. *Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 75-121.

⁵⁰ GOTAY, 2020, p. 8.

⁵¹ GOTAY, 2020, p. 8.

⁵² ABRANCHES, 1985, p. 40-41.

A situação política, social e econômica supramencionada tornou-se um campo fértil para o desenvolvimento da teoria e da teologia do movimento camilista, que emergiu como uma força revolucionária a favor dos grupos vulneráveis e marginalizados e um símbolo para os movimentos sociais do continente latino-americano. A teoria e a teologia revolucionária de Camilo Torres imprimiram na eclesiologia uma perspectiva de rebelião, em que o foco da igreja passaria a ser a promoção de mudanças radicais na estrutura econômica e social do continente. Na ótica camilista, “a revolução não somente é permitida, mas é obrigatória para os cristãos que veem nela a única maneira eficaz e ampla de realizar o amor para todos”⁵³. Nesse sentido, o comprometimento cristão para concretizar o amor ao próximo em relação às majorias seria manifestado através da revolução.⁵⁴

Na América Latina, Camilo Torres emergiu como um cristão revolucionário, argumentando que a prática cristã deveria extrapolar as fronteiras institucionais da religião como algo intrínseco aos sujeitos enquanto cidadãos e cidadãos pertencentes ao mundo. Sua concepção prática do marxismo não está dissociada do cristianismo, mormente naquilo que eles têm em comum, ou seja, o elemento que evoca a necessidade de uma práxis direcionada ao outro. Na perspectiva camilista, o povo se torna uma espécie de categoria de validação para a revolução no interior desse movimento.⁵⁵

A teoria e a teologia revolucionária de Camilo Torres pavimentaram novos caminhos para a igreja latino-americana que caminhava rumo ao combate da opressão que marcava o povo e pretendia lançar-se “contra as estruturas sociopolíticas que [apoiavam] a exploração econômica e a miséria”⁵⁶. Na literatura de Milton Schwantes, nota-se a influência do camilismo sobretudo na compreensão explícita que ele tem de que as causas estruturais da pobreza são de natureza sociopolíticas. Porém, em distinção a Camilo Torres, Milton Schwantes atuou nos movimentos sociais e populares a partir do trabalho desenvolvido nas bases da igreja católica romana e da IECLB, ou seja, não como um sujeito revolucionário isolado, o que o conduziu a assumir uma justificativa bíblico-teológica da prática revolucionária a partir da igreja.⁵⁷

Um exemplo para compreender a perspectiva revolucionária de Milton Schwantes está na releitura que ele faz da tradição messiânico-davídica veterotestamentária. Em sua literatura, o davidismo emerge como uma tradição de Judá incorporada apenas mais tarde à Jerusalém,

⁵³ GOTAY, 2020, p. 13.

⁵⁴ GOTAY, 2020, p. 13.

⁵⁵ GOTAY, 2020, p. 13.

⁵⁶ GOTAY, 2020, p. 18.

⁵⁷ SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984a. p. 148.

situando “o messianismo no âmbito do campesinato judaíta [e não em] Jerusalém [...] capital”⁵⁸. Algumas características desse tipo de messianismo são destacadas: sua relação com a “pequenez, à fragilidade”⁵⁹; seus três pilares fundamentais que visam “assegurar posse e uso da terra; promover a família, o clã; garantir o pão”⁶⁰ [grifo nosso]; e sua ênfase no “exercício da justiça [de modo que] justiça é a defesa dos empobrecidos”⁶¹. O *sitz im lebem* – o lugar vivencial – dessa tradição é marcado por relações de “complementariedade e antagonismo entre cidade (Jerusalém, Estado) e campo (pastoreio e agricultura)”⁶².

O *corpus* literário de Milton Schwantes apresenta a imagem de um messias guerreiro, pobre e dos pobres: “o Messias não só é pelos pobres, não só constitui sua defesa, ele mesmo é frágil, é criança, é pobre”⁶³, dito de outra maneira, “o defensor dos empobrecidos é um empobrecido”⁶⁴. A perspectiva revolucionária de Milton Schwantes se correlaciona ao movimento profético veterotestamentário, porque enfatiza “a defesa dos empobrecidos [...], a resistência dos pobres contra as explorações e o terror praticado pela elite, [pois] aquele que vem da miséria da manjedoura e sofre a opressão da cruz é o mais solidário com [...] pobres”⁶⁵.

Outro movimento que tornou a América Latina um campo fértil para a disseminação das obras de Milton Schwantes foi a metodologia popular de Paulo Freire. Os pensamentos de Paulo Freire e Milton Schwantes serão aproximados no segundo capítulo, mas, por ora, algumas reflexões são necessárias. O método freireano tinha como pressuposto e objetivo a conscientização e a politização das pessoas,⁶⁶ bem como a superação da dicotomia existente entre oprimidos e opressores.⁶⁷ Milton Schwantes não faz menções sobre as ideias de Paulo Freire, entretanto, ambos defendem uma teologia e pedagogia a partir do povo e destinada ao povo, de modo que o processo de conscientização é articulado por esses autores em relação aos direitos humanos, à espoliação e à denúncia da injustiça social. Por um lado, a pedagogia política freireana acontece no interior da escola popular e, por outro, a igreja emerge com um potencial para conscientizar e politizar a partir do anúncio do texto bíblico em sua dimensão política.⁶⁸

⁵⁸ SCHWANTES, Milton. Esperanças messiânicas e davídicas. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 23, p. 18-29, 1989b. p. 25.

⁵⁹ SCHWANTES, 1989b, p. 25.

⁶⁰ SCHWANTES, 1989b, p. 26.

⁶¹ SCHWANTES, 1989b, p. 28.

⁶² SCHWANTES, 1989b, p. 22.

⁶³ SCHWANTES, 1989b, p. 28.

⁶⁴ SCHWANTES, 1989b, p. 29.

⁶⁵ SCHWANTES, 1989b, p. 28-29.

⁶⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 58.

⁶⁷ FREIRE, 2005, p. 32-57.

⁶⁸ SCHWANTES, Milton. Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987a. p. 46.

Paulo Freire não aderiu a perspectiva revolucionária como método de interpretação e explicação da realidade latino-americana nos mesmos termos de Camilo Torres. A revolução freireana é impulsionada pela crítica, vislumbrando a possibilidade de as pessoas em situação de pobreza descobrirem seus valores enquanto seres humanos e, de modo consequente, desenvolverem uma consciência crítica e se organizarem politicamente. O movimento freireano pressupõe a necessidade de trabalhar com o povo, em especial com a classe trabalhadora e, ao lado dela, refletir sobre a superação das contradições impostas pelos opressores. Logo, a libertação sinaliza para a unidade com os oprimidos. Em Milton Schwantes, a organização popular é vital para a construção de uma “nova sociedade quanto como organização de lutas para a imposição e o avanço dos interesses populares”⁶⁹, sendo esse um ponto que o conecta com as ideias freireanas.

Em Paulo Freire, a libertação requer lutas e reações populares. Sua proposta de educação popular só pode ser efetivada enquanto um projeto popular, ou seja, a partir de uma pedagogia elaborada pelas pessoas que sofrem, posicionada ao lado do povo e promotora de uma educação revolucionária.⁷⁰ No discurso freireano, a situação de pobreza anula o protagonismo dos sujeitos enquanto seres humanos e atores de suas próprias histórias. Milton Schwantes e Paulo Freire brindam acordos em diversos aspectos, por exemplo: tomaram o contexto como base de reflexão a partir da realidade das pessoas oprimidas; trataram o desenvolvimento econômico no Brasil como uma alienação do progresso e, por isso, trabalharam em prol da transformação das bases e não das cúpulas; articularam a fé com a justiça social e com a política; e tornaram a “opção preferencial pelos pobres”⁷¹ uma questão política.⁷² Mas, discordam em termos metodológicos, pois, ao utilizar os métodos histórico-críticos como instrumental exegético, Milton Schwantes estaria, na ótica freireana, paradoxalmente, recorrendo à metodologia da classe dominante – exegese alemã – em defesa da libertação das pessoas empobrecidas,⁷³ sob o argumento da subserviência da exegese à pastoral.⁷⁴

⁶⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁷⁰ FREIRE, 2005, p. 76.

⁷¹ TERRA, 2012, p. 63.

⁷² Paulo Freire transitou pelo universo protestante, católico e humanista, de modo que nunca negou suas influências cristãs: “o cristianismo para mim é uma doutrina maravilhosa [...] ainda não sou um católico completo, mas continuo tentando sê-lo mais integralmente dia após dia [...]. Nunca senti que precisaria abandonar a igreja ou pôr de lado minhas convicções cristãs para poder dizer o que digo [...]. Apenas sinto, apaixonadamente, intimamente, organicamente, com todas as forças do meu ser, que minha posição é a de um cristão, pois ela é 100 por cento revolucionária, humana e libertadora”. Para mais informações, confira: FREIRE *apud* LIMA, Vinício A. *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 12.

⁷³ FREIRE, 2005, p. 29-61.

⁷⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

No contraponto da divisão do povo, um aspecto central nas propostas de Paulo Freire e Milton Schwantes são os círculos de cultura e as CEBs, que emergem como espaços privilegiados para conscientização e formação política das pessoas. Os círculos de cultura, ao lado da proposta de educação de adultos, têm implicações sobre a eclesiologia de Milton Schwantes, mas esse assunto será abordado no segundo capítulo. Vale mencionar que, na perspectiva freireana, os círculos de cultura representam uma estratégia para a promoção da libertação e desenvolvimento pleno do processo de conscientização política dos sujeitos.⁷⁵ Para Milton Schwantes – e isso também será retomado mais adiante –, as CEBs promovem experiências democráticas e a mobilização dos setores populares em prol da transformação política e social.⁷⁶ Ou seja, para ele, as CEBs, por si só, eram a igreja. Mas, para ambos os autores, o povo emerge como elaborador do discurso da libertação e nada poderia ser feito sem sua organização. Segundo Paulo Freire, a união do povo em comunidade promove a libertação e a organização popular e,⁷⁷ conforme Milton Schwantes, a organização popular pressupõe o comprometimento com as pessoas em situação de pobreza em uma atitude de denúncia às injustiças sociais.⁷⁸

A metodologia popular de Paulo Freire defende que a realidade do povo é inerentemente pedagógica, ou seja, as pessoas constroem seu aprendizado reunidas, em unidade, utilizando nesse processo seus conhecimentos prévios. Nessa ótica, a libertação sinaliza para a transformação das estruturas sociais, políticas e econômicas, de modo que a cisão entre oprimidos e opressores passa necessariamente pela conscientização e pela politização. Com isso, Paulo Freire objetivou conscientizar o oprimido acerca das estruturas opositoras ao seu desenvolvimento enquanto sujeito de sua própria história.⁷⁹ Da mesma forma, Milton Schwantes procurou transformar o resultados da interpretação bíblica em impulsos para as lutas pela libertação e pela humanização das pessoas pobres. Ele explorou e defendeu uma dimensão política da igreja, que, no âmbito de sua literatura, tem potencial para desvelar tramas sociais.⁸⁰

A efervescência política, econômica e social na América Latina transformou a consciência social protestante que, a partir do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), assumiu os dilemas sociais do continente como insumo para o fazer teológico e

⁷⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 58.

⁷⁶ SCHWANTES, Milton. Aprendendo a ler a escritura. *Revista Simpósio*, São Paulo, n. 41, p. 5-19, 1998a. p. 7-8.

⁷⁷ FREIRE, 2005, p. 156.

⁷⁸ SCHWANTES, Milton. “Da boca de pequeninos”: enfoques antropológicos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984b. p. 148.

⁷⁹ FREIRE, 2005, p. 141-156.

⁸⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 56.

desenvolvimento de ações pastorais que, futuramente, foram ampliadas no horizonte da Teologia da Libertação.⁸¹ Para Lauri Wirth:

ISAL se transformaria em um espaço de atuação de pensadores não afiliados necessariamente a credos religiosos, mas engajados em lutas sociais e pelo reestabelecimento da democracia nestes países. [O desenvolvimento de] conceitos teológicos com a encarnação do evangelho são indícios dessa mudança de ênfase em direção a uma teologia contextual e ancorada nas grandes questões sociais que afligiam a maioria da população.⁸²

ISAL redirecionou a relação do protestantismo com as questões sociais da América Latina, dando novas tonalidades para a responsabilidade social da igreja, promovendo um deslocamento na compreensão sobre a práxis social das igrejas protestantes com críticas ao modelo tradicional de assistencialismo prestado por essas instituições e fazendo um forte apelo pela transformação da sociedade. Isso está expresso no documento divulgado pela Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade – coletivo predecessor de ISAL – citado por José Bittencourt Filho:

É ora de superar a filosofia tradicional da ação social das igrejas – o assistencialismo como a melhor expressão da caridade e da piedade cristã – e lançar-nos imaginativamente ao descobrimento de novas formas de ação e serviço, capazes de contribuir decisiva e positivamente para a renovação integral dos países latino-americanos.⁸³

ISAL também provocou deslocamentos hermenêuticos em que “a ortopraxis [isto é] a reflexão sobre a ação concreta e cotidiana dos cristãos no mundo [superou] a ortodoxia como ponto de partida para a elaboração teológica”⁸⁴. Esse foi um movimento importante para preannunciar a compreensão da primazia da práxis no fazer teológico. Mas, isso exigia um ferramental pertinente para empreender uma leitura da realidade, sinalizando para a necessidade de estabelecer diálogos entre as Ciências Sociais e a Teologia como condição *sine qua non* para a encarnação da mensagem protestante no contexto histórico da América Latina. Ou seja, “identificar os sociólogos evangélicos latino-americanos, estimulando o contato entre eles e, com sua colaboração, promover um maior interesse entre a juventude evangélica pelas Ciências Sociais como uma profissão de grande oportunidade para o serviço cristão”⁸⁵.

⁸¹ LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 117.

⁸² WIRTH, Lauri E. Os protestantes e a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: convergências. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 47-63, 2018. p. 54.

⁸³ ODELL, Luis, [s.d.], *apud* BITTENCOURT FILHO, José. *Caminhos do protestantismo militante: o ISAL e a Conferência do Nordeste*. Vitória: Unida, 2014. p. 45.

⁸⁴ WIRTH, 2018, p. 55.

⁸⁵ BITTENCOURT FILHO, 2014, p. 46.

Com o aparato das Ciências Sociais e seu instrumental para a leitura científica da realidade, ISAL empreendeu esforços para tematizar, por exemplo, a superação da fome na América Latina bem como a luta pela reforma agrária, cristalizando, assim, “a manifestação de uma consciência evangélica”⁸⁶. Desses esforços, Milton Schwantes manifesta um horizonte teológico confluyente à responsabilidade social dos cristãos e cristãs em relação às questões sociais emergentes na América Latina, que floresceu no contexto da Teologia da Libertação. Em uma entrevista concedida ao Instituto Humanistas Unisinos (IHU), ele comentou o seguinte:

Requeria-se, de nós, estudantes, uma teologia mais social, mais contextual. A teologia europeia clássica [...] era percebida como deslocada, e como deslocada de nossas comunidades eclesiais [...]. A Teologia da Libertação [...] correspondia a um anseio que vivíamos, naqueles dias, no país, ocupado por militares desde 1964, e por teologias importadas em línguas estrangeiras [...]. Afinal, os acontecimentos revolucionários em Cuba, em 1959, punham na ordem do dia o tema da transformação social rápida na América Latina, seja para solucionar a grave crise de integração dos camponeses nas cidades, seja de distribuição de terra e renda.⁸⁷

A iniciativa ISAL foi articulada nesse contexto de crise e, para empreender uma atuação social, recomendava-se a cooperação com a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR),⁸⁸ propondo “a formação de lideranças para o serviço social, a implementação de programas de serviço social junto aos operários evangélicos, capacitando-os para a atuação no movimento sindical, entre outras medidas”⁸⁹, através das conferências que realizava.⁹⁰ Para Lauri Wirth, a ICAR “assumiu a vanguarda do pensamento cristão profético na América Latina, que, como movimento decididamente ecumênico, acolheu em seus espaços protestantes engajados na luta pela justiça social”⁹¹.

Por isso, ISAL pode ser entendido como um movimento propulsor de um deslocamento na maneira de aproximar as igrejas protestantes aos dilemas sociais latino-americanos. A IECLB, por exemplo, a partir da década de 1960, posicionou-se com mais clareza em relação à reponsabilidade social da igreja. Com a publicação do *Manifesto Curitiba*, em 1970, a IECLB desferiu críticas contra o regime militar, desvelando o conservadorismo das lideranças luteranas

⁸⁶ BASTIAN, Jean Pierre. *História del protestantismo en América Latina*. México: CUPSA, 1986. p. 221.

⁸⁷ SCHWANTES, Milton. A teologia e o direito dos pobres. [Entrevista concedida a] [s.n.]. IHU Online, São Leopoldo, n. 188, p. 52-57, 10 jul. 2006. [online]. p. 54.

⁸⁸ Segundo José Bittencourt Filho, a ICAR foi tratada por um bom tempo de maneira hostil por parte dos/as protestantes em virtude de sua hegemonia, uma espécie de anticatolicismo que caracterizou a identidade protestante não apenas no território brasileiro, mas em toda a América Latina. Saiba mais em: BITTENCOURT FILHO, 2014, p. 52-53. Em sua atuação intelectual e pastoral, Milton Schwantes se envolveu com os movimentos de base e populares ligados à ICAR, que assumiram um compromisso com as pessoas em situação de pobreza. Veja: CRUZ, 2021, p. 42.

⁸⁹ WIRTH, 2018, p. 57.

⁹⁰ Lauri Wirth discorre, em uma perspectiva cronológica, sobre as principais conferências e consultas realizadas a partir de ISAL. Para mais informações, leia: WIRTH, 2018, p. 47-63.

⁹¹ WIRTH, 2018, p. 60.

brasileiras em relação ao cenário político nacional naquele período. Em 1976, com a divulgação de outro documento intitulado *Nossa responsabilidade social*, essa igreja realizou autocríticas institucionais, assumindo sua omissão em face das questões sociais no território brasileiro, além de delinear uma análise da estrutura social e econômica coetânea.⁹²

As iniciativas empreendidas pela IECLB envolveram os “setores comprometidos com a crítica social no interior da Igreja [...] articulados com os movimentos de contestação ao regime militar”⁹³. Todavia, além desse aspecto, tem-se “a luta contra os regimes de exceção e o engajamento social que abriu espaço para um ecumenismo de base, com participação significativa de teólogos protestantes”⁹⁴. Isso aparece com muita clareza na literatura de Milton Schwantes em suas propostas de organização das classes populares e na luta pela terra. Em sua atuação intelectual e pastoral, ele marcou presença, ao lado de outros protestantes,⁹⁵ na gênese do MST e na organização das classes populares na luta contra os regimes excludentes.⁹⁶

Em geral, o contexto histórico latino-americano marcado pelas ditaduras militares, nas décadas de 1960 e 1970, além de fomentar o relacionamento entre a teoria marxista e o cristianismo, de modo amplo, instaurou uma época de lutas sociais, abrindo espaço para a publicação e recepção das obras literárias de Milton Schwantes. A Teologia da Libertação é uma teologia popular, cujo fazer acontece a partir do povo, de sua realidade e necessidades,⁹⁷ por isso, foi um campo fértil para a recepção das obras produzidas por Milton Schwantes, pois seu horizonte teológico e hermenêutico alargou a compreensão acerca do papel da igreja em relação às pessoas pobres. Nesse horizonte teológico-hermenêutico, a pessoa em situação de pobreza emerge como sujeito de sua própria libertação, capaz de se organizar para lutar por melhores condições de vida. Nos textos de Milton Schwantes, ser igreja e estar com deus equivale a estar com os pobres.⁹⁸

Além disso, um aspecto importante que não pode ser desprezado acerca da recepção da literatura de Milton Schwantes se relaciona com a produção e tradução de seus textos para os idiomas falados na América Latina. A *Bibliografia brevemente comentada de Milton Schwantes* que elaborei em 2021, demonstra que as obras literárias do autor – tese doutoral, livros, artigos, folhetos, cartilhas pastorais, entre outras – foram traduzidas, em maior ou menor quantidade,

⁹² FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994. p. 26-27

⁹³ WIRTH, 2018, p. 60.

⁹⁴ WIRTH, 2018, p. 60.

⁹⁵ PY; PEDLOWSKI, 2018, p. 246-249.

⁹⁶ CRUZ, 2021, p. 36.

⁹⁷ LÖWY, 2000, p. 116.

⁹⁸ SCHWANTES, 1984b, p. 151.

para o português, espanhol, alemão, inglês, italiano, sueco e francês.⁹⁹ Nesse mapeamento literário, considerando o contexto latino-americano, identifiquei trezentos e setenta e um manuscritos majoritariamente escritos e disponíveis em português – o que justifica uma análise mais pormenorizada acerca de sua recepção no Brasil –, com traduções para o espanhol – cerca de cinquenta e quatro textos.¹⁰⁰

O idioma espanhol predomina nas principais revistas latino-americanas, em especial no campo das Ciências Humanas e Sociais, e, ao lado do português, ele integra o grupo das principais línguas da América Latina.¹⁰¹ Além de produzir, publicar e/ou traduzir uma parcela significativa de suas obras para o português e para o espanhol, Milton Schwantes se envolveu com o desenvolvimento da Bibliografia Bíblica Latino-Americana (BBLA) – que atualmente é conhecida como Bibliografia Bíblica Latino-Americana Milton Schwantes (BBLAMS) –, como também apoiou o lançamento da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA).

Na apresentação do *site* da BBLAMS, lê-se o seguinte: “iniciada em 1988 pelo Prof. Milton Schwantes [...], a Bibliografia Latino-Americana [...] tem como objetivo incentivar a pesquisa bíblica, facilitando o acesso ao material produzido na América Latina e no Caribe”¹⁰². Quanto à revista RIBLA, publicada em português e espanhol, ele a descreveu como um “um elo que interliga as experiências locais, regionais e nacionais [visando compartilhar] experiências de leitura bíblica [...] da América Latina”¹⁰³. Não seria inútil, pois, considerar que a produção e a tradução dos textos literários em análise evidenciam, em certo sentido, uma experiência de recepção, apropriação e impacto na vida das leitoras e dos leitores latino-americanos.¹⁰⁴

Entretanto, o ideário de uma igreja profética e popular também provocou repressão e resistência no interior das igrejas latino-americanas. As tentativas para gestar uma igreja dos pobres na América Latina foram marcadas por tensões, conflitos e processos dolorosos, mesmo com as reflexões levantadas no Vaticano II, em Medellín, em ISAL, entre outros movimentos eclesiais. Segundo Waldo Cesar, foi implacável a perseguição das autoridades eclesiásticas contra o modelo de uma igreja voltada para as classes populares, pois “tudo estava sob o signo de uma ‘subversão’ da teologia e da ordem estabelecida [de modo que] muitos [...] deveriam

⁹⁹ CRUZ, 2021, p. 135-179.

¹⁰⁰ CRUZ, 2021, p. 135-179.

¹⁰¹ CÉSPEDES, Lucía. Revistas latino-americanas e línguas hegemônicas para publicação acadêmica no SCOPUS e Web of Science. *Revista Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, n. 1, p. 141-154, 2021. p. 141.

¹⁰² BBLAMS. *A Bibliografia Bíblica Latino-Americana*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

¹⁰³ SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 5-6, 1988a. p. 5-6.

¹⁰⁴ JAUSS, Hans R. *A história da literatura como provocação à ciência da literatura*. São Paulo: Ática, 1994. p. 18.

pagar pela cumplicidade e apoio [...] e luta por uma igreja mais próxima dos pobres e deserdados da sociedade”¹⁰⁵.

Na América Latina, a igreja dos pobres é uma igreja de enfrentamento não apenas do Estado, mas também do modelo tradicional de instituição eclesial cuja hierarquia também se configurava como um dos elementos de perpetuação dos processos de opressão. A igreja dos pobres não era hegemônica, era marginal, porque qualquer esforço eclesiológico direcionado aos pobres era encarado como ponto de conflito e tensão. As igrejas protestantes e católica romana foram marcadas por momentos de estranhamento e expulsão de pessoas dedicadas à agenda da igreja dos pobres, fazendo com que sujeitos ligados à pastoral não fossem mais tratados como cristãos legítimos e migrassem para os movimentos sociais, populares e/ou se dedicassem à formação de partidos. Para Waldo Cesar, as tensões internas para ser uma igreja dos pobres gestaram um ecumenismo para além das fronteiras: “ganhá-vamos, com essa nova experiência, uma dimensão diversa da que nos prendia aos círculos confessionais, levando-nos a cruzar, às vezes com assombro, essas ‘paragens não eclesiais’”¹⁰⁶.

Zwinglio Dias e Faustino Teixeira, ao tratarem sobre a mesma questão, alegam que:

Essa decisão transcendental da hierarquia romana do continente junto com os esforços de reflexão teológica dos grupos protestantes engajados numa prática essencialmente ecumênica, vai criar as condições para a irrupção das diferentes expressões da Teologia da Libertação que, ao não encontrar guarida no espaço eclesial protestante, será assumida, por meio da prática pastoral das comunidades de base e das pastorais especializadas no âmbito católico romano, como uma produção confessional/institucional, deixando de lado sua vertente protestante e modificando algumas de suas proposições eclesiológicas originais, demasiadamente desafiadoras para a dogmática romana.¹⁰⁷

A Rede Ecumênica Bíblica Latino-Americana e Caribenha (REBILAC) foi um desses espaços não eclesiais apoiados por Milton Schwantes que favoreceu a recepção de suas obras literárias na América Latina. Essa rede reuniu pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia de diferentes tradições cristãs com a finalidade de promover uma leitura bíblica a partir dos desafios da América Latina. Esse foi um espaço privilegiado para a realização de encontros continentais para debater temas relacionados à Bíblia e sua interpretação, no qual ele participou mesmo com algumas limitações de saúde.¹⁰⁸

¹⁰⁵ CESAR, Waldo. Igreja e sociedade – Ou sociedade e igreja? *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 17-28, 2003. p. 22-23.

¹⁰⁶ CESAR, 2003, p. 23.

¹⁰⁷ DIAS, Zwinglio M. TEIXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo-inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 48.

¹⁰⁸ SCHWANTES, Milton. Flor onde a luz é pouca: um bate papo sobre leitura popular da Bíblia com o teólogo Milton Schwantes. [Entrevista concedida a] Suzel Magalhães Tunes. *Novo Olhar*, São Paulo, [n.p.], 30 jun. 2010. [online]. [n.p.].

Em suma, o horizonte teológico-hermenêutico gestado e desenvolvido na Teologia da Libertação rompeu com as concepções tradicionais da igreja institucional, inserindo e reivindicando na história da igreja os ideais de direitos humanos e igualdade social, tendo como herança os lemas oriundos da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Michel Löwy explica que “a teologia da libertação é um corpo de textos produzidos a partir de 1970”¹⁰⁹, mas, para além disso, ela também é realizada pelo povo e tem como fundamento e pressuposto uma fé com potencial de transformar a história. Esse argumento é reforçado por Leonardo Boff e Clodovis Boff, que defendem que a Teologia da Libertação “está intimamente ligada à própria existência do povo – à sua fé e à sua luta. Faz parte de sua concepção de vida cristã”¹¹⁰.

Na literatura de Milton Schwantes, o povo é uma categoria que expressa o protagonismo das classes subalternas e a defesa de seus interesses. Povo é uma entidade oposta à classe dominante, ao Estado e às igrejas que faziam parte dos problemas continentais. A organização do povo era vista pelo autor como uma estratégia essencialmente popular para resolução dos problemas das classes populares, ocupar-se com suas aspirações e conscientizá-las sobre seus direitos e transformação da sociedade. Com o trabalho realizado nas bases da igreja, através da leitura popular da Bíblia, ele se aventurou falar de temas proibidos no contexto da ditadura militar. Portanto, o antagonismo entre o povo, Estado e igreja – que reflete as mesmas relações bíblicas conflituosas entre campo, cidade e templo – foi uma construção hermenêutica de Milton Schwantes que refletia a conjuntura política, econômica, social, cultural e eclesial da América Latina nas décadas de 1970 e 1980.¹¹¹

O que Milton Schwantes defendeu em sua literatura foi um nítido questionamento de um modelo de igreja historicamente acomodado, em relação às estruturas de poder hegemônicas, e supostamente neutro em um contexto social em conflito. Trata-se de uma vasta literatura que esboça propostas idiossincráticas de aproximação entre a agenda da igreja com os dilemas sociais da América Latina.¹¹² Por isso, na próxima seção, realiza-se um mapeamento dessas obras com o interesse de classificá-las à luz da concepção de eclesiologia empregada pelo autor.

¹⁰⁹ LÖWY, 2000, p. 56.

¹¹⁰ BOFF; BOFF, 2010, p. 25.

¹¹¹ SCHWANTES, 1985a, p. 26-39.

¹¹² SCHWANTES, 1984b, p. 148.

1.2 Mapeamento e classificação das obras

O objetivo desta seção consiste em mapear e classificar as principais obras literárias de Milton Schwantes, publicadas entre as décadas de 1970 e 1980, que, de alguma maneira, refletem seu horizonte eclesiológico. Não se trata de uma proposta de hierarquização desses *corpora*, e sim de uma tentativa de captar a perspectiva eclesiológica pressuposta neles e, através disso, disponibilizar os principais manuscritos, em ordem cronológica, que espelham o ideário de uma igreja profética de rosto popular. Alguns textos serão colocados em primeiro plano, ao passo que outros – inclusive textos publicados após o período selecionado – serão consultados para efeito de fundamentação teórica.

Em uma leitura superficial e desatenta, a tese de doutorado de Milton Schwantes, intitulada *O direito dos pobres – Das Recht der Armen* –,¹¹³ defendida em 1974, publicada em 1977 e traduzida para o português em 2013, deixaria de compor o conjunto de textos elencados para o objetivo desta seção. Apesar de seu reconhecimento na Europa e, mais tarde, na América Latina, do rigor exegético-hermenêutico empreendido nela para explorar as formas e as consequências da pobreza no âmbito da Bíblia Hebraica e de sua proposta de versar sobre o sentido social do conceito pobre e o significado do direito na cultura semita, a tese se concentra na explicação de quem são os pobres no período veterotestamentário,¹¹⁴ não apresentando claramente uma proposta eclesial na mesma intensidade que outros escritos de Milton Schwantes. Entretanto, com um olhar mais acurado, nota-se que essa obra é fundamental para desvendar os mecanismos sociais do Israel antigo, que reforçavam o *status quo* de uma realidade social seccionada em ricos e pobres, um elemento crucial na eclesiologia desse autor.¹¹⁵ Nesse sentido, a tese aborda temas centrais que perpassam a proposta eclesiológica de Milton Schwantes que serão explorados no decorrer desta pesquisa.

Antes da publicação da tese doutoral de Milton Schwantes, o tema da pobreza na Bíblia Hebraica quase sempre era tratado à luz da imagem do sujeito orante no contexto dos Salmos, sem uma distinção clara entre a noção de pobreza social e uma atitude de autodesignação piedosa. As pesquisas bíblicas precedentes, inevitavelmente, marginalizavam a busca pelo tema da pobreza na Torá, na Profecia e na literatura sapiencial.¹¹⁶ Os textos legais, proféticos e sapienciais se tornaram centrais na pesquisa de Milton Schwantes, especialmente em sua defesa

¹¹³ SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013. p. 1-11.

¹¹⁴ SCHWANTES, 2013, p. 296-333.

¹¹⁵ SCHWANTES, 2013, p. 296-333.

¹¹⁶ SCHWANTES, 2013, p. 19-20.

de que o direito dos pobres é um tema que perpassa diferentes narrativas bíblicas, abrangendo as pessoas em situação de pobreza não somente como objeto da atenção piedosa, mas também como sujeitos portadores de direitos sociais garantidos.¹¹⁷

Segundo Rainer Kessler, a tese doutoral de Milton Schwantes revolucionou a comunidade acadêmica alemã, a despeito de sua recepção, em alguns casos, ter sido marcada por certa indiferença amistosa.¹¹⁸ Para esse autor, no campo da exegese bíblica e da Teologia, as implicações da tese de Milton Schwantes foram as seguintes:

A pobreza passou a ser mais tematizada. E em geral não era possível fazer isso sem uma referência ao trabalho de Milton [Schwantes]. Isso vale para estudos gerais que objetivam a práxis eclesial [...]. Isso também vale para o panorama bíblico-teológico [...], bem como para a obra que [...] busca investigar a piedade dos pobres nos Salmos, mas que agora não mais pode excluir a perspectiva histórico social [...]. Milton [Schwantes] continua sendo citado em muitos trabalhos.¹¹⁹

Com efeito, embora sua abordagem inicialmente não estivesse centrada em propostas eclesiais tão claras e seu berço tenha sido o continente europeu, a tese de Milton Schwantes emerge como um texto que explora o sentido sociológico e teológico do conceito pobre – tratando, inclusive, Yahweh como um deus inclinado para as pessoas socialmente enfraquecidas –,¹²⁰ tornando-se, assim, matéria-prima essencial para suas propostas eclesiais e pastorais direcionadas à América Latina.¹²¹ Nesse sentido, a tese doutoral de Milton Schwantes oferece importantes insumos para compreender seu projeto de uma igreja dos pobres, que, nestas linhas, será tratada como uma igreja profética de rosto popular.

O artigo intitulado *Natã precisa de Davi: na esperança da igreja profética*, de 1978, que registra o conteúdo da conferência inaugural realizada por Milton Schwantes na ocasião do início de sua atuação como professor acadêmico na Faculdade de Teologia da IECLB – atualmente EST –, é um texto valioso para compreender a perspectiva política dele em relação ao papel de uma igreja profética de rosto popular.¹²² Para o autor, Natã não era um representante legítimo do movimento profético bíblico e sua profecia não deveria ser tomada como modelo para as igrejas, porque estava “estritamente ligado à corte”¹²³, silenciava-se diante do “terror contra os pequenos”¹²⁴, os pobres, e “seu assunto principal não é a crítica nem a denúncia”¹²⁵.

¹¹⁷ SCHWANTES, 2013, p. 296-333.

¹¹⁸ KESSLER, 2023, p. 274.

¹¹⁹ KESSLER, 2023, p. 274.

¹²⁰ SCHWANTES, 2013, p. 330-333.

¹²¹ SCHWANTES, 2013, p. 296-333.

¹²² SCHWANTES, Milton. Natã precisa de Davi: na esperança da igreja profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 18, n. 3, p. 99-118, 1978. p. 99-118.

¹²³ SCHWANTES, 1978, p. 115.

¹²⁴ SCHWANTES, 1978, p. 114.

¹²⁵ SCHWANTES, 1978, p. 117.

A profecia bíblica, na ótica de Milton Schwantes – enquanto modelo privilegiado para a igreja profética de rosto popular –, assume espontaneamente a crítica social distanciando-se do poder estabelecido, uma vez que “na corte [...] não há grandes chances nem grandes esperanças para a igreja profética”¹²⁶.

Para compreender a relevância do artigo supramencionado e seu teor político, é importante recorrer a outros textos escritos por Milton Schwantes que situam o binômio dialético *denúncia-anúncio* no cerne da profecia bíblica e atribuem valor profético à tarefa eclesial junto ao povo. Para ele, na denúncia profética, “o social e o religioso não são separáveis”¹²⁷, sobretudo na análise e na descrição da injustiça social. Ao entrelaçar a denúncia profética ao movimento campesino do mundo bíblico – o povo pobre do Israel antigo –, Milton Schwantes defende um modelo de igreja que contesta e denuncia as práticas opressoras do Estado e de suas instituições, assumindo, assim, elementos do materialismo histórico, segundo a teoria marxista clássica.¹²⁸ Para Milton Schwantes:

A releitura bíblica começou [...] com a denúncia [...], que se podem tentar encobrir com explicações simplistas que justificam a miséria [...] ou a tornam transcendente ao atribuírem sua superação ao milagre do desenvolvimento ou a suprimirem pela violência das armas do Estado. Contudo, fome, desemprego, expulsão da terra, genocídios gritam o seu grito incessante. Ninguém pode deixar de reagir a esse grito. Neste contexto, os conteúdos bíblicos engrossaram as fileiras dos que denunciam a miséria como fruto do enriquecimento. Ampliaram o grito dos empobrecidos [...]. Nas comunidades populares, a Bíblia é experimentada como articuladora e amplificação da denúncia profética.¹²⁹

Todavia, a denúncia “necessita do contrapeso do anúncio”¹³⁰, explica Milton Schwantes. Segundo ele, a dimensão profética do anúncio pressupõe a promoção da partilha social e da esperança. Amós, por exemplo, teria anunciado a aniquilação do Estado, de sua classe mantenedora e da religiosidade que o sancionava.¹³¹

Com contornos da teoria clássica marxista, Milton Schwantes toma a realidade dos pobres como impulso para a construção de uma sociedade igualitária, em um movimento

¹²⁶ SCHWANTES, 1978, p. 118.

¹²⁷ SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças”: observações sobre Oséias 5, 1-7. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 73, p. 8-19, 2002. p. 15.

¹²⁸ Na lógica da teoria marxista clássica, a indústria fez com que as demais classes sucumbissem, de modo que o proletariado urbano emergiu como seu produto legítimo. Na literatura de Milton Schwantes, a irrupção das pessoas em situação de pobreza se estabelecerá a partir de uma leitura política do texto bíblico engajada em aspectos diversos da vida, não se restringindo àqueles de caráter socioeconômico. Saiba mais em: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 29. Veja ainda: SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988b. p. 89.

¹²⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

¹³⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

¹³¹ SCHWANTES, Milton. “A terra não pode suportar suas palavras” (*Amós 7, 10*): reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Paulinas, 2004a. p. 41.

dialético de denúncia ao poder estabelecido e anúncio de uma nova esperança. Em sua interpretação da profecia bíblica, ele rompe com as perspectivas exegéticas do século XIX e com as leituras pautadas na concepção weberiana sobre a *dominação carismática*.¹³² Antes, os profetas eram investigados a partir do pensamento religioso e teológico da sociedade israelita, e sua imagem era comumente associada às funções cúlticas, com pouca atenção para o seu contexto social.¹³³ Milton Schwantes localiza os profetas no âmbito das tradições populares, argumentando que o lugar social da profecia é o mundo periférico e campesino de Israel antigo.¹³⁴

A compreensão do evento da profecia bíblica, em Milton Schwantes, não transita pelas vias da religião e do culto da israelita, mas sua origem e atuação são situadas nos movimentos populares e campesinos daquela sociedade. Isso está muito claro no artigo *Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética*, escrito em 1982, que oferece subsídios para entender claramente seu posicionamento político em relação à atuação da igreja.¹³⁵ Veja:

Nos profetas está presente a oposição aos dominantes, tanto em retórica quanto em conteúdo; a tradição espiritual-intelectual provém da sabedoria popular; encontram-se inseridos na situação econômica da periferia provinciana [...]. Não têm seu lugar social nas esferas e funções religiosas e teológicas da elite, mas em lutas populares e nos movimentos camponeses, dos quais brotaram [...]. Leiamos os profetas desde o lugar social e econômico periférico do qual provinham.¹³⁶

O argumento de que o lugar social dos profetas está nas tradições e nos círculos populares do mundo periférico do antigo Israel constitui a base para Milton Schwantes destacar a “dimensão revolucionária dos profetas e sua postura antagônica aos dominantes”¹³⁷. Profetas como revolucionários sinaliza para um modelo de uma igreja inserida nas periferias, cuja luta “está voltada contra os dominantes [...] e suas instituições concretizadas em cidade, templo e reinado”¹³⁸. Na pauta de uma igreja profética, “reinado não é um de seus assuntos. É seu tema básico”¹³⁹.

¹³² WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Brasília: UNB, 1998. p. 326-331.

¹³³ WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo Israel*. 2. ed. São Paulo: Targumim; Paulus, 2006. p. 17-36.

¹³⁴ SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988c. p. 36.

¹³⁵ SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 2, p. 105-145, 1982b. p. 124-125.

¹³⁶ SCHWANTES, 1982b, p. 124-125.

¹³⁷ SCHWANTES, 1982b, p. 118.

¹³⁸ SCHWANTES, 1982b, p. 118.

¹³⁹ SCHWANTES, 1982b, p. 144.

Pode-se inferir, à luz desse texto, que Milton Schwantes interpretou a profecia bíblica a partir de sua incompatibilidade e de seu antagonismo “à dominação organizada no Estado monárquico do antigo Israel”¹⁴⁰, para defender a seguinte hipótese: “se uma igreja não estiver enraizada neste mundo periférico, até mesmo lhe será difícil de entender que existe o conflito profético sofrido contra o Estado”¹⁴¹. Logo, esse texto esclarece que uma igreja profética de rosto popular atua radicalmente no contraponto das instituições básicas do Estado, quando são excludentes, totalitárias e opressoras.¹⁴²

Em 1984, Milton Schwantes publicou um manuscrito intitulado *Bíblia e Lutero*, que reflete um aspecto importante que compõe suas propostas eclesiológicas e dá sequência à sua perspectiva profética identificada nos textos precedentes. Trata-se, em linhas gerais, da função profética da igreja em relação ao trato, à difusão e à compreensão do texto bíblico.¹⁴³ Para ele, a tarefa da igreja profética consiste em: “facilitar o acesso ao texto sagrado ao maior número possível de pessoas [em uma linguagem popular, bem como] ir às raízes do testemunho escriturístico”¹⁴⁴. Essa teria sido a estratégia de Martinho Lutero, ele explica, que, ao retornar às fontes, “soube dar [não apenas] uma linguagem aprimorada e poética [mas, também] uma obra popular”¹⁴⁵, em outras palavras, colocou a Bíblia nas mãos do povo.

Esse texto demonstra a preocupação de Milton Schwantes de não incorrer em leituras fundamentalistas da Bíblia – como será aprofundado no último capítulo. Para ele, “a Bíblia tem um núcleo”¹⁴⁶, de modo que a “profecia está correlacionada à fidelidade à palavra escrita”¹⁴⁷. Sua proposta eclesiológica, além de sugerir critérios para leitura e interpretação do texto bíblico preferencialmente junto ao povo, convoca as igrejas ao desafio de “traduzir a Bíblia para nossos dias”¹⁴⁸, sem perder de vista o “fio condutor da Escritura”¹⁴⁹, isto é, seu núcleo hermenêutico que evoca uma leitura histórico-social. Ele entende que a igreja profética de rosto popular segue na contramão da “igreja antiga [que] privilegiava os evangelhos”¹⁵⁰; do pietismo, que “dá destaque à conversão”¹⁵¹; dos movimentos carismáticos, que “realçam a leitura espiritual”¹⁵², não rejeitando tais enfoques, mas, reforçando que, antes de tudo, esse modelo de igreja deveria:

¹⁴⁰ SCHWANTES, 1982b, p. 118.

¹⁴¹ SCHWANTES, 1982b, p. 145.

¹⁴² SCHWANTES, 1982b, p. 119.

¹⁴³ SCHWANTES, Milton. *Bíblia e Lutero*. *Revista Caminhando*, Goiânia, a. 2, v. 2, p. 32-34, 1984c. p. 32-34.

¹⁴⁴ SCHWANTES, 1984c, p. 32-33.

¹⁴⁵ SCHWANTES, 1984c, p. 32.

¹⁴⁶ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

¹⁴⁷ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

¹⁴⁸ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

¹⁴⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

¹⁵⁰ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

¹⁵¹ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

¹⁵² SCHWANTES, 1984c, p. 34.

Formular o núcleo bíblico em termos de opressão e libertação. Esse eixo hermenêutico vem carregado pelas experiências históricas de nossos povos e, simultaneamente, pela redescoberta da Bíblia em meio aos processos libertadores latino-americanos. [Trata-se, nesse sentido da] vinculação decidida da tradição bíblica com a experiência histórico revolucionária.¹⁵³

Bíblia e Lutero, apesar de ser um texto curto, apresenta elementos importantes que compõem a eclesiologia intuída na literatura de Milton Schwantes. Desvela, inclusive, traços da perspectiva revolucionária desse autor, como aludido na seção anterior, ou seja, a prática revolucionária a partir da igreja, porém, à luz desse texto, com a Bíblia nas mãos do povo.¹⁵⁴

O texto bíblico emerge como instrumento de conscientização política que ilumina a prática do povo na igreja profética de rosto popular: “um livro para a militância pelo porvir [...] uma [...] cartilha pela esperança”¹⁵⁵. Nesse *corpus* literário, a Bíblia é descrita como uma lente que “ajuda a [enxergar e] ter sensibilidade para o rumo da vida e das coisas”¹⁵⁶, como também para refutar posturas incompatíveis com a função profética da igreja em relação ao mundo, pois, para ele, “a Bíblia é a crise das igrejas [...] A Bíblia na mão [...] é crise, sem fim, para autoridades e autoritarismos”¹⁵⁷.

No mesmo ano, Milton Schwantes publicou o artigo “*Da boca de pequeninos*”: *enfoques antropológicos*. Nele o autor propõe interações “entre agenda do mundo e agenda de igreja”¹⁵⁸, esboçando suas ideias sobre a igreja como espaço de resistência e organização popular, ou seja, como modelo social para ser “voz dos que não têm voz”¹⁵⁹, enfatizando, inclusive, a participação feminina nesse empreendimento teológico: “mulheres desempenham papéis centrais”¹⁶⁰. Esse texto desvela dois elementos cruciais na eclesiologia de Milton Schwantes, a saber: o argumento de que a igreja precisa aproximar-se das periferias e a amplificação descritiva da categoria pobre, incluindo a situação das mulheres que, ao lado das pessoas socialmente enfraquecidas e marginalizadas, “são vítimas da espoliação capitalista”¹⁶¹. Para ele, “o sistema de espoliação capitalista estourou na vila e nas periferias”¹⁶², por isso, esta última emerge como paradigma para a atuação de uma igreja profética de rosto popular.

¹⁵³ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

¹⁵⁴ SCHWANTES, 1984c, p. 32-34.

¹⁵⁵ SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: Vozes, 1989c. p. 17.

¹⁵⁶ SCHWANTES, Milton. A Bíblia: um desafio. *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 15, p. 5-8, 1994a. p. 6.

¹⁵⁷ SCHWANTES, 1994a, p. 7.

¹⁵⁸ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

¹⁵⁹ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

¹⁶⁰ SCHWANTES, 1984b, p. 151.

¹⁶¹ SCHWANTES, 1984b, p. 153.

¹⁶² SCHWANTES, 1984b, p. 160.

O primeiro volume da Revista Estudos Bíblicos, ainda em 1984, publicou um artigo sob o título *Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco*.¹⁶³ Trata-se de um texto que explicita claramente o projeto popular de Milton Schwantes e as nuances metodológicas e de perspectivas entre ele e outros teólogos latino-americanos. Por ora, em conformidade com os objetivos desta seção, a ênfase recai sobre a apresentação do manuscrito e, mais adiante, sobre aquilo que é peculiar nas propostas de Milton Schwantes em relação a outros pesquisadores e pesquisadoras do movimento bíblico na América Latina. Neste texto, ele sugere estratégias metodológicas para acessar o texto bíblico e direcioná-lo à pastoral.¹⁶⁴

Na análise empreendida por Milton Schwantes, a leitura bíblica popular e a pesquisa bíblica especializada interagem em um constante processo de retroalimentação. Na medida em que os resultados das pesquisas bíblicas são popularizados nas igrejas, ou melhor, nos círculos bíblicos¹⁶⁵, novas temáticas, métodos e habilidades pedagógicas retornam a ela, aprimorando a hermenêutica bíblica.¹⁶⁶ Ele acredita na possibilidade de confluir nas igrejas os resultados da análise exegética – leitura histórico-social – com o jeito popular de ler e interpretar o texto bíblico. Ao passo que a metodologia exegética trata a Bíblia como um fenômeno literário, desvelando as questões concretas que estão em jogo nas narrativas bíblicas e as dinâmicas sociais e políticas que as gestaram,¹⁶⁷ a pastoral ficaria a cargo da “reapropriação e atualização de tais escritos”¹⁶⁸. A igreja profética de rosto popular contribui com o refinamento das ciências bíblicas, uma vez que reúne leitores e leitoras da Bíblia na perspectiva da “pastoral libertadora animada pela Escritura”¹⁶⁹.

A reapropriação e atualização das narrativas bíblicas passa pela utilização da metodologia exegética, mas extrapola seus limites e pressupostos teórico-metodológicos no momento em que assume os contornos de uma leitura política, na perspectiva dos empobrecidos.¹⁷⁰ Para tanto, Milton Schwantes assume as perícopes, isto é, as pequenas

¹⁶³ SCHWANTES, 1984a, p. 31-49.

¹⁶⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 31-49.

¹⁶⁵ Os círculos bíblicos, ao lado de outras atividades bíblicas realizadas pelas CEBs, passaram a ser dinamizados a partir da década de 1970, contexto de surgimento do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). Milton Schwantes teve uma atuação profunda nesses espaços, como será observado no segundo capítulo da pesquisa. Eles foram reconhecidos como “pontos fundamentais na explicitação cristã e na dinamização sócio-ecclesial das próprias CEBs”. Saiba mais em: VÉLEZ, Neftali. A leitura bíblica nas Comunidades Eclesiais de Base. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 26-43, 1988. p. 27.

¹⁶⁶ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

¹⁶⁷ SCHWANTES, 1984a, p. 40-41.

¹⁶⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 36-37.

¹⁶⁹ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

¹⁷⁰ No campo da pragmática política, o texto bíblico é interpretado à luz dos valores de grupos determinados. Em relação à literatura de Milton Schwantes, os valores projetados sobre a Bíblia emergem da Teologia da Libertação.

unidades literárias completas e autônomas, como chave de leitura e “componente elementar do texto bíblico”¹⁷¹. Para ele, elas são gestadas pela sabedoria popular do mundo bíblico, porque “provêm dos pequenos organismos sociais”¹⁷², carregam a “memória popular”¹⁷³ e, conseqüentemente, fazem “uma incursão aos porões da humanidade”¹⁷⁴. Esses fragmentos textuais são, para o autor, uma fonte de compreensão do surgimento, da transmissão e do impacto social e político das narrativas bíblicas.¹⁷⁵

A dimensão concreta, material e política que carrega as perícopes são uma porta de entrada para o mundo bíblico na literatura em tela. Tal acesso independe exclusivamente da análise exegética, em virtude da necessidade de “exercitar em textos a viabilidade de entender as perícopes bíblicas como memória popular em torno de questões elementares e concretas da vida”¹⁷⁶, mas inclui a participação dos pobres que, por sua realidade análoga ao campesinato bíblico, aprofundam a dimensão da encarnação e elaboram uma hermenêutica libertadora, tornando-se sujeitos intérpretes da Bíblia.¹⁷⁷ Dito nas palavras do autor:

A teologia formulada a partir e em vistas a esta prática, não visa desmerecê-la. Correlaciona a prática emancipatória a uma teologia libertadora, no qual destaco três momentos: [...]. Deus torna manifesta sua prática em meio ao clamor e à prática histórica dos oprimidos [...]. Sua escuta do clamor conduz à promoção da rebelião. [O pobre] torna-se sujeito teológico.¹⁷⁸

À luz desse texto, não seria inútil considerar que a teologia que perpassa o horizonte eclesiológico de Milton Schwantes pressupõe que Yahweh ouve a opressão dos pobres, promove sua rebelião e os torna sujeitos teológicos. São pessoas que, com o seu jeito peculiar de se apropriar e ler a Bíblia, promovem uma teologia – e também uma eclesiologia – a partir das questões concretas da vida.¹⁷⁹

O tema da organização popular é retomado e aprofundado com a publicação do texto *Profecia e organização: anotações à luz de um texto (Am 2, 6-16)*, em 1985.¹⁸⁰ Neste manuscrito, argumenta-se que a profecia é um fenômeno enraizado no social, isto é, no

Veja mais em: RIBEIRO, Osvaldo L. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009. p. 115-116.

¹⁷¹ SCHWANTES, 1984a, p. 36.

¹⁷² SCHWANTES, 1984a, p. 36.

¹⁷³ SCHWANTES, 1984a, p. 36.

¹⁷⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 46.

¹⁷⁵ SCHWANTES, 1984a, p. 36.

¹⁷⁶ SCHWANTES, 1984a, p. 48.

¹⁷⁷ SCHWANTES, 1984a, p. 48.

¹⁷⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 46.

¹⁷⁹ SCHWANTES, 1984a, p. 46.

¹⁸⁰ SCHWANTES, Milton. *Profecia e organização: anotações à luz de um texto (Am 2, 6-16)*. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985a. p. 26-39.

movimento camponês de Israel antigo, eivada de uma teologia contextual.¹⁸¹ Milton Schwantes, por um lado, situa o campesinato israelita como uma classe que inevitavelmente se organizava em defesa de seus direitos, explicando que “a dor partilhada agrupa. A junção das diferentes injustiças sofridas por diferentes pessoas cria *organização* entre os implicados [...]. A existência de uma listagem de sofrimentos pressupõe a existência de uma organização dos sofrendores e injustiçados”¹⁸² [grifo do texto]. Por outro lado, ele defende que a denúncia profética está ligada ao movimento camponês e, nesse sentido, a profecia desponta como “um protesto social emergido do movimento camponês”¹⁸³, e seu objetivo consistia em denunciar e ameaçar o Estado e suas instituições opressoras.¹⁸⁴

Nesse texto, Milton Schwantes trata a organização social como um fenômeno coletivo que está “na base da memória [...] e da escrita”¹⁸⁵ profética. Sob tal argumento, ele defende a seguinte hipótese:

Na leitura dos profetas é preciso ter olhos para o nível da organização. A pergunta pela dinâmica das relações sociais é incorporada à interpretação [...]. Os profetas mantiveram vinculações com organizações concretas, em especial campesinas [...]. Ao testarmos a pergunta pela correlação entre profecia e movimento social num texto profético [...], obtivemos as seguintes informações: [...] a origem da denúncia está no movimento social [...]. A ameaça [profética] atinge não só pessoas, mas principalmente instituições [sobretudo o Estado]. O movimento social é a própria matriz da literatura profética.¹⁸⁶

Milton Schwantes situa o movimento social como a matriz da profecia bíblica sem distingui-lo da igreja. Igreja é movimento social e político. Organização social e igreja são descritos como categorias intercambiáveis, porque reúnem pessoas em situação de sofrimento e vulnerabilidade, isto é, os pobres, e têm potencial para enunciar um “discurso [com teor] profético e teológico”¹⁸⁷, em contestação ao Estado e suas instituições que, para esse autor, são instâncias produtoras da opressão contra o povo.¹⁸⁸ O texto em tela, assim como outros escritos de Milton Schwantes que versam sobre o movimento profético israelita,¹⁸⁹ enfatiza a necessidade de distanciamento da profecia do centro do poder e uma postura de defesa dos direitos das pessoas politicamente vulneráveis.

¹⁸¹ SCHWANTES, 1985a, p. 27.

¹⁸² SCHWANTES, 1985a, p. 33.

¹⁸³ SCHWANTES, 1985a, p. 34.

¹⁸⁴ SCHWANTES, 1985a, p. 34-36.

¹⁸⁵ SCHWANTES, 1985a, p. 37.

¹⁸⁶ SCHWANTES, 1985a, p. 38.

¹⁸⁷ SCHWANTES, 1985a, p. 37.

¹⁸⁸ SCHWANTES, 1985a, p. 36-38.

¹⁸⁹ SCHWANTES, Milton. Profetas do povo de Deus. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 208, p. 34-38, 1986a. p. 34.

A organização do povo como elemento que induz à fusão de horizontes entre movimentos sociais e a igreja é um tema retomado no artigo *Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares*, de 1987, no qual Milton Schwantes reforça o ideário da presença da igreja nos movimentos populares.¹⁹⁰ Neste texto, ele reitera que essa seria a melhor estratégia eclesial para encarar o fim da opressão como uma tarefa histórica em meio à organização do povo, pois, para ele, no decorrer da história, as “igrejas se empenharam em outro tipo de prática, justamente autônoma diante das angústias populares [...], porque circulavam nas mediações do poder dos senhores como, em boa medida, ainda o fazem”¹⁹¹. Igreja como movimento social atribui um fim político ao texto bíblico e pode fomentar a construção de uma sociedade transformada, igualitária e justa.¹⁹²

A “inserção [da igreja] nos movimentos populares”¹⁹³ representaria a continuidade do movimento profético do mundo bíblico e uma maneira plausível de resistência às explorações praticadas pelas elites. Segundo Milton Schwantes, o movimento profético veterotestamentário emerge como paradigma para a práxis eclesial, porque sua preferência pelos pobres equivale à opção por sua organização e, com efeito, insere a igreja nos movimentos sociais e populares.¹⁹⁴ Para ele, os movimentos sociais e populares ofertam um conhecimento imprescindível para as igrejas tornarem-se uma “comunidade popular [bem como] a fonte da nova leitura bíblica”¹⁹⁵. Nesse sentido, a inserção nos movimentos sociais e populares supera a lógica de uma exigência, sendo, na verdade, uma consequência inevitável para o modelo de igreja profética de rosto popular.¹⁹⁶

Este artigo apresenta ainda uma proposta intrigante em relação à estrutura hierárquica da igreja, que, segundo Milton Schwantes, caracteriza-se por “processos seletivos e canais representativos”¹⁹⁷ que excluem a participação popular. A hierarquia eclesial, na literatura em análise, é marcada pelo racismo e pela dominação masculina: “o racismo [está] encrustado nas igrejas. As mulheres perguntam por que as estruturas eclesiásticas são tão femininas nas bases, nas comunidades, e tão masculinas nas cúpulas”¹⁹⁸. De modo consequente, o caráter profético e popular da igreja exige uma “nova eclesiogênese [...] em que igrejas e cristãos são solidários com [o povo] em sua luta pela libertação, em que o próprio povo empobrecido assume

¹⁹⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁹¹ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁹² SCHWANTES, 1987a, p. 48.

¹⁹³ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁹⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁹⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

¹⁹⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁹⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

¹⁹⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

igreja”¹⁹⁹. O texto esclarece que todas as dimensões da igreja deveriam confluir rumo ao povo, tornando-se populares, desde as instâncias de decisão até as bases, onde a Bíblia é, de fato, lida e interpretada. Uma igreja junto ao povo e pelo povo,²⁰⁰ “como germe da nova sociedade [e da] organização de lutas para a imposição e avanço dos interesses populares”²⁰¹.

Neste mesmo ano, foi publicado o texto *A herança de Javé: meditando o Salmo 127*, no qual Milton Schwantes empreendeu uma aproximação entre os elementos bíblico-teológicos desse salmo com a tarefa das igrejas no contexto da América Latina.²⁰² As experiências e a realidade continentais são descritas como fatores formuladores do sentido mais profundo da fé e da prática eclesial, a saber: “uma teologia que esteja colocada à prática, às dores da gente latino-americana”²⁰³. Nesse sentido, a herança de Yahweh são os seres humanos, com suas dores e sofrimento, e eles representam um verdadeiro desafio para o trabalho pastoral e para as igrejas, ou melhor, “um serviço aos que buscam aprofundar sua fé. Um serviço às comunidades inseridas neste [continente] dolorido”²⁰⁴. Para o autor, “gente é a herança que Javé confia à Igreja. As alegrias e as misérias das pessoas terão que ter espaço privilegiado nessa instituição”²⁰⁵. Em síntese, o artigo “propõe uma tarefa eclesial situada na experiência de fé em correlação com as práticas transformadoras em função das pessoas pobres no contexto latino-americano”²⁰⁶.

No ano de 1988, com a publicação do artigo *Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9*, Milton Schwantes empreendeu uma leitura sociológica das visões de Amós, localizando-as na lógica do conflito campo-cidade. Seu objetivo consistiu em confluir a leitura bíblica com o “novo jeito de ser de toda a Igreja”²⁰⁷, na América Latina. A leitura bíblica emerge como liturgia comunitária, prática e popular que, no âmbito de uma igreja profética de rosto popular, “evoca a pequenez”, articulando a comunidade eclesial para ser “voz dos empobrecidos”, em contraposição ao mundo citadino, principalmente ao templo. A defesa dos pobres está em jogo, e a contestação à corte e ao templo se justifica, porque o campo é âmbito da produção e a cidade sobrevive às suas custas, de modo que o templo emerge como principal aparelho de arrecadação e manutenção da sociedade tributarista.²⁰⁸

¹⁹⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

²⁰⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 55.

²⁰¹ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

²⁰² SCHWANTES, Milton. *A herança de Javé: meditando o Salmo 127*. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 2, p. 175-180, 1987b. p. 175-180.

²⁰³ SCHWANTES, 1987b, p. 180.

²⁰⁴ SCHWANTES, 1987b, p. 180.

²⁰⁵ SCHWANTES, 1987b, p. 180.

²⁰⁶ CRUZ, 2021, p. 143.

²⁰⁷ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

²⁰⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 89-90.

A dominação da cidade sobre o campo era imposta através do tributo e do trabalho forçado. Através do templo, o campesinato israelita era subjugado com elevados tributos e, pelas instituições estatais, era submetido à corveia para construir grandes obras públicas, tais como: o palácio, o templo e a cidade. O Estado, para manter o controle e a dominação, impedia a organização social do povo, mas tinha um aliado poderoso, o templo de Jerusalém.²⁰⁹ Nas palavras de Milton Schwantes:

Por mais eficiente que seja o uso do exército na arrecadação do tributo, não é apropriado, a longo prazo. Há outro instrumento bem mais eficaz. Trata-se do templo, sua religiosidade e seus ritos. No tributarismo, o templo é central de arrecadação de excedente. Aí se junta por ocasião das grandes festas da colheita e através da multiplicidade de ritos, a riqueza social camponesa [...]. Por desempenhar um papel tão decisivo no tributarismo, o campesinato continuamente contestou o templo. A defesa do campo e oposição ao templo citadino são, na verdade, os dois lados da mesma moeda. E assim se explica porque as visões de Amós [...] culminaram na ruína do templo, destruído pelo próprio Javé.²¹⁰

O autor localiza as visões de Amós nas contingências históricas da sociedade tributarista e, com isso, apresenta uma proposta pastoral a ser desenvolvida a partir da igreja profética de rosto popular, a saber: “a solidariedade com os empobrecidos [como] chave hermenêutica”²¹¹, reforçando, novamente, que ser igreja e estar com deus significa estar com os pobres. O templo citadino, na época de Amós, não agia nessa perspectiva, pois seu principal interesse era a expropriação do campesinato israelita.²¹²

Para Milton Schwantes, a leitura sociológica do texto bíblico,²¹³ com sua abordagem histórico-social, presta um serviço às comunidades cristãs, dando um “novo rosto a todas as igrejas”²¹⁴, promovendo a solidariedade com as pessoas empobrecidas. Para ele, esse tipo de leitura fomenta uma experiência com deus, que é o “segredo da insubmissão e insubordinação dos fracos”²¹⁵. Dito de outra forma, “a tarefa primordial da releitura bíblica está conectada a esta experiência com Deus [...], que vê e ouve o clamor do seu povo pisoteado”²¹⁶.

²⁰⁹ SCHWANTES, 1984a, p. 37-38.

²¹⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 90.

²¹¹ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

²¹² SCHWANTES, 1988b, p. 90-91.

²¹³ Convém sinalizar que o pioneirismo no desenvolvimento da abordagem sociológica da Bíblia Hebraica deve ser atribuído a Norman K. Gottwald, e não a Milton Schwantes. Este último dedicou-se apenas à tradução de um campo específico das pesquisas bíblicas de sua época para o contexto da América Latina. As ideias de Norman K. Gottwald são precedentes, desde o final da década 1950, e elas foram cruciais para o projeto popular intuído na literatura de Milton Schwantes. A título de exemplo, menciona-se duas obras que reúnem vários artigos desse autor e constata a aplicação dos métodos sociológicos no estudo dos textos veterotestamentários: GOTTWALD, Norman K. *A light to the Nations: an introduction to the Old Testament*. Eugene: WIPF & STOCK, 1959. p. 5-15. Veja também: GOTTWALD, Norman K. *All the Kingdoms oh the Earth: Israelite Prophecy and International relations in the ancient near east*. New York: Harper and Row, 1964. p. 23-36.

²¹⁴ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

²¹⁵ SCHWANTES, 1988b, p. 92.

²¹⁶ SCHWANTES, 1988b, p. 92.

No ano de 1988, Milton Schwantes publicou simultaneamente dois textos que versam sobre outro tema central em sua hermenêutica e eclesiologia: o evento do êxodo como paradigma interpretativo do texto bíblico. O primeiro texto recebeu o título de *O êxodo como evento exemplar*,²¹⁷ e o segundo *A origem social dos textos*.²¹⁸ Os dois manuscritos defendem o êxodo bíblico como uma experiência precursora do Israel antigo.²¹⁹ Para defender tal hipótese, o autor amparou-se na hipótese da revolução social, segundo Norman Gottwald, que explica as origens da sociedade israelita em uma perspectiva sociológica e antropológica, a partir de uma revolução campesina que conquistou autonomia no território cananeu e se estruturou política, social e economicamente de modo igualitário, caracterizando, assim, uma liderança descentralizada e antiestatal.²²⁰ Convém explicar que tal teoria foi pulverizada diante das contribuições do campo da Arqueologia, que, segundo Israel Finkelstein e Neil Silberman, comprovam a impossibilidade de combinação entre as realidades sociais cananeias nas Idades do Bronze Tardio e Ferro I, tornando tal hipótese exuberantemente especulativa e sem o amparo arqueológico concreto.²²¹

A despeito de sua superação, a teoria da revolução camponesa nutriu a literatura de Milton Schwantes e reforçou seus argumentos que localizam o evento do êxodo como paradigma hermenêutico e eclesial.²²² Para além de seu sentido histórico, ao êxodo atribui-se um sentido para a fé israelita – modelo para as igrejas contemporâneas –, em que os textos bíblicos não são tratados como “documentos históricos. São antes testemunhos”²²³. O evento do êxodo, de acordo com Milton Schwantes, desvela e destaca Yahweh como ato libertador,

²¹⁷ SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988d. p. 9-18.

²¹⁸ SCHWANTES, 1988c, p. 31-37.

²¹⁹ SCHWANTES, 1988c, p. 32-35; SCHWANTES, 1988d, p. 13.

²²⁰ GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto – 1250-1050 a.C.* São Paulo: Paulinas, 1986. p. 174-175.

²²¹ FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 333-339.

²²² Milton Schwantes aderiu fortemente às teses de Norman K. Gottwald e se esforçou para traduzi-las para o contexto latino-americano, através de sua literatura. Contudo, em alguns trabalhos colaborativos empreendidos por Norman K. Gottwald, ele não marcou presença. Isso pode ser notado no clássico *The Bible and Liberation*, de 1993, em que Carlos Mesters e Juan Luis Segundo, pesquisadores da América Latina, contribuíram com textos, e Milton Schwantes sequer foi mencionado. Diante da impossibilidade de justificar tal ausência, vale mencionar que, no mesmo ano de publicação desse livro, Milton Schwantes esteve envolvido com a coordenação do quinto volume da *Bibliografia latino-americana*. O autor brasileiro primava pela produção literária da América Latina, de modo que, na próxima seção, aborda-se sobre suas intenções em estabelecer uma rede latino-americana para impulsionar as pesquisas bíblicas nesse território. Ou seja, a ausência de Milton Schwantes na obra clássica de Norman K. Gottwald pode ter sido fruto de sua escolha e dedicação para desenvolver pesquisas autóctones na América Latina. Veja: SCHWANTES, 1998a, p. 9-10. Confirma também: GOTTWALD, Norman K. *The Bible and Liberation: political and social hermeneutics*. New York: Orbis Books, 1993. p. 1-562. Veja ainda: SCHWANTES, Milton. *Bibliografia bíblica latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 1993b. p. 1-5.

²²³ SCHWANTES, 1988d, p. 14.

com “práticas que preservam a libertação dos pobres”²²⁴. Para ele, o agir de Yahweh percorre as narrativas bíblicas, sobretudo nos textos em que predominam os mandamentos e as leis, reformulando a memória do êxodo em confissões de fé.²²⁵

As narrativas do êxodo e da profecia são fundamentais para as propostas eclesiológicas de Milton Schwantes, sendo o primeiro tratado como um paradigma hermenêutico,²²⁶ e o segundo como o fio condutor da interpretação bíblica.²²⁷ Em seus argumentos, são descritos como eventos do passado bíblico que iluminam a prática das igrejas contemporâneas. Sobre o evento do êxodo, ele afirma que “as comunidades dos pobres da América Latina se nutrem do êxodo [...]. Esta presença do êxodo em meios às comunidades [pressupõe] a prática libertadora das [igrejas] de hoje”²²⁸, reforçando que:

Os povos latino-americanos vivem em constante e continuado êxodo. Migração e deslocamentos não são impedidos. Pelo contrário, são favorecidos. Constituem nossa realidade. As pessoas são expulsas do campo para a cidade. Este êxodo rural – na verdade, uma violenta expulsão de pequenos proprietários, lavradores e sem-terra – transforma gente especializada em plantar e colher em desempregados sem profissão. O operário é jogado de um emprego para outro. A rotatividade caracteriza sua vida. Não há estabilidade. Há êxodo.²²⁹

Em relação ao movimento profético, que ele considera estar eivado da memória do êxodo, ele afirma o seguinte:

Os círculos proféticos criaram [...] uma das peças teológicas mais claras e bem formuladas de toda a nossa Bíblia [...]. Uma das contestações mais radicais aos poderosos. Tanto a profecia quanto a liturgia não deveriam ser lidas sem enraizamento nas lutas camponesas, em meio às quais foram fermentadas. [O êxodo] tem sua *origem na memória*. E essa memória está impregnada das experiências dos setores populares e camponeses [grifo do texto].²³⁰

Os textos supramencionados demonstram e localizam o crucial da memória do êxodo, em paralelo à profecia bíblica, na literatura de Milton Schwantes. O êxodo é teologia do conflito, é um tipo de teologia profética claramente em oposição aos governantes.²³¹ Do êxodo brota uma eclesiologia inclusiva que ressalta, por exemplo, o papel central das mulheres na

²²⁴ SCHWANTES, 1988d, p. 11.

²²⁵ As confissões de fé, na literatura de Milton Schwantes, seguem a lógica das contribuições de Gerhard von Rad, que defendeu o argumento da preservação do núcleo do Hexateuco – Pentateuco – no âmbito dos credos históricos, a saber: Dt 26, 5b-9; Dt 6, 20-24; Js 24, 2b-13). Gerhard von Rad tratou o êxodo com um evento emblemático para a fé israelita e, na mesma intensidade, Milton Schwantes considera que inúmeras narrativas bíblicas culminam no evento do êxodo. Para mais detalhes sobre as contribuições de Gerhard von Rad, consulte: RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006. p. 174-177.

²²⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 16-19.

²²⁷ SCHWANTES, 1989c, p. 17.

²²⁸ SCHWANTES, 1988d, p. 9.

²²⁹ SCHWANTES, 1988d, p. 17.

²³⁰ SCHWANTES, 1988c, p. 37.

²³¹ SCHWANTES, 1988c, p. 33-34.

resistência e na libertação do povo.²³² O êxodo é memória campesina e popular e, por isso, mereceria um lugar especial na igreja profética de rosto popular.²³³

Na obra intitulada *Igreja como povo: “meu povo em Miquéias”*, de 1989, Milton Schwantes reflete sobre a categoria *meu povo*, à luz dessa narrativa bíblica, destacando as pessoas humilhadas e sofridas como povo de deus.²³⁴ Em sua descrição, *meu povo* era inocente e os culpados eram os profetas responsáveis por desviá-lo da verdade, pois deixavam de praticar o bem – que era uma exigência – para agir com crueldade.²³⁵

Meu povo, na análise do autor, corresponde às pessoas humilhadas, espoliadas, exploradas, aos grupos mais empobrecidos, vitimados e vulneráveis da sociedade. Eram pessoas despojadas de suas capas por empréstimos não quitados e, nas noites frias, quando os ricos emprestadores não as devolviam, padeciam de frio. Por causa do empobrecimento e das dívidas acumuladas, meu povo vendia mulheres e crianças para serem escravas. Para ele, essa conduta estaria na mira da acusação de Miquéias.²³⁶ Neste texto, igreja como povo evoca a esperança messiânica de um profeta que espera a intervenção divina sobre seu povo para destronar os poderes estabelecidos e corrompidos e instaurar um reino de justiça e paz. Igreja como povo demonstra o interesse de Milton Schwantes com a vida em comunidade, sua proposta de uma igreja profética de rosto popular, transformando quem antes não era povo, os pobres, em meu povo.²³⁷

O artigo intitulado *Caminhos da teologia bíblica*, publicado no ano de 1989, é outro texto importante para compreender a perspectiva bíblico-teológica de Milton Schwantes em relação ao modelo de uma igreja profética de rosto popular, no qual, novamente, ele não a distingue da categoria movimento social.²³⁸ Nesta publicação, o movimento social é descrito como espaço para leitura bíblica e conscientização das pessoas pobres: “os próprios movimentos sociais recorrem à Bíblia”²³⁹, assim como fazem as igrejas cristãs. Para ele, a teologia bíblica desenvolvida na América Latina, sobretudo no período entre as décadas de 1950 a 1990, exigiu transformações no âmbito das igrejas, deixando três marcas: os “pobres como intérpretes”²⁴⁰ do texto bíblico; a realidade²⁴¹ concreta como base hermenêutica; e a

²³² SCHWANTES, 1988c, p. 36.

²³³ SCHWANTES, 1988c, p. 37.

²³⁴ SCHWANTES, Milton. *Igreja como povo: “meu povo em Miquéias”*. Belo Horizonte: CEBI, 1989d. p. 41-69.

²³⁵ SCHWANTES, 1989d, p. 15.

²³⁶ SCHWANTES, 1989d, p. 15.

²³⁷ SCHWANTES, 1989d, p. 41-69.

²³⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 9-19.

²³⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

²⁴⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

²⁴¹ Na literatura de Milton Schwantes, a realidade evoca o sentido de uma imagem forjada, isto é, a compreensão de alguém sobre o que supostamente seria o real, o que esse sujeito consegue perceber ou absorver. Nesse sentido,

superação da Bíblia como “literatura eclesial”²⁴², porém, a partir de uma experiência ecumênica.

É importante destacar que, na literatura de Milton Schwantes, o significado do conceito de ecumenismo é ampliado,²⁴³ extrapolando os limites tradicionais do cristianismo. A experiência ecumênica, para ele, evoca a “releitura da Escritura em meio aos pobres”²⁴⁴, ou seja, é fiel ao grito das pessoas pobres bem como da realidade que elas sofrem diariamente.²⁴⁵ Ele alega que o cristianismo marcou presença na opressão dos povos latino-americanos e que o conceito tradicional de ecumenismo se torna excludente quando rejeita a realidade dessas pessoas. Com efeito, tal conceito não deveria restringir-se às fronteiras cristãs, e sim “entender as diferenças como possíveis complementações, não como motivos de separatismos”²⁴⁶.

Para Milton Schwantes, igrejas e outras religiões diferenciam-se entre si em questões litúrgicas, todavia, a experiência ecumênica não deveria corresponder a elementos litúrgicos, e sim ao clamor dos pobres, que “já não pode [...] recorrer às tradições de uma só igreja”²⁴⁷. Logo, o fator aglutinador da igreja profética de rosto popular é o sofrimento dos pobres, que evoca a presença das igrejas nas periferias, ressignifica suas liturgias a partir de situações concretas e realiza isso a partir da leitura e interpretação da Bíblia. É nesse sentido que o texto bíblico deixa de ser literatura eclesial e emerge como compilação elementar para a pastoral ecumênica. Destarte, o texto em tela apresenta uma proposta de superação do uso eclesiástico da Bíblia, sem reduzi-la ao mero academicismo, rumo a uma teologia bíblica de densidade e relevância pastoral, mas, principalmente, de uso popular.²⁴⁸

Os textos elencados espelham os principais elementos constituintes da eclesiologia de Milton Schwantes. Em síntese, o conceito pobre é tratado em seu sentido sociológico e teológico, demonstrando a inclinação divina para os socialmente enfraquecidos pela ação de regimes totalitários e excludentes. A profecia é apresentada como tradição popular e teologia

a realidade resulta de um imaginário coletivo, “um estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado, nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social”. Para mais informações, consulte: MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, jul. 2001. [online]. p. 76.

²⁴² SCHWANTES, 1989a, p. 11.

²⁴³ Milton Schwantes não sistematiza um conceito de ecumenismo, mas registra em vários textos sua perspectiva ecumênica que, indubitavelmente, difere da perspectiva tradicional. Para mais informações, recomenda-se a leitura dos seguintes textos: SCHWANTES, Milton. Anseios ecumênicos. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 271, p. 32-33, 1993a. p. 32-33. Veja ainda: SCHWANTES, Milton. A Bíblia: um desafio à unidade. *Revista Contexto Pastoral*, Campinas, n. 21, p. 6-7, 1994b. p. 6-7.

²⁴⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

²⁴⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 12.

²⁴⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

²⁴⁷ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

²⁴⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 13-14.

opositora aos governantes e o êxodo como chave hermenêutica da Bíblia, que impõem tarefas políticas às igrejas e exigem sua inserção nas regiões periféricas para conscientização política das pessoas. São textos perpassados pela lógica do conflito, contornados pela teoria clássica marxista, que pensam a igreja como promotora da libertação e organização popular, em defesa da subserviência da exegese especializada à pastoral. A igreja profética de rosto popular é ecumênica para além das fronteiras cristãs e trata os pobres – pessoas em constante êxodo – como sujeitos teológicos e hermeneutas privilegiados. Na seção subsequente, esses achados serão problematizados no intuito de refletir sobre o tema da eclesiologia em Milton Schwantes e seu lugar nas pesquisas bíblicas hodiernas.

1.3 Eclesiologia de Milton Schwantes e as pesquisas bíblicas contemporâneas

O contexto político, econômico, social e eclesial latino-americano, em paralelo às pesquisas bíblicas e à teologia protestante que marcaram a segunda metade do século XX, não influenciaram somente a recepção das obras de Milton Schwantes e seu horizonte hermenêutico, mas foram fundamentais para o desenvolvimento de sua eclesiologia. Fatores teológicos e eclesiológicos ligados às bases da igreja católica brasileira, sobretudo o trabalho desenvolvido nas CEBs, que assumiram um compromisso social e político,²⁴⁹ também contribuíram substancialmente para a articulação de suas propostas. No transcorrer do amadurecimento das propostas hermenêuticas e teológicas desse autor – como pode ser notado nos textos elencados na seção anterior –, seu horizonte eclesiológico voltou-se para a teoria clássica marxista, servindo-se dela como lentes para interpretar e descrever a realidade e, através disso, propor um modelo de igreja.²⁵⁰

Como já dito na seção anterior, em relação às teorias desenvolvidas por Norman Gottwald, Milton Schwantes foi um tradutor das pesquisas bíblicas de sua época para o contexto latino-americano. Essa articulação também se manifesta no seu uso recorrente das categorias pobre e popular,²⁵¹ que, embora esteja em diálogo com o horizonte filosófico-teológico mais amplo da Teologia da Libertação,²⁵² reflete bastante os esforços e a genialidade de uma geração

²⁴⁹ MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 101-127.

²⁵⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 89.

²⁵¹ SCHWANTES, 2006, p. 53.

²⁵² A categoria pobre, em Milton Schwantes, espelha muito a carga de sentido atribuída por Enrique Dussel. Isto é, pobre como categoria teológica e *locus* hermenêutico que impele a interpretação da realidade. O pobre é o sujeito destinatário e o cerne da mensagem do evangelho, não somente em seus aspectos históricos, mas também em sua dimensão ética e filosófica, porque o pobre é vítima de um sistema repressor estabelecido. Já em relação à igreja dos pobres ou popular, em Enrique Dussel, pressupõe-se uma ação pastoral efetiva intermediada pelos pobres. Sua

de biblistas²⁵³ latino-americanos – militantes de esquerda – que se reuniam com analfabetos, graduandos em Teologia e outras pessoas para conversarem sobre mudanças contextuais, porque isso não era possível a partir das igrejas.²⁵⁴

As reflexões e críticas de Elsa Tamez ao desenvolvimento teológico na América Latina coincidem com a utilização das categorias pobre e popular na literatura de Milton Schwantes. A autora parte de uma crítica feminista sobre questões sociais e eclesiais em paralelo a uma crítica teológica contra a economia política na perspectiva dos pobres centrada no contexto das mulheres, de maneira que sua reflexão bíblica situa a vida como *locus* teológico fundamental.²⁵⁵ O horizonte bíblico da autora contesta a hegemonia do modelo econômico capitalista latino-americano e seus efeitos deletérios sobre os pobres.²⁵⁶ O tema teológico da justificação pela fé é compreendido à luz da realidade das pessoas excluídas da dinâmica social caracterizada pela opressão e marginalização. Ela não concentra a justificação na morte de Jesus, rompendo com a teologia tradicional, uma vez que “o conceito tradicional de morte necessária para a salvação de todos traduz a proposta econômica de sacrifícios necessários de uma população, com a esperança de que no futuro alcançarão as necessidades vitais”²⁵⁷, assim como esvazia o sentido comunitário e político da fé.

vivência comunitária e popular é disseminada mesmo em contextos de repressão por parte do Estado, não contando com o apoio dele. Há, na verdade, uma oposição ao Estado. As aproximações entre os pensamentos de Milton Schwantes com Enrique Dussel ajudam a clarear essas as categorias pobre e popular, a partir da compreensão de que o pobre é o lugar hermenêutico e teológico que se organiza em contextos de repressão em oposição ao Estado. Sobre os postulados de Enrique Dussel, veja: DUSSEL, Enrique. *Historia general de la Iglesia en América Latina: introducción general a la Historia de la Iglesia en América Latina*. Salamanca: Sígueme; CEHILA, 1983. p. 24-28. Para compreender as aproximações com Milton Schwantes, consulte: SCHWANTES, Milton. Uma terra boa: êxodo 3,8. *Revista Simpósio*, São Paulo, v. 6, n. 30, p. 169-172, 1985b. p. 170.

²⁵³ Não há uma definição clara para o termo biblista no Brasil. O vocábulo pode classificar uma pesquisadora ou pesquisador com domínio de diferentes línguas bíblicas antigas ou modernas: SILVA, Airtton J. Quantos idiomas deveria um biblista dominar? In: OBSERVATÓRIO BÍBLICO [Site institucional]. 07 out. 2006. [online]. [n.p.]; Biblista também pode denotar a prática de pessoas leigas que realizam cursos de formação em Bíblia comprometidas com o trabalho de base e popular: CASONATTO, Odalberto D. O que é um biblista? O que faz o biblista? Estas informações estão relacionadas com a Ciência da Religião? In: ABÍBLIA.ORG [Site institucional]. 07 abr. 2013. [online]. [n.p.]; O documento emitido pela Pontifícia Comissão Bíblica só faz uma menção do termo, mas não esclarece seu sentido: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma: [s.n.], 1993. [online]. [n.p.]; Nesta pesquisa, atribui-se o termo como epíteto para classificar pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia, considerados teólogas e teólogos da libertação que fizeram uma opção metodológica para leitura da Bíblia a partir da opção preferencial pelos pobres da América Latina e sua libertação, conforme: TERRA, 2012, p. 63.

²⁵⁴ Pode-se mencionar o labor e as contribuições de muitos/as biblistas como Ivoni Richter Reimer, Haroldo Reimer, José Severino Croatto, Sandro Gallazzi, Jorge Pixley, José Comblin, Carlos Dreher, Uve Wegner, entre outros/as, que “[trabalharam] há tempo com o povo e [queriam] pensar os seus problemas, [decidindo] pôr no papel a interpretação que os pobres fazem da Bíblia. Sem abordar a sua formação científica, [tentaram] mostrar o sentido que os pobres gostam de exprimir, mas não são capazes por falta de estudo e recursos”. Saiba mais em: COMBLIN, José. Contracapa. In: CROATTO, José S. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. [n.p.].

²⁵⁵ TAMEZ, Elsa. *A Bíblia dos oprimidos: a opressão na teologia bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 7-8.

²⁵⁶ TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação: a justificação pela fé partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 37.

²⁵⁷ TAMEZ, 1995, p. 262.

No pensamento de Elsa Tamez, a ressurreição, e não a morte, é o núcleo da ação justificadora divina, pois ela acentua o dinamismo do processo de justificação e promove a superação da morte para dar vida às pessoas excluídas e sacrificadas. É neste ponto que reside a relação entre a perspectiva bíblica da justificação pela fé com o contexto socioeconômico da América Latina, pois:

O juízo de Deus foi pronunciado contra toda a condenação à morte de inocentes. Toda lógica que exige sacrifícios humanos é imperdoável. O perdão-acolhida de Deus na justificação ocorre precisamente para sanar as feridas que o pecado produziu, e onde não há cura não há justificação.²⁵⁸

Nesse sentido, a justificação pela fé aponta para uma ação divina na história que materializa a revelação da justiça e transformando os seres humanos justos.

Na literatura de Milton Schwantes, o pobre tornou-se critério hermenêutico e teológico e alvo privilegiado da ação de Yahweh, espelhando as conotações dadas por Elsa Tamez.²⁵⁹ O pobre é o sujeito empobrecido pela ação de outrem, é aquele que está sendo expropriado, desapropriado e oprimido, não lhe restando outra alternativa a não ser trabalhar para sobreviver, mas, ele não vive, porque acaba sendo expropriado pelas instâncias dominadoras da sociedade. O pobre é vítima de um sistema repressor estabelecido.²⁶⁰ A justificação pela fé, em Elsa Tamez, constitui-se como fonte de boas novas para os pobres, porque os liberta do fardo pesado imposto pelas ideologias socioeconômicas e eclesiais que os responsabilizam pelo sofrimento e opressão que vivem. Nas palavras da autora:

O modo com que vivem os pobres também nos indica que há indivíduos responsáveis por essa vida que levam; que seus sofrimentos não são arbitrários ou gratuitos, mas que existe uma causa histórica que os cria e fomenta. É por isso que não podemos falar de justificação pela fé ‘diretamente’ ou de maneira abstrata. Os seres humanos têm semblante individual, nome, situação social, cor e sexo. A justificação atinge e penetra esta concreta situação social e cultural. Nos dias de hoje não é mais possível mantermos essa linguagem universal, sem tomar em conta este pormenor importante: em que lugar e quem a está pronunciando. Com o simples fato de não mencionar as realidades concretas da vida que levam os diferentes indivíduos que vivem e formam parte da história, qualquer arrazoado perderá sua força e, assim, já não observaremos nenhuma realidade visível que manifeste aquele poder do evangelho de que Paulo falava e não se envergonhava (Rm 1,16).²⁶¹

A justificação pela fé sinaliza para a solidariedade divina em relação ao sofrimento humano, o que explica a premência de “sublinhar a solidariedade de Deus na justificação como

²⁵⁸ TAMEZ, 1995, p. 263.

²⁵⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 16-19.

²⁶⁰ SCHWANTES, 1985b, p. 170.

²⁶¹ TAMEZ, 1995, p. 61.

um ato divino que nos interpela para que pratiquemos a justiça”²⁶². Os pobres, nesse sentido, não são reduzidos a objeto de sistemas econômicos ou eclesiais, mas emergem como sujeitos históricos. A justificação pela fé, além do resgate dos pobres da situação de injustiça social e religiosa, promove uma verdadeira metamorfose: “o excluído incorpora-se com poder em uma nova lógica: a lógica da fé cujo critério é a vida que Jesus levou, vida digna e livre, entregue aos outros. A fé na ressurreição do corpo, como a dimensão plena da vida terrena, dá poder para lutar e defender a vida de todos”²⁶³. Os pobres experimentam com a justificação pela fé um novo estágio de vida a partir da memória do crucificado, que remonta as atrocidades do pecado que, legitimado pelo sistema econômico ou eclesial, sacrifica e aniquila seres humanos.

A justificação pela fé foi um parâmetro hermenêutico tomado por Elsa Tamez para discernir a realidade latino-americana, incluindo a realidade eclesial da época, em geral, marcada por conflitos, desigualdades e injustiças. Acrescenta-se a isso as críticas da autora ao império e seus mecanismos que geram a exclusão social. Esse pensamento também está presente na eclesiologia de Milton Schwantes, que justifica sua existência a partir da inserção da igreja nos movimentos sociais e populares, organizando-se internamente à luz das relações de fraternidade com base na Bíblia. Elsa Tamez e Milton Schwantes procuram demonstrar que, embora não detenha o poder, o povo é história.²⁶⁴

As reflexões de Pablo Richard sobre a igreja dos pobres também foram essenciais não somente para a formação, mas também para o dinamismo do movimento bíblico latino-americano que influenciou o horizonte eclesiológico de Milton Schwantes. Pablo Richard refletiu sobre a fonte da força da igreja dos pobres, sua estrutura e seus desdobramentos, a partir de uma leitura bíblica popular e engajada. Para ele, a raiz da igreja dos pobres é a certeza da revelação de deus no mundo e nas lutas dos pobres pela libertação da opressão e injustiça. No seio das comunidades, os pobres associavam as lutas cotidianas do povo do mundo bíblico com suas próprias lutas, tornando-se realidades análogas em que a divindade foi e continua sendo atuante nessas lutas. Enquanto a leitura é um exercício comunitário e um ato de fé, a Bíblia é o livro da comunidade, um lugar onde a leitura é fiel ao deus da vida.²⁶⁵

No pensamento de Pablo Richard, a leitura popular da Bíblia situa os pobres como sujeitos intérpretes que incorporam o texto à vida e a vida ao texto. O texto, nesse sentido, é tratado como produto de uma comunidade que luta pela vida e libertação. A igreja dos pobres nasce de uma transformação interna no momento em que se inclina à opção preferencial pelos

²⁶² TAMEZ, 1995, p. 205.

²⁶³ TAMEZ, 1995, p. 264.

²⁶⁴ TAMEZ, 1995, p. 264.

²⁶⁵ RICHARD, Pablo. *La fuerza espiritual de la iglesia de los pobres*. San José: DEI, 1987. p. 31-44.

pobres em oposição à pobreza. O fator eclesiológico da igreja dos pobres é fortalecido na comunhão que brota da leitura popular da Bíblia nas pequenas comunidades de fé, caminhando rumo à justiça, à solidariedade e à libertação dos pobres.²⁶⁶

A ênfase na necessária reorientação das instituições eclesiais para inclinarem-se sobre o sofrimento dos pobres como fruto de uma teologia bíblica junto ao povo permeia o horizonte hermenêutico de Milton Schwantes, que acredita que “o uso popular da Bíblia dá rosto e dignidade. A experiência bíblica é traduzível em experiência de cidadania. Ao se reapropriar da Escritura, as comunidades dos empobrecidos se reapropriam do seu direito à vida”²⁶⁷. De Pablo Richard, Milton Schwantes parece manifestar os traços de uma espiritualidade pela libertação que pressupõe que a “leitura bíblica exercitada nas comunidades populares também é espiritual, e o é de uma maneira muito intensa [...]. Nelas a espiritualidade incorpora, explicitamente, o concreto da vida”²⁶⁸. Trata-se de uma teologia eminentemente espiritual, porém, encarnada e histórica, a ser forjada nas igrejas.²⁶⁹

O horizonte hermenêutico e o empenho de Carlos Mesters também foram essenciais para a eclesiologia de Milton Schwantes. Para este último, Carlos Mesters “alcançou uma brilhante integração entre a análise científica e a relevância popular de um livro bíblico [Rute]”²⁷⁰, viabilizando o texto bíblico em nível popular, superando seu uso eclesiástico e realçando sua relevância pastoral. O Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), desde sua fundação em 1979, foi um espaço para divulgação, aprimoramento e capacitação de pessoas no uso da metodologia de leitura e interpretação da Bíblia que perpassa a literatura de Milton Schwantes. O CEBI foi um importante meio de disseminação da literatura acadêmica e popular do autor.²⁷¹

Carlos Mesters e Milton Schwantes buscaram correlacionar a reflexão bíblica com a pastoral. Eles tratavam a leitura popular da Bíblia como um projeto divino voltado aos pobres, de modo que a subserviência da exegese à pastoral seria a melhor alternativa para atingir esse propósito. A leitura comunitária do texto bíblico é um elemento comum no horizonte desses autores, uma vez que eles compreenderam que a Bíblia resulta de um processo de escrita coletiva e jamais poderia ser lida fora da coletividade. Carlos Mesters buscava um *sentido-*

²⁶⁶ RICHARD, Pablo. Leitura popular da Bíblia na América Latina. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 8-25, 1988. p. 18.

²⁶⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

²⁶⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 49.

²⁶⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 49.

²⁷⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 13.

²⁷¹ MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *O caminho por onde andamos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 2006. p. 18.

para-nós para o exercício prático da fé,²⁷² em defesa da ideia de que a leitura popular da Bíblia tem um potencial peculiar para explorar a dimensão política presente nas narrativas.²⁷³ A mesma defesa pode ser notada na literatura de Milton Schwantes, em especial quando ele defende que os pobres deveriam ler e interpretar a Bíblia em espaços semelhantes às CEBs, porém, com tons marxistas.²⁷⁴

Não apenas entre os biblistas, mas, de Julio de Santa Ana, a literatura de Milton Schwantes reflete a tarefa da igreja de manifestar solidariedade com os pobres e apoiar sua organização para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Julio de Santa Ana problematiza o desinteresse e falta de compreensão histórica, por parte da igreja, pelos grupos sociais mais vulneráveis, o que, para ele, seguia na direção oposta da ideia messiânica da justiça divina que insere os pobres e os oprimidos como instrumentos da justiça.²⁷⁵ No pensamento dele, pobres e oprimidos constituem o mesmo grupo social, porque sua condição é resultado de uma exploração sistêmica:

A grande maioria dos pobres [...] é formada de gente tomada pelo processo de desenvolvimento ou de ‘modernização’, como se diz às vezes, e empobrecida pelo processo. É gente destituída de tudo o que tinha – bens materiais, capacidade e técnica, cultura e dignidade. O sistema econômico prevalescente na maioria dos países do Terceiro Mundo cria a pobreza e depois aprisiona os pobres num estado de miséria deteriorante.²⁷⁶

Em Julio de Santa Ana, a pobreza é somente um elemento da condição dos pobres – é o pobre constantemente oprimido. O papel da igreja dos pobres, nesse sentido, destina-se à solução das aspirações e das necessidades do povo, desdobrando-se na libertação da opressão e da situação de dependência. Para o autor, as igrejas latino-americanas deveriam se unir, numa articulação pautada na fé e no compromisso com o evangelho, para tratar questões políticas para além das fronteiras institucionais e inserir-se nos movimentos sociais,²⁷⁷ um horizonte conceitual e eclesiológico muito presente na literatura de Milton Schwantes.²⁷⁸

²⁷² Graham McGeoch argumenta que Carlos Mesters parece não assumir as perspectivas revolucionária e de luta de classes a ela ligada tão presente no horizonte hermenêutico e na literatura de Milton Schwantes. A proposta de Carlos Mesters propõe a exegese brasileira como uma extensão da exegese clássica europeia e, por isso, ele não teria levando em consideração o horizonte percussor da Teologia da Libertação em torno da ideia de engajamento com a luta revolucionária. Para mais informações, leia: MCGEOCH, Graham G. From revolutionary texts to rebellious readers: what is leitura popular da Bíblia and is it really ‘popular’? *Journal Radical Américas*, London, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2020. p. 9.

²⁷³ MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1984. p. 7-8.

²⁷⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 18.

²⁷⁵ SANTA ANA, Julio. *A Igreja dos pobres*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. p. 13.

²⁷⁶ SANTA ANA, 1985, p. 13.

²⁷⁷ SANTA ANA, 1985, p. 13-17.

²⁷⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

É possível ainda aproximar a eclesiologia de Milton Schwantes ao pensamento de Juan Luis Segundo. Para este último, a igreja, em sua incumbência divina de explicitar a graça, anunciar e interpretar a *revelação*²⁷⁹, emerge como um grupo peculiar, com restrição numérica e limitada no tempo e no espaço, porém, com uma finalidade universal e perpassada pelas dimensões do humano. Igreja, para o autor, não é o *locus* da salvação, mas o seu sinal. A igreja precisa dialogar com o mundo e traduzir a revelação em ações concretas de amor, definindo-se – em termos de essência e função – a partir do serviço e do diálogo com o mundo. A igreja é portadora e anunciadora de uma mensagem maior que ela própria, uma mensagem prática e humanizadora capaz de conduzir cristãos e cristãs para um engajamento coletivo em resposta aos dilemas humanos, pressupondo um constante aprendizado nessa relação dialógica com o mundo: “é a organização especial destinada a ajudar a essa realidade comum a todos os [seres humanos] mediante uma consciência mais profunda e mais certa da orientação e do termo desse caminho”²⁸⁰.

A igreja, segundo Juan Luis Segundo, deve testemunhar a salvação divina na história. Esse é o conteúdo da revelação que necessita ser disseminado e emergir como uma tradição anunciada no seio de uma comunidade viva. A função da igreja consiste em fomentar o senso crítico das pessoas em relação às posturas políticas vigentes:

A desinstalação fundamental que me faz transcender os testemunhos cristãos relativos que me rodeiam, a que me projeta em forma auditiva e aberta para o próprio Jesus, a que fundamenta minha fé nele e em nenhuma outra pessoa, por mais confiança e atrativo que me inspire, aparece no horizonte de compromisso político e de compromisso político revolucionário em favor dos oprimidos.²⁸¹

O horizonte político do autor tem na vida de Jesus uma mola propulsora para a transformação da história e um paradigma pastoral. Política conota o sentido de edificar uma comunidade humana, tendo a revelação como uma realização da integralidade da vida de Jesus, ou seja, uma igreja profundamente humana, histórica e política, uma vez que a revelação divina não ocorreu fora dessas instâncias. A igreja, nesse sentido, é convidada a prestar testemunho do amor que deve ser concretizado na história.²⁸²

²⁷⁹ A revelação, para Juan Luis Segundo, não se restringe a uma descrição das ações divinas como um conjunto de leis a serem obedecidas. A ação divina pauta-se no amor, que precisa ser disseminado como um estilo de vida cristão aprendido no interior da igreja. Saiba mais em: SEGUNDO, Juan L. *A concepção cristã do homem*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 41.

²⁸⁰ SEGUNDO, 1970, p. 43.

²⁸¹ SEGUNDO, Juan L. *Massas e minorias na dialética divina da libertação*. São Paulo: Loyola, 1975. p. 91.

²⁸² SEGUNDO, 1975, p. 91.

A teologia de Juan Luis Segundo, a despeito de ter sido acusada de elitista,²⁸³ é importante para a eclesiologia de Milton Schwantes em suas considerações sobre o lugar do pobre no discurso da libertação. Ele tende a não idealizar a religião e a cultura popular, não tomando essas instâncias como ponto de partida para sua proposta de uma teologia libertadora. Não idealizar a cultura e a religião do povo é um contributo para a eclesiologia de Milton Schwantes, todavia, alegar que delas não há o que se resgatar é uma postura questionável em face da literatura deste último. A solidariedade com os pobres da América Latina é o elemento comum entre o pensamento dos autores, que consideram que ela resulta das experiências estabelecidas a partir do contato com os pobres e da escuta do seu clamor. Esse contato pressupõe uma aprendizagem com os pobres que deveria fundamentar a prática das igrejas inseridas nos meios populares. Para ambos, teólogas e teólogos se fazem aprendizes das experiências populares, colocando-se sempre a serviço da igreja e de sua missão no mundo.²⁸⁴

Por sua recorrência nas próximas linhas, as categorias pobre e popular precisam ser compreendidas à luz dos horizontes acima delineados. São categorias que introduzem a eclesiologia de Milton Schwantes no compromisso e nas experiências da leitura bíblica engajada, com implicações pastorais e um olhar especial para as realidades políticas, econômicas, sociais e eclesiais latino-americanas.²⁸⁵ Por isso, para compreender melhor suas propostas eclesiais, cabe, agora, refletir sobre essa perspectiva eclesiológica e verificar seu lugar nas pesquisas bíblicas contemporâneas.

À luz da literatura mapeada e classificada na seção precedente, três fenômenos – dois bíblicos e um popular das décadas de 1970 e 1980 – impulsionaram as propostas eclesiológicas de Milton Schwantes, respectivamente: o movimento profético, o evento do êxodo e a leitura popular da Bíblia.²⁸⁶ Fenômenos que, segundo o autor, são análogos à organização popular e que, por essa razão, articulam entre os pobres o modelo de uma igreja profética de rosto popular. Nos textos que versam sobre a profecia bíblica, Milton Schwantes refletiu muito sobre a perspectiva política da igreja, que implica no distanciamento do poder,²⁸⁷ na oposição aos

²⁸³ Os críticos de Juan Luis Segundo, excessivamente preocupados com a utilização das Ciências Sociais na Teologia, o tomaram como um exemplo, ao passo que sua proposta emerge apenas como uma alternativa entre muitas. Veja: TAMBASCO, Anthony J. “A critical appraisal of Segundo’s biblical hermeneutics”. In: CURRAN, Charles E.; MCCORMICK, Richard A. *Reading in moral theology*. 4. ed. New York: Paulist Press, 1984. p. 321-336.

²⁸⁴ SEGUNDO, 1975, p. 74.

²⁸⁵ SCHWANTES, 1978, p. 118.

²⁸⁶ SCHWANTES, 1978, p. 118. Veja também: SCHWANTES, 1988d, p. 9-18.

²⁸⁷ SCHWANTES, 1978, p. 118.

dominantes bem como em ações revolucionárias pautadas na denúncia e no anúncio profético em contestação aos regimes totalitários e excludentes.²⁸⁸

A profecia bíblica representaria o paradigma da práxis eclesial, pois ela provém das tradições, dos movimentos populares e do mundo periférico da sociedade israelita, exigindo das igrejas contemporâneas sua inserção e atuação nas periferias.²⁸⁹ Na literatura em análise, trata-se de um movimento revolucionário que não distingue as fronteiras entre o social e o religioso, tornando-se um modelo eclesial que destaca a igreja como um lugar privilegiado para a resistência e organização popular, isto é, um espaço democrático que objetiva dar voz para quem não tem voz.²⁹⁰ A organização popular, nesse modelo de igreja, emerge como uma perspectiva teológica essencialmente contextual e coletiva em solidariedade com os pobres. Para Milton Schwantes, a profecia bíblica emerge como protesto social – o movimento social é sua matriz – que evoca a presença da igreja nos movimentos sociais e populares.²⁹¹

Outra tarefa que o movimento profético impõe às igrejas, segundo Milton Schwantes, tem a ver com a facilitação do acesso ao texto bíblico para o maior número possível de pessoas,²⁹² preferencialmente os pobres. A igreja profética de rosto popular deveria articular as narrativas bíblicas a partir de seu núcleo na ótica da libertação dos pobres, ou seja, utilizando-as como um instrumento de conscientização política.²⁹³ A profecia veterotestamentária, além de ser tratada como o fio condutor da interpretação bíblica, é um paradigma da práxis das igrejas, elevando-as ao *status* de movimento social que atribui uma finalidade política para a Bíblia.²⁹⁴

Além desses aspectos, a organização popular, na perspectiva da profecia bíblica, pressupõe a participação dos pobres em todas as camadas de decisão da igreja.²⁹⁵ Logo, a eclesiologia de Milton Schwantes apresenta um modelo de igreja profética de rosto popular que não se restringe à realização de trabalhos nas bases, inserindo os pobres como sujeitos eclesiológicos e “agentes reformadores da igreja”²⁹⁶. Somente os pobres seriam capazes de dar um novo rosto à igreja na literatura de Milton Schwantes.²⁹⁷ São essas pessoas que vivenciam as experiências de dor e sofrimento que introduzem a dinâmica do conflito na liturgia, na prática

²⁸⁸ SCHWANTES, 1982b, p. 124-125.

²⁸⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 13-14.

²⁹⁰ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

²⁹¹ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

²⁹² SCHWANTES, 1984c, p. 32-33.

²⁹³ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

²⁹⁴ SCHWANTES, 1989c, p. 17.

²⁹⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

²⁹⁶ CRUZ, 2021, p. 49.

²⁹⁷ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

e na organização eclesial, tornando a igreja cada vez mais profética e popular.²⁹⁸ A presença dos pobres nas bases e nas cúpulas é condição *sine qua non* para empreender um “novo jeito de ser [...] igreja”²⁹⁹, de tratar a Bíblia como memória das classes subalternas e partir “do concreto e do social, das dores e das utopias de gente latino-americana”³⁰⁰.

Se a profecia bíblica exprime uma perspectiva prática eminentemente política para as igrejas, o evento do êxodo a reforça e lhe confere um caráter pastoral. Para Milton Schwantes, “a libertação é questão pastoral. Com isso o êxodo está no dia-a-dia da atuação eclesial em meio às dores e às esperanças do povo. Daí provém novas perguntas e inquietações, novas perspectivas e propósitos”³⁰¹. O êxodo precede a profecia bíblica. Os profetas evocam sua memória em circunstâncias políticas, porque se trata de um evento eivado pela teologia do conflito e uma experiência de libertação e oposição aos dominantes. Na literatura de Milton Schwantes, o êxodo emerge como paradigma hermenêutico e eclesial, uma memória subversiva de resistência evocada em tempos de crise.³⁰² O êxodo, nesse sentido, é símbolo para organização popular nas igrejas que ajuda a formular o texto bíblico como testemunho de luta e libertação.³⁰³ Com efeito, a igreja profética de rosto popular representa o espaço privilegiado para evocar a memória e os “contornos [que] o êxodo libertador [...] há de assumir, aqui e agora”³⁰⁴.

O evento do êxodo e o movimento profético são descritos a partir de uma relação simbiótica nos textos de Milton Schwantes. Os profetas são “continuadores de Moisés”³⁰⁵. Eles são tipicamente “teólogos do êxodo”³⁰⁶, que beberam de suas tradições e de sua memória para organizar e apoiar o povo em suas necessidades. O projeto de uma igreja profética de rosto popular segue nessa mesma direção ao tratar o êxodo como chave de leitura da história:

Praticamos uma leitura do êxodo como fenômeno em meio às lutas sociais. O antagonismo entre os hebreus/oprimidos e o faraó/opressor é chave de leitura. Não interpretamos o êxodo como um tema, mas como uma luta. E esta é uma luta marcante,

²⁹⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 82.

²⁹⁹ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

³⁰⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

³⁰¹ SCHWANTES, Milton. A caminho da terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991a. p. 132.

³⁰² SCHWANTES, 1984b, p. 156-157.

³⁰³ SCHWANTES, Milton. História de Israel: dos inícios até o exílio. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 7, p. 3-26, 1992a. p. 5.

³⁰⁴ SCHWANTES, 1988d, p. 18.

³⁰⁵ SCHWANTES, Milton. “Faze sair meu povo Israel do Egito”: anotações sobre Êxodo 3. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XII, n. 14, p. 23-34, 1998b. p. 23-24.

³⁰⁶ SCHWANTES, Milton. Era um menino: a experiência faz a diferença. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 9, p. 17-25, 1992b. p. 20.

porque alguém poderia enaltecer a libertação como assunto, sem, contudo, localizá-la nos conflitos histórico-sociais.³⁰⁷

Como pode ser notado, Milton Schwantes manifesta a tendência de se apropriar das ciências bíblicas sem desvinculá-las da experiência da fé, lançando luzes sobre o evento do êxodo como paradigma hermenêutico e delineador de sua perspectiva eclesiológica.³⁰⁸

O recrudescimento da teologia profética e da memória do êxodo em Milton Schwantes rompe com a leitura e com a interpretação racionalista da Bíblia, que articula a exegese apenas em chave teórica – na lógica da ciência pura, como será melhor explicado mais adiante. Para ele, a compreensão do texto bíblico se relaciona com o compromisso histórico da libertação dos pobres. Por isso, a leitura popular da Bíblia se destaca em sua literatura e em sua eclesiologia com postulados que intencionam confluir a exegese especializada com a pastoral, a saber: os pobres como sujeitos hermenêuticos, a realidade como base interpretativa e a superação do uso eclesial da Bíblia.³⁰⁹

Ao postular os pobres como sujeitos intérpretes privilegiados da Bíblia, Milton Schwantes transgride sua própria concepção sociológica para o termo, incluindo-os, agora, em categorias e critérios hermenêuticos.³¹⁰ Não apenas pelo enfraquecimento econômico que foram submetidos, mas a história e as experiências de luta deles lhe outorgam o direito de ler e interpretar as narrativas bíblicas que estão carregadas das memórias populares de Israel antigo.³¹¹

Em sua organização social, os pobres conferem um “novo sentido aos textos bíblicos”³¹², a partir dos processos de identificação que somente eles conseguem realizar “com as histórias de libertação [bem como] com as denúncias dos profetas”³¹³. Grosso modo, os pobres são apresentados como detentores de habilidades idiossincráticas necessárias para a apropriação e atualização da Bíblia, porque vivem situações análogas à realidade dos camponeses da sociedade israelita. Eles são sujeitos hermeneutas e teológicos e, por isso, deveriam ocupar lugares centrais na igreja profética de rosto popular, uma vez que sua organização pressupõe um “clamor [...] organizado [...] como quem reivindica participar [...] como sujeitos”³¹⁴.

³⁰⁷ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

³⁰⁸ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

³⁰⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

³¹⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

³¹¹ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

³¹² SCHWANTES, 1989a, p. 10.

³¹³ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

³¹⁴ SCHWANTES, 1991a, p. 129.

Não haveria uma igreja profética de rosto popular sem seus sujeitos privilegiados, os pobres. Eles são, simultaneamente, o alvo e a fonte da teologia e da eclesiologia de Milton Schwantes. Como sujeitos teológicos e alvo da práxis eclesial, os pobres teriam assessoria institucional em defesa de seus interesses e direitos, com o objetivo de cessar a exploração contra eles. Como fonte dessa práxis, eles emergem como peritos de uma exegese não ensinada nas universidades e detentores de um método que supera a exegese clássica, isto é, que identifica temas centrais na Bíblia, mas, não se detém aí, porque possui implicações pastorais. Logo, “a leitura bíblica [...] precisa estar inserida no método dos pobres”³¹⁵. Além do destaque dado aos pobres como categoria nuclear da articulação teológica, o termo representa uma dimensão hermenêutica localizada no âmbito material. Os pobres são pessoas socialmente e politicamente fracas, porém, sujeitos hermeneutas e teológicos, que creem na presença de um messias pobre enviado para sua libertação política, econômica, social e eclesial.³¹⁶

A eclesiologia de Milton Schwantes, no horizonte da Teologia da Libertação e da leitura popular da Bíblia, tematiza questões harmonizadas com a realidade popular latino-americana. As circunstâncias sociais, políticas, econômicas, culturais e eclesiais relativas aos pobres são tomadas como critério interpretativo da Bíblia, de maneira que a realidade latino-americana reflete amiúde acerca do engajamento das igrejas nas circunstâncias supramencionadas. O contexto da época favoreceu o desenvolvimento dessa abordagem teológica, que explicita a dimensão contextual e política da leitura popular da Bíblia.³¹⁷ Para ele, a leitura popular do texto bíblico promove experiências democráticas e de cidadania, no momento em que incorpora a realidade concreta e assume uma perspectiva política contra a espoliação e pauperização do povo.³¹⁸

No pensamento de Milton Schwantes, a leitura popular da Bíblia é uma *leitura-ação*³¹⁹ jamais desvencilhada da realidade e promotora de uma consciência crítica e política necessária aos pobres. É, simultaneamente, uma leitura e interpretação articulada na ótica do conflito e que pressupõe uma leitura comunitária, prática e popular. Trata-se de uma metodologia de leitura que localiza a igreja na contramão dos sistemas opressores dos pobres para fomentar através do texto bíblico, a defesa, a conscientização, a politização e a libertação dos pobres. Nas obras desse autor, a leitura bíblica tem um potencial fortalecedor da organização popular,³²⁰ e,

³¹⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 51.

³¹⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

³¹⁷ SCHWANTES, 1998a, p. 7.

³¹⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 48-51.

³¹⁹ CRUZ, 2021, p. 89-90.

³²⁰ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

por isso, a guilda acadêmica deveria aprofundá-la, o que ajudaria a superar a ideia de que a Bíblia é apenas um texto eclesial, mas um livro que privilegia a defesa da vida.³²¹

Em suas concepções acerca da leitura popular da Bíblia, Milton Schwantes postula que o uso do texto bíblico não deveria se restringir aos espaços institucionais das igrejas. Para ele, a Bíblia é um texto político, pastoral e de uso quase exclusivamente popular que deveria ser lido numa ótica histórico-social.³²² A erudição pressuposta no processo de produção, estruturação e conclusão da Bíblia,³²³ seriam, na verdade, releituras das memórias populares enraizadas nas narrativas que os redatores das classes dirigentes de Israel não teriam conseguido apagar. Essas memórias, para o autor, evocam as lutas e as opressões que as classes oprimidas da sociedade israelita foram submetidas, preservadas especialmente nas perícopes bíblicas, constatando a origem popular da Bíblia.³²⁴

Se a Bíblia é memória de pessoas que viveram no passado uma realidade análoga e coeva à América Latina nas décadas de 1970 e 1980, sua leitura jamais poderia desvincular-se desse contexto.³²⁵ Para Milton Schwantes, as igrejas de sua época não tratavam a Bíblia como texto literário e, com efeito, não levavam em consideração as regras gramaticais dos idiomas originais, as formas, os gêneros literários e nem o sentido exato dos termos. Em sua proposta de uma leitura sociológica do texto bíblico, ele acredita que o sentido das narrativas não pode ser descoberto nas estruturas linguísticas, e sim nos vestígios das dinâmicas sociais que as perpassam: “setores sociais e as lutas populares que geraram e criaram os textos”³²⁶ [grifo do texto]. Nesse sentido, ele claramente rejeita os pressupostos do estruturalismo francês, pois sua perspectiva hermenêutica não se detém nos limites do texto acabado, mas caminha na direção de uma leitura diacrônica para identificar as memórias de libertação quase escamoteadas pelos acréscimos literários feitos pelas classes dominantes de Israel antigo.³²⁷

A leitura popular da Bíblia, nos textos de Milton Schwantes, emerge como uma metodologia de leitura e interpretação que supera a lógica do uso da Bíblia apenas como texto eclesial, confluindo a ação pastoral em perspectiva ecumênica: “retorno, pois, à pastoral. Que serviço prestaria este estudo às comunidades cristãs que, em meio aos pobres, dão novo rosto a todas as igrejas?”³²⁸. Como “literatura eclesial [a Bíblia] gosta de ser interpretada neste

³²¹ SCHWANTES, 1989a, p. 16-19.

³²² SCHWANTES, 1987a, p. 48-51.

³²³ CROATTO, José S. *Hermenêutica bíblica*: para uma teoria da leitura como produção de significado. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986. p. 47-55.

³²⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

³²⁵ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

³²⁶ SCHWANTES, 1988c, p. 31.

³²⁷ SCHWANTES, 1988c, p. 31.

³²⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

ambiental eclesial”³²⁹, porém, sua leitura pressupõe a inserção das igrejas nos movimentos sociais e populares, não apenas nos espaços institucionais reconhecidamente cristãos. Como já aludido, é neste ponto que Milton Schwantes distancia-se das concepções de outros pesquisadores, como Carlos Mesters, que, ao propor uma leitura orante e engajada da Bíblia, não assume a teoria marxista como chave de leitura sob o argumento de que o texto bíblico, *per se*, desvela a dimensão política explorada na leitura popular da Bíblia.³³⁰ A literatura de Milton Schwantes está impregnada da perspectiva revolucionária marxista, fundamentando toda sua metodologia na ótica do conflito entre classes.³³¹

Ao localizar a origem e a efervescência da leitura popular no contexto da “pastoral dos pequenos grupos eclesiais [...] da prática de fé, resistência e organização dos empobrecidos”³³², Milton Schwantes vislumbrou aproximações entre os resultados da pesquisa bíblica especializada com a pastoral. Para ele, os pobres reunidos nos projetos de leitura popular da Bíblia eram criativos e faziam perguntas inéditas jamais feitas pelos/as biblistas. Perguntas condutoras ao núcleo bíblico, ao *Sitz im Leben*, caracteristicamente concretas e produtoras de efeitos pastorais. Nesse sentido, o uso popular da Bíblia, por incorporar elementos concretos da vida, deveria ser amparado pela exegese especializada.³³³

Em Milton Schwantes, a superação do uso eclesial da Bíblia tem como principal exigência a subserviência da academia, da exegese especializada e das igrejas à pastoral e à organização popular. Em relação à exegese clássica, isso implicaria diretamente no uso político do argumento heurístico, uma espécie de apropriação dos resultados das pesquisas bíblicas em benefício de uma leitura política do texto bíblico.³³⁴ Ou seja, a exegese especializada deveria ser nutrida pelas perguntas que nascem no seio dos círculos bíblicos de leitura popular e seus resultados compartilhados com o povo organizado, para, então, redundar em práticas revolucionárias e libertadoras, que equivaleriam ao engajamento orgânico de biblistas e igrejas no espaço público.³³⁵ Nas palavras do autor: “tal perspectiva histórica na interpretação nem de longe é uma falação acadêmica [...] é uma questão pastoral [que] reivindica uma leitura histórica da Bíblia. Uma metodologia pastoral de transformação histórica encontra-se em mútuo aprendizado”³³⁶, ou seja, entre academia, igrejas e o povo.

³²⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

³³⁰ MESTERS, 1984, p. 8-12.

³³¹ SCHWANTES, 1989a, p. 13.

³³² SCHWANTES, 1987a, p. 48.

³³³ SCHWANTES, 1988c, p. 31.

³³⁴ RIBEIRO, 2009, p. 115-116.

³³⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 48-50.

³³⁶ SCHWANTES, Milton. *A família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12-25*. Petrópolis: Vozes, 1986b. p. 83-84.

A eclesiologia em Milton Schwantes esteve alinhada às pesquisas bíblicas de sua época, em especial na sua busca exacerbada pelo modelo de sociedade refletido na Bíblia Hebraica, pelos conflitos de interesses que envolviam as classes divisadas bem como pelas analogias pressupostas entre os sistemas teológicos e sociais escamoteados nas narrativas bíblicas.³³⁷ Como já mencionado, ele claramente aderiu às teses de Norman Gottwald, assumindo deste uma perspectiva hermenêutica histórico-materialista que cunhava a religião israelita, isto é, o javismo – Yahweh como libertador dos pobres –, como símbolo das lutas sociais e populares de camponeses oprimidos que almejavam autonomia e condições igualitárias.³³⁸ As teorias de Norman Gottwald foram cruciais para Milton Schwantes postular que Israel necessitava de sua religião para manter relações sociais, políticas e econômicas igualitárias entre as diferentes camadas sociais, bem como para legitimar e reforçar o movimento de igualdade social.³³⁹

Com o aparato das pesquisas bíblicas de sua época, em especial as teses de Norman Gottwald, Milton Schwantes encontrou um campo fértil para nutrir sua proposta eclesiológica na lógica do conflito básico entre campo e cidade,³⁴⁰ demonstrando que, desde sua origem,³⁴¹ Israel primitivo ensaiava passos de organização e resistência à dominação citadina e assumia o êxodo bíblico como memória de libertação dos oprimidos.³⁴² As pesquisas bíblicas subsidiavam suas principais teorias que identificavam Israel antigo como uma sociedade de camponeses que emergiu como substrato da organização e resistência rural, e não de origem nômade.³⁴³ Os estudos bíblicos da época deram-lhe material necessário para compreender Israel como uma sociedade igualitária, de modo que cada camponês tinha propriedades e nelas produziam para sua subsistência, como um direito inalienável.³⁴⁴ A religião, nesse caso o javismo, estaria atrelada às tentativas de constituir um sistema social igualitário, em oposição à cidade, porque se articulava na perspectiva dos dominados e não dos dominadores.³⁴⁵

A memória do êxodo pode tipificar toda espécie de libertação dos diferentes tipos de dominação no contexto mais amplo da Teologia da Libertação, mas, na literatura de Milton Schwantes, ela sinaliza especialmente para as lutas populares e sociais que intencionavam uma

³³⁷ SCHWANTES, Milton. Trabalhador e trabalho: alguns dados escriturísticos. *Revista Grande Sinal*, Petrópolis, v. 45, n. 1, p. 100-103, 1991b. p. 101-103.

³³⁸ GOTTWALD, 1986, p. 174-175.

³³⁹ SCHWANTES, Milton. Do jeito da traça: Oséias 5,8-7,16. *Revista Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 87, p. 25-30, 1995b. p. 28-29.

³⁴⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 89-90.

³⁴¹ SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origens*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 19-23.

³⁴² SCHWANTES, 1988d, p. 9-18.

³⁴³ SCHWANTES, 2008, p. 33.

³⁴⁴ SCHWANTES, 2013, p. 296-333.

³⁴⁵ GOTTWALD, 1986, p. 176.

existência econômica autônoma a partir da atuação das igrejas.³⁴⁶ As pesquisas bíblicas desenvolvidas nas décadas de 1970 e 1980 deram contornos significativos às propostas eclesiológicas e hermenêuticas desse autor, sobrelevando o papel da igreja como alternativa e/ou resposta às condições sociais e econômicas do povo latino-americano,³⁴⁷ mesmo que, em geral, elas fizessem parte do problema, e a Bíblia como literatura permeada pela memória dos pobres e instrumento para sua libertação.³⁴⁸ Nesta época, Milton Schwantes criticou ferrenhamente o capitalismo em sua versão latino-americana,³⁴⁹ defendendo a inserção das igrejas nas periferias e nos movimentos sociais, como também postulou a instrumentalização do texto bíblico para inspirar a organização e as lutas populares contra os regimes dominadores da sociedade.³⁵⁰

A ideia de que nunca houve a intenção de captar e transformar as igrejas para uma atuação exclusivamente a partir delas é aceitável. Entretanto, quando me deparo com a literatura de Milton Schwantes tenho a clara percepção de que ele não se conformava com o fato de as igrejas permanecerem neutras ou serem parte dos problemas que marcaram a América Latina. Por isso, prefiro insistir no argumento de que ele idealizou um modelo de igreja capaz de suportar as contribuições da exegese especializada e reunir e organizar o povo para fortalecer sua luta e resistência. Uma igreja como resposta e não como problema: “desse ensaio também participamos, na procura pela tarefa da igreja. A igreja profética é um ensaio urgente e necessário em nossa situação.”³⁵¹

Igreja, na literatura de Milton Schwantes, não representa uma instituição isolada da sociedade, mas sua intervenção deve ocorrer na história a partir de sua inserção e envolvimento com os setores sociais e populares.³⁵² Novamente, igreja é movimento social e político. É, simultaneamente, um corpo social vivo e uma comunidade de fé pautada no apoio recíproco, que atua preferencialmente nas lutas populares e sociais em defesa das pessoas em situação de pobreza. É ecumênica – no sentido já aludido na seção anterior –, com base na premissa de que a Bíblia não pertence a uma denominação específica, mas é de todas as pessoas que nela procuram orientação, sobretudo política, em prol da transformação social.³⁵³ Igreja, nesse sentido, é um espaço democrático para uma leitura bíblica engajada e consequente

³⁴⁶ SCHWANTES, Milton. “Cantai um canto novo!” – Liturgias se aproximam. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 35, p. 49-53, 1992c. p. 51.

³⁴⁷ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

³⁴⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 36-37.

³⁴⁹ CRUZ, 2021, p. 19.

³⁵⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

³⁵¹ SCHWANTES, 1978, p. 117-118.

³⁵² SCHWANTES, 1987a, p. 46.

³⁵³ SCHWANTES, 1993a, p. 32-33. Veja ainda: SCHWANTES, 1994b, p. 6-7.

popularização da Bíblia para um público mais amplo. Na igreja, a atividade acadêmica deve brindar acordos com os trabalhos pastorais e comunitários.³⁵⁴

A Bíblia está no amago da concepção de igreja defendida por Milton Schwantes. A igreja é uma instituição organizada para difundir as perspectivas da profecia bíblica e da memória do êxodo libertador, a partir da leitura popular da Bíblia. Milton Schwantes defendia a necessidade de inculturação da perspectiva profética – sobretudo, nas dimensões da denúncia e do anúncio – e da memória do êxodo e sua posterior adaptação ao contexto latino-americano, de modo que a mensagem bíblica se tornasse politicamente relevante e transformadora para o povo.³⁵⁵

Por último, a igreja é um campo fértil para atuação orgânica de teólogas e teólogos – esse aspecto será retomado na próxima seção. Essa seria uma estratégia para colocar a igreja a serviço dos pobres e de suas necessidades, porém, a partir da subserviência da exegese à pastoral. A atuação profissional de teólogas e teólogos garantiria o rigor acadêmico no processo de confluência das pesquisas bíblicas à pastoral, isto é, o empreendimento de uma exegese bíblica sensível às lutas populares, porém, num processo dialético de aprendizagem, pressupondo insumos para o desenvolvimento de uma teologia *autóctone* a partir das experiências com a leitura popular da Bíblia.³⁵⁶ Como já refletido, o elemento unificador de uma igreja profética de rosto popular é o sofrimento dos pobres, que evoca a presença das igrejas nas periferias, ressignifica suas liturgias a partir de situações concretas e realiza isso a partir da leitura e interpretação da Bíblia. Entretanto, *extra ecclesiam nulla salus*, com seus devidos deslocamentos, se isso for compreendido como um distanciamento eclesial dos movimentos sociais e populares.³⁵⁷

Como já dito, uma parcela significativa das teorias que sustentaram a perspectiva eclesiológica de Milton Schwantes ruiu diante das contribuições da Arqueologia e das novas abordagens das pesquisas bíblicas recentes.³⁵⁸ Na atualidade, os limites da exegese especializada, pautados nos pressupostos dos métodos histórico-críticos para o estudo da Bíblia – metodologia basilar da hermenêutica bíblica desse autor –, estão sendo revisitados com críticas sobre sua ênfase exacerbada na reconstrução dos aspectos históricos camuflados no texto bíblico e sua rejeição à história dos efeitos do texto sobre a subjetividade dos/as

³⁵⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

³⁵⁵ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

³⁵⁶ SCHWANTES, 1998a, p. 9-10.

³⁵⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

³⁵⁸ FILKELSTEIN; SILBERMAN, 2018, p. 333-339.

leitores/as.³⁵⁹ O estudo contemporâneo da Bíblia não rejeita as contribuições dos métodos histórico-críticos, mas propõe deslocamentos e atualizações em sua ênfase na história factual, na leitura demitizadora e no uso indiscriminado da noção de comunidade, rumo aos elementos da história cultural, do universo dos estudos de linguagem e da cultura popular do mundo bíblico.³⁶⁰

A questão dos limites da exegese histórico crítica, em certo sentido, não parece se configurar como um problema grave para a proposta hermenêutica de Milton Schwantes, pois, no campo da leitura popular da Bíblia, ele entende que a utilização do método é apenas um primeiro passo e não a finalidade da exegese, a pastoral: “o método não fixa [...] o resultado. Porém [...], auxilia a descobrir”³⁶¹. Para o autor, os achados da exegese deveriam ganhar contornos políticos e pastorais: “exegese precisa ajudar a virar, a revirar as ordens estabelecidas, as que criam pobres [...]. Exegese que se repete se atola”³⁶², o que, para Horácio Simian-Yofre, representa uma não distinção entre exegese especializada e pastoral – equivalente às diferenciações entre pesquisa pura e aplicada.³⁶³ Milton Schwantes estaria mais inclinado à pesquisa aplicada, ao propor a resolução de problemas concretos. Isso não seria exegese pura, considerando os pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos pela escola alemã, na qual ele cursou seu doutorado. A exegese acadêmica é sempre repetitiva, da ordem da pesquisa pura, porque levanta questões a partir das dinâmicas internas de um sistema científico.³⁶⁴

No que diz respeito aos métodos históricos-críticos, as propostas eclesiológicas de Milton Schwantes parecem perder espaço na contemporaneidade, pois, no lugar de sua ênfase nas abordagens historiográficas em chave marxista,³⁶⁵ em que os fatores econômicos e políticos das perícopes são essenciais, as pesquisas bíblicas atuais exploram mais as estruturas simbólicas e narrativas dos mitos, o horizonte dos/as leitores/as e os processos de interação e de trocas socioculturais.³⁶⁶ Entretanto, a leitura popular da Bíblia – tão cara e enfatizada na literatura de Milton Schwantes – não foi pulverizada das pesquisas recentes. Na verdade, ela ganhou novos

³⁵⁹ FILHO, José A. Estética da recepção e métodos histórico-críticos: o texto da perspectiva do leitor. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 311-324, 2019. p. 311.

³⁶⁰ NOGUEIRA, Paulo. Os métodos histórico-críticos: pressupostos e pautas para renovação. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 296-310, 2019. p. 296.

³⁶¹ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

³⁶² SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997. p. 44.

³⁶³ SIMIAN-YOFRE, Horacio. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 13-18.

³⁶⁴ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

³⁶⁵ A despeito da preferência pelos métodos histórico-críticos na América Latina, é possível localizar uma metodologia exegética fundamentada na abordagem greimasiana: ZABATIERO, Júlio. *Manual e exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 1-30.

³⁶⁶ NOGUEIRA, 2019, p. 297-299.

contornos a partir do estabelecimento de diálogos com outros paradigmas, por exemplo, ecológico e decolonial.³⁶⁷

Por isso, cabe levantar uma questão pertinente: no seio das pesquisas bíblicas contemporâneas, haveria um lugar para as propostas eclesiológicas de Milton Schwantes? Sim, haveria, por dois motivos. O primeiro é que os métodos histórico-críticos ainda não caíram em desuso no âmbito da pesquisa bíblica latino-americana e internacional. O mais completo manual brasileiro de exegese, por exemplo, escrito por Uwe Wegner, já está em sua oitava edição, mantendo os pressupostos clássicos dos métodos histórico-críticos.³⁶⁸ James Nogalski, exegeta norte-americano, ainda concentra seus estudos nos aspectos históricos e composicionais da Bíblia Hebraica, alegando que a exegese primária da literatura profética deveria ser mais literária, e não priorizar o caráter sociológico ou hermenêutico.³⁶⁹ O segundo motivo é que Milton Schwantes, enquanto teólogo, parte da utilização do método para, então, formular o núcleo de sua eclesiologia. Dito de outra maneira, ele recorre aos métodos histórico-críticos para teologizar: uma eclesiologia fundamentada em uma teologia política da Bíblia junto aos pobres.³⁷⁰

A maneira como os métodos histórico-críticos são utilizados atualmente não é homogênea. Ela não inclui claramente, mas também não exclui as contribuições de Milton Schwantes para o presente: ou ela é “puramente exegetica [ou] amplamente bíblico-teológico-pastoral”³⁷¹. Na América Latina, por exemplo, emergem novas propostas teológicas por vezes amparadas nesse conjunto de métodos, das quais pode-se mencionar: a teologia negra, ecológica, *queer*, decolonial, teologia feminista, entre outras. Embora o contexto político, econômico, social e eclesial latino-americano não seja o mesmo que nas décadas de 1970 e 1980, há uma realidade estrutural marcada pelo capitalismo dependente, pela colonialidade do conhecimento e do poder,³⁷² entre outros fatores, que carece de análises e propostas teológicas direcionadas às igrejas. Daí a importância de verificar o lugar da eclesiologia de Milton Schwantes na contemporaneidade, em especial a partir da sua perspectiva bíblico-teológico-pastoral.³⁷³

³⁶⁷ KONINGS, Johan. Hermenêutica bíblica da Teologia da Libertação. *Revista Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, p. 1-31, 2020. p. 21-22.

³⁶⁸ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 9.

³⁶⁹ NOGALSKI, James. *Interpreting prophetic literature: historical and exegetical tools for reading the prophets*. Louisville: Westminster John Knox, 2015. p. 7-26.

³⁷⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 43-56.

³⁷¹ CRUZ, 2021, p. 119.

³⁷² SANTOS, Boaventura S. *O fim do império cognitivo: a afirmação da epistemologia do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 9-13.

³⁷³ CRUZ, 2021, p. 113.

Nas pesquisas recentes, a teologia do Antigo Testamento empreendida por Walter Brueggmann ganhou relevância e notoriedade, e ela concede um lugar significativo para a eclesiologia de Milton Schwantes. A teologia veterotestamentária, para o exegeta e teólogo norte-americano, deve considerar quatro aspectos fundamentais: a função da crítica histórica na interpretação teológica; as bases da teologia sistemática na interpretação teológica; o caráter e as reivindicações judaicas da Bíblia; o contexto político e econômico da cultura ocidental.³⁷⁴ Para o autor, tal esforço não reduz a teologia do Antigo Testamento a uma simples tarefa eclesiástica, mas deve ser pensado como um contributo para o debate público acerca das questões que permeiam as lutas revolucionárias.³⁷⁵ Walter Brueggmann constrói sua teologia pensando nas articulações das igrejas. Para ele:

O Antigo Testamento [...] serve uma comunidade (ou comunidades) eclesiástica (s), porém, é algo mais que um documento eclesiástico [...], opera no mundo do poder e se refere ao surgimento e queda de impérios e à vida e morte de pessoas e comunidades [...]. Assim, no limite da teologia do Antigo Testamento, devemos perguntar sobre como esse estranho texto pode fazer diferença na ampla crise pública na qual estamos todos envolvidos, quer queiramos ou não [...]. Essa percepção crescente sugere que as questões da dimensão moral do poder e as questões concretas resultantes da vida pública nunca estão longe do horizonte de uma teologia do Antigo Testamento.³⁷⁶

À luz desse argumento, não seria inútil considerar uma fusão de horizontes entre as eclesiologias de Walter Brueggmann e Milton Schwantes.³⁷⁷ O primeiro propõe o resgate da memória da fé de Israel antigo para a articulação das igrejas contemporâneas, assumindo, assim, os mesmos contornos políticos e pastorais identificados na literatura do segundo. Walter Brueggmann situa o testemunho do povo de Israel sobre Yahweh – forjado no conflito com as superpotências da sociedade bíblica – na contemporaneidade, que, para ele, é polêmica e pluralista na mesma intensidade do mundo veterotestamentário.³⁷⁸

Milton Schwantes e Walter Brueggmann aliam-se em sua preferência pela leitura sociológica da Bíblia. Para ambos, as suposições sociológicas não são apenas marxistas, mas concordam que a maneira de interpretar e teologizar sobre a Bíblia Hebraica requer um

³⁷⁴ BRUEGGMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014. p. 158-172.

³⁷⁵ BRUEGGMANN, 2014, p. 172.

³⁷⁶ BRUEGGMANN, 2014, p. 172.

³⁷⁷ Não é verdade que inexistem distinções hermenêuticas entre Milton Schwantes e Walter Brueggmann. Elas não serão tratadas nesta pesquisa. Contudo, a título de exemplo, cabe mencionar que Milton Schwantes interpretou a ação de Yahweh quase que exclusivamente direcionada aos pobres do mundo bíblico: SCHWANTES, 1989a, p. 16-19. Walter Brueggmann interpretou Yahweh como uma divindade com ações multifacetadas, com uma dimensão do incerto, também marcada por cólera e ira, em suas relações com o povo israelita. Ou seja, não haveria tamanha exclusividade por parte de Yahweh para com o povo: BRUEGGMANN, 2014, p. 213-299.

³⁷⁸ BRUEGGMANN, 2014, p. 909-968.

discernimento dos conflitos de poder que perpassam o texto bíblico.³⁷⁹ A teologia do Antigo Testamento de Walter Brueggmann, em sua imaginação sociopolítica das igrejas cristãs, pavimenta caminhos para a eclesiologia de Milton Schwantes na atualidade, pois, para ele, as igrejas deveriam instrumentalizar os significados teológicos do testemunho bíblico de Israel e enunciar um contra discurso às narrativas dominantes no Ocidente como, por exemplo, o que ele denomina de *consumismo militar*, isto é: “uma interpretação do mundo na qual as pessoas são consideradas como as unidades primárias de sentido e referência e os indivíduos, em liberdade irrestrita, estão autorizados [...] a buscar bem-estar, segurança e felicidade como bem lhes convier”³⁸⁰.

Em sua motivação teológica, Walter Brueggmann tende a generalizar o fenômeno da profecia bíblica,³⁸¹ destacando o pioneirismo de Moisés – tratado por ele como um profeta – na tradição radical e revolucionária do movimento profético.³⁸² O interesse do autor pela profecia bíblica é eminentemente teológico com motivações políticas e sociais. Observe:

A profecia nasce exatamente naquele momento em que emerge uma realidade política social tão radical e tão inexplicável que sua causa só pode ser teológica. Uma causa teológica sem uma realidade político-social interessa somente aos estudiosos profissionais da religião e uma realidade político-social sem motivação teológica não atrai nossas atenções aqui. Mas passamos sobre uma e outra e somos levados a falar e admirarmo-nos da vocação profética.³⁸³

Os profetas, para o exegeta e teólogo norte-americano, sem diferir do horizonte hermenêutico de Milton Schwantes, “foram capazes de pronunciar algo além do lugar-comum de seus contemporâneos e convidar seus ouvintes a sair dos lugares-comuns dominantes para imaginar um cenário alternativo de suas vidas com Javé”³⁸⁴. Milton Schwantes e Walter Brueggmann interpretam a Bíblia para alcançar um objetivo comum: acessar as pesquisas bíblicas com motivações políticas para, então, criativa e teologicamente, traduzir seus resultados em práticas pastorais para as igrejas:

Por isso, temos que colocar toda a força nisso: na leitura do texto bíblico. E aí na medida da necessidade, de acordo com o interesse vai se incorporando à leitura informações históricas que poderão ajudar a que não se calque no fundamentalismo. Mas também, tem que se evitar outro tipo de ‘fundamentalismo’, o de simplesmente crer nas informações da ciência, porque esta é provisória, seus resultados nunca são definitivos, estando sempre abertos para novos conhecimentos. Por isso, não se trata

³⁷⁹ BRUEGGMANN, 2014, p. 86-92. Veja também: SCHWANTES, 1982b, p. 145.

³⁸⁰ BRUEGGMANN, 2014, p. 926.

³⁸¹ O autor não faz a comum distinção das características dos profetas bíblicos, desconsiderando, por exemplo, o êxtase cananeu e as pesquisas sobre a instituição das funções proféticas: corte, culto, entre outras. Para mais detalhes, consulte: BRUEGGMANN, Walter. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 14-16.

³⁸² BRUEGGMANN, 1983, p. 14-16.

³⁸³ BRUEGGMANN, 1983, p. 16.

³⁸⁴ BRUEGGMANN, 2014, p. 811.

de substituir o texto por dados da investigação histórica, mas sim de ir iluminando a leitura comunitária e popular do texto bíblico, dessa memória profética e transformadora, com descobertas da ciência histórica, na medida do interesse e das possibilidades da comunidade.³⁸⁵

No atual debate em torno das ciências bíblicas, Walter Brueggmann recupera a memória do êxodo como o testemunho mais implacável de Israel evocado pelo povo em circunstâncias políticas, sociais e econômicas concretas e complexas. Para ele, o evento do êxodo é uma constatação de que Yahweh “é um oponente incansável da opressão humana, mesmo quando a opressão é empreendida e patrocinada pelo que parece ser poderes legítimos”³⁸⁶, em plena harmonia com os pressupostos defendidos por Milton Schwantes no passado.³⁸⁷

A teologia do Antigo Testamento desenvolvida por Walter Brueggmann sobre os testemunhos de Israel sobre Yahweh emerge como possibilidade de renovação e aplicação da eclesiologia de Milton Schwantes. O exegeta e teólogo norte-americano descreve o perfil de uma *comunidade eclesial hermenêutica*, que, com intencionalidade, “aproxima o texto e seu testemunho de sua própria vida, [mas] também movimenta sua própria vida sob as garantias e exigências de um texto que continua em sua alteridade estranha, inescrutável e inegociável”³⁸⁸. Para o autor, uma:

Teologia responsável do Antigo Testamento em uma comunidade eclesial hermenêutica é uma interpretação feita em uma linguagem que seja congruente com o contexto de vida da comunidade, mas que seja derivada, baseada e autorizada pela linguagem do testemunho do texto.³⁸⁹

A ideia de uma comunidade eclesial hermenêutica em Walter Brueggmann, além de ampliar os horizontes de possibilidades de renovação da eclesiologia de Milton Schwantes, concede-lhe um lugar nas pesquisas bíblicas contemporâneas. A proposta de uma igreja profética de rosto popular escapa dos contornos tradicionais racionalistas e se articula com a realidade contemporânea. Não seria inútil considerar que a eclesiologia de Milton Schwantes, *mutatis mutandis*, pode prestar um grande serviço às igrejas e ao campo das Ciências das Religiões Aplicadas no presente. Ele levou a sério os pressupostos da exegese clássica, mas a colocou a serviço das questões políticas, sociais, econômicas, culturais e eclesiais de seu tempo, indicando um caminho inovador aparentemente seguido por Walter Brueggmann.³⁹⁰ Milton

³⁸⁵ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

³⁸⁶ BRUEGGMANN, 2014, p. 259.

³⁸⁷ SCHWANTES, 1988d, p. 9-18.

³⁸⁸ BRUEGGMANN, 2014, p. 962.

³⁸⁹ BRUEGGMANN, 2014, p. 962.

³⁹⁰ SCHWANTES, 1992a, p. 7. Veja também: BRUEGGMANN, 2014, p. 962.

Schwantes pode ter intuído ainda uma atuação orgânica a partir da igreja, mas esse será o assunto da próxima seção.

1.4 A atuação orgânica a partir da igreja segundo a literatura de Milton Schwantes

O objetivo desta seção consiste em apresentar Milton Schwantes como um intelectual orgânico e suas pretensões de formar uma corrente orgânica de teólogas e teólogos profissionais – sobretudo pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico –, para atuarem no contexto de uma igreja profética de rosto popular. Na esteira dessa reflexão, o conceito de *intelectual orgânico*, segundo Antonio Gramsci, situa a eclesiologia de Milton Schwantes em um processo de integração orgânica junto ao povo para forjar uma nova consciência política e, com isso, impulsionar a organização e as lutas populares a partir da igreja e de uma leitura bíblica engajada.

Milton Schwantes atuou como pastor luterano, professor universitário de Teologia e Ciências das Religiões e, em certo sentido, como um educador, organizador popular e dirigente político – mormente no contexto das CEBs, através da leitura popular da Bíblia –, numa relação profunda com os setores urbanos e agrários dos movimentos sociais brasileiros de sua época.³⁹¹ Por não desvincular-se de suas atividades intelectuais em suas atuações, que claramente intencionavam uma práxis social, ele pode ser considerado um intelectual orgânico segundo a ótica gramsciana. A ênfase na historicidade, o interesse e o papel político, o significado de sua organicidade e o vínculo com as classes subalternas o caracterizam como um intelectual orgânico, que procurou contribuir para a “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político [tais como] ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz”³⁹².

Na teoria de Antonio Gramsci, os intelectuais orgânicos e as classes sociais elementares da sociedade burguesa moderna estão numa relação intercambiável, de maneira que os intelectuais orgânicos emergem como propagadores de visões de mundo e representantes legitimadores dos interesses de seu grupo social. Eles permanecem unidos à sua classe social e, ao mesmo tempo, são seus porta-vozes no espaço público com o objetivo de organizar e desenvolver uma consciência crítica acerca das funções que as pessoas exercem nos diferentes

³⁹¹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 126.

³⁹² GRAMSCI, 1982, p. 36.

extratos da sociedade. Os intelectuais orgânicos são, nesse sentido, agentes organizadores da sociedade cujo interesse pauta-se na contestação dos meios de produção estabelecidos.³⁹³

Na estrutura de classes da sociedade, entre as décadas de 1970 a 1980, segundo as contribuições de Otto Maduro, Milton Schwantes estaria objetivamente situado em uma posição específica que o ajudou a modelar ações e propostas eclesiais na ótica do conflito.³⁹⁴ Sua origem campesina, o fato de ser descendente de agricultores e residir em uma colônia de pequenos agricultores evangélicos,³⁹⁵ na análise de Otto Maduro, são exemplos de fatores que teriam forjado nele uma percepção da realidade distinta em relação à outras pesquisadoras e pesquisadores daquela época, porém, correspondente à sua condição social.³⁹⁶ Nessa perspectiva, a mundividência campesina e os interesses políticos de Milton Schwantes podem ser entendidos como aspectos que influenciaram não apenas seu horizonte hermenêutico e eclesiológico, mas, também, a forma como ele interpretou a realidade que marcava a América Latina, em seu tempo, e sua atuação orgânica nos movimentos sociais e populares brasileiros.³⁹⁷

A partir da década de 1980, Milton Schwantes envolveu-se diretamente com a organização camponesa, quando os níveis de concentração fundiária, mecanização das lavouras e o consequente desemprego rural marcaram o cenário brasileiro – como já mencionado na primeira seção.³⁹⁸ Ele se manteve unido aos interesses de sua classe social – sobretudo nas discussões sobre a reforma agrária – na tentativa de, através da leitura popular da Bíblia, despertar nas pessoas uma consciência política e em contestação ao capitalismo em sua versão latino-americana.³⁹⁹ Como intelectual orgânico:

Milton Schwantes esteve envolvido com os movimentos rurais sociais e populares brasileiros no processo de organização na luta pela terra contra os latifundiários e os grileiros. Estes movimentos estariam associados ao processo de organização do [...] MST [...] esteve ligado à [...] CPT, às [...] CEBs e contribuiu na formação política dos primeiros trabalhadores rurais, através da publicação de textos para os principais periódicos do [...] CEBI.⁴⁰⁰

Além dos espaços das CEBs, do MST, da CPT e do CEBI, Milton Schwantes vislumbrou na Central Única de Trabalhadores (CUT), na Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais (ANAMPOS), no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e no Partido dos Trabalhadores (PT) e outras instituições ecumênicas daquela época

³⁹³ GRAMSCI, 1982, p. 3-4.

³⁹⁴ MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 97-100.

³⁹⁵ SCHWANTES, 2006, p. 53.

³⁹⁶ MADURO, 1981, p. 99-100.

³⁹⁷ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 128.

³⁹⁸ SKIDMORE, 1988, p. 29-33.

³⁹⁹ SCHWANTES, 1985a, p. 34.

⁴⁰⁰ CRUZ, 2021, p. 32.

possibilidades de exercer o papel profético da igreja: interagir a agenda eclesial com a do mundo,⁴⁰¹ que pode ser entendido como uma atuação orgânica, nos termos da teoria gramsciana.⁴⁰²

A formação de um novo bloco histórico,⁴⁰³ em Antonio Gramsci, é outro aspecto alinhavado aos interesses políticos de Milton Schwantes que o localizam como um intelectual orgânico. A base do novo bloco histórico pressupõe uma aliança entre o proletariado e a classe camponesa, engendrando novas superestruturas correspondentes ao socialismo, o que resultaria na eliminação dos intelectuais orgânicos das classes hegemônicas do sistema capitalista e na substituição destes pelos intelectuais orgânicos do proletariado. Para Antonio Gramsci:

Todo novo organismo histórico (tipo de sociedade) cria uma nova supraestrutura, cujos representantes especializados e porta-vozes (os intelectuais) só podem ser concebidos como ‘novos’ intelectuais, surgidos da nova situação, e não a intelectualidade precedente.⁴⁰⁴

Na literatura de Milton Schwantes, camponeses e trabalhadores rurais emergem como categorias intercambiáveis com um duplo significado: *social* e *teológico*. Para ele, os camponeses do mundo bíblico exerciam funções essenciais à vida, a saber: plantar e colher, contudo, apesar de sua indispensabilidade à sociedade israelita, não tinham representatividade e nem força política e, por isso, eram sempre explorados pelo Estado e suas instituições. Porém, na interpretação bíblica do autor, os camponeses latino-americanos foram designados como sujeitos remanejados, sem outra alternativa, do campo para a cidade, e, conseqüentemente, relegados à corveia – camponeses transformados em operários e trabalhadores rurais.⁴⁰⁵ Mas, em sua organização, eles teriam uma chance e um potencial peculiar de localizar no texto bíblico conflitos análogos à sua realidade e, através disso, impulsionar a luta pela libertação na América Latina, uma clara tentativa de ascensão do campesinato ao *status* de classe revolucionária,⁴⁰⁶ o que supera a teoria clássica marxista e, com efeito, a visão de Antonio Gramsci, que consideram mormente a hegemonia do proletariado na formação do novo bloco histórico.⁴⁰⁷

⁴⁰¹ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

⁴⁰² GRAMSCI, 1982, p. 36.

⁴⁰³ Para Antonio Gramsci, o bloco histórico é uma unidade orgânica no limiar da infra-estrutura e superestruturas que pressupõe a articulação dos intelectuais orgânicos. Saiba mais em: GRAMSCI, 1982, p. 36.

⁴⁰⁴ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 177.

⁴⁰⁵ SCHWANTES, 1988d, p. 17.

⁴⁰⁶ SCHWANTES, 1988b, p. 89.

⁴⁰⁷ MARX; ENGELS, 1998, p. 29. Veja ainda: GRAMSCI, 1991, p. 177.

O papel político dos intelectuais orgânicos, na teoria gramsciana, é sempre estratégico: conferir “homogeneidade e consciência da própria função”⁴⁰⁸ à sua classe – na esfera econômica, política e social; estimular o consenso das classes subalternas no contraponto das classes dominantes, assegurando, com isso, sua hegemonia.⁴⁰⁹ Segundo Luciano Gruppi, a relevância dos intelectuais orgânicos no pensamento gramsciano é compreendida pela função que desempenham na construção da hegemonia da classe dominante.⁴¹⁰ No campo das superestruturas, a função que os caracteriza é a organização da cultura, isto é, eles são agentes construtores de uma consciência peculiar e da hegemonia da classe social que representam.⁴¹¹

O *modus operandi* dos intelectuais orgânicos sinaliza para uma atuação ativa e efetiva na história, superando o “discurso abstrato, elevando-se da ‘técnica-trabalho’ à ‘técnica-ciência’, atingindo uma ‘concepção humanista histórica, sem a qual se permanece ‘especialista’ e não se chega a ‘dirigente’ (especialista mais político)’”⁴¹². Em sua forma mais plena, seu papel seria o de organizador, educador e dirigente político. Antonio Gramsci acredita na possibilidade de os intelectuais das classes subalternas atuarem nos aparelhos hegemônicos da classe dominante, uma vez que eles emergem das contradições existentes nas relações sociais expressas no antagonismo que marca os interesses das classes elementares. Os aparelhos de hegemonia – constituintes das superestruturas – são os meios pelos quais os intelectuais orgânicos estabelecem relações com o mundo da produção, o que caracteriza uma relação mediatizada.⁴¹³

Diante dos argumentos até aqui levantados, não seria inútil considerar Milton Schwantes como intelectual orgânico, nos limites das contribuições de Antonio Gramsci. Sua literatura claramente manifesta uma proposta de emancipação da classe camponesa enquanto categoria revolucionária.⁴¹⁴ Não somente nesse aspecto, mas, suas obras literárias dirigem-se também aos setores urbanos dos movimentos sociais do Brasil. Como já dito, isso demonstra certa rejeição dos pressupostos da teoria clássica marxista que situa somente os operários urbanos como classe revolucionária em oposição ao sistema capitalista.⁴¹⁵ Todavia, cabe mencionar que Milton Schwantes bebeu dessa mesma teoria para fundamentar suas críticas ao capitalismo latino-

⁴⁰⁸ GRAMSCI, 1982, p. 36.

⁴⁰⁹ GRAMSCI, 1982, p. 36.

⁴¹⁰ GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 68.

⁴¹¹ SILVA, José S. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. *Revista Plurais*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 84-105, 2011. p. 100.

⁴¹² GRAMSCI, 1982, p. 8.

⁴¹³ GRAMSCI, 1982, p. 10-11.

⁴¹⁴ SCHWANTES, 1985a, p. 23.

⁴¹⁵ MARX; ENGELS, 1998, p. 10.

americano.⁴¹⁶ Além disso, com base nas concepções de Otto Maduro, a mundividência camponesa ao lado da realidade dos trabalhadores rurais e operários urbanos, nas décadas de 1970 e 1980, coloriram não apenas o horizonte hermenêutico bíblico de Milton Schwantes, mas, também, a maneira como ele interpretou os dilemas sociais daquele período, para, então, formular suas propostas eclesiológicas.⁴¹⁷

Para Antonio Gramsci, um dos campos de atuação dos intelectuais orgânicos, sobretudo para fundamentar e disseminar a ideologia dominante, é a igreja. Para ele, a submissão do cristianismo primitivo ao Império Romano teria desfavorecido sua sobrevivência, mas não impediu sua emersão como uma força pujante de resistência dos povos e das classes subalternas subjugadas por Roma.⁴¹⁸ Como já mencionado, igreja e movimento social são categorias não muito bem distinguidas na literatura de Milton Schwantes, porque, para ele, as experiências com a leitura popular da Bíblia promovidas pelas CEBs e a liturgia da igreja deveriam confluir na organização popular, no intuito de promover um espaço democrático em conjunturas marcadas pelo autoritarismo e pela opressão. Com efeito, a igreja deveria combater a subalternidade e oferecer um espaço *ad hoc*.⁴¹⁹

Para Antonio Gramsci, a ICAR foi uma possível barreira ou facilitadora no processo de transformação social na Itália. Ele explica que:

Toda religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer ‘superficialmente’ unitária, a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo.⁴²⁰

Esse argumento, talvez, justifique a insistência de Antonio Gramsci por uma reforma moral e intelectual que, para ele, era indispensável ao sucesso da revolução mundial e à transformação da mentalidade ocidental constituída, em sentido amplo, pelos critérios, convicções, normas e crenças ancoradas mormente em concepções e mundividências cristãs. Para o autor, não existia somente um catolicismo, mas vários e marcadamente desconexos.⁴²¹

De qualquer modo, na mesma intensidade que Milton Schwantes, Antonio Gramsci considera a igreja – além dos sindicatos, das escolas, da família, dos clubes e de outras

⁴¹⁶ SCHWANTES, 1985a, p. 23.

⁴¹⁷ MADURO, 1981, p. 97-100.

⁴¹⁸ GRAMSCI, 1991, p. 140.

⁴¹⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 48. Confira também: CRUZ; ULRICH, 2023, p. 127.

⁴²⁰ GRAMSCI, 1991, p. 144.

⁴²¹ GRAMSCI, 1991, p. 144.

instituições – como um espaço de atuação dos intelectuais orgânicos.⁴²² A igreja compõe o conjunto dos *aparelhos de hegemonia* na teoria gramsciana e, por isso, Christinne Buci-Glucksmann alega que a inserção dos intelectuais orgânicos nas instituições é o melhor caminho para empreender análises sobre os diferentes tipos de aparelhos em que eles atuam, evitando, assim, o risco de cair no institucionalismo weberiano que encara os aparelhos a partir da “primazia sobre a luta de classes”⁴²³.

Como intelectual orgânico, Milton Schwantes envolveu-se com o trabalho desenvolvido na base da ICAR no Brasil. Ele foi um pastor luterano, ao lado de outras lideranças da IECLB,⁴²⁴ que interagiu com movimentos leigos, agentes pastorais e bispos progressistas que, de acordo com Scott Mainwaring, promoveram grandes inovações pastorais no processo de transformação da ICAR brasileira, em especial após o *coup d'état*, de 1964.⁴²⁵ O catolicismo no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1980, mostrou-se desconexo e contraditório em relação às prioridades da ICAR, o que dependia dos representantes que ocupavam as cúpulas da igreja, isto é, se eram bispos conservadores ou progressistas que estavam no comando. A Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), por exemplo, inicialmente, apoiou a ditadura militar e, mais tarde, opôs-se a ela.⁴²⁶

Resta argumentar que o trabalho realizado nas bases da ICAR no Brasil favoreceu a atuação de Milton Schwantes como intelectual orgânico. Barreira, *a priori*, quando manifestou seu apoio à ditadura militar, porém, *a posteriori*, ela emergiu como uma possível facilitadora do processo de transformação latino-americano. Segundo Scott Mainwaring, a ICAR tornou-se “a mais importante força de oposição durante grande parte dos anos 70. Era a única instituição que podia criticar o modelo econômico e a repressão, defender os direitos humanos e organizar as classes populares”⁴²⁷. A ICAR, sobretudo através das CEBs, criou espaços para encontros populares que, para Milton Schwantes, fizeram com que a Bíblia fosse “experimentada como articuladora e amplificação da denúncia profética”⁴²⁸.

O papel da igreja, no *corpus* literário de Milton Schwantes, consiste na facilitação do “acesso ao texto sagrado ao maior número de pessoas [...] ir às raízes do testemunho escriturístico [...] entender a escritura a partir do seu eixo”⁴²⁹, o que requer a mediação de

⁴²² GRAMSCI, 1991, p. 144.

⁴²³ BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 51.

⁴²⁴ Por exemplo, Leonildo Gaede, Roberto Zwesht, Silvio Menke, Carlos Arthur Dreher e Gunter Wolff. Saiba mais em: PY; PEDLOWSKI, 2018, p. 241.

⁴²⁵ MAINWARING, 1989, p. 101-127.

⁴²⁶ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 129.

⁴²⁷ MAINWARING, 1989, p. 125.

⁴²⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁴²⁹ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

intelectuais orgânicos *ad hoc*. Para ele, as diferenças litúrgicas entre as igrejas as tornam desconexas e contraditórias, mas o clamor dos pobres organizados é o elemento aglutinador capaz de reorientar as ações da igreja e colocar as liturgias em segundo plano. Dito nas palavras do autor:

Estes pobres estão organizados [...] nas favelas, nas tomadas de terras, nas lutas sindicais a capacidade organizativa toma corpo [...]. Amplia-se a rede das pequenas articulações, daqueles que nem aparecem e nem chamam a atenção. Pessoas que vivem do lixo ensaiam novas maneiras de convívio. Mulheres esmagadas por capital e machismo se fazem solidárias. Associações surgem nas vilas, de maneira discreta [...]. A liturgia, cada vez mais, precisa corresponder a um povo pobre que se organiza.⁴³⁰

O clamor dos pobres organizados, na análise de Milton Schwantes, reorienta a atuação da igreja e a torna o *locus* privilegiado para a transformação social. Igreja, nesse sentido, é um campo propício para atuação de intelectuais orgânicos, que têm a função de intensificar sua presença nas periferias e construir uma “plataforma ideológica em oposição à hegemonia do Estado”⁴³¹, mormente quando se configura em um regime totalitário e excludente.

Como professor de Teologia e Ciências das Religiões, Milton Schwantes demonstrou um claro interesse pela formação de uma corrente orgânica de teólogas e teólogos – sobretudo especialistas em exegese bíblica – para atuarem no contexto de uma igreja profética de rosto popular.⁴³² A atividade desses profissionais estaria fundamentada nos principais postulados defendidos pelo autor em torno da leitura popular da Bíblia e de sua eclesiologia: profecia como fio condutor da interpretação bíblica, memória do êxodo como paradigma, subserviência da exegese à pastoral e a consequente inserção da igreja nas camadas periféricas e populares. Trata-se, nesse sentido, de uma escola de pensamento constituída por teólogas e teólogos vinculados à organização e aos movimentos sociais e populares latino-americanos, o que sugere uma perfeita sutura entre os intelectuais e o povo reunido nas CEBs.⁴³³

Para Milton Schwantes, a leitura popular da Bíblia nas CEBs e a pastoral inserida nos movimentos sociais e populares eram instâncias geradoras de experiências e conhecimentos eivados pelo senso crítico e político indispensáveis à atuação orgânica das teólogas e teólogos. Ele acreditava que essas experiências e conhecimentos poderiam impactar profundamente “quem vem da academia pura”⁴³⁴, com um potencial provocativo a qualquer intelectual para

⁴³⁰ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

⁴³¹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 131.

⁴³² CRUZ, 2021, p. 100-111. Veja ainda: CRUZ; ULRICH, 2023, p. 131-136.

⁴³³ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁴³⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

inserir a Bíblia em suas práticas cotidianas.⁴³⁵ Nessa corrente de pensamento, teólogas e teólogos orgânicos são desafiados a superarem os modelos tradicionais de universidades e igrejas, “símbolo ridicularizado da cisão existente entre a reflexão bíblico-teológico-pastoral ou entre [...] teólogos e o povo”⁴³⁶, para tornarem-se aprendizes e subservientes à organização popular e à pastoral. Dito de outra forma, deveriam romper com a abstração teórica e assumir a práxis como uma função social orgânica de utilidade pública,⁴³⁷ a partir de uma igreja profética de rosto popular.

Milton Schwantes acreditava que as contribuições das ciências bíblicas poderiam florescer e consolidar os campos da Teologia e das Ciências das Religiões na América Latina. Por isso, a formação e a atuação de teólogas e teólogos organicamente vinculados aos movimentos sociais e populares, a partir da igreja profética de rosto popular, era tão necessária para promover uma leitura popular da Bíblia engajada capaz de elevar o povo a uma consciência criativa e emancipada. O caminho para tal empreendimento pressupunha a formação de “uma escola de biblistas orgânicos, cujo estatuto epistemológico consistia na aproximação entre o conhecimento científico e o saber popular”⁴³⁸.

Colegas de profissão e estudantes orientados por Milton Schwantes, em sua jornada acadêmica nos cursos de Teologia e Ciências das Religiões, ofereceram relatos que constatarem o interesse do autor pela formação de uma corrente de pensamento constituída por teólogas e teólogos orgânicos.⁴³⁹ Mercedes Lopes foi orientanda de Milton Schwantes no mestrado e doutorado em Ciências da Religião, e ela atuou junto ao CEBI utilizando a metodologia dele nos círculos bíblicos. Sobre seu professor, ela afirmou o seguinte:

Milton contribuiu muito para um diálogo entre a academia e a educação popular. Ele ocupou estes dois espaços com uma grande competência e dedicação. Ele abriu espaços para biblistas brasileiros na academia e contribuiu na formação bíblica continuada nos espaços populares. Atualizava continuamente suas pesquisas e compartilhava com simplicidade e entusiasmo. Estimulava leituras e pesquisas. Gostava que suas orientandas/os usassem de criatividade na elaboração de seus trabalhos. Valorizava uma boa redação! Dava sugestões para ampliar a pesquisa, chegando a ir até à biblioteca para mostrar novas possibilidades.⁴⁴⁰

⁴³⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁴³⁶ CRUZ, 2021, p. 108.

⁴³⁷ GRAMSCI, 1982, p. 8-159.

⁴³⁸ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 134.

⁴³⁹ As entrevistas foram concedidas no contexto de elaboração da dissertação de Mestrado do autor desta pesquisa, que versou sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. Para mais informações, leia: CRUZ, 2021, p. 100-111.

⁴⁴⁰ LOPES, Mercedes. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 21 set. 2020. 1 e-mail.

Na entrevista, Mercedes Lopes ressaltou o interesse de Milton Schwantes pela formação de pesquisadores e pesquisadoras da Bíblia, com uma aproximação entre ciência e sabedoria popular e como alternativa para superação dos fundamentalismos nos discursos religiosos, o que, para ela, torna sua metodologia e eclesiologia relevantes para a contemporaneidade – no quarto capítulo, esse tipo de fundamentalismo será refletido como um desafio no século XXI.⁴⁴¹

Para Valmor da Silva, “a grande contribuição [de Milton Schwantes] é a harmonização entre a exegese acadêmica e a pastoral popular”⁴⁴². Ele entende que essa capacidade idiossincrática de confluir conhecimento científico com o saber popular “teve desdobramentos nas pessoas que ele formou, e que passaram a atuar em seminários e em faculdades. Essa herança marca a formação e os escritos de novos biblistas”⁴⁴³. Segundo Ivoni Reimer, em suas aulas, Milton Schwantes não diferenciava exegese acadêmica e popular, de modo que ele sempre fez “exegese e sua hermenêutica sempre foi libertadora; sua leitura e hermenêutica são críticas a qualquer relação de dominação [...]. O que ele trabalhava [...] nos estudos [...] trabalhava também nas comunidades e movimentos, utilizando [...] linguagem adequada”⁴⁴⁴.

São claros os esforços de Milton Schwantes para formar teólogas e teólogos orgânicos para estabelecerem diálogos entre a leitura popular da Bíblia e a exegese especializada. Ele acreditava que o estabelecimento de uma rede latino-americana, constituída por pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia e por algumas instituições acadêmicas, poderia impulsionar as pesquisas bíblicas no continente e, com isso, produzir um conhecimento bíblico *autóctone*, cada vez menos dependente das produções literárias do norte global.⁴⁴⁵

Milton Schwantes foi um grande formador e apoiador de redes ecumênicas para leitura popular da Bíblia na América Latina e no Caribe. RIBLA foi uma tentativa institucional para interligar “as experiências locais, regionais e nacionais [visando compartilhar] experiências de leitura bíblica [...] da América Latina e do Caribe”⁴⁴⁶. O Comentário Bíblico Latino-Americano (CBLA) foi outra estratégia que emergiu das experiências com a leitura popular da Bíblia no esforço de reunir manuscritos com comentários e propostas práticas direcionadas à pastoral.⁴⁴⁷ A revista Estudos Bíblicos também foi outra proposta que nasceu para divulgar textos mais

⁴⁴¹ CRUZ, 2021, p. 103.

⁴⁴² SILVA, Valmor. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 01 fev. 2021. 1 e-mail.

⁴⁴³ SILVA, 2021, [n.p.].

⁴⁴⁴ REIMER, Ivoni R. *Uma pergunta sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 01 fev. 2021. 1 e-mail.

⁴⁴⁵ SCHWANTES, 1998a, p. 9-10.

⁴⁴⁶ SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 5-6, 1988e. p. 5-6.

⁴⁴⁷ Uma das obras conhecidas do autor forjada na CBLA foi a seguinte: SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Petrópolis: Vozes, 1986c. p. 11-82.

populares, porém, sem abandonar os pressupostos científicos, que contou com a participação de Milton Schwantes.⁴⁴⁸

Outra rede apoiada por Milton Schwantes foi a REBILAC. Ela serviu como elo entre agências, instituições, igrejas e biblistas como também fomentou cursos bíblicos e realizou leitura popular e comunitária da Bíblia no continente latino-americano e no Caribe, em um espírito ecumênico e à luz da realidade dos pobres e excluídos para resistência ao sistema vigente. Através da leitura popular da Bíblia, REBILAC empreendeu esforços para fortalecer a esperança para a construção de uma sociedade solidária, justa, participativa e plural. Um dos propósitos dessa rede ecumênica consistiu em fomentar o estudo da Bíblia a partir de diferentes perspectivas hermenêuticas e relações interdisciplinares entre elas.⁴⁴⁹

Dentre outras atividades, REBILAC promoveu a organização do Curso Intensivo de Bíblia (CIB), com seis meses de duração, realizado anualmente nos países latino-americanos.⁴⁵⁰ Através desses cursos, essa rede buscava fortalecer os espaços de formação, promover encontros de experiências bíblicas, refletir sobre o distanciamento entre os trabalhos de base e a produção acadêmica das ciências bíblicas, fomentar a visão ecumênica da rede, fortalecer o movimento bíblico para afirmação das hermenêuticas latino-americanas e impulsionar a formação de novos/as biblistas no continente. Havia um forte interesse em sair do eixo da igreja e criar uma rede ecumênica de biblistas populares, com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e incentivo à leitura bíblica que se nutria da produção acadêmica, mas com o olhar e atenção direcionados à realidade da América Latina.⁴⁵¹

Os CIBs eram uma proposta articulada pela REBILAC. Milton Schwantes teve um papel fundamental neles pelo caráter ecumênico, itinerante e pastoral que expressavam. Os CIBs promoviam um estudo intenso da Bíblia – com o ensino de grego e hebraico, por exemplo –, visando gestar alguma prática para ler, refletir e trabalhar na construção de novas relações sociais, eclesiais e éticas,⁴⁵² mesmo fora do espaço das igrejas que, como já dito, era marcado por conflitos e tensões em torno da proposta de uma igreja dos pobres.⁴⁵³ Em geral, as pessoas que participavam dos CIBs, ao lado daquelas que Milton Schwantes encontrava nas viagens que fazia pela América Latina, cursaram mestrado e doutorado com ele.⁴⁵⁴

⁴⁴⁸ CRUZ, 2021, p. 106.

⁴⁴⁹ TORRES, Fernando. Red ecuménica bíblica de América Latina y el Caribe – REBILAC. *Revista Tiempo Latinoamericano*, Córdoba, a. XVII, n. 63, p. 18-19, 1999. p. 18-19.

⁴⁵⁰ TORRES, 1999, p. 18.

⁴⁵¹ TORRES, 1999, p. 18-19.

⁴⁵² TIEMPO LATINOAMERICANO. *CIB 2000 Ecuador*. 15 out. 2000. [online]. [n.p.].

⁴⁵³ CESAR, 2003, p. 23.

⁴⁵⁴ SILVA, 2021, [n.p.].

Porém, sem o apoio institucional das igrejas, a geração de biblistas que atuou com Milton Schwantes precisou empreender esforços cotidianos para criação de recursos financeiros para o fortalecimento dessas redes e projetos ecumênicos, através de doações entre eles, venda de livros e outras estratégias para captação de recursos. Alguns cursos, por exemplo, tiveram que ser custeados pelas pessoas participantes: “o curso não oferece acomodação. Hospedagem, alimentação, transporte e materiais são de responsabilidade de cada participante”⁴⁵⁵, com custo de inscrição de \$ 300 dólares. Mas, a expressão dessa rede orgânica e popular impactou profundamente a América Latina e a vida dos/as biblistas que dela participaram. No CIB realizado na Bolívia, em 1995, Elsa Tamez argumentou que:

O ecumenismo é mais vivenciado do que discutido, certo? Mulheres católicas, protestantes e de outras culturas estão unidas por uma preocupação, que pode ser a violação contra mulheres, por exemplo, então compartilhamos nossa experiência, espiritualidade das diferentes práticas de fé, e vivemos um ecumenismo que realmente enriquece umas às outras, pois há muito a fazer.⁴⁵⁶

Os esforços de Milton Schwantes em relação à formação de teólogas e teólogos orgânicos destinavam-se à criação de espaços concomitantemente populares, acadêmicos e eclesiais, para conduzir o povo a uma consciência crítica e política. Elas e eles seriam agentes fomentadores do pensamento crítico, da resistência e organização popular, com um propósito pedagógico de ensinar os pobres acerca de suas escolhas políticas. Através disso, teólogas e teólogos orgânicos seriam capazes de desconstruir qualquer trama ideológica que situa o pobre como um ser a-histórico e num estado de dependência.⁴⁵⁷

Já foi mencionado que Milton Schwantes nunca expressou em sua literatura a intenção de atrair as igrejas para o seu horizonte eclesiológico, pois elas faziam parte do problema. Reformá-las, sim, a partir dos pobres,⁴⁵⁸ mas, considero que o maior desejo do autor consistia na construção de um novo jeito de ser igreja na América Latina.⁴⁵⁹ A formação de teólogas e teólogos orgânicos favorece a proposta do autor de confluir teoria e saber popular a partir desse novo modelo eclesial, levando em consideração as dimensões econômicas, sociais, culturais,

⁴⁵⁵ “El curso no ofrece alojamiento. Vivienda, alimentación, transporte y materiales son responsabilidad de cada participante” (tradução livre). TIEMPO LATINOAMERICANO, 2000, [n.p.].

⁴⁵⁶ “Al Ecumenismo más que dialogarlo lo vivimos, no? A las mujeres católicas, protestantes o de otras culturas nos une una preocupación, que podría ser la violación contra la mujer, por ejemplo, entonces ahí compartimos nuestra experiencia, espiritualidad desde las distintas prácticas de fe, y se vive un ecumenismo que realmente se enriquece mutuamente, en eso hay mucho por hacer” (Tradução livre). TAMEZ, Elsa. Construyendo nuestro sueño. [Entrevista concedida a] *Tiempo Latinoamericano*, Costa Rica, p. 22-23, 10 abr. 1996. [online]. p. 23.

⁴⁵⁷ SCHWANTES, 1989a, p. 10-11.

⁴⁵⁸ Para entender o horizonte do autor sobre o papel dos pobres como agentes reformadores da igreja, leia: SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁴⁵⁹ Uma nova “eclesiogênese [...] em que igrejas e cristãos são solidários com operários e camponeses em sua luta por libertação, em que o próprio povo empobrecido assume igreja”, conforme: SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

políticas e religiosas e, através disso, subsidiar as ações desenvolvidas pelos movimentos sociais e populares: “o advento dessa corrente de pensamento representaria o início de novas relações entre o conhecimento científico – pesquisas em Bíblia – e a ação pastoral”⁴⁶⁰.

Por último, uma reflexão necessária. É verdade que a proposta de Milton Schwantes, por apresentar uma teologia bíblica alternativa à teologia tradicional, pode ser entendida como um equívoco. A teologia tradicional, segundo Clodovis Boff, é a fonte de todas as teologias do genitivo e, por isso, qualquer esforço para tornar o estatuto epistemológico da teologia bíblica um universo orgânico seria arriscado e correspondente à construção de uma trama ideológica.⁴⁶¹ No entanto, ao admitir a possibilidade de uma teologia bíblica *autóctone* e popular, Milton Schwantes rompe com as ideias de Clodovis Boff, porque ele considera que o embrião da teologia bíblica latino-americana é a leitura popular da Bíblia, e não a teologia tradicional: “a teologia bíblica [...] terá que brotar da leitura popular da Bíblia [...] a questão é redimensioná-la para nosso contexto, recriá-la a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas populares”⁴⁶².

Em síntese, a literatura de Milton Schwantes foi mapeada e classificada neste primeiro capítulo à luz do contexto político, econômico, social e eclesial latino-americano, *locus* de recepção desses *corpora*, no período entre as décadas de 1970 a 1980, considerando o tema da eclesiologia. Do esboço da eclesiologia de Milton Schwantes, extraiu-se um modelo de igreja profética de rosto popular, espaço privilegiado para atuação de teólogas e teólogos orgânicos, sobretudo especialistas em exegese bíblica, para uma atuação, junto ao povo, no contexto da pastoral ecumênica e a partir da inserção da igreja nos movimentos sociais e populares. No próximo capítulo, essa proposta eclesial será refletida à luz dos projetos populares empreendidos por Paulo Freire.

⁴⁶⁰ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 135.

⁴⁶¹ BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: a teologia do político e suas mediações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 39-53.

⁴⁶² SCHWANTES, 1989a, p. 15.

2 A ECLESIOLOGIA DE MILTON SCHWANTES E A EDUCAÇÃO POPULAR FREIREANA

Este capítulo aproxima a eclesiologia de Milton Schwantes à proposta de educação popular, segundo Paulo Freire. O objetivo consiste em identificar a manifestação dos elementos da perspectiva freireana na literatura desse autor, sobretudo em sua metodologia para leitura popular da Bíblia. Depois, a noção de ação transformadora é situada como um princípio desse modelo eclesial capaz de promover a conscientização e a politização dos pobres. Na sequência, os círculos bíblicos são destacados como *locus* de organização, contextualização e conscientização, que conta com o auxílio de teólogas e teólogos orgânicos. Por fim, reflete-se sobre a dimensão política da eclesiologia em tela, que evoca a tradição bíblica como resposta aos dilemas da América Latina no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Em sua totalidade, o capítulo é importante para compreender a perspectiva pedagógica latente na eclesiologia em tela.

2.1 Elementos da educação popular de Paulo Freire na literatura de Milton Schwantes

Esta primeira seção verifica a presença de alguns elementos da educação popular freireana na eclesiologia de Milton Schwantes, que tem como uma de suas bases a leitura popular da Bíblia. As perspectivas de Paulo Freire perpassam não apenas a literatura aqui pesquisada, mas materializaram-se nos esforços de Milton Schwantes para construir uma leitura popular da Bíblia a partir do conhecimento do povo, junto ao povo e com a finalidade de promover uma leitura da realidade na ótica dos pobres, ultrapassando o exercício de uma leitura bíblica desinteressada, mas constituída em relações históricas e políticas.⁴⁶³ Para tanto, serão explorados e aproximados os seguintes elementos: teoria-prática, conscientização e as relações com o mundo do trabalho, que tanto em Paulo Freire quanto em Milton Schwantes estão numa relação intercambiável, levando em consideração suas práticas educativas e suas experiências com os grupos populares.

A pedagogia freireana e a metodologia de leitura popular da Bíblia de Milton Schwantes foram claramente desenvolvidas sob os fundamentos da experiência concreta. Uma das principais teses defendidas por Paulo Freire, na obra *Pedagogia do oprimido*, assegura que a práxis deve ser compreendida a partir da simbiose entre reflexão crítica e ação revolucionária,

⁴⁶³ SCHWANTES, 1987a, p. 48-50.

com o objetivo de romper com o intelectualismo estéril e com o ativismo simples e puro.⁴⁶⁴ A práxis freireana abrange a dialogicidade, a autonomia e o binômio ação-reflexão. Uma teoria do fazer que não propõe “nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão outra, distante, de ação. Ação e reflexão se dão simultaneamente”⁴⁶⁵. A práxis freireana contraria as concepções de domesticação e alienação, aludindo um ato consciente, tornando-se “um produto sócio-histórico próprio do [ser humano] consciente que faz da sua presença no mundo uma forma de agir sobre [ele]”⁴⁶⁶.

A eclesiologia de Milton Schwantes nasceu em um contexto de opressão com a finalidade de ser profética e popular, nos termos já observados anteriormente, e produtora de uma ação pastoral transformadora como resposta à realidade latino-americana.⁴⁶⁷ A práxis sinaliza para uma postura de resistência que não contradiz a teoria, todavia, mostra-se contrária às tendências academicistas e à linguagem ininteligível e hermética que, geralmente, não apresentam relações com vida cotidiana.⁴⁶⁸

A dimensão prática da eclesiologia de Milton Schwantes exige uma reflexão mais profunda e uma escuta ativa, que toma impulso a partir de uma visão mais abrangente da exploração do mundo bíblico e culmina em noções sobre o funcionamento do sistema capitalista na América Latina.⁴⁶⁹ Nesse momento, o ferramental dialético da teoria clássica marxista ganha espaço na interpretação política do texto bíblico na literatura do autor.⁴⁷⁰

A reflexão teórica – exegese especializada –, na literatura de Milton Schwantes, favorece a descoberta das contradições internas que se manifestam na Bíblia Hebraica e, em analogia à realidade vigente, desvela as contradições do capitalismo latino-americano e sistematiza os interesses dos pobres a partir da concepção dialética.⁴⁷¹ Com uma atitude de escuta ativa e de aprendizado, as teólogas e os teólogos orgânicos teriam chances de recriarem a exegese a partir da práxis, ou seja, redirecionando teorias e conceitos à luz da realidade concreta, levando em consideração que o povo tem potencial para, a seu modo, não menos científico, elaborar uma teoria a partir da prática e, através dela, definir o propósito de suas ações.⁴⁷²

⁴⁶⁴ FREIRE, 2005, p. 76.

⁴⁶⁵ FREIRE, 2005, p. 72.

⁴⁶⁶ ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 576.

⁴⁶⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 48-50.

⁴⁶⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 13-14.

⁴⁶⁹ SCHWANTES, Milton. “Não estendas tua mão contra o menino” (Observações sobre Gênesis 21 e 22). *Revista Ribla*, Petrópolis, v. 10, p. 24-39, 1991c. p. 29.

⁴⁷⁰ MARX; ENGELS, 1998, p. 10.

⁴⁷¹ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

⁴⁷² SCHWANTES, 1987a, p. 50.

A práxis em Milton Schwantes – na mesma lógica que a educação popular freireana – nos círculos de leitura popular da Bíblia, dá novos contornos às dimensões cúlticas litúrgicas da igreja profética de rosto popular. A liturgia das igrejas não deveria se restringir somente aos ritos e práticas sacramentais e nem conduzir as pessoas à passividade e à evasão do mundo, mas estabelecer um confronto entre o texto bíblico e a vida concreta, promover uma sensibilidade social para problemas comunitários, reivindicar direitos básicos, fomentar organização e mobilização com movimentos populares, bem como desenvolver uma consciência no povo acerca de sua humanidade.

Nas palavras do autor:

Não se trata de deixar de lado as nossas seculares tradições litúrgicas. Trata-se, porém, de fazê-las passar pelo crivo do grito dos pobres. Nossas celebrações fazem justiça às discriminações dos negros? Tomam em conta a luta das mulheres? Brotam da organização dos sem-terra? Estas práticas dos pobres re-orientam e re-dimensionam gestos e palavras litúrgicas. Aí nossa linguagem consagrada por séculos não basta, porque ela não nasceu da inserção junto aos lavradores e às operárias. Quanto mais nossas celebrações mergulharem na opressão e beberem da utopia dos desterrados, tanto mais será re-criada. O mundo dos pobres é autor e ator de uma nova liturgia.⁴⁷³

A eclesiologia de Milton Schwantes procura despertar uma sensibilidade política, social, organizacional e litúrgica intrinsecamente relacionada ao povo, a partir do espaço da igreja profética de rosto popular.

Paulo Freire e Milton Schwantes brindam acordos em suas propostas de aliança entre teoria e prática. Suas obras não se detiveram nos limites da escrita de pensamentos, mas na realidade e na ação sobre ela, isto é, articulando teorias a partir do cotidiano. Com efeito, uma compreensão política e dialética da realidade.⁴⁷⁴ No pensamento desses autores, teoria e prática são incompatíveis com esquemas burocráticos, de maneira que, cada um, em seu jeito peculiar de agir e de se expressar, demonstra certa rebeldia em relação aos regimes excludentes e totalitários. Para Paulo Freire, é necessário que a pedagogia faça “da opressão e suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação”⁴⁷⁵.

No pensamento de Milton Schwantes:

O método de leitura da Bíblia necessita estar achegado ao método de leitura e da transformação das condições, às quais os pobres estão sendo sujeitados [...]. A leitura

⁴⁷³ SCHWANTES, 1992c, p. 52.

⁴⁷⁴ MARX; ENGELS, 1998, p. 10.

⁴⁷⁵ FREIRE, 2005, p. 32.

da Bíblia não poderá estar descolada desta prática dos oprimidos [...]. O jeito de ler a realidade e de transformá-la e o jeito de interpretar a Escritura convergem.⁴⁷⁶

Paulo Freire e Milton Schwantes adotaram uma linguagem simples em suas obras, e ela segue na contramão dos padrões hegemônicos da guilda acadêmica. Se em Paulo Freire “a poesia conseguiu visto permanente para transitar os textos científicos”⁴⁷⁷, em Milton Schwantes, o uso de os jargões populares comuns entre camponeses e operários foi copioso, na mesma lógica das afinidades eletivas weberianas.⁴⁷⁸

A utilização recorrente de bordões bíblicos aludia a realidade dos trabalhadores rurais assentados e se tornaram títulos de alguns textos escritos por Milton Schwantes na época. No livreto intitulado *E o verbo se fez carne e acampou entre nós*, publicado em 1985, o vocábulo acampou reporta ao contexto dos assentamentos do MST.⁴⁷⁹ No ensaio *A terra pertence a Deus*, de 1990, o autor tematizou os direitos humanos, o tema da terra e a dívida externa brasileira, no intuito de situar o pobre como herdeiro privilegiado da terra, sujeito de direitos e alvo da libertação divina.⁴⁸⁰ Esses textos foram marcados pela utilização de uma linguagem simples que aludia o cenário socioeconômico da época e elaborada para alcançar as camadas populares da sociedade.

Paulo Freire e Milton Schwantes não procuraram nas Ciências Sociais uma mera compreensão da sociedade, mas almejaram captar elementos para compreender a realidade social a partir da ciência e, com isso, transformá-la. Em Paulo Freire, educação é um ato político, de conhecimento e criador,⁴⁸¹ ao passo que, em Milton Schwantes, a leitura e a interpretação bíblica possuem as mesmas características e finalidades, desde que sejam levadas em consideração ao menos duas dificuldades que as igrejas deveriam superar: as relações estreitas com o poder e o distanciamento da organização popular.

Observe o comentário do autor:

Por um lado, continuamos sendo marcados pela era constantiniana. As igrejas continuam bastante atreladas aos interesses do poder. Religião e os poderes estabelecidos ainda costumam se dar as mãos. A nível teórico isso até é negado [...]. Mas, aí em meio às crises, quando o poder está questionado, as igrejas continuam a aparecer nas proximidades dos ‘tronos’ [...]. A contradição mais nítida não se dá nas grandes ideias e nos discursos, dá-se no [cotidiano], na prática real [...]. E o mesmo

⁴⁷⁶ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁴⁷⁷ GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 78.

⁴⁷⁸ LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011. p. 142.

⁴⁷⁹ SCHWANTES, Milton. “E o verbo se fez carne e acampou entre nós”: notas sobre o estudo da história do povo de Deus. Belo Horizonte: CEBI, 1985c. p. 1-5.

⁴⁸⁰ SCHWANTES, Milton. *A terra pertence a Deus (Lv 25.23): anotações sobre a questão da terra na Bíblia. A Palavra na Vida*, Belo Horizonte, n. 31, p. 7-42, 1990a. p. 7.

⁴⁸¹ FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 16.

vale para as igrejas. São suas práticas que definem se a era constantiniana já foi superada ou não [...]. Por outro lado [...], a categoria do povo organizado não está prevista em nossa teologia como fator central. É relativamente secundária. No centro está o assim chamado ‘homem pecador’ que por Deus é feito ‘homem justificado’. Tais categorias não deixam de ter seu sentido, mas não são suficientes para que nos apercebamos das novidades que aí estão, da realidade do povo organizado como fator teológico decisivo.⁴⁸²

Nesse sentido, há uma barreira política e outra teórico-teológica que a eclesiologia de Milton Schwantes, aproximando-se da perspectiva pedagógica freireana, procura superar através da leitura popular da Bíblia. O distanciamento do poder e a inserção das igrejas nos movimentos populares é condição *sine qua non* para os processos de conscientização popular em questões políticas e a consequente transformação da sociedade.⁴⁸³

Na tradição da educação popular de Paulo Freire, os métodos pedagógicos favorecem um processo de conscientização capaz de formar sujeitos críticos e responsáveis.⁴⁸⁴ Há intencionalidades de superar os esquemas clássicos da chamada “educação bancária” e com as relações verticais entre educadores e estudantes.⁴⁸⁵ A leitura popular da Bíblia na ótica de Milton Schwantes recorre a essa metodologia, tendo-a como um poderoso recurso para denunciar as injustiças sociais e outros dilemas da vida. No interior da igreja profética de rosto popular, a expectativa é de que as teólogas e teólogos orgânicos assumam funções relevantes para levantarem críticas à estrutura verticalizada predominante nas igrejas e na sociedade, isto é, reivindicando uma participação ativa do povo no poder e no conhecimento, o que exige uma diversidade de transformações na estrutura eclesial e societal.⁴⁸⁶

O processo de conscientização não se trata somente de conhecer a realidade, mas, em Paulo Freire, representa uma etapa de transição que envolve, simultaneamente, a imersão na realidade e um suposto afastamento dela. Ou seja, a conscientização supera a dimensão da tomada de consciência por intermédio da análise crítica, ou melhor, da descoberta da razão de ser de determinada circunstância, para, então, constituir-se em uma ação transformadora na realidade – em um sentido que será melhor explicado na próxima seção. Logo, a conscientização sinaliza para o desenvolvimento crítico da aquisição de consciência, isto é, a capacidade de ultrapassar “a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a

⁴⁸² SCHWANTES, 1990a, p. 37.

⁴⁸³ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁴⁸⁴ FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980. p. 30.

⁴⁸⁵ FREIRE, 2005, p. 23.

⁴⁸⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o [ser humano] assume uma posição epistemológica”⁴⁸⁷.

A conscientização emerge em um contexto pedagógico específico, apresentando características peculiares: o desenvolvimento de uma visão de mundo e a conscientização da comunidade. O desenvolvimento dessa mundividência engloba uma crítica da realidade presente e uma relativa busca de superação, em que certos caminhos são relegados ao potencial criador da consciência livre. A conscientização da comunidade, e não somente do indivíduo isolado, acontece especialmente quando essa comunidade se mostra solidária a um conjunto de dilemas comuns. Com efeito, cada relação estabelecida entre o ser humano com a realidade emerge como um desafio dialético, uma vez que não existe um modelo unívoco de resposta, e sim inúmeras respostas quanto são os desafios. Nesse sentido, a resposta que cada pessoa encontra para um desafio tem um potencial transformador não apenas da realidade do confronto, mas, também, dela mesma, sempre de maneira distinta.⁴⁸⁸

A conscientização em Milton Schwantes apresenta-se como consequência imediata e inevitável da leitura popular da Bíblia. Com suas palavras, ele argumenta o seguinte: “círculos bíblicos mudam pessoas. Se não o tivesse experimentado em mim mesmo e observado em outras pessoas por tantas vezes, poderia duvidar”⁴⁸⁹. Leitura popular da Bíblia e conscientização, no pensamento desse autor, são realidades interligadas e destinadas às classes populares. Para ele, não se pode avançar para o estágio de uma consciência crítica e política sem o auxílio do texto bíblico.

A partir dessa convicção, ele argumenta o seguinte:

Justamente aí, em meio à pastoral bíblica, emergem desafios [...]. Em meio a comunidades de empobrecidos e analfabetos a gente se dá conta do quanto a experiência e o saber religiosos são comunitários, são coletivos, o quanto o teólogo ou a teóloga são partes do povo e estão inseridos em meio às dores e alegrias do conjunto da população, isso obviamente na medida em que deles se espera uma contribuição significativa às questões da vida e da fé.⁴⁹⁰

A realidade latino-americana oprimiu o povo. Mas, Milton Schwantes acreditava que a leitura popular da Bíblia poderia reuni-lo e organizá-lo e, através disso, despertar uma consciência crítica e política capaz de conduzi-lo à transformação radical da sociedade.

A conscientização, nesse sentido, pode ser compreendida como produto de uma hermenêutica da revolução, porque corresponde à autenticidade das transformações

⁴⁸⁷ FREIRE, 1980, p. 26.

⁴⁸⁸ FREIRE, 1980, p. 26-29.

⁴⁸⁹ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁴⁹⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

revolucionárias com a organização popular, não se tratando de uma metodologia de leitura e interpretação bíblica neutra, mas profundamente política, com o objetivo de integrar as pessoas pobres na igreja e na sociedade.⁴⁹¹ A conscientização se estabelece através da leitura popular da Bíblia como uma prática – a leitura-ação já mencionada no capítulo anterior – que se contrapõe aos regimes totalitários e excludentes reprodutores dos mecanismos ideológicos que preservam os interesses das elites em detrimento das classes populares.

No pensamento de Milton Schwantes, a conscientização tem um grande potencial para provocar uma possível reação, abrindo espaço para a atuação das igrejas nos movimentos populares e sociais a favor da luta pelos direitos dos pobres. A leitura popular da Bíblia pode até ser uma poderosa arma para a libertação do ser humano, mas insuficiente, *per se*, porque sua função consiste em viabilizar os recursos para desvelar a realidade e as tramas ideológicas criadas pela superestrutura. Ao conhecer a realidade e extirpar as ideologias, os pobres conscientizam-se crítica e politicamente e, agora, eles podem promover uma revolução social e extinguir os modelos opressores vigentes. Na eclesiologia de Milton Schwantes, a leitura popular da Bíblia é uma fonte de conscientização, cuja “questão é redimensioná-la para nosso contexto, recriá-la a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas populares”⁴⁹².

A pedagogia de Paulo Freire também encontrou um campo fértil nas experiências das trabalhadoras e trabalhadores. Ele acreditava que, através do processo de conscientização, elas e eles poderiam refletir sobre suas condições de vida, identificar as raízes da opressão e criar estratégias para transformar a si e a sociedade: “dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador [e trabalhadora], a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores – o povo”⁴⁹³.

Para as trabalhadoras e trabalhadores, a educação freireana serviu como um poderoso instrumento de luta e mudança social. É exatamente isso que Moacir Gadotti procura explicitar sobre os preceitos da educação freireana:

Outra categoria de análise que encontramos em seu trabalho é a do papel do trabalhador social em um processo de mudança. Este tem uma atuação destacada na desmitificação da realidade distorcida, provocando o descobrimento da verdadeira dimensão na qual está imerso o trabalhador, o que poderá ser conseguido por meio da percepção crítica da realidade. Assim, mediante a conscientização dos indivíduos com os quais trabalha e de sua própria conscientização como produto do contato com eles, cumprirá o trabalhador social, o papel de agente de mudança.⁴⁹⁴

⁴⁹¹ SCHWANTES, Milton. A cidade e a torre (Gn 11, 1-9): exercícios hermenêuticos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 21, n. 2, p. 57-76, 1981. p. 57-76.

⁴⁹² SCHWANTES, 1989a, p. 15.

⁴⁹³ FREIRE, 2005, p. 11.

⁴⁹⁴ GADOTTI, 1996, p. 577.

Em resumo, a relação entre a educação popular freireana e as trabalhadoras e trabalhadores se caracteriza pela defesa do potencial destes de transformar a si mesmos e a sociedade através da educação. A organização da classe trabalhadora é fortalecida pela pedagogia freireana, em especial na promoção da luta por direitos e pela construção de uma sociedade justa e igualitária.⁴⁹⁵

O tema do trabalho ganhou bastante relevo nos textos de Milton Schwantes: “trabalhador e trabalho – este tema perpassa a Escritura [...]. O trabalho aparece como categoria social e, simultaneamente, teológica”⁴⁹⁶. Milton Schwantes analisou as relações de produção, as formas de organização e as condições de trabalho, com o interesse de identificar as causas das contradições e desigualdades sociais, a partir da lógica do conflito campo-cidade.⁴⁹⁷ Para tanto, ele se apropriou de alguns elementos da teoria clássica marxista, em especial o horizonte da luta de classes, e defendeu a Bíblia como fonte de inspiração e força para as lutas das trabalhadoras e trabalhadores rurais e operários de seu tempo, tratando os círculos bíblicos como espaços privilegiados para a reflexão e organização popular, capazes de conferir outros significados às experiências da classe trabalhadora e aos seus projetos de transformação social: “círculos bíblicos mudam pessoas”⁴⁹⁸.

A Bíblia foi escrita por camponeses empobrecidos, afirma Milton Schwantes.⁴⁹⁹ Eles foram imprescindíveis na preservação das memórias que perpassam as narrativas bíblicas no mundo antigo, e formam, no presente, o conjunto dos intérpretes privilegiados do texto bíblico, porque conseguem relacionar o conteúdo bíblico à realidade vigente. São, nesses termos, sujeitos de sua história que, em sua organização com as demais trabalhadoras e trabalhadores, adquirem força para lutar por libertação. Sua organização, resistência e luta são forjadas em sua conscientização a partir da leitura e interpretação bíblica, que deveria ocorrer preferencialmente no interior de uma igreja profética de rosto popular, pois, a Bíblia, em posse dessas trabalhadoras e trabalhadores, torna-se “um livro para a militância pelo porvir [uma] cartilha pela esperança”⁵⁰⁰.

Para o autor, desde os templos bíblicos, o Estado e suas instituições controlam as trabalhadoras e os trabalhadores, impedindo “sua organização em sindicatos e partidos”⁵⁰¹,

⁴⁹⁵ FREIRE, 2005, p. 42-44.

⁴⁹⁶ SCHWANTES, Milton. “Seis dias trabalharás e farás a tua obra”: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986d. p. 6.

⁴⁹⁷ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

⁴⁹⁸ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁴⁹⁹ SCHWANTES, 1986d, p. 21.

⁵⁰⁰ SCHWANTES, 1989c, p. 17.

⁵⁰¹ SCHWANTES, 1984a, p. 38.

através do simulacro do sistema capitalista. A opressão é arregimentada pelo Estado,⁵⁰² principal aparelho de hegemonia que garante a manutenção da exploração no mundo bíblico e na América Latina: “se a exploração é implantada [...] no capitalismo, então as classes dominantes e o Estado tratam de manter sob controle [essa] mão de obra”⁵⁰³. Na análise de Milton Schwantes, o Estado teria sido a principal instância promotora do êxodo rural brasileiro, que converteu a classe camponesa em grupos de operários desempregados na cidade. O Estado é descrito como o maior produtor da miséria e da espoliação na América Latina. Ele divide a sociedade em classes e priva as camponesas e os camponeses de uma das maiores promessas bíblicas, a terra.⁵⁰⁴

Na visão utópica do autor em relação ao mundo do trabalho, ele levanta a seguinte argumentação:

Haverá distribuição de terra. [...] A redivisão da terra lembra a situação de Israel antes do reinado [...]. Não haverá reinado e, assim, não haverá Estado [...]. E assim se vai delineando um novo projeto. Aparentemente busca seus modelos na era pré monárquica: todos têm acesso à terra e à jurisprudência numa nova sociedade sem reinado. Contudo, aí não se trata de uma mera volta romântica aos bons tempos passados. Trata-se de uma reestruturação do presente. Pois, o modelo esboçado coincide com experiências então atuais nos vilarejos israelitas [...]. O projeto propõe reagrupar e organizar a vida social a partir do modelo dos vilarejos.⁵⁰⁵

Em semelhança a Ernesto Cardenal no contexto da ditadura de Somoza,⁵⁰⁶ Milton Schwantes assumiu uma postura anti-imperialista em oposição à ditadura militar no Brasil, visando uma sociedade igualitária, como ele acreditava ser nos tempos bíblicos, isto é, sem Estado e sem divisões entre as classes.⁵⁰⁷

Parte-se do pressuposto de que Milton Schwantes fez uma releitura de Paulo Freire, sobretudo nos aspectos pedagógicos que fundamentam sua proposta de leitura popular da Bíblia. Ele propunha uma metodologia popular específica, associando leitura e interpretação bíblica, exegese especializada, experiências de vida, ação pastoral e política.⁵⁰⁸ Em seu método, a leitura do texto bíblico deve partir da realidade que cerca o povo. Uma leitura bíblica para as classes populares. Não bastaria ler, por exemplo, que Amós criticou as elites de Israel por sua exploração contra os pobres, e sim compreender qual a posição de Amós em sua sociedade, quem são os sujeitos expropriados e quem são seus exploradores.⁵⁰⁹ Parece que o marxismo

⁵⁰² SCHWANTES, 1989a, p. 18.

⁵⁰³ SCHWANTES, 1984a, p. 38.

⁵⁰⁴ SCHWANTES, 1988d, p. 17-18.

⁵⁰⁵ SCHWANTES, 1982b, p. 135-138.

⁵⁰⁶ CARDENAL, Ernesto. *La revolución perdida*. Madrid: Trotta, 2004. p. 245-247.

⁵⁰⁷ SCHWANTES, 1982b, p. 135-138.

⁵⁰⁸ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

⁵⁰⁹ SCHWANTES, 1988b, p. 81-92. Veja também: SCHWANTES, 2004a, p. 11-30.

que nutre a literatura de Milton Schwantes, em semelhança à literatura freireana, seguiu na linha do pensamento gramsciano,⁵¹⁰ como aludido no capítulo anterior.

Milton Schwantes, extrapolando as fronteiras institucionais da igreja e da academia, engajou-se na escrita e na participação nos movimentos populares e sociais brasileiros, no início da década de 1980, especialmente na organização da luta pela terra e pela reforma agrária no Brasil.⁵¹¹ Ele ajudou no processo de formação política dos primeiros trabalhadores rurais e fez isso através da publicação de textos em periódicos do CEBI,⁵¹² primando pela utilização de uma linguagem compreensível entre o povo, por exemplo, bordões conhecidos entre operários e trabalhadores rurais,⁵¹³ na lógica das afinidades eletivas weberianas, como já mencionado.⁵¹⁴ Ao lado de outros intelectuais, pastores e agentes pastorais, ele procurou contribuir para a participação das igrejas nos movimentos sociais e populares brasileiros.⁵¹⁵

Através de sua literatura, ele convida o pobre a abster-se do conformismo do *status* de “oprimido” em que quase sempre esteve submetido, a partir da leitura e interpretação da Bíblia.⁵¹⁶ O sujeito das camadas populares é envolvido em um processo de leitura bíblica não para ser tratado como alvo dos desígnios divinos, e sim como produto de um contexto político, econômico e social da sociedade bastante específicos. Os pobres participantes dos círculos bíblicos de leitura popular da Bíblia respondem às questões levantadas pelas teólogas e teólogos orgânicos, no intuito de obter um aprofundamento de suas leituras do mundo. As reflexões que emergem desse processo gestam uma releitura da realidade com possibilidades de materializar-se na inserção e no engajamento do povo em práticas políticas, a partir de movimentos populares, visando a transformação da sociedade.⁵¹⁷

A filosofia da educação freireana está profundamente comprometida com o momento de transformação da sociedade. A metodologia de Paulo Freire foi aplicada nos círculos de cultura, constituídos por grupos populares – como já aludido no primeiro capítulo. Em relação aos círculos de cultura, Paulo Freire insistiu na existência de uma sabedoria popular, um conhecimento gestado na prática social que, embora fosse potente, carecia de uma compreensão mais solidária em relação aos temas vinculados a esse conhecimento.⁵¹⁸

⁵¹⁰ GRAMSCI, 1982, p. 8-159.

⁵¹¹ SCHWANTES, 1989b, p. 26.

⁵¹² PEREIRA, 2012, p. 7-11.

⁵¹³ SCHWANTES, 1985c, p. 1-5.

⁵¹⁴ LÖWY, 2011, p. 142.

⁵¹⁵ PY, 2018, p. 233-252.

⁵¹⁶ SCHWANTES, Milton. *Bíblia e libertação*. Porto Alegre: CAPB, 1984d. p. 17-18.

⁵¹⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁵¹⁸ FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. p. 38-44.

O método popular freireano elabora um núcleo pedagógico para a eclesiologia de Milton Schwantes com as seguintes dimensões: *histórica*, porque depende do avanço de forças produtivas; *clássica*, porque pressupõe uma consciência progressiva em torno dos interesses das classes populares; *política*, pois vincula-se com outras instâncias da luta universal das classes populares, isto é, sua organização; *transformadora*, porque exige mudanças a partir de reformas estruturais; *democrática*, quando se articula na defesa da igualdade de direitos e na participação em contraposição ao autoritarismo; *conscientizadora*, na medida em que conflui teoria e prática. São elementos que relacionam educação e trabalho e que objetivam a promoção de um poder popular, como um projeto social alternativo.

Há duas tendências na educação popular freireana com profundas implicações pedagógicas para a eclesiologia de Milton Schwantes, são elas: a promoção da educação nos círculos de cultura, que emergiram inicialmente como espaços informais de reunião do povo para sua conscientização e organização; e educação para adultos, que seguia na contramão das propostas oficiais do Estado.⁵¹⁹ Em comparação a essas tendências, a eclesiologia de Milton Schwantes baseia-se em um profundo respeito pelo saber que emerge dos setores populares – o senso comum – que pode ser teologizado no espaço de uma igreja profética de rosto popular, no intuito de desvelar o conhecimento que se manifesta nas práticas populares. Trata-se de um conhecimento ainda não conhecido pelo povo, mas capaz de ser problematizado a partir da leitura popular da Bíblia.⁵²⁰

Corolário às tendências supramencionadas, a eclesiologia de Milton Schwantes busca promover uma visão das causas do empobrecimento, sempre a partir da leitura popular da Bíblia, com o interesse de promover reformas estruturais, por exemplo, a reforma agrária.⁵²¹ Ou seja, no mesmo compasso que as tendências freireanas, Milton Schwantes pensa a conscientização e a organização do povo – constituído especialmente por pessoas adultas, trabalhadoras e trabalhadores rurais e urbanos – em oposição à perspectiva funcional útil apenas para o projeto de desenvolvimento nacional naquela época. Sua eclesiologia, nesse sentido, propõe a decodificação dos temas geradores das lutas populares e procura colaborar com os movimentos sociais que expressam tais lutas. A proposta eclesial de Milton Schwantes centra-

⁵¹⁹ Em geral, as propostas estatais para a alfabetização de adultos/as visavam a suplência da educação formal. Um exemplo disso é o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cujos princípios eram totalmente opostos ao de Paulo Freire. Para mais informações, leia: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. *Revista Proposta*, Rio de Janeiro, n. 113, p. 21-27, 2007. p. 24.

⁵²⁰ SCHWANTES, 1984a, p. 38.

⁵²¹ SCHWANTES, 1982b, p. 135-138.

se na mitigação dos impactos da crise socioeconômica na pobreza e na possibilidade de reverberar o grito dos pobres.⁵²²

A eclesiologia de Milton Schwantes articula a leitura popular da Bíblia como um instrumento de transformação, e não meramente como uma estratégia para transmitir conteúdos bíblicos ou o conhecimento exegético. Trata-se de uma leitura bíblica para a liberdade, que enseja a emancipação do povo e que suspeita da arbitrariedade política que pode escamotear um movimento de dominação. É uma proposta eclesial que rejeita, em última instância, a manipulação, o autoritarismo e a ideologização, recusando a formação de hierarquias rígidas, tanto na sociedade quanto no interior das igrejas. Antes, ela vislumbra na leitura popular da Bíblia uma alternativa para desvendar a razão de ser das coisas. Para tanto, propõe à exegese especializada uma abertura às vicissitudes populares e uma organização popular e participativa fundamentada no compromisso com os mais pobres, sob a insígnia de uma igreja profética de rosto popular.⁵²³

A ênfase nas relações entre os pobres, entre eles e o mundo e as intencionalidades de transformar a realidade latino-americana explicam a relação de Milton Schwantes com as práticas de educação popular e com as organizações populares. Sua proposta é bipartida. De um lado, no âmbito das organizações populares, enseja-se contribuir para que elas não sejam funcionais para o sistema, de modo a não reproduzirem as práticas dominadoras, ou seja, que elas estejam sempre à frente de qualquer cooptação e que sejam o *húmus* de novos seres humanos e relações sociais. De outro lado, é preciso articular a organização e a resistência do povo, pois, na medida em que cada pessoa desenvolve sua intelectualidade através da Bíblia, de modo afetivo e axiologicamente, pode-se empreender a construção de uma nova sociedade.⁵²⁴

Para não se limitar à criação de um espaço pseudo-participativo, a igreja profética de rosto popular deve responder às questões e às necessidades do tempo presente e, simultaneamente, forjar uma cultura anticapitalista.⁵²⁵ A participação dos pobres no processo de leitura popular da Bíblia rompe com a tradição de que apenas clérigos e/ou sacerdotes detêm as habilidades interpretativas e têm consciência das necessidades e interesses da sociedade. A igreja deve ser também um espaço irradiador do conhecimento popular, à disposição do povo, mormente das pessoas pobres, não para consumi-las, e sim para recriá-las. A igreja, nesse sentido, também é *locus* de organização política das classes populares. A igreja profética de

⁵²² SCHWANTES, 1982b, p. 135-138.

⁵²³ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

⁵²⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

⁵²⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

rosto popular é campo fértil para uma leitura política do texto bíblico e, por isso, emerge como um núcleo de reflexões e soluções, de modo que a organização popular pode sistematizar sua própria experiência.⁵²⁶

A próxima seção situa a ação transformadora freireana como princípio eclesiológico em Milton Schwantes. Isso ajudará a compreender que a eclesiologia de Milton Schwantes não se encerra nas reflexões construídas na leitura popular da Bíblia, mas, evoca uma ação transformadora que convida os pobres a se organizarem para transformar a realidade latino-americana.

2.2 Ação transformadora como princípio eclesiológico

Os elementos basilares do método freireano verificados na seção anterior oferecem uma perspectiva prático-transformadora para a eclesiologia de Milton Schwantes, tornando-a uma “eclesiologia da humanização”, em um sentido que será melhor explicado no decorrer desta seção. A aproximação desses elementos sugere a premência de criar espaços democráticos de leitura popular da Bíblia para estimular o diálogo e a participação ativa entre teólogas e teólogos orgânicos e o povo. A conscientização política, essencial nesse horizonte, adquire uma relevância singular no contexto de uma igreja profética de rosto popular.⁵²⁷

Além disso, bastante alinhado à perspectiva de Richard Shaull, que reconhece o agir divino na história para destronar o poder opressor, libertar o oprimido e estabelecer a justiça social, à luz dos salmos e da profecia bíblica,⁵²⁸ a eclesiologia de Milton Schwantes procura envolver os pobres em um processo de leitura e interpretação bíblica ativo, no intuito de promover não somente a apreensão dos conteúdos bíblicos, mas, também, a reflexão e o questionamento da realidade latino-americana.⁵²⁹

A eclesiologia de Milton Schwantes é revolucionária⁵³⁰ e popular, no momento em que reconhece o potencial dos pobres de participarem ativamente no processo de leitura e

⁵²⁶ SCHWANTES, 1984a, p. 38.

⁵²⁷ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁵²⁸ No pensamento de Richard Shaull, os salmos e a profecia bíblica enfatizam o papel político-revolucionário do Messias, que, no Novo Testamento, com a morte e ressurreição de Jesus, ganhou um novo significado. Para mais informações, leia: ALVES, Rubem. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana, 1985. p. 72.

⁵²⁹ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁵³⁰ Exatamente nos termos da teologia da revolução de Richard Shaull, que percebeu nas crises de sua época o momento adequado para a atuação da igreja em chave revolucionária. Para Richard Shaull, a encarnação da igreja no mundo equivale à identificação com os sofrimentos do povo e ao desenvolvimento de ações para a libertação dos oprimidos. O papel da igreja consiste em refletir sobre sua responsabilidade social e política, para, então, promover a justiça e a humanização. Leia: SHAULL, Richard. *O cristianismo e a revolução social*. São Bento do Sul: União Cristã, 1953. p. 89.

interpretação da Bíblia: “*o povo pobre é o agente da interpretação*”⁵³¹ [grifo do texto]. Por isso, sua adaptação à abordagem freireana corresponde à criação de espaços de leitura bíblica para conscientização política e consequente libertação dos pobres de quem os oprime.

Em Paulo Freire, essa seria uma estratégia crucial para a humanização dos oprimidos, isto é, em seu caráter ontológico, a humanidade é como um atributo deles roubado pelos opressores, porém, reafirmada através de seu grito por liberdade, justiça e na sua luta constante para recuperá-la.⁵³² A eclesiologia de Milton Schwantes, como alternativa para a humanização, parte da escuta ativa do grito dos empobrecidos: “ninguém pode deixar de reagir a esse grito [...] nas comunidades populares, a Bíblia é experimentada como articuladora [...] da denúncia”⁵³³.

A ação transformadora⁵³⁴ freireana tem implicações eclesiológicas na literatura de Milton Schwantes exatamente na compreensão de que a humanização é, com efeito, a “libertação emerge [...] do grito”⁵³⁵. A ação transformadora, nessa perspectiva, carrega uma proposta de conscientização crítica capaz de romper com a cultura do silêncio em meio aos oprimidos. A consciência crítica que dela resulta sinaliza para fatos e coisas inerentes ao espaço público no campo de suas correlações de causa e circunstância, integrando-se à realidade e desdobrando-se em uma ação crítica.⁵³⁶

Em Milton Schwantes, o grito é um elemento seminal para o desenvolvimento da consciência crítica iniciada pela denúncia que emerge da leitura popular da Bíblia. De acordo com o entendimento dele:

A releitura bíblica começou [...] com a denúncia. A miséria secular [...] é um grito de denúncia que se pode tentar encobrir com explicações simplistas que justificam a miséria [...] ou a tornam transcendente ao atribuírem sua superação ao milagre do desenvolvimento ou a suprimirem pela violência das armas do Estado. Contudo, fome, desemprego, expulsão da terra, genocídios gritam o seu grito incessante [...]. Neste contexto, os conteúdos bíblicos engrossaram as fileiras dos que denunciavam a miséria como fruto do enriquecimento. Ampliaram o grito dos empobrecidos.⁵³⁷

⁵³¹ SCHWANTES, 1987a, p. 51.

⁵³² FREIRE, 2006, p. 127-128.

⁵³³ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁵³⁴ A ação transformadora, em Paulo Freire, deriva da problematização. Ela é indissociável do ato cognoscente e das circunstâncias concretas. A problematização toma impulso a partir das experiências e pressupõe um retorno crítico a elas. Por intermédio da problematização, os sujeitos são convocados a refletirem sobre a realidade criticamente e podem gestar uma cultura e conhecimento no mundo e com o mundo. Leia mais em: FREIRE, 2005, p. 74-75.

⁵³⁵ SCHWANTES, 1984b, p. 151.

⁵³⁶ FREIRE, 2005, p. 44.

⁵³⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

A consciência crítica, nessa ótica, adquire um teor bíblico-teológico-pastoral. Ela não se restringe à compreensão de conceitos exegetico-acadêmicos, mas tem uma íntima relação com o potencial do povo para questionar e compreender as dinâmicas histórico-sociais do mundo bíblico em analogia à realidade latino-americana coetânea, no intuito de estimular a organização e o engajamento político das camadas populares.⁵³⁸

No pensamento freireano, o desenvolvimento de uma consciência crítica nos oprimidos e a consequente superação da cultura do silêncio só acontece por intermédio de uma educação problematizadora. Através dela, o ser humano pode desenvolver uma percepção crítica do mundo e, com isso, encontrar a si mesmo, ou seja, os sujeitos passam a enxergar a realidade não mais em uma perspectiva estática, e sim num constante processo de transformação.⁵³⁹

Paulo Freire situa a educação transformadora como uma práxis humanista de libertação, cujo postulado insere os oprimidos na luta por sua emancipação. Nesse sentido, a educação problematizadora faria com que os oprimidos percebessem criticamente as injustiças presentes na sociedade, capacitando-os no processo de superação de uma pseudorrealidade, de modo que o mundo emerge como alvo de uma ação transformadora, a partir deles próprios, desdobrando-se em sua humanização.⁵⁴⁰

A eclesiologia de Milton Schwantes, em sua proposta de aplicação nos círculos bíblicos e movimentos populares, procurou auxiliar no desenvolvimento de uma consciência crítica e política do povo empobrecido.⁵⁴¹ O rizoma desse empreendimento reside na incorporação da ação transformadora na leitura popular da Bíblia, que se manifesta como uma estratégia para sensibilização dos pobres em relação aos dilemas sociais latino-americanos. A educação problematizadora freireana e sua consequente ação transformadora não aludem claramente essas questões, mas, através dessa ótica, Milton Schwantes intencionou conscientizar o povo para uma compreensão política mais profunda do mundo a partir do texto bíblico.⁵⁴²

Um exemplo disso pode ser extraído de um dos manuscritos escritos na época em que ele esteve envolvido com o MST:

Vejamos em que sentido se dá este companheirismo entre a história bíblica e a luta dos sem-terra, dos índios, dos posseiros de nossos dias. A Bíblia tem predileção por alguns temas. Nela, certos conteúdos ou pessoas recebem maior atenção que outros [...]. A luta pela terra desempenha papel preponderante [...]. Gente recrutada para o trabalho forçado [...] em busca da libertação. [Esse] só foi o começo de um projeto

⁵³⁸ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁵³⁹ FREIRE, 2005, p. 74.

⁵⁴⁰ FREIRE, 2005, p. 74.

⁵⁴¹ SCHWANTES, 1989c, p. 13-50.

⁵⁴² SCHWANTES, 1989c, p. 13-50.

que chega ao seu alvo com o assentamento nas montanhas palestinese. A ‘terra boa’ é o objetivo da libertação.⁵⁴³

Na mesma intensidade que a educação problematizadora freireana, a ação transformadora em Milton Schwantes evoca um caráter humanizador e libertador. Mas, nesse caso, a humanização e a libertação resultantes da ação transformadora nascem de um processo no qual teólogas e teólogos orgânicos convidam o sujeito pobre das camadas populares a desvelar criticamente a realidade que o cerca, mormente em seus aspectos políticos, econômicos e sociais.⁵⁴⁴

Segundo Paulo Freire, o processo de domesticação implica na mera transferência de conhecimento, ao passo que a educação problematizadora, enquanto promotora da humanização e libertação dos sujeitos, aponta para um ato de conhecimento.⁵⁴⁵ Nesse sentido, a leitura popular da Bíblia articulada por Milton Schwantes pode ser compreendida como um ato de conhecimento e, simultaneamente, um processo de ação transformadora aplicável no mundo a partir de uma igreja profética de rosto popular. Para ele, a leitura do texto bíblico “necessita [corresponder] ao método de leitura e da transformação das condições, às quais os pobres estão sendo sujeitados”⁵⁴⁶.

Nessa perspectiva eclesiológica, é imperativa a superação das tramas ideológicas que localizam o pobre como um ser a-histórico a partir da ação transformadora. Na perspectiva freireana, a ideologia dominante ofusca a realidade e impede que os sujeitos desenvolvam uma consciência crítica,⁵⁴⁷ entretanto, Milton Schwantes, através da leitura popular do texto bíblico, defende a possibilidade de desvelar e compreender a razão de ser dos fatos políticos, sociais, econômicos e eclesiais na vida concreta. A leitura popular da Bíblia se destaca com uma função de desenvolver entre os pobres o pensamento crítico *da* realidade e a intervenção crítica *na* realidade latino-americana.

Para o autor, as teólogas e teólogos orgânicos precisam dialogar com o povo organizado e, junto dele, engajarem num pensamento crítico com a percepção de que a realidade é um processo que implica na transformação de uma sociedade marcada por contradições.⁵⁴⁸ Trata-se, nesse sentido, de uma maneira profética e popular de ler e interpretar a Bíblia:

⁵⁴³ SCHWANTES, 1985b, p. 170.

⁵⁴⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁵⁴⁵ FREIRE, Paulo. *The politics of Education: culture, power and liberation*. South Hadley: Bergin & Garvey, 1985. p. 102.

⁵⁴⁶ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁵⁴⁷ FREIRE, 2005, p. 74.

⁵⁴⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 10-11.

A Bíblia se lê pela experiência. Não estou dizendo que tem que ser assim. É assim. Pois, lemos as Escrituras como pessoas com uma história específica, em uma cultura determinada. Não há outro jeito. Afinal, somos gente, não ‘anjos’. Os profetas faziam questão de situar suas palavras. Diziam-nas a pessoas específicas, em contextos concretos, de um jeito cultural peculiar. Entremos, pois, na ‘escola’ profética da leitura bíblica.⁵⁴⁹

Na esteira dessa compreensão, está o diálogo. Na teoria freireana, o diálogo constitui o processo de humanização. Dialogar é inclinar-se à transformação contínua da realidade. No diálogo, está pressuposta uma conduta peculiar do ser humano que não inclui uma relação em que as pessoas são coisificadas, como se fossem falsos seres entre si. O diálogo, na perspectiva freireana, não se enclausura em antagonismos, mas, ancora-se no amor entre as pessoas que, mediadas pelo mundo, anunciam esse mundo. As pessoas transformam o mundo e, ao fazerem isso, humanizam-no para outras pessoas.⁵⁵⁰

A crítica freireana à educação bancária se justifica pelo seu caráter antidialógico. A abordagem bancária está destinada ao fracasso, porque nela a ação dos dominadores tende a dividir os oprimidos e, assim, preserva o *status quo* de opressão. Não obstante, na perspectiva dialógica, há um comprometimento incansável das lideranças na promoção da unidade entre os oprimidos e entre essa liderança com os oprimidos, visando a humanização e a libertação.⁵⁵¹ Em suma, a teoria dialógica da educação de Paulo Freire conjuga-se com uma ação transformadora.

A ação transformadora é um princípio na eclesiologia de Milton Schwantes pautado na dialogicidade. Na literatura do autor, os pobres não são coisificados, mas são alvo da solidariedade: “tanto através desta solidariedade quanto através de sua própria palavra e práticas, os empobrecidos já estão sendo hermeneutas, explicitadores dos conteúdos bíblicos”⁵⁵². Assim como Paulo Freire, o autor defende que os pobres “não são seres *a-históricos*, fora do mundo [mas, sujeitos] marcados pela história”⁵⁵³ [grifo do texto]. Teólogas e teólogos orgânicos não são os agentes promotores da cisão entre os pobres, mas “solidarizam com o povo oprimido”⁵⁵⁴, porque, para Milton Schwantes, “nem é possível ler e interpretar a Bíblia sem estar presente, sem participar deste processo”⁵⁵⁵.

Para ele, a opressão latino-americana é resultado da desunião entre as igrejas:

⁵⁴⁹ SCHWANTES, 1992b, p. 17.

⁵⁵⁰ FREIRE, 1980, p. 45.

⁵⁵¹ FREIRE, 2005, p. 172-173.

⁵⁵² SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁵⁵³ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁵⁵⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁵⁵⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

Nestes últimos séculos, as Igrejas, de fato, foram as portadoras da Bíblia. Cada Igreja fazia-o a seu modo, com devoção e sinceridade. Mas, uma vez que vivemos desunidos, uma vez que cada Igreja foi distanciando-se de sua coirmã, também a leitura bíblica foi sendo incorporada à desunião. Cada Igreja foi tendo ‘sua Bíblia’, seu jeito de interpretar.⁵⁵⁶

A falta de unidade entre as igrejas é um problema que perpassa a literatura de Milton Schwantes. Igrejas desunidas não podem promover uma ação transformadora no mundo e nem contribuir para organização do povo. A diáspora eclesial, por assim dizer, distancia as igrejas de três aspectos que, para ele, desdobram-se da redescoberta da Bíblia na América Latina, a saber: “empobrecidos como novos intérpretes [...], realidade concreta como chão da releitura [bíblica] e a experiência ecumênica como horizonte hermenêutico”⁵⁵⁷.

Isso explica, por exemplo, o fato de Milton Schwantes ter ampliado o significado do conceito de ecumenismo em sua vasta produção literária, como já abordado no primeiro capítulo. O texto bíblico recebe destaque como elemento de coesão não apenas das igrejas, mas “os próprios movimentos sociais recorrem à Bíblia [uma vez que] as Escrituras marcam presença em meio ao povo”⁵⁵⁸. Nesse sentido, o grito dos oprimidos evoca a unidade entre igrejas e movimentos sociais e populares, para reunirem-se em torno da Bíblia e, além dos pressupostos e das fronteiras tradicionais do cristianismo, reconhecerem os pobres como intérpretes privilegiados, tomarem a realidade destes como critério hermenêutico e compreenderem as diferenças litúrgicas como possibilidade de complementação.

Nas palavras do autor, é importante verificar:

Até que ponto a tradição da leitura bíblica usual em minha Igreja pode contribuir para um caminho conjunto, ecumênico [...]. Os novos desafios, representados pelo grito dos pobres, já não podem ser tarefas de uma só Igreja. O grito dos empobrecidos é um grito ecumênico.⁵⁵⁹

No *corpus* literário de Milton Schwantes, a ação transformadora envolve a popularização da leitura bíblica, a unidade entre as igrejas e movimentos sociais e populares e a criação de espaços ecumênicos para a organização popular, o que, em sua visão eclesiológica, constitui-se como elementos centrais no modelo de uma igreja profética de rosto popular.

A despeito de ser tratada como uma “literatura eclesial, que gosta de ser interpretada neste ambiente eclesial”⁵⁶⁰, a Bíblia jamais fora tratada por Milton Schwantes como um livro estritamente cristão. “Bíblia ecumênica [...], fiel ao grito dos pobres e à realidade sofrida em

⁵⁵⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁵⁵⁷ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁵⁵⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁵⁵⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁵⁶⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

que vivemos”⁵⁶¹. Para ele, trata-se de uma literatura poderosa na promoção de uma ação transformadora na América Latina: “um livro para a militância pelo porvir [...] uma [...] cartilha pela esperança”⁵⁶². O texto bíblico emerge como catalisador de igrejas e movimentos sociais e populares, capaz de inseri-los em uma amálgama que favorece a organização do povo e promove uma ação transformadora no mundo para humanização e libertação dos pobres.

A ação transformadora que marca a eclesiologia de Milton Schwantes tem uma dimensão humana e humanizadora que deriva da leitura popular da Bíblia. A leitura popular do texto bíblico não significa um simples ato de leitura pelo qual um sujeito, transformado em objeto pela dinâmica do sistema capitalista latino-americano, recebe passivamente os resultados exegéticos produzidos pelas teólogas e teólogos orgânicos. A interpretação bíblica requer uma postura curiosa do sujeito frente aos dilemas sociais, políticos, econômicos e religiosos: sua transformação sobre a realidade latino-americana, o que evoca uma busca contínua e exige uma reflexão crítica e contextual. A interpretação bíblica é uma tarefa de sujeitos e não de objetos, e é através da conscientização e da organização do povo que a igreja cumpre seu papel de promover uma ação transformadora para transformar a realidade.⁵⁶³

Na eclesiologia de Milton Schwantes, a ação transformadora resulta de um processo de leitura popular da Bíblia que intenciona dar aos pobres uma oportunidade de tornarem-se sujeitos através da reflexão sobre as narrativas bíblicas e a realidade latino-americana. Em sua acepção na literatura do autor, a expressão ação transformadora evoca uma relação particular entre o pensamento e a atuação. O pobres, enquanto sujeitos intérpretes privilegiados do texto bíblico,⁵⁶⁴ são capazes de desvelar a razão de ser das coisas, por exemplo, as causas da exploração.

Tem-se aí uma descoberta eivada de uma ação transformadora, na forma de uma organização popular e política, contra a exploração e em benefício da humanização dos pobres latino-americanos. Para Milton Schwantes, a leitura popular da Bíblia caminha desde a dimensão da apreensão dos conteúdos bíblicos rumo à criticidade na qual o contexto latino-americano se torna um objeto cognoscível, através de um movimento dialético entre reflexão crítica e subsequente ação, envolvendo as teólogas e os teólogos orgânicos e o povo.⁵⁶⁵

A ação transformadora pressupõe um contexto concreto e outro teórico no âmbito da literatura e da eclesiologia de Milton Schwantes. O contexto concreto é a situação da América

⁵⁶¹ SCHWANTES, 1989a, p. 12.

⁵⁶² SCHWANTES, 1989c, p. 17.

⁵⁶³ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

⁵⁶⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 48.

⁵⁶⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 48-50.

Latina, assim como descrito no primeiro capítulo, isto é, trata-se do *locus* em que se instalou determinado problema ou crise e que se deve analisar à luz do texto bíblico: “neste contexto, os conteúdos bíblicos engrossaram as fileiras dos que denunciam a miséria como fruto do enriquecimento”⁵⁶⁶. O contexto teórico presume a reflexão que se realiza a partir do contexto concreto. Ambos estão numa relação intercambiável, influenciando-se mutuamente, de maneira que tanto a prática que se propõe executar quanto a teoria que a deve embasar precisam ser conhecidas com profundidade, envolvendo, novamente, um movimento dialético entre teólogas e teólogos orgânicos com o povo.⁵⁶⁷

Na leitura crítica que Milton Schwantes realiza da sociedade de seu tempo – marcada pela divisão e pelo conflito de classes – e das igrejas nela presentes, são as elites do poder que definem a doutrina social da igreja e, de modo consequente, seus objetivos: “o racismo encrustado nas igrejas [...] as estruturas eclesiais [...] tão masculinas nas cúpulas”⁵⁶⁸. Não seria inútil considerar a leitura popular da Bíblia como uma pedagogia da ação transformadora na perspectiva eclesiológica de Milton Schwantes, que, em sua dimensão profética, popular e política, estaria a serviço da permanente libertação dos pobres. A libertação pressupõe uma transformação radical das estruturas, um processo de transformação estrutural iniciado pelos sujeitos pobres que tiveram suas consciências transformadas a partir da leitura popular da Bíblia e que, agora, são capazes de realizar uma ação transformadora e, com efeito, transformar a doutrina social das igrejas e sua forma de agir no mundo.⁵⁶⁹

Em uma linha profética e popular, a leitura popular da Bíblia se instauraria como uma metodologia para uma ação transformadora. Uma práxis política em benefício da humanização e libertação das pessoas pobres, que se inicia em suas consciências, mas, materializa-se na transformação radical das estruturas da sociedade. Nesse sentido, a eclesiologia de Milton Schwantes teria uma preocupação basilar, a saber: transformar a sociedade, porém, transformá-la em uma sociedade igualitária, conforme o projeto do tribalismo javista que era, segundo ele, o modelo clânico adotado pelas vilas da Palestina antes do advento da monarquia no Israel antigo.⁵⁷⁰ Nas palavras do autor, a “expressão maior da força do povo, do tribalismo [...] organizam e apoiam o povo a partir de suas necessidades [...] não só acusam as elites da cidade, mas também, em meio ao povo, vão ajudando a fazer aparecer melhor o projeto tribal”⁵⁷¹.

⁵⁶⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

⁵⁶⁷ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 131-136.

⁵⁶⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁵⁶⁹ SCHWANTES, Milton. Projeto de Deus na Bíblia. In: ARNS, Paulo. *Fé e educação política*. Porto Alegre: DAIT, 1982c. p. 88-102.

⁵⁷⁰ SCHWANTES, 1982b, p. 134-138.

⁵⁷¹ SCHWANTES, 1992a, p. 15.

A literatura de Milton Schwantes, além dessa preocupação elementar, procura estabelecer o papel da igreja profética de rosto popular no processo de transformação da sociedade. A eclesiologia do autor seria, nessa perspectiva, uma eclesiologia política direcionada a uma ação – ação transformadora – sobre a realidade social, que procura conscientizar os sujeitos pobres a partir da leitura popular do texto bíblico. Destarte, a ação transformadora teria uma dimensão política e outra eclesial, as quais Milton Schwantes não aprofundou em seu *corpus* literário, mas reconheceu claramente como essência da igreja a conscientização política dos pobres, a partir da leitura popular da Bíblia, e a consequente inserção das instituições eclesiais no amago dos movimentos sociais e populares da América Latina.⁵⁷²

Não é verdade a afirmação de que a igreja seria a única instituição capaz de promover a libertação social dos pobres em relação à opressão latino-americana. Mas, na literatura de Milton Schwantes, ela tem um papel preponderante nesse processo de modificação de uma estrutura social de pessoas oprimidas para uma sociedade igualitária. No caráter político-eclesial da ação transformadora, segundo Milton Schwantes, a leitura bíblica é sempre um ato político e popular, pois, se os “setores populares e as lutas populares [...] geraram e criaram os textos”⁵⁷³ [grifo do texto], a Bíblia deveria estar a serviço das classes subalternas e promover sua conscientização, humanização e libertação. Este é um princípio que perpassa a literatura de Milton Schwantes e toda sua visão eclesiológica. A leitura popular da Bíblia seria sempre uma leitura-ação, porém, não qualquer leitura ou ação, e sim uma leitura política e um ato político.⁵⁷⁴

A grande preocupação de Milton Schwantes gira em torno da promoção de uma eclesiologia para uma ação transformadora, pautada na responsabilidade social e política, no contexto da América Latina. Essa preocupação eclesial está presente nos textos do autor e sinaliza para a materialização de um determinado modelo de igreja – profética e de rosto popular – para agir de modo transformador no continente latino-americano, o que equivale a uma responsabilidade social e política da igreja a partir da leitura popular da Bíblia. Em uma entrevista concedida à *IHU On-Line*, o autor confessou ter bebido da teologia de Richard Shaull para endossar o sentido social e político do texto bíblico em suas obras. Sobre isso, ele relatou o seguinte:

Vivíamos, naqueles dias, no país, ocupado por militares desde 1964, e por teologias importadas em línguas estrangeiras. A teologia da revolução, formulada já nos anos 1950 e aprofundada nos anos 1960 por Richard Shaull, [...] era muito lida por nós

⁵⁷² SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁵⁷³ SCHWANTES, 1988c, p. 31.

⁵⁷⁴ SCHWANTES, 1982a, p. 47.

protestantes [...]. Ele influenciou, com sua corrente inovadora, o movimento de jovens estudantes de teologia. Afinal, os acontecimentos revolucionários em Cuba, em 1959, punham na ordem do dia o tema da transformação social rápida na América Latina, seja para solucionar a grave crise da integração dos camponeses nas cidades, seja de distribuição de terra e renda. A 'teologia da revolução' tematizava a participação cristã nestas transformações.⁵⁷⁵

Nesse sentido, sua perspectiva eclesiológica está eivada de um aspecto missiológico característico do pensamento de Richard Shaull: uma atuação eclesial articulada na força da revolução. A literatura de Milton Schwantes espelha uma preocupação com a relação entre política e humanização, isto é, entre a transformação das estruturas e a realização plena do direito dos pobres. Com efeito, sua proposta eclesial se configura, também, como uma eclesiologia da humanização.⁵⁷⁶

A igreja deveria se posicionar no seio da revolução para vislumbrar a ação divina no mundo. Por isso, ela deveria inserir-se nas lutas populares e sociais, no intuito de promover a conscientização, a humanização e a libertação dos pobres. Assim como Richard Shaull, Milton Schwantes requer um posicionamento dinâmico das igrejas no mundo, de maneira que elas não tornem sua estrutura organizacional e teologia rígidas. As igrejas devem dialogar com o contexto e correlacionar sua agenda com a situação vigente. Por isso, na literatura de Milton Schwantes, a igreja não pode ser entendida apenas como uma instituição religiosa, pois ela extrapola essa compreensão quando é reconhecida como um poderoso instrumento para a humanização. Igreja é movimento social e político, é coparticipante na história da América Latina, lutando pela conscientização, humanização e libertação dos pobres, a partir de um conjunto de narrativas e tradições bíblicas já expostas anteriormente.⁵⁷⁷

De acordo com Milton Schwantes, a leitura popular da Bíblia é um ato profundamente eclesial e político, com potencial para gerar uma ação transformadora na América Latina e transformar a realidade das pessoas pobres. Teólogas e teólogos orgânicos, junto ao povo, deveriam se posicionar criticamente ao vivenciarem a leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos com o objetivo de rejeitar a neutralidade das igrejas diante dos cenários de opressão. Ou seja, a atitude de neutralidade das igrejas deveria ser substituída por uma postura crítica, e a leitura bíblica deveria emergir como uma ação transformadora para conscientizar, humanizar e libertar as pessoas pobres.⁵⁷⁸

A eclesiologia de Milton Schwantes é perpassada pelo método de leitura popular da Bíblia, e a ação transformadora que dela resulta assume os contornos da educação popular

⁵⁷⁵ SCHWANTES, 2006, p. 54.

⁵⁷⁶ SCHWANTES, 1982c, p. 88-102.

⁵⁷⁷ SCHWANTES, 1982c, p. 88-102.

⁵⁷⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 44.

freireana, pois: conscientiza e politiza para humanizar e libertar. Trata-se de uma eclesiologia que absorve o político, porém, não estabelece amizade com o poder dominante.⁵⁷⁹ Da mesma forma, ela não demonstrou ter a ingênua intenção de assumir que a igreja, *per se*, transformaria a história e o contexto latino-americano, mas, mostrou-se corajosa e ousada o suficiente para supor que a igreja só será profética e de rosto popular no momento em que conscientizar os sujeitos pobres e, junto deles, empreender uma ação transformadora no mundo:

Já nos primeiros textos elaborados à luz da ‘revolução’ [...] a argumentação bíblica é importante [uma vez que esses textos] expressam a dinâmica transformadora de Deus em meio à história [e, com isso] evidenciam o testemunho de Deus em meio às transformações sociais, à revolução”.⁵⁸⁰

No todo, há uma convicção subjacente na proposta eclesiológica de Milton Schwantes que objetiva fomentar posturas políticas e efetivar uma ação transformadora na sociedade, no intuito de modificá-la em suas estruturas. Milton Schwantes acreditava na existência de dois modelos de igreja: uma vinculada ao poder, ou melhor, ao Estado, comumente cooptada pelo sistema e estéril em relação às mudanças na estrutura da sociedade; e outra desvincilhada do poder, que estaria a serviço das classes subalternas e, para o benefício delas, estaria engajada em suas lutas para promover uma ação transformadora e criticar as ações do Estado – uma igreja profética de rosto popular.⁵⁸¹

A ação transformadora é, nesse sentido, um princípio da eclesiologia de Milton Schwantes. Para sua concretização, pressupõe-se a existência de um espaço democrático para ler e interpretar o texto bíblico e organizar o povo, a partir da atuação de teólogas e teólogos orgânicos. Por isso, na próxima seção, aborda-se sobre os círculos bíblicos como *locus* privilegiado para tal empreendimento.

2.3 Círculos bíblicos como espaço de organização, contextualização e conscientização

No pensamento de Milton Schwantes, o processo de leitura popular é um momento determinante para a própria Bíblia. Não seria possível, por exemplo, conscientizar-se politicamente apenas com os métodos da exegese clássica. Além disso, a participação dos pobres no ato de leitura e interpretação não era somente algo democrático, mas demonstrou ser também eficaz, porque pressupunha o resgate das memórias de camponeses empobrecidos do Israel antigo cristalizadas nas narrativas bíblicas pelos únicos sujeitos que poderiam acessá-

⁵⁷⁹ SCHWANTES, 1978, p. 99-118.

⁵⁸⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 12.

⁵⁸¹ SCHWANTES, 1987a, p. 43-56. Veja ainda: CRUZ, 2021, p. 40-50.

las.⁵⁸² Ao contrário da concepção tradicional da exegese, apoiada na pesquisa pura e no distanciamento de seus especialistas da realidade concreta,⁵⁸³ Milton Schwantes acreditava no desenvolvimento de uma teologia bíblica, e consequente eclesiologia, fundamentada na subserviência da exegese à pastoral, pressupondo uma sutura e uma aprendizagem mútua entre as teólogas e teólogos orgânicos com o povo.⁵⁸⁴

Os círculos bíblicos eram espaços destinados à leitura popular da Bíblia a partir da realidade concreta das pessoas em situação de pobreza. No *corpus* literário de Milton Schwantes, o ato de ler a Bíblia nesses espaços não corresponde exclusivamente à compreensão do mundo do texto, mas evoca a mobilização do universo de saberes do povo – mundo do leitor – para ressignificar o horizonte do texto e conferir sentido à vida.⁵⁸⁵

Ler significa familiarizar-se com as narrativas bíblicas e seus elementos – memória do êxodo, movimento profético, conflito entre campo e cidade, promessa da terra, e outros – para desenvolver uma consciência crítica e política e um decorrente engajamento nas lutas sociais e populares da América Latina. A leitura é, então, mais ampla que a metodologia exegética, porque não implica somente na compreensão da Bíblia, mas procura relacioná-la à vida: leitura e hermenêutica bíblica numa relação intercambiável para a pastoral.⁵⁸⁶ É nesse sentido que a literatura de Milton Schwantes encara os círculos bíblicos como espaços de organização, contextualização e conscientização dos pobres: “círculos bíblicos mudam pessoas”⁵⁸⁷.

O horizonte popular de Milton Schwantes para a leitura bíblica não se reduzia à concepção populista, segundo os jargões das décadas de 1970 e 1980. Na verdade, ele acreditava, a partir das concepções dialéticas de seu tempo, que os pobres eram leitores e anunciadores privilegiados do testemunho bíblico, o que explica sua insistência para a articulação, nos círculos bíblicos, de duas ideias fundamentais:

De um lado, está o estudo da Bíblia. Faz-se necessário para captar a profundidade de sua história. É imprescindível, porque a Escritura é exigente. De outro lado, está a leitura popular. A resistência dos empobrecidos de hoje sintoniza com a da Bíblia. O labor dos estudiosos e as necessidades concretas das maiorias subjugadas vão de mãos dadas. Complementam-se. Estudo da Bíblia e prática popular se completam. Interação.⁵⁸⁸

⁵⁸² SCHWANTES, 1987a, p. 51.

⁵⁸³ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

⁵⁸⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

⁵⁸⁵ FILHO, José A. A teoria da recepção e a historicidade da compreensão das Escrituras. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 37-57, 2021. p. 37-57.

⁵⁸⁶ SCHWANTES, Milton. Movimentos bíblicos e pastoral. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 253, p. 23-25, 1990b. p. 23-25.

⁵⁸⁷ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁵⁸⁸ SCHWANTES, Milton. Afluiu para ele grande multidão. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 228, p. 32-34, 1988f. p. 34.

Isso significa que, na eclesiologia de Milton Schwantes, subjaz uma preferência pelas metodologias e práticas de leitura da Bíblia articuladas nos círculos bíblicos. Ele pretendeu fazer isso a partir da confluência dos conhecimentos acadêmico e popular, sem perder de vista a dimensão pastoral presente nessas práticas, “na qual, pessoas [...] ensaiam a fé em formas de organização”⁵⁸⁹.

A metodologia da educação popular freireana, além de ser uma marca dos círculos bíblicos,⁵⁹⁰ pode ser facilmente rastreada na literatura de Milton Schwantes. Paulo Freire entendia que a alfabetização de adultos – como uma ação de aprender a ler e escrever – era, concomitantemente, um ato político e de conhecimento, que equivaleria a “um esforço de leitura do mundo da palavra”⁵⁹¹. A leitura e a hermenêutica bíblica de Milton Schwantes são um ato político, porque intui a transformação da realidade dos pobres latino-americanos a partir de uma determinada proposta teológica e eclesiológica. Leitura e interpretação bíblica seguem um caminho distinto da exegese clássica, com outra proposta metodológica, em que a participação e organização do povo pobre no processo de compreensão do texto é condição *sine qua non*.⁵⁹²

Na perspectiva de Milton Schwantes, os círculos bíblicos confluem o popular e o científico, porém, com tensões significativas. Ele sempre reforçou a necessidade de a comunidade acadêmica aprender com as dinâmicas desenvolvidas nos círculos bíblicos para a leitura da Bíblia.⁵⁹³ Na academia, a Bíblia era geralmente lida em perspectiva diacrônica, mas, nos círculos bíblicos, o povo realizava uma leitura doravante:

De fato, na Bíblia prevalece a ótica da promessa. Sob esta perspectiva é proclamada a ação de Deus no mundo. Já nos primeiros livros do Antigo Testamento, vive-se de olhos postos na terra prometida. Para os profetas, lanças ainda hão de virar podadeiras. O Novo Testamento insiste em ler o Antigo à luz das promessas. Iminente é a vinda do Reino [...]. A Bíblia tem gosto pelo porvir. Agrada-lhe ser lida para frente. Utopia chama-se seu desaguadouro.⁵⁹⁴

A participação do povo na leitura e na interpretação do texto bíblico é um aspecto recorrente nas obras de Milton Schwantes. Entretanto, a metodologia empregada pelo autor nos círculos bíblicos se torna uma questão desafiadora na medida em que apresenta: implicações metodológicas em torno da interconexão entre texto bíblico e vida, que, para ele, deveria existir

⁵⁸⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁵⁹⁰ BOFF, Clodovis. Apresentação. In: FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 26.

⁵⁹¹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 13.

⁵⁹² SCHWANTES, 1989a, p. 15.

⁵⁹³ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁵⁹⁴ SCHWANTES, Milton. Escravidão na Bíblia. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 227, p. 32-34, 1988g. p. 32.

sem simplificações; e a realização da leitura política da Bíblia em contextos marcados por lutas sociais e populares. A tensão reside na seguinte questão: o povo tem potencial para explicar a Bíblia? Segundo Milton Schwantes:

Novos intérpretes da Bíblia vão aparecendo à porta de nossas igrejas e até já em seu interior. E isso alegra uns, mas entristece outros. Põe às claras o conflito de interpretações, no qual nos encontramos [...]. O estudo acadêmico e o poder eclesiástico já não resultam mais como plenamente suficientes. Não que não fossem importantes! Não que estivessem sendo negados. Nada disso! O que se passa é que estão sendo questionados. Aparecem em seus limites e precariedades [...]. Isso é duro para o acadêmico. Os estudiosos tendem a distanciar-se das dores do povo. Sobem mais alto. Tendem à autossuficiência quando a inserção popular deixa de ser uma de suas marcas [...]. Isso é duro para o poder eclesiástico. Não é fácil pôr-se na escuta. Servir complica. O exercício da disciplina é mais óbvio, está mais à mão. E aí fica difícil experimentar e admitir que, em nossa América Latina, o povo dos pobres está assumindo o papel decisivo na interpretação da Bíblia.⁵⁹⁵

A despeito das tensões existentes, Milton Schwantes estimula a ideia de que urge a necessidade de sintonizar a Bíblia em meio às questões sociais, políticas e econômicas da América Latina. Porém, com um alerta necessário:

Por certo, a experiência real não pode faltar em nossos estudos bíblicos latino-americanos, mas se for tomando conta dos encontros, se o círculo bíblico ‘só’ for política, tenderá a se esgotar. Primeiro, porque o círculo bíblico não é instrumento suficiente para enfrentar e mudar a realidade, para a atuação política. Há outros instrumentos mais capazes, experimentados, como a associação do bairro, o sindicato etc. O círculo bíblico terá que remeter para estas entidades, encorajar a participação. Ele não poderá querer substituí-las. Segundo, porque as pessoas que vão ao estudo bíblico, ainda que não queiram isolar da realidade que vivem em seu [cotidiano], querem expressar-se também em termos de cantos, orações, em nível religioso. Se a gente não respeitar esse anseio dos participantes do círculo bíblico, se não ajudar a desenvolver a linguagem da fé, da religião, então o círculo bíblico tende a se atrofiar, tende a se esgotar.⁵⁹⁶

Não seria inútil considerar que, nas obras literárias de Milton Schwantes, a presença da Bíblia redimensiona elementos que poderiam reduzir a dimensão política da igreja a pragmatismos ou instrumentalizações políticas equivocadas. Política é um aspecto muito positivo para a eclesiologia do autor, mas ele explica que ela também pode corromper algumas pessoas, quando não se toma o devido cuidado: “na corte [...] não há grandes chances nem grandes esperanças para a igreja profética”⁵⁹⁷. Igreja se aproxima do poder na mesma dinâmica que o movimento profético veterotestamentário, mas jamais deve se misturar com ele:

A igreja profética é um ensaio urgente e necessário em nossa situação. Aí valem as dimensões propostas, que nos coloca a tradição bíblica. Talvez seja um tanto

⁵⁹⁵ SCHWANTES, Milton. No conflito das interpretações. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 242, p. 34-35, 1989e. p. 35.

⁵⁹⁶ SCHWANTES, 1990b, p. 25.

⁵⁹⁷ SCHWANTES, 1978, p. 118.

esquemático, mas não seria necessário, nos perguntarmos: vamos com Natã, ligados a Davi? Ou: vamos com Miquéias, ligados aos colonos de Judá?⁵⁹⁸

A eclesiologia de Milton Schwantes articula as dimensões existencial e sociopolítica na prática da igreja como imperativo. Elas não são colocadas somente em paralelo, mas são articuladas e integradas.

Para Milton Schwantes, o serviço que a igreja profética de rosto popular deve prestar ao cristianismo precisa contribuir para que a experiência da fé seja, simultaneamente, consistente – em termos de fidelidade à narrativa bíblica – e envolvente – em termos de participação e organização popular. As dimensões proféticas da denúncia e do anúncio são resgatadas com fundamental relevância diante dos aspectos da realidade política, social, econômica e eclesial da América Latina. Contudo, Milton Schwantes alerta para o risco de uma tensão entre subjetividade e racionalidade na pastoral a partir dos círculos bíblicos:

Nesses últimos tempos, nem sempre temos avaliado as chances do estudo bíblico na comunidade com o devido cuidado, com o devido discernimento. Não raro, nós, agentes de pastoral, talvez tenhamos exagerado na acentuação da realidade. Motivados pelo que a própria comunidade trazia à tona em cenas, casos e fatos do cotidiano, possivelmente enveredados, em demasia, pelos trilhos da realidade.⁵⁹⁹

Com esse argumento, Milton Schwantes mostra-se preocupado para que a igreja não (re) produza um discurso pastoral politizado em face da expectativa religiosa dos sujeitos religiosos. A igreja não pode se fechar em si mesma, de maneira que sua membresia se sinta “bem em flutuar um pouco acima de sua realidade”⁶⁰⁰. Aí reside a importância de delimitar as fronteiras entre tal perspectiva e as práticas alienantes que caracterizam as experiências no seio das igrejas, sobretudo aquelas relacionadas às formas religiosas sectárias e intimistas.

Para Milton Schwantes, a organização do povo na igreja é uma forma de empreender uma ação transformadora para superar as crises sociais. Ele acredita na metodologia dos círculos bíblicos como uma estratégia para não desvincular o povo pobre dos compromissos políticos e sociais. Círculos bíblicos, nesses termos, fomentam a superação da opressão que incide sobre os pobres:

Experimenta-se a superação da violência através da solidariedade. A comunidade é este espaço novo e concreto para a redenção. A Bíblia não se cansa de insistir neste seu projeto. A comunidade, a igreja de base, viabiliza momentos de superação das opressões. Aí as crianças são acolhidas: ‘Deixai vir a mim os pequeninos’. As mulheres também testemunham, assumem sua palavra. Os escravos são integrados

⁵⁹⁸ SCHWANTES, 1978, p. 117-118.

⁵⁹⁹ SCHWANTES, 1990b, p. 25.

⁶⁰⁰ SCHWANTES, Milton. Toda criação geme e suporta angústias. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 246, p. 29-30, 1989f. p. 29.

como irmãos. Nascem novas relações. E assim a violência é contida, de jeito concreto, pé no chão.⁶⁰¹

Milton Schwantes procura equacionar a tensão entre racionalidade e subjetividade no contexto da pastoral a partir de uma proposta eclesiológica pautada na gratuidade nos esforços sociais e políticos. Se a solidariedade evoca a aplicação dos resultados das pesquisas bíblicas no tempo presente,⁶⁰² a participação e organização do povo a ultrapassa, porque seu horizonte de resultados é utópico, ou seja, subordina-se à ação, ao testemunho e à justiça social de Yahweh.

Nas palavras de Milton Schwantes:

Não é o que aprendemos na academia! Ela insiste no contrário: a Bíblia está distante! Sua cosmovisão não seria a do 'homem moderno'. Sua formulação da boa nova estaria irremediavelmente encapada nos limites culturais de seu tempo. Enfim, entre nós e a Bíblia haveria um fosso profundo [...]. Estas e outras vozes críticas, se bem que devam ser levadas muito a sério, via de regra, abordam a Escritura desde uma perspectiva cultural e desde experiências do assim chamado 'homem moderno' consumidor. Nossa abordagem não dá prioridade a tais mediações. As comunidades populares sintonizam os conteúdos escriturísticos desde uma perspectiva concreta e material e desde uma prática de luta e conflito. A este nível, a Bíblia é um livro presente [...] é nosso dia a dia.⁶⁰³

Nesse argumento, subjaz uma pergunta capital feita por Milton Schwantes no conjunto de suas obras, também presente no pensamento de Richard Shaull,⁶⁰⁴ a saber: onde Yahweh está agindo, hoje?⁶⁰⁵

Na análise de Milton Schwantes, essa pergunta deveria ser articulada nos círculos bíblicos com uma nítida crítica política. Para ele, as experiências do povo israelita registradas nas perícopes bíblicas deveriam conectar-se às expectativas e possibilidades das igrejas contemporâneas, com o objetivo de construir uma história a partir da idiocrasia dos círculos bíblicos, pois, “na Bíblia o poder é posto em crise. É questionado em sua raiz. A mística bíblica não se ajusta aos interesses de monarcas e imperadores. Está, por assim dizer, na contramão”⁶⁰⁶.

Esse movimento de confluência entre passado e presente aduz que o foco da leitura popular da Bíblia, na literatura em análise, é o povo pobre que a interpreta. Isso tem a ver com o método exegético utilizado por Milton Schwantes não apenas em suas obras, mas, também, em sua participação nos círculos bíblicos. Trata-se de uma hermenêutica que possui pontos de

⁶⁰¹ SCHWANTES, 1989f, p. 29.

⁶⁰² CRUZ, 2020b, p. 46.

⁶⁰³ SCHWANTES, 1987a, p. 49-50.

⁶⁰⁴ SHAULL, 1953, p. 19.

⁶⁰⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 16-19.

⁶⁰⁶ SCHWANTES, Milton. Entre vós não será assim. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 234, p. 33-34, 1988h. p. 33.

conexão com a leitura materialista da Bíblia.⁶⁰⁷ O estudo do *Sitz im Leben*, por si só, não é suficiente, pois é necessário aprofundar as diferentes dimensões, sobretudo as políticas e econômicas, que caracterizam as perícopes, no intuito de captar os conflitos análogos à igreja contemporânea. Cabe lembrar que Milton Schwantes privilegia a função transformadora da narrativa bíblica.⁶⁰⁸

Para ele:

Não se trata de substituir o texto por dados da investigação histórica, mas sim de ir iluminando a leitura comunitária e popular do texto bíblico, dessa memória profética e transformadora, com descobertas da ciência histórica, na medida do interesse e das possibilidades da comunidade.⁶⁰⁹

Os círculos bíblicos, para Milton Schwantes, eram a representação de ambientes de rejeição ao idealismo que procuravam conscientizar para a transformação da sociedade. Ele insistiu na historicidade dos eventos salvíficos assim como na revelação de Yahweh na história.⁶¹⁰

Nos círculos bíblicos, emerge a necessidade de garantir que as práticas da igreja sejam fundamentais na interpretação dos textos bíblicos e da história. O desenvolvimento das práticas desenvolvidas pelos integrantes dos círculos bíblicos no processo de interpretação da Bíblia não acontece apenas com a intenção de compreendê-la melhor, mas visam favorecer a dinamização da ação transformadora à luz do texto bíblico.⁶¹¹

Os círculos bíblicos, para Milton Schwantes, devem promover uma fusão de horizontes entre o mundo bíblico e a contemporaneidade. Neles, a Bíblia deve ser lida como um texto continuado, como se ela oferecesse as lentes necessárias para decifrar a história de todos os tempos. O autor partia da concepção de que o povo organizado nos círculos bíblicos é o mesmo povo do passado, ou seja, ele é ligado pela consciência da continuidade histórica e pela certeza de que Yahweh permanece com ele em sua caminhada. Passado e presente se coincidem, porque Yahweh continua agindo na história.⁶¹² Em relação às dinâmicas internas dos círculos bíblicos, pode-se localizar quatro aspectos realçados na literatura de Milton Schwantes que caracterizam

⁶⁰⁷ A leitura materialista ou sociológica da Bíblia é uma perspectiva teórica sobre as pré-condições materiais de uma compreensão do texto bíblico, que envolve: a procura do sentido do texto, em relação à formação social em que o texto foi produzido e lido; a análise textual; uma pré-compreensão histórica e antropológica que deriva das condições políticas, sociais, econômicas, culturais e religiosas. Para mais informações, consulte: WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 12, p. 3-28, 1993. p. 21.

⁶⁰⁸ SCHWANTES, 1982a, p. 47.

⁶⁰⁹ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

⁶¹⁰ SCHWANTES, 1989c, p. 15-17.

⁶¹¹ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

⁶¹² SCHWANTES, Milton. *O Espírito faz história*. Belo Horizonte: CEBI, 1988i. p. 12-15.

esses espaços como: prática de libertação e compreensão da Bíblia; estratégia de encarnação nas lutas sociais e populares; *locus* de subserviência da exegese à pastoral; e espaço de reflexão sobre a conexão entre Yahweh com a história presente.

Na visão de Milton Schwantes, nos círculos bíblicos, a Bíblia deveria ser disponibilizada para o povo. Todos deveriam participar dos processos de leitura e interpretação bíblica, oferecendo suas opiniões no intuito de construir uma compreensão comum e eclesial. As teólogas e teólogos orgânicos deveriam ajudar o povo nesse processo, sem impor sua posição, mas contribuir com seus conhecimentos exegéticos para o aprofundamento e melhor compreensão das narrativas bíblicas. É nesse sentido que os círculos bíblicos são pensados como prática de libertação e compreensão da Bíblia nos textos desse autor.⁶¹³

Em segundo lugar, Milton Schwantes acreditava que a leitura bíblica era uma estratégia para a igreja se encarnar na luta do povo. Trata-se do exercício de comparar as histórias bíblicas com as do povo, em relação ao mundo do trabalho, à moradia, aos direitos, entre outros aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos. Para ele, esse é um tipo de leitura que ajuda a enxergar o que não pode ser percebido a olho nu, isto é: a presença de Yahweh em toda a luta de libertação animada pelo texto bíblico. Ele explica que, nos círculos bíblicos, as teólogas e teólogos orgânicos sentem-se convocados a recriarem a história e reconhecerem que o mesmo Yahweh que agiu no passado age hoje na caminhada de libertação do povo. Por isso, todos devem ter ânimo e esperança, pois Yahweh sempre acompanhou seu povo em suas lutas e dificuldades.⁶¹⁴

Em terceiro lugar, já foi comentado que Milton Schwantes era insistente na integração da ciência bíblica à pastoral. Para ele, a exegese clássica alemã ilumina o texto e aprofunda a tarefa interpretativa. Ele mesmo empreendeu uma leitura histórico-social do texto bíblico, colocando em relevo os aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e religiosos. Nos textos de Milton Schwantes, a exploração da classe camponesa por parte da cidade ganhou muita nitidez. Era a maneira como ele empreendia uma aproximação crítico-materialista da Bíblia, tomando diversos elementos presentes nas narrativas com liberdade e criatividade, no intuito de compreender seus desdobramentos para as tarefas da igreja na atualidade, em especial no seu serviço junto aos pobres, através da pastoral. Não se trata de conhecer mais sobre a Bíblia e seu tempo, e sim de realizar o serviço da igreja no seio do povo. Essa é a perspectiva do autor no que diz respeito à subserviência da exegese à pastoral.⁶¹⁵

⁶¹³ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

⁶¹⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 18-19.

⁶¹⁵ SCHWANTES, 1984c, p. 32.

Em último lugar, para Milton Schwantes, os círculos bíblicos ajudavam o povo a compreender o agir de Yahweh nas ações humanas. Yahweh, para o autor, sempre se manifestou como um deus que age na igreja e na história de modo contínuo. Uma vez que acompanhou a história de Israel, pode acompanhar o povo organizado, aqui e agora, possibilitando uma compreensão libertadora do texto bíblico. Essa é uma tentativa teológica de conexão entre Yahweh com a história presente. Da mesma forma que os profetas bíblicos souberam elaborar uma teologia profundamente vinculada aos eventos históricos, o autor postula que os pobres têm o mesmo potencial de ação em suas lutas sociais e populares: eles podem contar com a ação do espírito, ou melhor, da *ruah*, em sua história, afirma Milton Schwantes.⁶¹⁶

Nas propostas de Milton Schwantes para os círculos bíblicos, no contexto de uma igreja profética de rosto popular, as teólogas e teólogos orgânicos vinculam-se à igreja para a elaboração de uma hermenêutica libertadora. O objetivo dessa amálgama consiste na prática de uma:

Leitura histórica [...] como fenômeno em meios às lutas sociais [...]. Esta [...] perspectiva a que amplamente prevalece entre nós [...]. A libertação é questão pastoral [...]. Está no dia-a-dia da atuação eclesial em meio às dores e às esperanças do povo. Daí provém novas perguntas e inquietações, novas perspectivas e propósitos para a leitura.⁶¹⁷

Em sua proposta de leitura bíblica, Milton Schwantes relaciona o passado com o presente na tentativa de responder a uma prática política em chave marxista. Ele realiza uma leitura profundamente eclesial, pois busca aprofundar a fé, dinamizar a pastoral e promover a transformação social, mas não se reduz a essa última, porque ela, “de início, acontece no contexto da pastoral”⁶¹⁸.

Esse tipo de leitura conta com o auxílio de teólogas e teólogos orgânicos, para que a eclesiologia não caia na armadilha de ser reduzida a uma das dimensões do materialismo histórico e nem o tome como grandeza histórica. Passa-se pelos elementos da teoria clássica marxista, porém, pergunta-se pelos conflitos e condições políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas contidos no próprio tecido bíblico, que jamais deixou de ser interpretado por ele no âmbito da prática pastoral.⁶¹⁹

⁶¹⁶ SCHWANTES, 1988i, p. 12.

⁶¹⁷ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

⁶¹⁸ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

⁶¹⁹ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

Por ser uma leitura bíblica gestada “na pastoral dos pequenos grupos eclesiais [...] da prática da fé, resistência e organização dos empobrecidos”⁶²⁰, teólogas e teólogos orgânicos, sobretudo especialistas em Bíblia, têm um papel importante nos círculos bíblicos por sua co-responsabilidade no exercício hermenêutico em perspectiva participativa. O sentido transformador desse processo está no auxílio ao povo organizado nos círculos bíblicos para conscientizá-los e politizá-los acerca de sua história e participação nas lutas sociais e populares. Essas e esses profissionais da teologia bíblica são importantes para evitar o risco de cair em posições populistas e/ou reduzir a leitura bíblica ao exercício exegético desvencilhado da pastoral.⁶²¹ Em sua atuação orgânica, elas e eles deveriam realçar aquilo que apenas os pobres conseguiam perceber no texto bíblico:

Os agricultores não percebem a Bíblia como ‘companhia’, porque aqueles textos têm uma linguagem religiosa, mas porque falam da luta pela terra [...]. Para os colonos, a Bíblia não só é vibrante por lidar com costumes interioranos. É-lhes decisivo que nela aparece a ‘luta do dia a dia’.⁶²²

Para o autor, nos círculos bíblicos, o passado era compreendido de maneira diferente, a partir de um cuidado criterioso com as lutas e resistências das classes dominadas. O presente era relacionado ao passado, no intuito de desmascarar as classes dominantes promotoras da opressão. Por isso, em sua eclesiologia, a comunidade eclesial é uma instituição determinante na leitura realizada nos círculos bíblicos. É nela que o sentido é tratado como algo mais importante que o próprio texto:

Isso significa que a gente confia na Bíblia, nas coisas que ela nos permite ver e ler. Confia em seus conteúdos [...]. Pela Bíblia este sagrado chega bem pertinho de cada um. Ali, naquelas letras [...], cada um, lendo ou ouvindo ler, fica pertinho de Moisés, abrindo o mar para que por ele passe o grupo dos libertos e eleitos. Fica pertinho de Jesus, caminhando como Ele maravilhosamente sobre as águas.⁶²³

Nos círculos bíblicos, segundo a ótica de Milton Schwantes, o povo pobre reunido e organizado constitui o grupo dos intérpretes privilegiados da Bíblia. O sentido do texto vai sendo tecido a partir de várias tonalidades e vozes, de práticas sociais e de experiências pastorais e, segundo ele, é nessa dinâmica que os participantes dos círculos bíblicos – teólogas e teólogos orgânicos e o povo – descobrem outras maneiras de enxergar o mundo:

Quando quero ver uma paisagem, vou a um lugar especial. Para ter uma vista panorâmica, é preciso ir a um local que lhe permita esta vista, esta visão. Se você quiser ver São Paulo, mais ou menos toda, então não há outro jeito a não ser subir até

⁶²⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁶²¹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 132.

⁶²² SCHWANTES, 1987a, p. 52.

⁶²³ SCHWANTES, 1994a, p. 5-7.

o Pico do Jaraguá. De lá você tem uma vista impressionante. Se você quiser ver o Rio de Janeiro, é do Corcovado que você se deslumbra. Então, o ponto de vista é a questão! Na leitura da Bíblia, o grupo, o círculo bíblico, é a 'torre de observação'. Lá é que a Bíblia dá gosto. Extasia. Vira sagrada.⁶²⁴

A organização, a transformação e a conscientização pressupõem, em grande medida, uma leitura bíblica situada no centro do processo de libertação desenvolvido nos círculos bíblicos.

Milton Schwantes não se contenta em interpretar somente o texto e o passado em que ele fora redigido. Mas, procura desenvolver uma abordagem colaborativa em relação ao processo de conscientização e politização do povo, colocando-se, de certo modo, a serviço da transformação social. Ele, longe de ficar preso ao sentido literal do texto, propõe o apoio de teólogas e teólogos orgânicos para desvelar um *sentido-para*, visando relacionar as narrativas bíblicas e seu contexto vital à contemporaneidade da igreja, com o interesse de contribuir para a libertação dos pobres. Por isso, na seção subsequente, verifica-se como esse autor pensou as relações entre igreja e política, a partir de sua proposta eclesiológica.

2.4 A dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes

A eclesiologia de Milton Schwantes se desenvolveu como uma prática de fé experienciada em meio às efervescências políticas e eclesiais latino-americanas, tendo como traços gerais alguns elementos da educação popular freireana, a busca por uma sociedade igualitária e a premência de dar preferência às pessoas pobres na igreja, nos círculos bíblicos – para a leitura popular da Bíblia – e na reflexão teológica, como também no conjunto da sociedade.⁶²⁵ Eivada por esses elementos, em sua dimensão política, é uma eclesiologia que também espelha o horizonte teológico dos círculos protestantes da Teologia da Libertação, tais como: a responsabilidade social cristã, a visão ecumênica, a crítica profética em relação ao âmbito econômico e sociopolítico e uma eclesiologia pautada na organização popular e no serviço.

As bases das reflexões eclesiológicas captadas na literatura de Milton Schwantes foram articuladas no horizonte pastoral e político dos setores ecumênicos da América Latina, em especial sintonia com ISAL, como já afirmado no capítulo anterior. Foram, em grande medida, as experiências e as ações desenvolvidas no campo da libertação política e social, em paralelo

⁶²⁴ SCHWANTES, 1994a, p. 6.

⁶²⁵ SCHWANTES, Milton. Tudo pelo social? *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 239, p. 33-34, 1989g. p. 33.

às vivências eclesiais das décadas de 1970 e 1980, que ajustaram o foco político-eclesiológico desse autor. As práticas sociais reverberaram consideravelmente o aspecto da responsabilidade social cristã na visão eclesiológica de Milton Schwantes.⁶²⁶

A responsabilidade social cristã, nos *corpora* de Milton Schwantes, evoca a práxis com uma natureza bastante peculiar, que resulta da experiência do êxodo, da profecia bíblica e favorece o distanciamento da ordem de opressão social que vitimiza as pessoas pobres, avançando esperançosamente rumo a uma sociedade igualitária, uma nova ordem social.

Observe este relato:

Haverá distribuição de terra [...]. Haverá tanto a justiça quanto a justificação [...]. Não haverá reinado e, assim, não haverá Estado [...]. Todos [terão] acesso à terra e à jurisprudência numa nova sociedade sem reinado [...]. O específico da profecia radical deve ser buscado em seu antagonismo ao Estado [...]. Neste antagonismo espelha-se a oposição entre agricultores e cidade, pelo que havemos de buscar as raízes do movimento profético nos vilarejos interioranos de Israel e Judá, em seu campesinato [...]. Se uma igreja não estiver enraizada neste mundo periférico [...], lhe será difícil de entender que existe o conflito profético sofrido contra o Estado.⁶²⁷

Milton Schwantes escreveu muitos textos em diálogo com as ciências bíblicas, podendo ainda ser observado na esteira de suas reflexões a presença de alguns elementos do marxismo clássico, sobretudo a perspectiva da luta de classes. Ele relacionou sua literatura com os dilemas da sociedade e com os aspectos elementares da fé cristã, a partir do texto bíblico – como foi demonstrado no primeiro capítulo. Uma vez mais, *Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética* é um desses manuscritos, em chave marxista, que ajudam entender claramente os posicionamentos políticos do autor em relação à atuação da igreja em face das questões emergentes das décadas de 1970 e 1980.⁶²⁸

Não seria um equívoco considerar que a responsabilidade cristã, em Milton Schwantes, é uma expressão viva da fé que emerge da leitura popular da Bíblia e que convoca teólogos e teólogos orgânicos, junto ao povo, para uma ação transformadora no mundo, a partir da igreja profética de rosto popular. É, nesse sentido, uma resposta ao encontro com as lutas sociais e populares, a partir do estabelecimento de um *ethos* que instaura um novo relacionamento entre a igreja e o povo latino-americano.

No pensamento do autor:

Os pobres estão à porta de todas as igrejas. Inquietam seu interior. Vão exigindo posicionamentos. Setores cada vez mais significativos das igrejas estão sendo convertidos pelos pobres. Aderem às lutas populares. Apoiam-nas. Nelas se inserem.

⁶²⁶ SCHWANTES, 1989g, p. 33-34.

⁶²⁷ SCHWANTES, 1982b, p. 135-145.

⁶²⁸ SCHWANTES, 1982b, p. 124-125.

Esta solidariedade entre comunidade cristã e o clamor dos pobres traz mudanças nas liturgias. Em todas as igrejas vão surgindo novas manifestações litúrgicas para corresponder a estes novos apelos oriundos das necessidades e esperanças dos oprimidos [...]. Nas lutas populares concretas, cristãos de diferentes igrejas se empenham em conjunto. Ecumenicamente, apoiamos e animamos o povo em suas lutas, por terra, por teto, por água. Nesta luta específica, nossas diferenças vão sendo niveladas.⁶²⁹

Para Milton Schwantes, a responsabilidade social cristã exigia das igrejas uma visão ecumênica para nivelar suas ações em benefício dos pobres latino-americanos.⁶³⁰

A visão ecumênica de Milton Schwantes também constitui a dimensão política de sua eclesiologia, porque demonstra uma preocupação com a vida. A promoção da vida, em termos de justiça social com os pobres, desvela-se como impulso para a superação das fronteiras que dividem as igrejas e que dificultam a cooperação entre elas.

Para o autor:

Hoje, os sinais dos tempos são outros. A *experiência ecumênica* traz novos desafios. Por um lado, o ecumenismo nos convida a entender as diferenças como possíveis complementações, não como motivos de separatismos. Até que ponto a tradição da leitura bíblica usual em minha Igreja pode contribuir para um caminho conjunto, ecumênico. Por outro lado, os novos desafios, representados pelo grito dos pobres, já não podem ser tarefas de uma só Igreja. O grito dos empobrecidos é um grito ecumênico [grifo do texto].⁶³¹

Nesse sentido, o ecumenismo supera a lógica de reunir pessoas de diferentes igrejas e/ou religiões. Seu ponto de partida é a vida dos pobres, o que exige ações de escuta, diálogo, respeito e solidariedade. O acolhimento pressupõe a criação de oportunidades e promoção de um espaço de expressão, serviço e conscientização política a partir da leitura popular da Bíblia.⁶³²

Como já mencionado no capítulo precedente, Milton Schwantes marcou presença em ações concretas em torno da reforma agrária, do sindicalismo urbano e nos empreendimentos de educação popular, em atividades políticas de grupos subalternos, tais como, o MST e a reflexão teológica latino-americana acerca das diferentes circunstâncias das classes populares que constituíram o amplo espectro das articulações ecumênicas desenvolvidas nas décadas de 1970 e 1980. Em sua vinculação orgânica com as diferentes entidades ecumênicas já mencionadas no capítulo anterior, esse autor postulou que o ecumenismo emergia como uma nova face da igreja e como horizonte hermenêutico para a leitura bíblica na América Latina.⁶³³

⁶²⁹ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

⁶³⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁶³¹ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁶³² SCHWANTES, 1989c, p. 17.

⁶³³ SCHWANTES, 1989a, p. 12.

A perspectiva ecumênica de Milton Schwantes é político-ecclesiológica. Ele reconheceu o déficit histórico provocado pela cisão entre as igrejas e sua participação no processo de opressão dos povos latino-americanos: “por séculos, nossas igrejas se empenharam em outro tipo de prática, justamente autônoma diante das angústias populares”⁶³⁴. Firmou-se em ideais utópicos de uma sociedade igualitária, conforme o modelo dos vilarejos da sociedade israelita pré-monárquica, como uma forma de reger a organização do povo e integrá-lo à sociedade.⁶³⁵ Buscou, de modo incessante, superar os conflitos e as diferenças entre as igrejas, a fim de encaminhá-las na contramão das tendências do consumismo, do individualismo e da exclusão social predominantes na versão latino-americana do capitalismo, no intuito de inseri-las nos movimentos sociais e populares, a partir do entendimento de que “o capitalismo priva [o povo] de tudo”⁶³⁶.

Temas candentes do contexto sociopolítico da América Latina foram tratados na literatura de Milton Schwantes na perspectiva da tradição bíblica, sobretudo a partir do movimento profético e na sua releitura do êxodo bíblico. Merece destaque a maneira como ele priorizava a tensão existente entre as instituições eclesiais e os pobres. Em sua interpretação dos sinais dos tempos e proposta de articulação do texto bíblico com a realidade latino-americana, o autor sempre argumentava o seguinte:

Entre nós, na América Latina, esta função questionadora da Bíblia recebe um realce especial. E este advém da situação histórica que vivemos [...]. Acontece que novas leitoras e leitores estão anunciando seu interesse em participar da intervenção bíblica. Por assim dizer, há novos ‘candidatos’. São os pobres. Sua palavra se vai fazendo presente nas igrejas [...]. Este é um fenômeno novo. Está relacionado com um despertar mais amplo, um reerguimento social e político dos povos latino-americanos, dispostos a pôr um basta na história da exploração [...]. Este novo sujeito histórico ainda é frágil. Mas, já se faz presente. Multiplicam-se os grupos de mulheres que propõem outro projeto social onde haja espaço para elas. Os camponeses sem terra já não se deixam mais iludir pelos propósitos capitalistas. Os sindicalistas afirmam sua autonomia diante do Estado que costumeiramente os atrelava. A própria sociedade civil quer constituir sua cidadania [...]. As igrejas são parte deste todo. Seus integrantes vão à Bíblia cheios desta aversão cada vez mais arraigada contra a exploração e cheios desta esperança de pão para todos. Estas novas leitoras e leitores inquietam as igrejas. Exigem maior coerência com testemunho bíblico da vida plena, da existência abundante para todos.⁶³⁷

Em sua crítica profética em relação às questões econômicas e sociopolíticas, Milton Schwantes inseriu a Bíblia como epicentro da igreja profética de rosto popular. Para ele, todas as questões políticas, sociais, econômicas e eclesiais devem ser discernidas à luz do texto

⁶³⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁶³⁵ SCHWANTES, 1982b, p. 135-138.

⁶³⁶ SCHWANTES, 1992c, p. 53.

⁶³⁷ SCHWANTES, Milton. Uma Bíblia que inquieta. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 235, p. 33-34, 1988j. p. 34.

bíblico. Esse postulado gestou uma densa visão eclesiológica, levantando questões do tipo: quem é a igreja? Onde a igreja deve estar? Quem representa e fala pela igreja? No conjunto, essas questões suscitam a tensão teológica entre movimento social e popular e instituição eclesial.⁶³⁸

Para Milton Schwantes:

A crise se refere, a meu ver, à tarefa pastoral. Sem coração pelo social, a pastoral esfarela-se, esmigalha, despedaça-se. Movimento eclesial nenhum faz jus às terras brasileiras, se não tiver uma instituição social clara. Eis a crise das paróquias. Nelas, assim me parece, tende a esquecer-se de animar pessoas para a presença maciça nas periferias. Os pobres, aquele cinturão de empobrecidos que faz aumentar os cinturões ao redor das cidades, continua sendo prioridade. Nas periferias, não pode faltar mão-de-obra pastoral.⁶³⁹

A vida eclesial deveria seguir a tradição bíblica que coloca em relevo as críticas proféticas contra os regimes totalitários e excludentes, fundamentando-se sobretudo nas tensões dialéticas que solicitam e gestam novas realidades. No modelo de igreja profética de rosto popular, manifesta-se uma tensão entre as dimensões mais criativas da vivência e da organização popular em paralelo às instâncias formais e institucionais da igreja. Trata-se, nesse sentido, da tensão entre instituição eclesial e movimento social e popular.⁶⁴⁰

Para melhor compreender essa nova maneira de ser igreja pressuposta na literatura de Milton Schwantes, vale considerar o seguinte argumento de Rubem Alves:

A função das instituições é fundamentalmente prática. Para viver e sobreviver temos de ser capazes de resolver problemas. Mas não é possível a cada geração aprender a resolver os seus problemas, da estaca zero. Nas instituições a memória das soluções passadas é preservada. Na verdade, é possível dizer que as instituições são a memória inconsciente da sociedade [...]. De um lado, a instituição faz uso dos seus mecanismos para impor sua interpretação da realidade e os comportamentos correspondentes. Do outro lado, as pessoas, sentindo um mundo diferente e os problemas novos que resistem às programações institucionais, são obrigadas a se desviar das instituições. As instituições, que num momento originário foram criadas como expressão e instrumento de pessoas, passam a ser vividas como obstáculo e repressão.⁶⁴¹

A igreja profética de rosto popular emerge como a nova realidade social promotora de uma eclesiologia: “será necessária uma nova eclesiogênese [...] em que igrejas e cristãos são solidários com operários e camponeses em sua luta pela libertação, em que o próprio povo empobrecido assume igreja”⁶⁴².

⁶³⁸ SCHWANTES, 2006, p. 56.

⁶³⁹ SCHWANTES, 2006, p. 56.

⁶⁴⁰ SCHWANTES, 2006, p. 56.

⁶⁴¹ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 40-45.

⁶⁴² SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

Trata-se de uma nova realidade social no sentido de que se situa no seio da instituição eclesial e nela gesta uma nova perspectiva simbólica. A tensão se estabelece na rejeição da igreja interpretar os mesmos símbolos cujos significados estão cristalizados na instituição eclesial. A igreja profética de rosto popular está circunscrita exatamente na relação ambivalente e dialética que estabelece com a instituição eclesial, porém, criando novos significados. A relação dialética equivale àquela que Milton Schwantes encontra na Bíblia Hebraica entre o campo, de um lado, e a cidade, do outro: um “novo jeito de ser de toda a Igreja”⁶⁴³. Com efeito, no horizonte do autor, igreja e movimento social são a mesma coisa.

Ao considerar a supremacia institucional e a ortodoxia dos modelos de igreja ditos tradicionais, a igreja profética de rosto popular cultiva elementos de heresia, pois, na cúpula, e não no estabelecimento da verdade, por assim dizer, sobressaem vozes opostas: pobres como “agentes reformadores da igreja”⁶⁴⁴. A construção de um modelo de igreja profética de rosto popular requer outras linguagens, pois “não se pode pensar uma comunidade nova falando uma linguagem velha”⁶⁴⁵.

Nas palavras de Milton Schwantes:

Na Bíblia, se tem alegria no novo fruto [...]. O novo vem das raízes, por certo. É semeado em nossos núcleos de sem-terra. Brota nas pequenas comunidades eclesiais. Aparece nas novas relações que exercitamos em nossas famílias. Junta-se nos sindicatos. Enfim, vem de baixo, da base, ‘das raízes’. Mas, este ‘rebento’ quer dar ‘fruto’, grande, forte, de vez. É preciso acelerar a colheita deste ‘fruto’, deste produto” [...]. Temos a Igreja que nasce na base. Por toda parte crescem as pequenas comunidades. Este jeito novo de ser Igreja já se impôs. Não haverá recuo, apesar de escaramuças cá e lá.⁶⁴⁶

O modelo de igreja profética de rosto popular subverte a eclesiologia clássica no momento em que abandona o dogma e assume a suspeita e a indagação como metodologia teológica e pastoral. O abandono se instaura nas pressuposições de que o povo pobre é, sabe onde está e são os representantes privilegiados da igreja.⁶⁴⁷

Para os católicos romanos, a igreja se localiza na unidade institucional cuja cabeça é o Papa.⁶⁴⁸ Para os protestantes, a igreja se encontra na justa confissão de fé.⁶⁴⁹ Em face da

⁶⁴³ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

⁶⁴⁴ CRUZ, 2021, p. 49.

⁶⁴⁵ ALVES, 1982, p. 50.

⁶⁴⁶ SCHWANTES, Milton. “Plantarei meu povo na terra que lhes dei”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 52, n. 206, p. 424-428, 1992d. p. 425.

⁶⁴⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

⁶⁴⁸ VOLF, Miroslav. *After our likeness: the Church as the image of Trinity*. Michigan: Grand Rapids, 1998. p. 259-282.

⁶⁴⁹ ALMEIDA, Saulo M. O pensamento teológico de Rubem Alves: contribuições Isalinas. *Revista Unitas*, Vitória, v. 9, n. 1, p. 71-83, 2021. p. 77.

dialética entre instituição eclesial e movimento social e popular, cabe reformular a pergunta: se as cristalizações dogmáticas e doutrinárias não são a marca distintiva da igreja profética de rosto popular, onde ela está? Na eclesiologia de Milton Schwantes, a igreja profética de rosto popular se assenta nas camadas populares e periféricas da sociedade, ela tem seu lugar entre o povo, nos movimentos sociais e populares, articulando-se em sua luta por libertação.⁶⁵⁰

A atuação da igreja nas obras literárias de Milton Schwantes requer um elevado grau de contextualização, pois, em conformidade com os principais debates eclesiológicos desenvolvidos na Teologia da Libertação na América Latina, o autor reconheceu e procurou acompanhar o caráter articulador e propositivo de transformação social desenvolvido pelas igrejas latino-americanas no século XX. Por exemplo, assim como postulou Karl Barth, a igreja na literatura em tela não é descrita como a revelação divina que se tornou uma instituição, e sim como um evento,⁶⁵¹ no qual o povo é reunido e a Bíblia é lida e interpretada para cumprir com a missão da igreja no mundo.⁶⁵²

Milton Schwantes e Karl Barth defenderam a igreja como *locus* privilegiado para leitura e anúncio do texto bíblico. A missão da igreja, enquanto evento na história, consistia em fazer com que a Bíblia fosse conhecida entre mulheres e homens, porém, sem incorrer no perigo de controlar as narrativas através das interpretações.⁶⁵³ O texto bíblico jamais deveria ser aprisionado pela igreja e, nesse sentido, domesticado por ela, o que explica a insistência de Milton Schwantes no argumento de que a Bíblia se trata de um texto que pertence a todas as pessoas, sobretudo aquelas em situação de pobreza. Literatura bíblica, nessa perspectiva, também é um evento pelo qual se constata que Yahweh sempre está inclinado para o seu povo e para suas necessidades.⁶⁵⁴

A igreja profética de rosto popular deve manter e expandir as práticas de denúncia contra os sistemas e situações injustas e desumanas em que vivem os pobres latino-americanos. Por isso, em Milton Schwantes, assim como em Karl Barth, a vivência em comunidade pressuposta nos círculos bíblicos constitui a dimensão política da eclesiologia. Na concepção barthiana, a natureza da igreja evoca uma abertura para o acolhimento de novos integrantes e, desse modo, cada comunidade desenvolve um potencial multiplicador para concretizar a perspectiva universalizante do evangelho.⁶⁵⁵ Mas, esse crescimento não equivale ao desejo de expansão,

⁶⁵⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁶⁵¹ BARTH, Karl. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte, 2006. p. 208-209.

⁶⁵² BARTH, 2006, p. 208-209.

⁶⁵³ BARTH, Karl. *Dádiva e louvor*: ensaios teológicos. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 289.

⁶⁵⁴ SCHWANTES, 1988i, p. 18.

⁶⁵⁵ BARTH, 2006, p. 208-209.

visa, na verdade, a expansão do reino de Deus. Na literatura de Milton Schwantes, a finalidade da vivência em comunidade, nos círculos bíblicos, busca o fortalecimento da base social da igreja a partir dos projetos desenvolvidos nos setores populares e, com isso, conscientizar e politizar o maior número possível de pessoas em situação de pobreza.⁶⁵⁶

Se, para Karl Barth, não é possível integrar a comunidade cristã sem uma participação ativa em sua atividade e missão, porque a igreja jamais se constrói na abstração,⁶⁵⁷ para Milton Schwantes, a inserção da igreja nas camadas periféricas da sociedade é um imperativo para cristãos e cristãs e sobretudo para teólogas e teólogos orgânicos em sua tarefa de conscientizar e politizar o povo.⁶⁵⁸ Com efeito, a ênfase barthiana da igreja como evento desvela que, na dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes, a igreja profética de rosto popular é um espaço aberto para organização do povo e atuação de teólogas e teólogos orgânicos, de maneira que, sem tal perspectiva, o papel da igreja no mundo se torna inviável. Em sua dimensão política, a essência da igreja profética de rosto popular consiste em tornar-se um evento capaz de restaurar todas as coisas e construir uma sociedade igualitária e justa. São suas atividades que definem sua dimensão política.⁶⁵⁹

A eclesiologia de Milton Schwantes introduziu no modelo de igreja profética de rosto popular tarefas metodológicas e políticas. O alargamento metodológico que ele empreendeu não envolveu apenas os limites da exegese clássica, mas, também, a compreensão da realidade da América Latina. Em relação à exegese especializada, “seu método teria sido articulado em um horizonte histórico-social [marcado por] um deslocamento no campo pragmático de uma leitura heurística para uma leitura política do texto bíblico”⁶⁶⁰. A leitura da realidade social, política, econômica e eclesial latino-americana foi realizada em chave marxista, em uma perspectiva libertadora, a partir do resgate das tradições bíblicas com uma espécie de revisão das imagens de Yahweh que, no decorrer da história, espelharam práticas de dominação, por exemplo, as androcêntricas.⁶⁶¹

A eclesiologia de Milton Schwantes procura descer aos “porões da humanidade”⁶⁶², o equivalente às dimensões concretas da vida. O papel político da igreja não é pensado de modo especulativo, mas pressupõe o resgate do direito à vida para os pobres em sua concretude, como resultado de uma ação transformadora que se consolida a partir da conscientização e politização

⁶⁵⁶ SCHWANTES, 1988i, p. 18.

⁶⁵⁷ BARTH, 2006, p. 208-209.

⁶⁵⁸ SCHWANTES, 1988i, p. 18.

⁶⁵⁹ SCHWANTES, 1988i, p. 18.

⁶⁶⁰ CRUZ, 2021, p. 121.

⁶⁶¹ SCHWANTES, 1992b, p. 21.

⁶⁶² SCHWANTES, 1987a, p. 46.

do povo reunido e organizado nos círculos bíblicos em torno das práticas de leitura popular da Bíblia.⁶⁶³

Tal perspectiva modifica, dentre tantas coisas, o trato com o texto bíblico e a postura da igreja na sociedade. Há que se ultrapassar as interpretações ordinárias e adentrar nos conflitos internos ao mundo bíblico, sobretudo em suas dimensões econômicas, sociais, políticas e religiosas, para captar as estruturas de saber e de poder que favorecem a apreensão da subjetividade das classes subalternas daquele mundo. De lá, a igreja nem sempre conseguirá extrair uma prática de racionalidade coerente, mas irá se deparar com uma interpretação do real capaz de reorientar sua localização e seu papel no mundo e, com isso, poderá reordenar o sentido bíblico para se articular no meio do povo.⁶⁶⁴

Mostra-se clara a existência de um círculo hermenêutico, uma interpretação política da Bíblia, que, além de conferir “um novo sentido aos textos bíblicos”⁶⁶⁵, conduz a eclesiologia de Milton Schwantes rumo à solidariedade com os pobres em suas lutas sociais.⁶⁶⁶ Não se trata de uma arbitrariedade individualista ou subjetivismo do autor, e sim de uma proposta eclesial fundamentada na dinâmica do encontro dos pobres com um deus “solidário com os pobres”⁶⁶⁷, que mobiliza a igreja para as camadas periféricas da sociedade, imperativo ulterior para instaurar um processo de humanização, nos termos da educação popular freireana,⁶⁶⁸ para realização da justiça e efetivação da libertação. Esse aspecto e abertura eclesial condiciona a interpretação e as compreensões sobre as narrativas bíblicas, a vida e as ações de teólogos e teólogos orgânicos.⁶⁶⁹

A dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes insere as igrejas na organização popular e no serviço aos pobres para “viver hermeneuticamente no mundo”⁶⁷⁰, convertendo um determinado horizonte hermenêutico bíblico político em ações transformadoras. É uma eclesiologia política com referencialidade bíblica que reconhece e destaca os pobres como sujeitos intérpretes privilegiados da Bíblia.⁶⁷¹ Essa construção eclesiológica não parte da recusa das dimensões racionais inerentes ao método exegético clássico, mas compreende a literatura bíblica em uma perspectiva histórico-social com o rigor da exegese clássica e, pelas lentes marxistas, empreende avaliações históricas envolvendo

⁶⁶³ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁶⁶⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁶⁶⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁶⁶⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁶⁶⁷ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁶⁶⁸ FREIRE, 2006, p. 127-128.

⁶⁶⁹ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

⁶⁷⁰ RIBEIRO, 2009, p. 105-120.

⁶⁷¹ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

articulações políticas e eclesiais, com o interesse de integrá-las de modo mais profundo e autêntico na ação pastoral das igrejas.⁶⁷²

A igreja profética de rosto popular pode ser entendida como uma resposta alternativa aos problemas sociais, econômicos, políticos e religiosos da América Latina. Milton Schwantes acredita que:

Na procura pela tarefa da igreja [...] a igreja profética é um ensaio urgente e necessário em nossa situação. Aí valem dimensões e propostas, que nos coloca a tradição bíblica. Talvez seja um tanto esquemático, mas não seria necessário, nos perguntarmos: vamos com Natã, ligados a Davi? Ou: vamos com Miquéias, ligados aos colonos de Judá?⁶⁷³

As dimensões da denúncia e do anúncio profético são partes constituintes da participação da igreja profética de rosto popular nos processos de libertação social.⁶⁷⁴ Daí, emergem os maiores desafios eclesiais e pastorais relacionados à oposição ao modelo de Estado totalitário e excludente e ao convite às igrejas para mergulharem no mundo periférico das classes populares.⁶⁷⁵

A eclesiologia de Milton Schwantes centra-se em uma leitura bíblica corporificada no cotidiano e essencialmente interligada à responsabilidade social das igrejas e à atividade política. Ela tem como base uma visão futurística que prevê a valorização da vida e a solidariedade com os pobres, tanto em sua defesa quanto em uma relação de mútuo aprendizado com elas e eles, pressupondo um profundo compromisso com os desafios e com os dilemas sociais e políticos que se apresentam ao continente latino-americano. Com efeito, a abrangência da dimensão política dessa proposta eclesiológica leva em consideração minimamente três grandes eixos, a saber: a tensão existente entre as instituições eclesiais e os pobres; a tensão entre a comunidade acadêmica e as camadas populares em relação à leitura do texto bíblico; e a tensão entre subjetividade e racionalidade em torno do debate teológico – conforme relatado na seção anterior –, não apenas da época, mas, também, na contemporaneidade.⁶⁷⁶

Se observada a partir dos pobres e das classes subalternas da América Latina, as bases bíblicas sobre a libertação do povo ganha contornos políticos na eclesiologia de Milton Schwantes. Os processos de libertação se revestem de uma forte crítica ao império, que comumente se justifica, entre outros aspectos, pela dinâmica da meritocracia, que se orienta pelos critérios de rentabilidade e preconiza a libertação por intermédio do lucro, da submissão

⁶⁷² SCHWANTES, 1989a, p. 15.

⁶⁷³ SCHWANTES, 1978, p. 118.

⁶⁷⁴ SCHWANTES, 1985a, p. 26-39.

⁶⁷⁵ SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: qual é a palavra dos profetas sobre o Estado? *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 16-20, 1986e. p. 16-20.

⁶⁷⁶ SCHWANTES, 1990b, p. 25.

e da privatização, gerando a exclusão social e a marginalização de uma parcela considerável das pessoas na sociedade. São contornos que rememoram à experiência do êxodo bíblico, explica o autor:

As comunidades dos pobres da América Latina se nutrem do êxodo. Buscam orientação e animação junto às parteiras, que na defesa da vida foram mais astutas que o próprio Faraó, junto a Miriam e Moisés, que assumiram a liderança [...]. Os povos latino-americanos vivem em constante e continuado êxodo. Migração e deslocamentos não são impedidos. Pelo contrário, são favorecidos. Constituem nossa realidade. As pessoas são expulsas do campo para a cidade. Este êxodo rural – na verdade, uma violenta expulsão de pequenos proprietários, lavradores e sem-terra – transforma gente especializada em plantar e colher em desempregados sem profissão. O operário é jogado de um emprego para outro. A rotatividade caracteriza sua vida. Não há estabilidade. Há êxodo. As famílias são empurradas de uma periferia à outra. As mudanças não se restringem a algumas famílias. Multiplicam-se! Mulheres e homens oprimidos são, hoje, um povo migrante. São pessoas em êxodo. Vivem nas ruas! Que contornos assume o êxodo, nesta situação? É evidente que já não podemos propor êxodo em sentido literal. Isso significaria aumentar dores. Não podemos propor fuga para fora do Egito. Ir para onde? Onde está a terra que mana leite e mel? Fica, pois, contigo, leitora e leitor, a pergunta: Que contornos o êxodo libertador – esta estrela-guia da Escritura – há de assumir, aqui e agora?⁶⁷⁷

Outro aspecto constituinte da dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes é sua proposta seminal do encontro entre a igreja – através da leitura popular da Bíblia – com outras culturas e povos, sobretudo no processo de conscientização e politização. Mesmo sendo este um esforço incipiente e não detalhado minuciosamente na literatura do autor, ele se mostra atento às diferenças culturais que, no contexto da América Latina, estão profundamente enlaçadas com a diversidade de expressões religiosas que a academia, *per se*, não poderia contemplar.

Em suas palavras, Milton Schwantes explica o seguinte:

Não há teologia latino-americana que não seja índia e negra. Por isso, sua dimensão acadêmica não basta, porque a academia representa um corte, um perfil branco na sociedade e do saber [...]. O acesso à escola teológica chegou a estar negado aos descendentes de escravos. E, mesmo quando liberado, o acesso às faculdades, são poucos os descendentes de nações indígenas e de filhas e filhos de povos negros que têm acesso à formação teológica. Temos muito a caminhar nestes caminhos [...]. Ao delinear a contribuição indígena, Gustavo Gutiérrez certamente foi claramente insuficiente. E a contribuição negra ainda nem de longe começou a se extravasar pela Teologia da Libertação. Ainda estamos nos começos de caminhos que havemos de trilhar, caminhos difíceis. Difíceis porque não se trata somente de uma ou de outra orientação teológica, mas de um diálogo muito mais profundo. Afinal, índias e índios, negras e negros ainda não foram ouvidos em suas experiências religiosas. E sem estas experiências religiosas não haverá Teologia da Libertação na América Latina. Estamos tão somente nos começos destes caminhos.⁶⁷⁸

⁶⁷⁷ SCHWANTES, 1988d, p. 9-18.

⁶⁷⁸ SCHWANTES, Milton. Anotações sobre a Teologia da Libertação: carta a um amigo. In: OIKOS [Site institucional]. 12 out. 2007. [n.p.]. [online]. [n.p.].

Essa perspectiva confirma que a dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes preocupa-se – segundo as articulações ecumênicas e conforme as concepções do autor – com as diferentes expressões de presença pública das religiões, visando o fortalecimento da democracia e do potencial contra-hegemônico em defesa dos direitos dos pobres. Esse aspecto faz parte do horizonte hermenêutico do autor, que postula uma antropologia bíblica com novos paradigmas, a saber:

O paradigma dos direitos humanos é o direito do fraco, o paradigma para a vida é a periferia, o paradigma da nação é o índio. O sistema de espoliação capitalista estoura na vila e nas periferias. Lá se decide o que seja direito humano [...]. Afinal [...], Javé ouviu o clamor dos hebreus escravizados. Por ser moldada pelo grito do pobre, a antropologia javista, a seu modo, integra a dor de toda criação.⁶⁷⁹

O olhar político de Milton Schwantes volta-se para a contradição à força do sistema capitalista latino-americano, com o objetivo de desenvolver uma eclesiologia direcionada para o reforço das práticas libertadoras dos povos.

O papel político da igreja profética de rosto popular nos processos de estabelecimento de uma sociedade igualitária e justa não despreza as grandes questões que afetam os povos latino-americanos e intensificam “a dor toda a criação”⁶⁸⁰. Antes, exige reflexões bíblico-teológicas-pastorais consistentes para promover uma abertura para o diálogo entre diferentes religiões, culturas e povos, em diferentes frentes de ação contra o enrijecimento de perspectivas fundamentalistas e acirramentos de conflitos de classes e expropriação dos empobrecidos. Para o autor, a igreja vive constantemente esse quadro ambíguo e, por essa razão, a eclesiologia precisa considerá-lo com muita atenção.⁶⁸¹

Em suma, a proposta do capítulo consistiu em aproximar a eclesiologia de Milton Schwantes ao horizonte da educação popular freireana. Foi possível constatar a presença de elementos desta última na literatura em análise, em especial na metodologia utilizada nos círculos bíblicos para a leitura popular da Bíblia. A ação transformadora, especificamente em seus aspectos pedagógicos, foi situada como um princípio dessa proposta eclesial carregada por um potencial peculiar para gestar a conscientização e a politização dos pobres. Os círculos bíblicos foram destacados como espaço privilegiado para organização, contextualização e conscientização, contando sempre com o auxílio de teólogas e teólogos orgânicos. A dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes perpassa as discussões aqui levantas, de modo que ela evoca a tradição bíblica como resposta aos dilemas sociais, econômicos, políticos e eclesiais

⁶⁷⁹ SCHWANTES, 1984b, p. 160.

⁶⁸⁰ SCHWANTES, 1984b, p. 160.

⁶⁸¹ SCHWANTES, 1987a, p. 44.

da América Latina, que marcaram a atuação pastoral e intelectual de Milton Schwantes. Diante dessas considerações, a proposta do terceiro capítulo consiste em discutir as implicações dessa proposta eclesiológica para o campo das Ciências das Religiões Aplicadas.



3 IMPLICAÇÕES DA ECLESIOLOGIA DE MILTON PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES APLICADAS

O objetivo deste capítulo consiste em situar a eclesiologia de Milton Schwantes no âmbito das Ciências das Religiões Aplicadas, tratadas aqui como uma das modalidades de engajamento social da área, capaz de gestar uma ação crítica e orientada. Apresenta-se Milton Schwantes como um transgressor de fronteiras epistemológicas entre as Ciências das Religiões e a Teologia, com sua metodologia *autóctone* e seu profundo interesse de confluir pesquisas bíblicas e ação pastoral. Ensaia-se a efetivação da práxis transformadora no contexto da igreja profética de rosto popular, porém, agora, aprofundando seus aspectos pastorais a partir da atuação das teólogas e teólogos orgânicos. O capítulo encerra com a apresentação das Ciências das Religiões Aplicadas como *locus* privilegiado para aplicação de conhecimentos científico-religiosos sobre os dilemas da vida concreta e construção de novas perspectivas teórico-metodológicas, o que abre espaço para mediações científicas para a proposta eclesiológica analisada nesta pesquisa.

3.1 Milton Schwantes nas fronteiras entre a Teologia e as Ciências das Religiões

Não faz parte do interesse desta seção demarcar as fronteiras entre as Ciências das Religiões e a Teologia,⁶⁸² e sim avaliar a atuação de um intelectual que atuou nessas duas áreas com a preferência de não distinguir seus limites epistemológicos, a partir de uma cosmovisão político-religiosa e de interferências de instâncias extra-acadêmicas, por exemplo: as igrejas, as CEBs, a CPT e outras redes e instituições congêneres. A literatura aqui analisada reflete uma porosidade teórico-metodológica que pode ser bem compreendida à luz da metáfora de uma piscina com raias, que, a despeito de delimitarem as divisas dos movimentos de um nadador, flutuam sobre as mesmas águas. Milton Schwantes submergiu nessas águas sem demonstrar nenhuma preocupação com tais demarcações.

⁶⁸² Frank Usarski, por exemplo, as delimita a partir de três eixos temáticos, tendo em vista o debate epistemológico na Alemanha, a saber: objeto de estudo; abordagens do objeto; proteção de interferências de instâncias extra-acadêmicas. Em relação ao primeiro eixo, ele explica que as Ciências das Religiões não se debruçam sobre a esfera teológica da fé e nem se ocupa da legitimidade de uma religião, mas centra-se nas diferentes manifestações históricas da crença de uma religião. Quanto ao segundo, ele defende que o cientista da religião, enquanto acadêmico, não se vincula a nenhuma cosmovisão religiosa, mas limita a atuar como um especialista em religião. No que diz respeito ao terceiro eixo, o autor entende que o cientista da religião não presta um serviço institucional, mas tem certa autonomia em termos político-acadêmicos. Para saber mais sobre o debate em torno das discriminações entre Ciências das Religiões e Teologia, leia: USARSKI, Frank. Demarcando as fronteiras da Ciência da Religião: um esboço com referências à discussão epistemológica na Alemanha. *Revista Rever*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 209-229, 2021. p. 215-216.

A eclesiologia de Milton Schwantes corresponde a um empreendimento teológico-intelectual-pastoral que, por ocupar-se do levantamento, da descrição e da análise hermenêutica dos fenômenos que constituem o mundo bíblico e coetâneo, tem implicações sobre o caráter empírico das Ciências das Religiões. Nessa área de conhecimento, ele atuou como professor de literatura e religião no mundo bíblico, de modo que, em sua literatura, a religião sempre é descrita como um fenômeno precisamente humano, o que justifica a proposta de uma eclesiologia dedicada às formas de organização do povo, sobretudo em torno de questões políticas.⁶⁸³

No pensamento de Milton Schwantes, a igreja não existe *per se*, mas emerge da conscientização e politização do povo. Igreja, nesse sentido, é um movimento político em constante interação com os setores populares. Ao aproximar-se das Ciências das Religiões, essa perspectiva eclesiológica ganha contornos bíblico-antropológicos: “a antropologia bíblica desemboca na antropologia do trabalhador [...]. Por conseguinte, a antropologia bíblica é, por excelência, antropologia dos sem-terra”⁶⁸⁴. Tal eclesiologia surge ligada às particularidades de um *modus operandi* no mundo e à maneira de se conceber os pobres.

Parte das igrejas cristãs postulam uma cosmovisão que prenuncia uma dimensão existencial para além da realidade empírica e ordinária. Uma das operacionalizações possíveis das igrejas consiste na diferenciação entre imanência – a dimensão ocupada pelos seres humanos – e transcendência – a dimensão que extrapola o que é visível, tangível e imediato. A afirmação do além evoca a compreensão do aquém, e a igreja tende a disponibilizar formas de acesso na imanência para a transcendência – do aquém para o além – através da realização de ritos, orações, músicas, entre outros. Milton Schwantes passou pelo estudo desses elementos empiricamente observáveis, analisando criticamente a função das instituições religiosas e políticas do mundo bíblico, bem como das igrejas e do regime político vigente em sua época. Ele não se deteve somente nessa análise, mas avançou para o desenvolvimento de uma proposta teológico-eclesiológica inclinada aos interesses dos setores sociais e populares da América Latina.⁶⁸⁵ Para ele, a igreja é sempre da ordem da imanência, e ela jamais deve restringir sua práxis ao espaço institucionalizado, distanciando-se da história e do mundo, e sim inserir-se na realidade social das classes populares.⁶⁸⁶

A insistência no caráter empírico das Ciências das Religiões resulta numa série de consequências metodológicas para a eclesiologia de Milton Schwantes. A primeira delas é a

⁶⁸³ SCHWANTES, 2006, p. 54.

⁶⁸⁴ SCHWANTES, 1984b, p. 150-152.

⁶⁸⁵ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁶⁸⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

postura conhecida como agnosticismo metodológico, que recusa, por exemplo, afirmações de que os textos reconhecidos como sagrados são fatos, mesmo quando tais afirmações são problematizadas socialmente. Segundo Fábio Stern:

O agnosticismo metodológico é um reconhecimento de que [as Ciências das Religiões possuem] um limite de até onde [podem] ir [...]. Uma vez ultrapassado, abordagens de outras áreas são necessárias, e o cientista da religião deve se afastar. Nenhum saber dá conta de tudo [...]. O agnosticismo metodológico é uma condição *sine qua non* o cientista da religião não faz ciência da religião. Não é uma opção utilizá-lo ou não. É algo inalienável. Se uma pesquisa não se adequa ao agnosticismo metodológico, ela está para além de nossa fronteira disciplinar [grifo do texto].⁶⁸⁷

O tratamento que Milton Schwantes dispensou ao texto bíblico escapou da lógica do agnosticismo metodológico. Ele se posicionou ideologicamente em face das questões políticas e religiosas do povo latino-americano e tratou as alegações encontradas no campo das ciências bíblicas como expressões das convicções partilhadas por esse povo. Para Frank Usarski, as Ciências das Religiões se limitam às questões históricas e materiais das religiões, ou seja, nos aspectos acessíveis empiricamente, o que não necessita ser observado, por exemplo, no campo da Teologia.⁶⁸⁸

A construção do saber teológico se distingue do conhecimento gestado pelas Ciências das Religiões. É exatamente isso o que Milton Schwantes fez. Ele não deixou de trabalhar com as religiões como produto humano, mas extrapolou as fronteiras epistemológicas das Ciências das Religiões, ao propor uma teologia de reconstrução do universo simbólico da Bíblia a partir de um horizonte político:

A caminho de uma Teologia Bíblica também nos encontramos, quando nos pusemos a discutir a temática mais abrangente da hermenêutica. Afinal, a ênfase na hermenêutica, como que necessariamente, implica em um interesse teológico abrangente. Neste sentido, a busca por uma interpretação da Escritura – adequada ao nosso contexto – vai aguçando a sensibilidade em prol de uma compreensão do todo da Bíblia.⁶⁸⁹

Em sua proposta de estudo da literatura e da religião do mundo bíblico, Milton Schwantes não se isentou de qualquer posicionamento teológico, político e ideológico. Para tal empreendimento, ele cruzou as fronteiras epistemológicas das Ciências das Religiões e migrou para o campo da Teologia, porque, segundo a explicação de Frank Usarski, “não é tarefa da

⁶⁸⁷ STERN, Fábio L. Metodologia em Ciência da Religião. *Revista Relegens Thréskeia*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 138-160, 2020. p. 153.

⁶⁸⁸ USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 51-62.

⁶⁸⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

ciência da religião avaliar ética ou politicamente a história de uma religião e os resultados desta dinâmica, ou, mesmo, prescrever como deveria ser ou em que direção teria que evoluir”⁶⁹⁰.

A literatura de Milton Schwantes demonstra certa rejeição à neutralidade científica pressuposta na postura do agnosticismo metodológico, abrindo mais espaço para uma conduta de engajamento político a partir das igrejas. A proposta subjacente de teólogas e teólogos orgânicos, por exemplo, introduz os interesses da igreja profética de rosto popular ou de sua militância “acima do respeito à verdade e à honestidade do debate”⁶⁹¹. Nesse sentido, o estudo da literatura e da religião do mundo bíblico e a atuação da igreja são, para Milton Schwantes, elementos indissociáveis que coexistem criativamente, como se a eclesiologia e a política tivessem uma história circunscrita relacionada à sua origem e destino.⁶⁹²

Outra consequência metodológica decorrente do caráter empírico das Ciências das Religiões incidente sobre a perspectiva eclesiológica de Milton Schwantes é a necessidade de controle dos impactos dos padrões mentais adquiridos por ele ao longo de sua socialização e formação acadêmica,⁶⁹³ através das quais ele desenvolveu suas tendências de interpretar o contexto da América Latina. Já foi dito no primeiro capítulo que, conforme o pensamento de Otto Maduro, Milton Schwantes percebeu a realidade em sua volta em uma perspectiva correspondente à sua condição social e às suas inclinações políticas, fazendo com que suas ações e propostas estivessem cada vez mais carregadas pela ótica do conflito de classes.⁶⁹⁴

As implicações dessa segunda consequência metodológica exigiriam, por assim dizer, que Milton Schwantes mantivesse uma indiferença normativa em relação às características da literatura e da religião do mundo bíblico, não cabendo a ele, nesse caso, tomar partido, por exemplo, pelas manifestações populares no mundo religioso. Em vez disso, explica Frank Usarski, ele deveria afastar-se de seu objeto de investigação, não avaliar politicamente o contexto latino-americano e muito menos prescrever uma postura política para as igrejas de sua época em relação aos dilemas sociais desse continente.⁶⁹⁵

Na prática, não é isso o que se observa na literatura de Milton Schwantes, porque ela é marcada pelo cruzamento de divisas epistemológicas entre as Ciências das Religiões e a Teologia. Na década 1980, o Programa de Pós-Graduação (PPG) em Ciências das Religiões da

⁶⁹⁰ USARSKI, 2021, p. 221.

⁶⁹¹ GISEL, Pierre. Uma coexistência criativa entre a Teologia e as Ciências das Religiões: que trabalho desenvolver dos dois lados? In: SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano V.; ALMEIDA, Tatiane. (orgs.). *A epistemologia das Ciências da Religião*: pressupostos, questões e desafios. Curitiba: CRV, 2020. p. 133.

⁶⁹² SCHWANTES, 1982b, p. 124-125.

⁶⁹³ USARSKI, 2021, p. 220.

⁶⁹⁴ MADURO, 1981, p. 97-100.

⁶⁹⁵ USARSKI, 2021, p. 221.

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), no qual ele atuou como professor acadêmico, contava com a presença da Teologia em sua estrutura curricular, o que, para Antônio Mendonça, demonstrava uma perspectiva claramente teológica.⁶⁹⁶ Esse último autor explica sobre as tendências e as características dos primeiros anos do PPG:

As áreas de concentração não eram estanques, transitava-se livremente de uma para a outra. Debaixo do pálio da Filosofia, agora senhora e não serva da Teologia, não se visualizavam distanciamentos e conflitos entre Teologia e Ciências da Religião. Eram ciências irmãs dentro de uma mesma casa. Somente com o progresso da área, graças à criação de outros cursos e seu ingresso no sistema de avaliação, é que surge devagar algum questionamento sobre os respectivos perfis.⁶⁹⁷

Com a primeira reformulação do PPG de Ciências das Religiões da UMESp, no ano de 2003, Etienne Higuét explica que a área de Literatura e religião no mundo bíblico fez a opção de estudar a literatura e a religião a partir do ferramental exegético-científico, das ciências sociais, das ciências da linguagem e das suas releituras no contexto das culturas latino-americanas. Nessa nova estrutura curricular, a teologia bíblica foi substituída pelo aspecto da recepção, com ênfase no contexto popular da América Latina. A linha de pesquisa passava pelos estudos históricos do mundo bíblico, entendendo-se ao antigo Oriente próximo e ao mundo mediterrâneo, com uma proposta clara de ir além dos métodos histórico-críticos.⁶⁹⁸

Na reformulação do PPG no ano de 2010, as áreas de concentração foram reduzidas a duas, a saber: Religião, sociedade e cultura e Linguagens da religião, que mantiveram presente a Teologia, todavia, “as Ciências da religião [foram] tratadas como campo de conhecimento interdisciplinar, não como ciência única”⁶⁹⁹. A área Linguagens da religião passou a dedicar-se ao:

Estudo de texto, símbolos, mitos, ritos, práticas das religiões, assim como de sistemas doutrinários a partir de sua linguagem e articulação próprias por meio de métodos das ciências da linguagem, da hermenêutica, da teologia, da filosofia, da história e da antropologia.⁷⁰⁰

A despeito de o acento estar posto sobre o estudo das linguagens das religiões, através das ciências das linguagens e da hermenêutica, a Teologia permaneceu presente nessa proposta curricular mais recente. A área considera que a religião se constitui como “linguagem da

⁶⁹⁶ MENDONÇA, Antônio G. O fim de um tempo: última aula na Pós-Graduação em Ciências da Religião, (15 de agosto de 2002). *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 34, p. 234-248, 2008. p. 240.

⁶⁹⁷ MENDONÇA, 2008, p. 240.

⁶⁹⁸ HIGUET, Etienne A. Reformulação do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 343-375, 2012. p. 350.

⁶⁹⁹ HIGUET, 2012, p. 352.

⁷⁰⁰ HIGUET, 2012, p. 353.

cultura, linguagem das narrativas míticas sobre Deus e sobre o mundo do sagrado e do profano, através de estruturas próprias, da construção de símbolos que geram sentido de modo ilimitado”⁷⁰¹.

Nesse novo formato, a literatura e a religião do mundo bíblico apontam para a “análise de textos do mundo bíblico, em diferentes cânones, apócrifos, pseudepígrafos, Qumran e do seu entorno religioso-cultural, em perspectiva literária, sócio-histórica e da história da recepção”⁷⁰². Os métodos histórico-críticos foram mantidos, porém, ampliados por intermédio do ferramental da semiótica, da estética da recepção, da intertextualidade e dialogismo bakhtiniano e da perspectiva hermenêutica de Paul Ricoeur. A Bíblia passou a ser tratada muito mais em seu caráter poético, narrativo e simbólico, ou seja, como metáfora, uma literatura próxima da estrutura mítica, profundamente polissêmica e com uma enorme reserva de sentidos que permite infinitas interpretações.⁷⁰³

De acordo com Pedro Vasconcellos, essas mudanças contribuíram para:

A abordagem das escrituras sagradas das religiões [de modo que] os textos [passaram a ser] considerados neles mesmos, enquanto grandezas estabelecidas; os textos como testemunhas e resultantes de processos históricos e religiosos do passado; os textos como portadores de inúmeras possibilidades interpretativas, que, por sua vez, poderão ser reveladoras de facetas importantes dos processos históricos vividos pelas diversas tradições religiosas e no âmbito delas.⁷⁰⁴

Mesmo diante dessas mudanças curriculares no PPG da UMESp, Milton Schwantes seguiu na linha da articulação entre as pesquisas bíblicas – utilizando os métodos histórico-críticos e leitura sociológica da Bíblia – com a leitura popular da Bíblia e com a pastoral. A implementação do projeto de pesquisa BBLAMS na UMESp é uma evidência disso, pois, além da grande repercussão e relevância que conquistou ao longo dos anos, demonstra que o autor não abdicou de suas propostas eclesiológicas num cenário marcado por tentativas de demarcações entre Ciências das Religiões e Teologia.

Conforme explica Etienne Higuët, a BBLAMS:

É o mais antigo projeto de pesquisa do programa: foi iniciado em 1988 [...]. O projeto pretende repercutir a relevância atual da Escritura nas comunidades cristãs da América

⁷⁰¹ NOGUEIRA, Paulo A. S. *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 9.

⁷⁰² HIGUET, 2012, p. 361.

⁷⁰³ NOGUEIRA, 2012, p. 55-65.

⁷⁰⁴ VASCONCELLOS, Pedro L. Estudos de “escrituras” e a Ciência da Religião: da hermenêutica de textos à percepção de sujeitos religiosos em ação significativa e produção de sentidos. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 136.

Latina e do Caribe, ‘como fonte inspiradora de um novo jeito de ser igreja, como novo modo de formular religião à luz das experiências cotidianas e políticas’.⁷⁰⁵

A criação do projeto BBLAMS evidencia que Milton Schwantes, enquanto professor de Ciências das Religiões, manteve a Teologia atrelada ao seu método hermenêutico. Em sua literatura, a Teologia foi articulada como uma hermenêutica da dimensão radical de sentido presente no contexto latino-americano, e o fazer teológico como uma prática que renuncia preceitos dogmáticos, porém, não abandona as referências da Teologia da Libertação.⁷⁰⁶

O horizonte hermenêutico de Milton Schwantes desvela pelo menos três aspectos empíricos que perpassam sua eclesiologia: ênfase na literalidade e na dimensão histórico-social da Bíblia, memória histórica dos pobres na Bíblia Hebraica e leitura dos profetas à luz do contexto da América Latina.⁷⁰⁷ No conjunto, são aspectos percebidos na literatura dele que sempre pressupõem a mediação pastoral a partir da práxis transformadora, um elemento importante para situar sua eclesiologia no âmbito das Ciências das Religiões Aplicadas – isso será retomado e melhor explicado na terceira seção deste capítulo.

Em sua busca pela dimensão histórico-social das perícopes bíblicas, o interesse de Milton Schwantes não se restringiu à descoberta das intenções dos redatores, de maneira que, para ele, a busca pela origem de um texto evocaria a “pergunta pelos setores sociais e [pelas] lutas populares que geraram e criaram os textos”⁷⁰⁸. Ou seja, para além da identificação dos supostos autores da Bíblia, ele considerava importante “não só [...] identificar os autores do texto, mas também [...] se tente localizar os portadores da memória”⁷⁰⁹, isto é, os pobres. O redator final do texto é, na análise do autor, um elemento secundário em relação às tradições e ao conteúdo das perícopes bíblicas, que provêm da vida do povo de Israel antigo.⁷¹⁰

Milton Schwantes partiu do pressuposto de que as tradições e os conteúdos das perícopes bíblicas foram preservados na memória do povo empobrecido de Israel antigo. Trata-se, nesse sentido, de uma “memória impregnada [pelas] experiências dos setores populares e camponeses”⁷¹¹, que fazem dos textos bíblicos um testemunho vivo, justificando, assim, a leitura dos profetas no horizonte da América Latina: “o próprio conteúdo da profecia traz engravado o contexto”⁷¹², de modo que, “sem o devido respeito a esta dimensão não havemos

⁷⁰⁵ HIGUET, 2012, p. 362-363.

⁷⁰⁶ REIMER, 2013, p. 246-259.

⁷⁰⁷ REIMER, 2013, p. 246-259.

⁷⁰⁸ SCHWANTES, 1988c, p. 31-32.

⁷⁰⁹ SCHWANTES, 1988c, p. 31-32.

⁷¹⁰ SCHWANTES, 1988c, p. 36-37.

⁷¹¹ CRUZ, 2020, p. 744.

⁷¹² SCHWANTES, 1985a, p. 27.

de entender. Mas justamente na profecia também necessitamos aperceber-nos de sua dimensão histórica”⁷¹³.

A Bíblia era o objeto comum que Milton Schwantes considerou na convergência entre as Ciências das Religiões e a Teologia. Mas, como já dito, ele não demonstrou enxergar limites epistemológicos no trato com o texto bíblico, e sim relações de complementariedade entre as áreas. Sua hermenêutica jamais rejeitou a dimensão da fé dos intérpretes latino-americanos, muito menos a aplicação da interpretação bíblica para a contemporaneidade, o que é fundamental para o campo da Teologia e, no pensamento de Frank Usarski, dispensável para a prática de um cientista das religiões.⁷¹⁴ Em Milton Schwantes, não há relações antagônicas entre Ciências das Religiões e Teologia, e sim relações intercambiáveis. A despeito de suas distinções naturais, na literatura desse autor, uma área não sobrepõe a outra, mas confluem, de modo criativo e poroso, para o estudo do texto bíblico.

Antonius Gunneweg, em sua proposta de diferenciação entre o conhecimento e a fé, naquilo que ele denominou de teologia histórica, ou seja, que não depende da fé – assim como ocorre com a teologia dogmática –, reforça a colaboração que ocorre entre essas duas instâncias, porém, lembrando a necessidade de se ter consciência e cuidado. Observe:

Da diferença entre conhecimento e fé, e, assim, também entre teologia histórica e teologia dogmática como ciência por um lado e fé pelo outro, e então – depois de Semler! – não mais esquecer isso. A distinção entre os níveis da análise [...] não deveria recair novamente no erro de associar a historiografia ao conhecimento, a teologia, porém, à fé. Também a teologia, não importando se procede de modo histórico ou [...] de modo dogmático, é incapaz de demonstrar a verdade da Escritura do [Antigo Testamento e do Novo Testamento], como tampouco pode provar a existência de Deus. Dessa tentativa e tentação a teologia deveria precaver-se, por amor a Deus e ao mundo, também ao mundo do [Antigo Testamento e do Novo Testamento]. Mas também deve precaver-se para não cometer outro erro e não dissociar fé e conhecimento, crer e compreender, como se fossem antagônicos. A fé cristã *compreende* o que crê, e por isso pode prestar contas com palavras compreensíveis, as quais também a pessoa não-crente consegue entender. A fé não é órgão de conhecimento (*Prockson*), e sim aceitação e assunção existencial do compreendido. Quem crê não entende nada *melhor*, tão pouco acerca da Escritura, e não é a fé que faz o exegeta, e sim o entendimento, a habilidade, a experiência, o método e, sobretudo, muito trabalho [grifo do texto].⁷¹⁵

Diante desse argumento, pode-se inferir que as transgressões das fronteiras epistemológicas entre as Ciências das Religiões com a Teologia não sinalizam para uma falta de consciência de Milton Schwantes, mas apontam para uma opção metodológica que ele fez.

⁷¹³ SCHWANTES, 1985a, p. 39.

⁷¹⁴ USARSKI, 2021, p. 209-229.

⁷¹⁵ GUNNEWEG, Antonius H. J. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 85.

Para Michael Pye, as Ciências das Religiões constituem um campo disciplinar que utiliza um conjunto de métodos, e não apenas um, para o estudo de um objeto. Dentre os focos que ele aponta para a articulação das subdisciplinas dessa área, a literatura de Milton Schwantes se inscreve na utilização de fontes escritas, orais ou materiais para o trabalho acadêmico, que exigem um conhecimento linguístico pertinente, porque os personagens participantes estão ausentes para tal trabalho.⁷¹⁶ Em relação ao estudo do texto bíblico, tendo como base as palavras de Michael Pye, deve-se considerar que:

As fontes não são a mesma coisa que o objeto. O objeto é um combinado complexo de informações socioculturais para o qual as fontes fornecem evidências. A questão metodológica aqui é, dessa forma, como as fontes em questão poderiam ser estudadas. Deste modo, o foco nas fontes nos leva a orientações metodológicas secundárias, que vêm da natureza tríplice das fontes primárias disponíveis para o estudo, a saber: as fontes escritas, orais ou materiais. Não há um método único aqui que seja particularmente característico [às Ciências das Religiões]. No entanto, há um agrupamento de métodos característicos que vem de uma reunião particular de fontes relevantes [...]. Um dos requisitos mais importantes nesse sentido é alcançar uma correlação coerente entre método 'histórico-filológico' e os métodos típicos do trabalho em campo em situações 'vivas' e 'orais'.⁷¹⁷

De qualquer modo, uma análise das contribuições de Michael Pye demonstra que não existem fórmulas ou procedimentos acabados para o desenvolvimento das Ciências das Religiões. E isso deve ser levado em consideração no estudo dos *corpora* de Milton Schwantes.

As tensões que ocorrem nas Ciências das Religiões são comumente as mesmas identificadas nos estudos de outros objetos elencados pelas ciências humanas, de modo que, por diversas vezes, o aspecto da distinção tem a ver com a história precedente dessa área de conhecimento.⁷¹⁸ Esse fato esclarece que, talvez, seria mais oportuno atentar para as posturas assumidas por Milton Schwantes, como professor de Ciências das Religiões e Teologia, considerando que, de alguma forma, elas contribuíram para a produção de um pensamento empírico e passível de análise.

Segundo Michael Pye, o método histórico-filológico, *per se*, mostra-se insuficiente para atingir as exigências metodológicas das Ciências das Religiões. Mas, para ele, há dois aspectos da metodologia das Ciências das Religiões capazes de auxiliar na formação de modelos e de categorias analíticas para a área, a saber: a comparação e a contextualização. O trabalho comparativo ajuda na construção de categorias temáticas ou explicativas internas ao sistema religioso, e ele pode ser identificado nos esforços de Milton Schwantes para encontrar o *Sitz im*

⁷¹⁶ PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. *Revista Rever*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 162-178, 2017. p. 168-176.

⁷¹⁷ PYE, 2017, p. 168-169.

⁷¹⁸ PYE, 2017, p. 168-176.

Leben das perícopes bíblicas. A contextualização considera um ou mais elementos de um fato da religião em seu contexto histórico-social, o que é indispensável para a fase explanatória, explica Michael Pye,⁷¹⁹ com o seguinte alerta:

A contextualização [...] pode ser necessária para a elucidação do que os crentes querem dizer. Se mal interpretada, no entanto, pode, de forma imperceptível, mas impiedosa, levar o pesquisador para longe da autocompreensão dos crentes e participantes. Teorias explanatórias, por outro lado, *apenas* fazem sentido dentro de um contexto [grifo do texto].⁷²⁰

A contextualização é o elemento descrito por Michael Pye mais evidente na literatura de Milton Schwantes. Para este último, no trato com o texto bíblico, “a contextualidade se transforma em símbolo metodológico”⁷²¹.

A passagem pelas Ciências das Religiões tem um grande proveito para as articulações teológico-eclesiológicas de Milton Schwantes. As Ciências das Religiões se inscrevem em um horizonte mais amplo, tornando possível, a partir da literatura bíblica, responder questões contextuais de modo mais geral e aberto. É provável que as Ciências das Religiões permitiram que Milton Schwantes elaborasse uma teologia distinta da dogmática, pois sua literatura não se detém em descrições sobre a divindade ou sobre a revelação, mas procura refletir sobre a totalidade do testemunho bíblico com o interesse de promover mediações políticas entre a exegese especializada e a pastoral.⁷²²

Contudo, existem alguns pontos de convergência na literatura de Milton Schwantes que apontam para possibilidades de articulação da hermenêutica bíblica nas Ciências das Religiões e na Teologia. O primeiro ponto é a interdisciplinaridade entre essas áreas, partindo do pressuposto de que é de interesse comum entre elas trabalhar com a hermenêutica bíblica para alcançar uma compreensão adequada da história de Israel antigo. Outro ponto são as possibilidades de estudos sociológicos capazes de esclarecer aspectos econômicos, políticos, culturais e questões em torno dos diferentes setores sociais do mundo bíblico. Além disso, tanto as Ciências das Religiões quanto a Teologia podem usufruir dos resultados do campo da linguística com os estudos que envolvem o hebraico, entre outras línguas, desde que sejam relevantes para explicar o significado dos textos para determinado povo. Outra contribuição passível de verificação entre as duas áreas sinaliza para as relações entre a eclesiologia em tela com a ação pastoral.

⁷¹⁹ PYE, 2017, p. 168-176.

⁷²⁰ PYE, 2017, p. 176.

⁷²¹ SCHWANTES, 1998a, p. 7.

⁷²² SCHWANTES, 1995a, p. 22-24.

3.2 Relações entre a ação pastoral e a eclesiologia de Milton Schwantes

Ao observar a literatura de Milton Schwantes, a relação entre pastoral e exegese é nuclear no modelo de uma igreja profética de rosto popular.⁷²³ Como já aludido nos capítulos anteriores, trata-se de uma proposta eclesial imbricada com posturas políticas e religiosas que vislumbram a transformação das estruturas sociais na América Latina. O que fora reforçado no segundo capítulo, em diálogo com o pensamento freireano, indica que o modelo de igreja intuído na produção literária desse autor intitula a conscientização política como a principal dimensão da práxis transformadora – o que será melhor esboçado na próxima seção.⁷²⁴ Por ora, para pensar e explorar as relações entre a ação pastoral e a eclesiologia de Milton Schwantes, toma-se o conceito de ação pastoral enquanto uma ação refletida, ou seja, uma práxis que pressupõe um embasamento teórico contextualizado, o que se configura como um esforço necessário para compreender as inter-relações entre a presente proposta eclesiológica com as Ciências das Religiões.⁷²⁵

De acordo com Agenor Bringhenti, a expressão ação pastoral emergiu no seio do catolicismo romano, no século XVIII, com o advento da Teologia Pastoral.⁷²⁶ A despeito de Milton Schwantes ter sido um pastor luterano, já foi afirmado que sua atuação orgânica aconteceu, em grande medida, a partir do trabalho desenvolvido nas bases da ICAR, sobretudo nas CEBs,⁷²⁷ que demonstravam um engajamento significativo em relação às pessoas pobres, especialmente no recorte temporal analisado nesta pesquisa.⁷²⁸

Seja pelas vias das relações ecumênicas estabelecidas com a ICAR ou a partir da atuação pastoral no contexto da IECLB, a literatura de Milton Schwantes esboça um modelo de igreja não muito preocupado com aspectos ou diferenças denominacionais, mas demonstra um interesse em enxergar a realidade a partir da vida e do sofrimento dos pobres. Em suas palavras, ele explica o seguinte: “o paradigma dos direitos humanos é o direito do fraco [...]. O sistema de espoliação capitalista estoura na vila e nas periferias. Lá se decide o que seja direito humano [...]. Javé ouviu o clamor dos hebreus escravizados”⁷²⁹. Por isso, ele defendia uma postura prática por parte das igrejas em relação à vida das pessoas pobres na América Latina, porém,

⁷²³ SCHWANTES, 1990b, p. 23-25.

⁷²⁴ SCHWANTES, 1989c, p. 17.

⁷²⁵ BRINGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 663-673.

⁷²⁶ BRINGHENTI, 2013, p. 663-665.

⁷²⁷ CRUZ, 2021, p. 42.

⁷²⁸ MAINWARING, 1989, p. 101-127.

⁷²⁹ SCHWANTES, 1984b, p. 160.

uma práxis não desvinculada de uma reflexão teórica – exegese especializada – como será explicado a partir de agora.

Em sua orientação prática, o modelo de igreja profética de rosto popular se conecta com as Ciências das Religiões por se constituir como um fenômeno religioso – marcado pela fé e elementos cristãos, sobretudo em termos de fundamentação bíblica – e, concomitantemente, configurar-se como uma ação humana. A presença e a consequente prática das igrejas nos setores populares da América Latina são questões fortemente refletidas e sugeridas na literatura do autor, de maneira que, para ele:

A Teologia Bíblica, em nossa situação, terá que brotar da leitura popular da Bíblia [...]. Por certo, não poderá querer explicitar termos teológicos de modo isolado. Sim, a própria Teologia Bíblica, à luz da experiência latino-americana, vai-se diferenciando do que se entende sob esta temática em outras partes do mundo [...]. Pelo fato de *não nos agradar o jeito abstrato e generalizante com que se faz Teologia Bíblica no Norte não poderemos abandonar a tarefa*. A questão é redimensioná-la para nosso contexto, recriá-la a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas populares [grifo nosso].⁷³⁰

Como pode ser observado no excerto acima, a literatura de Milton Schwantes é enfática em suas críticas à abstração e à generalização da exegese clássica alemã. Para ele, há uma função política na exegese não explorada a contento nas pesquisas desenvolvidas no Norte global, contudo, premente no continente latino-americano, capaz de “revirar as ordens estabelecidas [...] que criam pobres”⁷³¹. A exegese é tratada como uma força centrípeta que, além de seu potencial de atrair a teóloga e o teólogo orgânico com os pobres para o núcleo da Bíblia, mostra-se determinante para a prática das igrejas. Exegese, nesse sentido, é uma dimensão da ação pastoral, que, com a devida profundidade teórica e criatividade hermenêutica, emerge como um instrumento político indispensável para a atuação da igreja profética de rosto popular: “exegese que se repete se atola”⁷³².

Cabe retomar a discussão desenvolvida no primeiro capítulo acerca dos contornos políticos que Milton Schwantes atribui à exegese histórico-crítica, quando ele não distingue a exegese especializada da ação pastoral, o que corresponde à ausência de distinções entre a pesquisa pura e aplicada.⁷³³ Para o autor, a exegese é da ordem da resolução de problemas concretos. Logo, na sua literatura, a exegese é ampliada para além dos pressupostos da escola alemã e ganha uma dimensão prática e utilizável no âmbito eclesial, não deixando de levantar questões a partir das lógicas internas de um sistema científico, mas, após essa etapa, introduz a

⁷³⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

⁷³¹ SCHWANTES, 1997, p. 44.

⁷³² SCHWANTES, 1997, p. 44.

⁷³³ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

criatividade no processo interpretativo no momento em que objetiva tornar-se um auxílio na descoberta das tramas ideológicas que marcam a sociedade latino-americana.⁷³⁴ Novamente, trata-se da subserviência da exegese à pastoral.⁷³⁵

Segundo Agenor Bringhenti, a ação pastoral, em sua dimensão prática, vincula-se às Ciências das Religiões pelo fato de ser uma ação humana “sujeita às mesmas contingências históricas de qualquer outra ação”⁷³⁶, que, “para ser eficaz e consequente com os desafios de seu contexto, precisa ser uma ação pensada criticamente”⁷³⁷. Para explicar a estrutura semântica em torno da expressão ação pastoral, Agenor Bringhenti argumenta que:

Ação pastoral é, antes de tudo, ação. Para designá-la, passou-se a empregar o com frequência os termos ‘ação’ ou ‘práxis’ pastoral [...]. Com [o termo ação], quer-se marcar distância do termo ‘prática’, oposto à teoria, referido normalmente à repetição de um trabalho mediante certo treinamento, com a finalidade de obter resultado imediato. Em outras palavras [...], quer-se frisar que a ação pastoral não é mera prática, mas está estreitamente ligada à teoria, porquanto precisa ser sempre uma ação pensada, antes, durante e depois dela.⁷³⁸

Na literatura de Milton Schwantes, costuma-se localizar mormente o termo “pastoral” no lugar do vocábulo “prática”. Essa preferência reflete amiúde a rejeição no âmbito da teologia latino-americana da nomenclatura teologia prática como correspondente à teologia pastoral, o que era comumente partilhado no contexto europeu, em especial nos círculos protestantes.⁷³⁹ A tensão que se dá entre pastoral e exegese – ação e reflexão – nos *corpora* desse autor evoca o sentido marxista do termo práxis, enquanto a designação de uma ação transformadora – revolucionária – que requer compromisso e consciência política.⁷⁴⁰

Isso ajuda a explicar, por exemplo, o que fora argumentado na seção anterior acerca da transgressão das fronteiras entre as Ciências das Religiões e a Teologia por parte de Milton Schwantes. Em sua literatura, a ação pastoral – ao demandar a reflexão teórica da exegese especializada – constrói pontes com a Teologia, porém, através dela, transita pelos espaços de outras ciências, tais como: a Arqueologia, a Sociologia da Bíblia, as Ciências Sociais, em particular as Ciências das Religiões. A ação pastoral nunca aparece dissociada da exegese especializada, o que resulta na confluência de perspectivas que emergem das Ciências das Religiões e da Teologia.⁷⁴¹

⁷³⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

⁷³⁵ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

⁷³⁶ BRINGHENTI, 2013, p. 664.

⁷³⁷ BRINGHENTI, 2013, p. 664.

⁷³⁸ BRINGHENTI, 2013, p. 665.

⁷³⁹ FLORISTÁN, Casiano. *Teología práctica: teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sígueme, 1991. p. 19.

⁷⁴⁰ LÖWY, Michel. *A teoria da revolução do jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 98.

⁷⁴¹ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

Na eclesiologia em tela, a ação pastoral não representa uma ação clerical, e sim uma ação desenvolvida por teólogas e teólogos orgânicos, junto às camadas populares, no contexto de uma igreja profética de rosto popular. Ela não é uma ação tipicamente pragmática, sem fundamentação teórica e centrada apenas na figura do sacerdote ou do pastor como os únicos representantes legais da igreja em detrimento da atuação dos pobres. Se assim fosse, estes últimos seriam tratados como sujeitos passivos destinados à obediência e à recepção de prescrições ou conselhos práticos, mas, ao contrário disso, são tratados nas obras do autor como intérpretes privilegiados do texto bíblico.⁷⁴²

Para Agenor Bringhenti, no modelo de ação pastoral enquanto prática sacerdotal, “não há lugar para a Teologia, muito menos para as ciências”⁷⁴³. Na eclesiologia de Milton Schwantes, a expectativa é de que:

A atuação de teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos no contexto de uma comunidade eclesial orgânica [contribua] para a construção de uma sociedade democrática, ajudando pessoas no processo de tomada de consciência em relação à situação de dominação na direção da autonomia, forjando sujeitos históricos.⁷⁴⁴

Nessa visão eclesiológica, os pobres podem acessar as instâncias de decisão eclesiais. No modelo de igreja profética de rosto popular, o poder eclesial é descentralizado e desprovido de autoritarismo, uma vez que situa os pobres como “agentes reformadores da igreja”⁷⁴⁵, como já mencionado nos capítulos anteriores.

Na visão de Milton Schwantes, a ação pastoral não pode se restringir a uma ação realizada por cristãs e cristãos batizados, como se o grupo dos sujeitos da pastoral fosse apenas constituído pela membresia oficial da igreja. Para Agenor Bringhenti, esse modelo abarca a reflexão teórica, porém, limita-se à Teologia, o que o torna cada vez mais “eclesiocêntrico [porque trata somente de aspectos relacionados] à missão da igreja”⁷⁴⁶, sempre em uma perspectiva interna.

Milton Schwantes foi um grande defensor das CEBs, e sua eclesiologia considera que a verdadeira membresia da igreja profética de rosto popular é constituída pelas pessoas pobres que participavam da leitura popular da Bíblia, através dos círculos bíblicos. Logo, o objetivo jamais deveria ser a institucionalização da igreja, mas o desenvolvimento da práxis transformadora para transformação da sociedade. A institucionalização é importante e

⁷⁴² SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁷⁴³ BRINGHENTI, 2013, p. 666.

⁷⁴⁴ PAIXÃO, 2023, p. 95.

⁷⁴⁵ CRUZ, 2021, p. 49.

⁷⁴⁶ BRINGHENTI, 2013, p. 666.

necessária quando funciona como um suporte para as classes populares, porém, insuficiente em si mesma, correndo o risco de se tornar um obstáculo para o engajamento político da igreja.⁷⁴⁷

Na eclesiologia em tela, perpassam exigências de ações a partir dos setores e dos movimentos sociais e populares latino-americanos – a práxis transformadora –, em consideração de que a real missão da igreja consiste em ver e ouvir “o clamor do [...] povo pisoteado”⁷⁴⁸. Nesse sentido, o batismo não é o critério último de pertença no tocante ao modelo de uma igreja profética de rosto popular, e sim a condição socioeconômica dos sujeitos como também sua participação nos círculos bíblicos para leitura popular da Bíblia, fazendo com que:

O objetivo de formar uma comunidade nesse espectro [tenha] a ver com a necessidade de formar teólogas e teólogos para além de uma atuação em púlpitos e gabinetes, mas, antes, prepará-los como intelectuais orgânicos para a militância aliados à pastoral e às pessoas em situação de sofrimento na sociedade.⁷⁴⁹

Isso faz com que, na eclesiologia de Milton Schwantes, a ação pastoral não fique restrita à esfera eclesial e religiosa, fixando a agenda da igreja no mundo a partir de uma relação de diálogo e serviço, da mesma forma como acontecia nas CEBs e em espaços congêneres. Tem-se, desse modo, um modelo de ação pastoral enquanto práxis transformadora. Nas palavras de Agenor Bringhenti, “nessa perspectiva, fazer pastoral implica levar em conta o contexto econômico, político, cultural, em uma sociedade marcada pela injustiça [...] institucionalizada, na ótica da opção preferencial pelos pobres”⁷⁵⁰.

A ideia da ação pastoral como práxis transformadora permeia toda literatura de Milton Schwantes, porque enfatiza a dimensão libertadora da Bíblia – como ocorre, por exemplo, com as narrativas do êxodo e dos profetas – como elemento indispensável para a ação pastoral e para a reflexão bíblico-teológica.⁷⁵¹ Nesse empreendimento, “a mediação das ciências é um recurso necessário, seja para apreender o contexto no qual se está e se atua, seja para projetar sua ação”⁷⁵².

Esse aspecto fora reforçado por Clodovis Boff, em seu esforço de sistematizar o método da Teologia da Libertação, levando em consideração o estabelecimento de três mediações científicas necessárias, a saber: socioanalíticas, hermenêuticas e práxis.⁷⁵³ As tentativas de aproximação entre a exegese e a pastoral tornam as Ciências das Religiões uma mediação

⁷⁴⁷ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

⁷⁴⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 92.

⁷⁴⁹ PAIXÃO, 2023, p. 96.

⁷⁵⁰ BRINGHENTI, 2013, p. 666.

⁷⁵¹ SCHWANTES, 1991a, p. 139.

⁷⁵² BRINGHENTI, 2013, p. 666.

⁷⁵³ BOFF, 1982, p. 39-53.

necessária à eclesiologia de Milton Schwantes, seja para compreendê-la enquanto fenômeno religioso, seja para interagir com o contexto sociocultural latino-americano.⁷⁵⁴

A ação pastoral, na eclesiologia intuída no *corpus* literário de Milton Schwantes, resulta de uma hermenêutica bíblica contextualizada, tendo como função a retroalimentação da práxis da igreja profética de rosto popular. Embora esteja centrada na práxis transformadora da fé cristã, a ela não se restringe, pois, trata-se de uma proposta eclesiológica que recorre às ciências bíblicas – em especial à exegese especializada – para promover um “pensar crítico da ação”⁷⁵⁵, com o objetivo de auxiliar no processo de desvelamento dos conteúdos bíblicos e aproximá-los à vida do povo independentemente de sua opção religiosa.⁷⁵⁶ Além disso, deve-se considerar que era esse o instrumental teórico-metodológico que orientava a atuação e a reflexão dos principais pesquisadores e pesquisadoras do texto bíblico na época.

A eclesiologia de Milton Schwantes foi gestada a partir da reflexão bíblico-teológico-pastoral latino-americana sob dois eixos centrais: a opção pelos pobres e a inserção da igreja nos setores populares.⁷⁵⁷ Em ambos, a igreja profética de rosto popular emerge como agência da ação e da reflexão na perspectiva dos pobres. No primeiro eixo, há uma relação dialética entre Bíblia e realidade apreendida como resultado das mediações exegetico-hermenêuticas. A pastoral, nessa ótica, não significa meramente “emitir a luz da revelação sobre a realidade analisada, mas de ir às Escrituras, carregados das perguntas postas pela realidade do mundo da insignificância”⁷⁵⁸. Para Milton Schwantes, isso equivale à atitude de “ir às raízes do testemunho escriturístico [...] entender a escritura a partir do seu eixo”⁷⁵⁹, para, então, formulá-la em termos de opressão e libertação.

No segundo eixo, a práxis é projetada sobre o contexto sempre a partir da perspectiva dos pobres. “A perspectiva dos pobres entra aqui também como critério para a eleição daquelas mediações da prática, que contribuem com uma ação pastoral transformadora”⁷⁶⁰. Na proposta eclesial de Milton Schwantes, a projeção da ação pastoral corresponde à inserção das igrejas nos movimentos e nos setores populares, o que promoveria a “escuta e [...] o serviço das igrejas junto aos movimentos populares”⁷⁶¹.

⁷⁵⁴ BRINGHENTI, 2013, p. 666.

⁷⁵⁵ BRINGHENTI, 2013, p. 667.

⁷⁵⁶ SCHWANTES, 1997, p. 44.

⁷⁵⁷ Como já aludido no capítulo precedente, a perspectiva transformadora localizada na literatura e na eclesiologia de Milton Schwantes extrapola as bases consolidadas pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência de Medellín, sob a influência do pensamento freireano e sua pedagogia do oprimido. Para mais informações, consulte: SCHWANTES, 1998a, p. 5-19 e compare com FREIRE, 2005, p. 74-75.

⁷⁵⁸ BRINGHENTI, 2013, p. 668.

⁷⁵⁹ SCHWANTES, 1984a, p. 33.

⁷⁶⁰ BRINGHENTI, 2013, p. 668.

⁷⁶¹ SCHWANTES, 1987a, p. 56.

Na eclesiologia de Milton Schwantes, a ação pastoral é deveras dependente da reflexão crítica das ciências bíblicas, sobretudo da exegese especializada. A despeito de, nos *corpora* em tela, ela se mostrar mais inclinada à pesquisa aplicada que a pura, ela carece da mediação científica, o que ocorre através da Teologia e da interação desta com as Ciências das Religiões Aplicadas, a Arqueologia, a Sociologia da Bíblia, as Ciências Sociais e outras. Na análise de Agenor Bringhenti, “uma ação pastoral pensada implica, basicamente, a contextualização, a projeção e a execução da ação de uma comunidade de fé”⁷⁶², três grandes momentos que podem ser facilmente notados na literatura e no modelo de igreja esboçado por Milton Schwantes. É importante considerar que sem a reflexão teórica, “a pastoral deixa de ser uma ação pensada criticamente [...], ignorando a especificidade e a autonomia do temporal [...], bem como negligenciando as exigências de uma ação eficaz”⁷⁶³.

A contextualização hermenêutica e da ação são notórias na literatura de Milton Schwantes, pois ele, na maioria das vezes, inicia, menciona ou finaliza seus textos com uma explicitação da realidade latino-americana em seus aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e eclesiais, nos quais pretende propor ações futuras com base no texto bíblico. As narrativas bíblicas são sempre encarnadas no contexto da América Latina, tendo como pano de fundo o papel das igrejas, com o interesse de promover a inculturação da mensagem bíblica, isto é, que ela se materialize na vida das pessoas pobres. Tem-se, nesses termos, uma proposta eclesiológica que não despreza o contexto, mas sugere a inserção, o diálogo e a participação das igrejas em seu seio para desvelar as tramas ideológicas que o cercam, contando com a mediação das Ciências Sociais, entre elas, as Ciências das Religiões.⁷⁶⁴

As Ciências das Religiões, a despeito da ausência de menções claras, são notadas na literatura de Milton Schwantes em suas intencionalidades pastorais, porque o “ajudam a conhecer analiticamente o contexto sociocultural, sobretudo a própria experiência religiosa e das demais denominações, na complexidade do ser e das ações internas, assim como nas relações com a sociedade”⁷⁶⁵. Como já citado na seção anterior, a “contextualidade se transforma em símbolo metodológico”⁷⁶⁶. Na proposta eclesiológica do autor, antes mesmo de projetar a ação pastoral como uma resposta às questões dos pobres, o papel da igreja fora situado em relação ao povo, ao contexto latino-americano e às instituições religiosas e políticas de sua época.

⁷⁶² BRINGHENTI, 2013, p. 671.

⁷⁶³ BRINGHENTI, 2013, p. 671.

⁷⁶⁴ SCHWANTES, 1998a, p. 7.

⁷⁶⁵ BRINGHENTI, 2013, p. 671.

⁷⁶⁶ SCHWANTES, 1998a, p. 7.

O momento da projeção da ação pastoral, conforme a explicação de Agenor Bringhenti, passa pela “eleição de [uma] utopia para a qual se quer caminhar, [pela] explicitação dos objetivos enquanto resultados a alcançar e dos critérios [de ação] sob os quais se vai agir”⁷⁶⁷. Logo, para esse autor, a ausência desses elementos converte a ação pastoral em uma ação improvisada, pois, sem eles, ela deixa de ser refletida. No caso da eclesiologia de Milton Schwantes, os objetivos e os critérios da ação pastoral derivam da utopia da construção de uma sociedade igualitária em que os pobres teriam direitos garantidos, tais como, o direito à terra, à moradia, à alimentação, entre outros,⁷⁶⁸ o que é devidamente confrontado com o contexto latino-americano e assegura a especificidade da ação pastoral em seu modelo de igreja profética de rosto popular.

De modo geral, o direito à terra e à vida está no amago da utopia que perpassa a eclesiologia de Milton Schwantes. Em um manuscrito que escrevi com Claudete Ulrich, há “dois elementos concretos que [...] constituíam os objetivos e as esperanças das lutas populares [da época do autor] que poderiam ser iluminados pela narrativa bíblica”⁷⁶⁹, uma vez que, “quando um camponês, uma camponesa e/ou um/a trabalhador/a rural ou urbano consultasse o texto bíblico, na verdade, ele/a estaria acessando sua própria história e prática cotidiana”⁷⁷⁰. A Bíblia, nesse sentido, é um texto a ser tomado pelos pobres como símbolo para o estabelecimento de suas utopias, organização e lutas sociais, o que, para o autor, escapa da lógica da abstração e da generalização da ação pastoral, enquanto uma ação refletida. Para ele, a ação pastoral deve ser repensada e aplicada em meio às lutas populares.⁷⁷¹

Na literatura de Milton Schwantes, a ação pastoral procura ser uma resposta aos desafios políticos, econômicos, sociais, culturais e eclesiais latino-americanos à luz da utopia que persegue. Na definição dessa utopia, o texto bíblico é apreendido e interpretado para se tornar relevante e operante para tal contexto.⁷⁷² Entretanto, apesar de o contexto ditar os objetivos e os critérios da ação pastoral para a igreja profética de rosto popular, a ação pastoral nessa visão eclesiológica depende, em grande medida, das habilidades e necessidades dos sujeitos nela envolvidos. Em relação às habilidades, ele mesmo afirma que alguns de seus textos, a despeito de serem destinados à pastoral, exigem a mediação de teólogas e teólogos orgânicos. Na análise

⁷⁶⁷ BRINGHENTI, 2013, p. 672.

⁷⁶⁸ CRUZ, 2021, p. 123.

⁷⁶⁹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 133.

⁷⁷⁰ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 133.

⁷⁷¹ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

⁷⁷² SCHWANTES, 1998a, p. 7.

das visões de Amós, por exemplo, no artigo intitulado *Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9*, ele argumenta o seguinte:

Este ensaio não é e nem quis ser um texto a ser lido no encontro do círculo bíblico, aí na periferia da cidade ou entre os sem-terra. Ele não se presta para esta aplicação imediata. Afinal, pressuponho que o leitor tenha sensibilidade para questões literárias. Provavelmente, só quem está habituado à leitura alcançará avaliar a relação entre as três últimas visões e seus comentários anexos. Além disso, conto com leitores que estejam treinados na percepção da diferença entre o tributarismo e o capitalismo. Estou insistindo em que não se aplique, de maneira deveras direta, à nossa situação textos formulados em ambiente sócio-histórico mui diretamente. Portanto, este ensaio não é uma reportagem da reunião comunitária. Mas aí brotou e para lá remete!⁷⁷³

No que tange às necessidades dos sujeitos, tal eclesiologia, em sua totalidade, aflui à pastoral. O jeito de ler, interpretar e instrumentalizar a Bíblia “provém da prática da comunidade e a ela se direciona”⁷⁷⁴. Para Milton Schwantes, a ação pastoral requer “uma interpretação que parta do concreto e do social, das dores e utopias da gente latino-americana”⁷⁷⁵. Todo trabalho desenvolvido na igreja profética de rosto popular, o que inclui sobremodo o trato científico-exegético com o texto bíblico, deve redundar na ação pastoral. No texto supracitado, ele alega ainda:

Comecei com a pastoral. Foi meu referencial no decorrer da reflexão [...]. Retorno, pois, à pastoral. Que serviço prestaria este estudo às comunidades cristãs que, em meio aos pobres, dão novo rosto a todas as Igrejas? [...]. Justamente por isso insisti em situar as visões de Amós na prática e na utopia do pequeno Jacó. Portanto, o jeito de ler a realidade e de transformá-la e o jeito de interpretar a Escritura Sagrada convergem.⁷⁷⁶

As habilidades e as necessidades dos sujeitos são levadas a sério na eclesiologia de Milton Schwantes, sobretudo no momento da execução da ação pastoral. A igreja profética de rosto popular emerge como suporte institucional necessário para o alcance dos resultados esperados: a transformação da realidade dos pobres na América Latina.⁷⁷⁷

A proposta eclesiológica do autor não prescinde do marco institucional da igreja bem como não incorre na anarquização da leitura bíblica. Ao contrário, a Bíblia é tratada como um texto que deve ser lido preferencialmente em ambientes eclesiais,⁷⁷⁸ logo, institucionalizados. Por isso, na igreja profética de rosto popular, os papéis e as funções das teólogas e teólogos orgânicos, como também do povo, em geral, são definidos com base nas habilidades e nas necessidades desses sujeitos. De qualquer modo, o caráter institucional desse modelo de igreja

⁷⁷³ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁷⁷⁴ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

⁷⁷⁵ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

⁷⁷⁶ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁷⁷⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁷⁷⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

não deve eclipsar a individualidade dos sujeitos, uma vez que, “na ação pastoral, não se pode perder de vista que o mensageiro é mensagem, que a instituição é mensagem, que as estruturas são mensagem”⁷⁷⁹.

Milton Schwantes não apenas foi, mas idealizou que as teólogas e os teólogos orgânicos por ele formados fossem simultaneamente mensageiros e mensagem, especialmente através de sua participação ativa nos movimentos sociais e populares brasileiros e latino-americanos. Além disso, como já aludido anteriormente, ele não se inclinava a distinguir:

A atuação das igrejas e dos movimentos sociais, pois, para ele, as experiências desenvolvidas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a liturgia das igrejas deveriam corresponder à organização do povo, promovendo espaços democráticos em contextos autoritários e opressivos. A igreja, segundo Schwantes, deveria trabalhar contra a subalternidade, criando um espaço eclesial *ad hoc* [grifo do texto].⁷⁸⁰

Com efeito, a igreja profética de rosto popular torna-se uma mensagem viva e concreta no momento em que se insere nas camadas populares.⁷⁸¹

De modo sumário, a eclesiologia de Milton Schwantes propõe uma ação pastoral que visa superar o pragmatismo. Em grande medida, ela integra a reflexão teórica na ação pastoral, através das ciências bíblicas, em especial da exegese especializada, que deve prestar subserviência absoluta à pastoral.⁷⁸² Ela não deixa de ser uma ação pastoral marcada pelos princípios da fé cristã, sobretudo pela apreensão, interpretação e instrumentalização das narrativas bíblicas, contudo, configura-se como uma ação humana sujeita às mesmas contingências históricas que outras ações,⁷⁸³ o que a torna passível de mediações científicas, em particular pelas Ciências das Religiões. A ação pastoral pressuposta na eclesiologia em tela não é ingênua, mas, além de evocar mediações científicas, destaca-se como uma ação a ser realizada por teólogas e teólogos orgânicos junto aos pobres, em semelhança ao agir de Yahweh na Bíblia Hebraica.⁷⁸⁴

O modelo pastoral descrito nas Ciências das Religiões parece ser o único capaz de abranger a proposta eclesiológica de Milton Schwantes. Contudo, para esse autor, só é possível pensar em Ciências das Religiões e Teologia a partir do modelo pastoral, o que equivaleria à prática das igrejas junto aos movimentos sociais e populares. A visão científica e eclesiológica dele é exclusivamente pastoral e, por isso, desafia o modelo pastoral das Ciências das Religiões.

⁷⁷⁹ BRINGHENTI, 2013, p. 673.

⁷⁸⁰ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 127.

⁷⁸¹ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁷⁸² SCHWANTES, 1984a, p. 40.

⁷⁸³ BRINGHENTI, 2013, p. 664.

⁷⁸⁴ SCHWANTES, 1988d, p. 11.

A área foi incapaz de domesticar Milton Schwantes, pois o que ela afirma ser a igreja não corresponde ao modelo de igreja profética de rosto popular que ele definiu e praticou. Nesse sentido, Milton Schwantes não é apenas um transgressor de fronteiras entre as Ciências das Religiões e a Teologia, mas é na mesma intensidade subversivo, porque pensa o papel da igreja para além dos limites que a área propõe.⁷⁸⁵ Cabe, agora, avaliar como se desenvolve a práxis transformadora no modelo de igreja intuído na literatura do autor. Isso será realizado na seção subsequente.

3.3 A práxis transformadora na igreja profética de rosto popular

No transcorrer desta pesquisa, Milton Schwantes foi apresentado como um pastor luterano, intelectual orgânico e pesquisador do texto bíblico portador de uma metodologia *autóctone* e, de modo amplo, um transgressor das fronteiras epistemológicas entre as Ciências das Religiões e a Teologia. Pensá-lo assim parece fazer jus ao seu trabalho literário e suas proposições bíblico-teológico-pastorais, pois, repetidamente, seus textos oscilam entre a utilização de uma linguagem científica visando gestar uma eclesiologia bíblica junto ao povo.⁷⁸⁶ Em virtude disso, no segundo capítulo, que privilegiou mais a análise de aspectos metodológicos, afirmou-se que sua eclesiologia empreende uma ação transformadora que, além de se caracterizar pela leitura popular da Bíblia, assume os contornos da educação popular freireana, sobretudo em suas pretensões pedagógicas de conscientizar, politizar e libertar os pobres.⁷⁸⁷

Esta seção pretende refletir sobre a ação transformadora que deriva da eclesiologia de Milton Schwantes, considerando muito mais os seus aspectos pastorais, e, com isso, preparar o terreno para situá-la no campo das Ciências das Religiões Aplicadas. Para tanto, opta-se pela utilização da expressão práxis transformadora com o intuito de levar em consideração o acréscimo já mencionado do sentido marxista do termo práxis, que designa uma ação revolucionária que pressupõe o compromisso e a consciência política.⁷⁸⁸

O vínculo entre a teoria clássica marxista e o pensamento de Milton Schwantes se estabeleceu pela adesão à leitura de classes tanto na Bíblia quanto na sociedade. As sociedades bíblica e latino-americana seriam análogas porque se caracterizavam por constantes conflitos

⁷⁸⁵ SCHWANTES, 1984a, p. 40.

⁷⁸⁶ SCHWANTES, 1985c, p. 1-5.

⁷⁸⁷ SCHWANTES, 1978, p. 99-118.

⁷⁸⁸ LÖWY, 2002, p. 98.

entre grupos sociais e instituições religiosas com interesses políticos, econômicos e eclesiais antagônicos.⁷⁸⁹

Por um lado, a classe camponesa negociava sua força de trabalho para sobreviver e, por outro, a cidade, com o apoio do templo de Jerusalém, explorava a força de trabalho dessa classe para o acúmulo de poder e riquezas. A teoria da luta de classes marxista ofereceu subsídios para Milton Schwantes analisar o mundo bíblico e a realidade latino-americana, em especial nas relações de poder, visando a superação das desigualdades sociais, a luta pela justiça social e a instauração de uma sociedade igualitária por intermédio da inserção da igreja nas camadas populares. A igreja profética de rosto popular é uma instituição pensada para as classes populares e destinada ao novo bloco histórico formado pelo povo, camponeses, operários e seus intelectuais.⁷⁹⁰ Nessa visão eclesiológica, que viola as linhas fronteiriças das Ciências das Religiões e da Teologia, há um teor ecumênico e profético que requer uma reflexão a partir da atuação orgânica de teólogas e teólogos.⁷⁹¹

Milton Schwantes pensou a ação pastoral como uma práxis transformadora. Esse horizonte conceitual produz um grande impacto sobre a missão da igreja na América Latina, além de modificar completamente o papel da teóloga e do teólogo, sobretudo em seu caráter orgânico, se se considerar as diretrizes da CAPES. Em linhas gerais, o *Documento de área 44* caracteriza o perfil do egresso de cursos de pós-graduação em Teologia como um especialista habilitado para:

- a) contribuir para o aprofundamento e expansão da reflexão teológica em geral, bem como para a interpretação de textos e linguagens da experiência religiosa de uma tradição; b) desenvolver cientificamente uma investigação sobre a experiência de fé de um determinado grupo; c) assessorar e formar especialistas e não especialistas de uma dada tradição espiritual; d) contribuir para a tradução dos conteúdos teológicos, culturais, morais e religiosos dessa tradição para sua cultura, seu tempo e o espaço público; e) desenvolver uma teologia da práxis.⁷⁹²

A despeito da menção sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma teologia da práxis, sobre a qual não se oferece um esboço detalhado sobre seu espectro e/ou suas especificidades, o documento se limita a indicar orientações em nível de:

Caracterização simbólica dos conteúdos religiosos, a partir da análise, estudo e interpretação dos elementos próprios de visões religiosas, assim como pelo desvelamento dos elementos racionais presentes em narrativas míticas e em outras

⁷⁸⁹ SCHWANTES, 1988b, p. 89-90.

⁷⁹⁰ SCHWANTES, 1988b, p. 89-90.

⁷⁹¹ CRUZ, 2021, p. 29-39.

⁷⁹² CAPES, 2019, p. 5.

formas de expressão religiosa, tornando-se possibilidade para emissão de um discurso em diálogo com mundo.⁷⁹³

Para explicar tal conceito, seguindo inicialmente a lógica da tradição apofática, a práxis transformadora na eclesiologia de Milton Schwantes não representa uma articulação do texto bíblico detida somente no nível da discursividade em sua proposta de diálogo com o mundo. Trata-se, antes, de uma eclesiologia da intervenção, que toma impulso a partir da realidade latino-americana, caracterizada pela pauperização das pessoas e propõe uma ação pastoral para transformá-la, ou seja, que centra todos os seus esforços na defesa dos interesses, dos direitos dos pobres e na sua libertação.⁷⁹⁴

Como afirmado na seção anterior, na eclesiologia de Milton Schwantes, em sua delimitação semântica, a ação pastoral não se restringe ao espaço tradicional eclesial, mas introduz a igreja profética de rosto popular em uma conduta de diálogo e serviço com os setores populares latino-americanos. Foi dito ainda que essa dinâmica faz a ação pastoral despontar como uma práxis transformadora, por “levar em conta o contexto econômico, político, cultural, em uma sociedade marcada pela injustiça [...] estrutural institucionalizada, na ótica da opção preferencial pelos pobres”⁷⁹⁵.

A práxis transformadora evoca uma eclesiologia da transição social. Ao passo que introduz a igreja, seus agentes e o sujeito pobre em um processo dialético de transformação institucional, intelectual e individual, pressupõe simultaneamente um empenho no trabalho de transformar as condições de vida dos pobres na América Latina. A eclesiologia de Milton Schwantes não reduz a ação da igreja a uma ação social, mas propõe um fluxo bilateral para a práxis transformadora em torno da modificação de toda estrutura interna da igreja e da projeção-execução da ação pastoral rumo aos desafios sociais.⁷⁹⁶ Em cada uma dessas etapas, vale ressaltar, não se perde de vista a necessidade de integração entre a reflexão teórica na ação pastoral, o que a torna passível da mediação das Ciências das Religiões Aplicadas – o que será melhor avaliado na próxima seção.⁷⁹⁷

A estrutura interna da igreja profética de rosto popular difere necessariamente de outras igrejas cristãs especialmente nos aspectos litúrgicos, democráticos e ecumênicos. A liturgia desse modelo de igreja resulta de sua imersão nas lutas populares. Para o autor, esse é o jeito bíblico de redirecionar a estrutura litúrgica da igreja. Destarte:

⁷⁹³ CAPES, 2019, p. 5.

⁷⁹⁴ SCHWANTES, 1997, p. 25-44.

⁷⁹⁵ BRINGHENTI, 2013, p. 666.

⁷⁹⁶ SCHWANTES, 1992c, p. 49-53.

⁷⁹⁷ BRINGHENTI, 2013, p. 666-667.

Não se trata de deixar de lado as nossas seculares tradições litúrgicas. Trata-se, porém, de fazê-las passar pelo crivo do grito dos pobres [...]. Aí nossa linguagem consagrada por séculos não basta, porque ela não nasceu da inserção juntos aos lavradores e operárias. Quanto mais nossas celebrações mergulharem na opressão e beberem da utopia dos desterrados, tanto mais será re-criada. O mundo dos pobres é autor e ator de uma nova liturgia [...]. Nas liturgias que brotam da imersão das lutas populares, a Bíblia ocupa um espaço cada vez mais significativo [...]. Acontece que a Bíblia permanece sendo um livro estranho, quando está desvinculado da vida dos pobres.⁷⁹⁸

A experiência dos pobres emerge, nesse sentido, como fonte para renovação litúrgica da igreja, que, para ser profética e popular, não pode deter-se em liturgias convencionais. A liturgia, para Milton Schwantes, é essencialmente popular, especialmente em relação às lutas e à opressão das camadas populares.⁷⁹⁹

A práxis transformadora é o elemento que direciona a igreja profética de rosto popular a uma mudança nos órgãos de decisão eclesiásticos, o que a torna democrática e descentralizada, como já aludido anteriormente.⁸⁰⁰ A representatividade popular é um dos pilares dessa visão eclesiológica, porque garante que a práxis transformadora da igreja seja projetada e executada para o benefício dos pobres. O fato é que, para Milton Schwantes, a instauração de uma nova perspectiva eclesiológica – ou, nos termos empregados por ele, uma reforma eclesial – depende, em grande intensidade, da inclusão dos pobres nas camadas de decisão da igreja, de maneira que “o próprio povo empobrecido assume igreja”⁸⁰¹. A representatividade dos pobres seria um meio seguro para a igreja se tornar o *locus* privilegiado para a organização e a mobilização das camadas populares, como também para instaurar a transformação social e política na América Latina.⁸⁰²

A práxis transformadora move a igreja para romper com as fronteiras eclesiais cristãs e ir ao encontro dos pobres em uma perspectiva ecumênica, nos termos já definidos anteriormente. A tarefa ecumênica da igreja consiste em concentrar-se na superação das diferenças, ou seja, privilegiar possíveis elementos de complementariedade,⁸⁰³ bem como focar no sofrimento dos pobres, cujo clamor requer uma ação conjunta entre igrejas e religiões diversas, deixando de lado conflitos teológicos e evocando a articulação de uma ação pastoral fincada na realidade concreta dessas pessoas.⁸⁰⁴

Ao transformar-se à luz desse conjunto de elementos estruturais internos, a igreja profética de rosto popular mostra-se em plena condição de projetar e executar sua ação pastoral,

⁷⁹⁸ SCHWANTES, 1992c, p. 51-52.

⁷⁹⁹ SCHWANTES, 1992c, p. 51-53.

⁸⁰⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

⁸⁰¹ SCHWANTES, 1987a, p. 47.

⁸⁰² SCHWANTES, 1998a, p. 6.

⁸⁰³ SCHWANTES, 1993a, p. 32-33.

⁸⁰⁴ SCHWANTES, 2006, p. 56.

enquanto práxis transformadora, no mundo. Aqui entram em cena a teóloga e o teólogo orgânico, cuja função ínsita seria:

Fazer uma leitura política da Bíblia ou recorrer ao uso político do argumento heurístico produzido por especialistas em Bíblia, [levando em consideração] a possibilidade de articulação entre teoria e prática em uma perspectiva [bíblico-teológica-pastoral] que leva em conta o contexto econômico, político, cultural, em uma sociedade caracterizada pela injustiça estrutural institucionalizada.⁸⁰⁵

A eclesiologia de Milton Schwantes tem implicações imediatas sobre o perfil da teóloga e do teólogo para além do referencial do conceito gramsciano de intelectual orgânico já delineado. Ela impulsiona tais profissionais para a práxis transformadora com a devida recomendação de seguir a integralidade entre teoria e prática, porém, sem pressupor qualquer neutralidade por parte delas e deles. Ou seja, a teóloga e o teólogo orgânico não são meros observadores de fenômenos bíblicos ou religiosos, mas são, antes de tudo, os agentes facilitadores da transformação social que será concretizada pelas classes populares.⁸⁰⁶

A teóloga e o teólogo orgânico expressam os interesses e as aspirações das classes populares, e não da comunidade acadêmica em que foram formados.⁸⁰⁷ O aspecto que os caracteriza deixa de ser prioritariamente a eloquência própria dos intelectuais tradicionais das Ciências das Religiões e da Teologia, conforme o perfil delineado no *Documento de área 44* da CAPES,⁸⁰⁸ para inserirem-se com sua intelectualidade ativamente “na vida prática, como construtores, organizadores, ‘persuasores permanentes’ [alcançando uma] concepção humanista histórica, sem a qual se permanece ‘especialista’ e não se chega a ‘dirigente’”⁸⁰⁹.

Na eclesiologia de Milton Schwantes, esses/as profissionais organizam e exprimem a vontade coletiva popular, visando promover uma reforma intelectual e moral e uma ação pedagógica, a partir da leitura popular da Bíblia, para transformar a realidade. A igreja profética de rosto popular, e não o espaço universitário, emerge como o principal aparelho de hegemonia para organizar a cultura e construir uma consciência unitária e a hegemonia das classes populares que estão vinculados.⁸¹⁰

⁸⁰⁵ CRUZ, 2021, p. 110-111.

⁸⁰⁶ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 131-136.

⁸⁰⁷ Mercedes Lopes, por exemplo, foi orientanda de Milton Schwantes, no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião, pela UMESP, no período entre 2003 a 2007. Ela possui experiência no campo da Teologia, com ênfase em pesquisa bíblica, privilegiando os seguintes temas: mulher, exegese, ecologia, justiça, Jesus e sabedoria. Seu trabalho é desenvolvido intensamente fora da academia, em especial junto ao CEBI e instituições congêneres, fundamentando-se na perspectiva de seu professor. Nesse sentido, ela pode ser considerada uma teóloga orgânica, segundo os critérios da eclesiologia de Milton Schwantes. Essa informação foi extraída da entrevista com a autora: LOPES, 2020, [n.p.].

⁸⁰⁸ CAPES, 2019, p. 5.

⁸⁰⁹ GRAMSCI, 1982, p. 8.

⁸¹⁰ SCHWANTES, 1997, p. 44.

Se há uma mediação capaz de promover a transformação na sociedade, ela é a práxis transformadora. Teólogas e teólogos orgânicos são educadores do povo, das classes subalternizadas, através da leitura popular da Bíblia.⁸¹¹ Por meio de sua habilidade de confluir teoria e prática, elas e eles procuram desenvolver o senso crítico nos pobres e, com isso, promover a práxis transformadora, com o objetivo de conduzi-los à outra concepção de vida capaz de tornar politicamente possível a visão utópica de uma sociedade justa e igualitária.⁸¹² Para Milton Schwantes, o campo de transformação da consciência e da politização dos pobres é a luta política de classes, de maneira que ele vislumbra nas teólogas e nos teólogos orgânicos a função de facilitadores do processo, ou melhor, organizadores e dirigentes. No horizonte do autor, ainda que esses profissionais tenham origem social diversa ou sejam importados de outras classes com outros valores e aspirações, a Bíblia funciona como pedágio imagético para inseri-los no universo das classes populares.⁸¹³

No escopo dessa perspectiva eclesiológica, teólogas e teólogos orgânicos devem assumir uma abordagem mais crítica e política do texto bíblico – seu objeto de estudo –, de seus métodos interpretativos – exegese especializada – e de sua prática – práxis transformadora. Tal abordagem crítica e política da Bíblia deve intencionar a superação das contradições socioeconômicas que marcam o continente latino-americano, dialogando com uma base epistemológica, além do cabedal disponível nas Ciências das Religiões e na Teologia, capaz de ajudar na compreensão da totalidade da realidade e, a partir dela, propor alternativas para transformá-la. Nas décadas de 1970 e 1980, o marxismo era a corrente de pensamento disponível, de modo que alguns de seus temas foram os mais utilizados na análise do sistema capitalista latino-americano e de seus mecanismos.⁸¹⁴

A teoria clássica marxista foi essencial para a literatura aqui analisada em suas proposições de organizar as classes populares e construir uma sociedade mais justa e igualitária.⁸¹⁵ O pensamento marxista encontrou um campo fértil na eclesiologia de Milton

⁸¹¹ Outro impacto social provocado pela perspectiva orgânica de Milton Schwantes incidiu sobre a formação e as atividades realizadas por Monika Ottermann – orientanda dele no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião, pela UMESp. Na sua apresentação biográfica, em um artigo que ela traduziu, publicado em 2024, ela se declara Assessora do CEBl, membra da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB) e da RIBLA, não atuando, até o momento, em universidades. A mesma informação pode ser localizada no currículo lattes dela, com o acréscimo de uma atuação a partir da leitura popular da Bíblia. Sobre o artigo supramencionado, leia: BEINERT, Wolfgang. Pastore Tedesco sobre a complexidade do Papa Bento XVI. *Revista Teopraxis*, Passo Fundo, v. 41, n. 137, p. 117-124, 2024. p. 117.

⁸¹² SCHWANTES, Milton. Uma experiência igualitária: algumas anotações a respeito das tribos de Javé. *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 8-19, 1988k. p. 8-19.

⁸¹³ SCHWANTES, 1989c, p. 17.

⁸¹⁴ LÖWY, Michel. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 19, p. 5-22, 1989. p. 5.

⁸¹⁵ SCHWANTES, 1988k, p. 8-19.

Schwantes, porque sua proposta auxilia tanto na compreensão das tramas ideológicas que perpassam o tecido social, quanto ajuda a desvelar suas relações com os mecanismos de manutenção da dominação que incidem sobre as classes populares. As lentes marxistas, embora não sejam claramente mencionadas nesses *corpora*, norteiam as ações das teólogas e teólogos orgânicos nas diferentes etapas de realização da práxis transformadora.⁸¹⁶

As etapas pressupõem, minimamente: o estudo da Bíblia, em termos de análise exegético-hermenêutica; a atuação desses/as profissionais na igreja profética de rosto popular, sobretudo na leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos; a organização do povo, para promover a discussão em torno da luta por direitos políticos e sociais dos pobres; e a consequente inserção da igreja nos movimentos sociais e populares, visando a transformação social.⁸¹⁷

Não é difícil notar a presença de alguns temas do marxismo clássico na proposta eclesiológica de Milton Schwantes. Acerca do perfil das teólogas e teólogos orgânicos, o pensamento marxista pode ser observado, por exemplo, no seguinte argumento:

Esta leitura litúrgica, prática e popular retroage sobre o estudo da Escritura. Coloca novas questões aos assessores. Traz novas exigências ao estudo. Na medida em que estudo e assessoria quiserem ser solidários e eficazes em meio à Igreja dos pobres, passarão a recriar o saber bíblico em meio à prática das comunidades. Esta é uma nova exigência [...]. Nos colocaremos a caminho na companhia de Amós 7-9. Nestes capítulos, atentarei para as visões. O acesso a elas estará marcado por duplo enfoque. Tanto estarei tomando em conta a redescoberta bíblica que toma corpo em nossa América Latina, quanto considerarei a práxis histórica, na qual os textos em questão foram formulados. Entendo que este jeito de abordar o texto desde o concreto promove a solidariedade com os oprimidos. Soletta sua dor. Sensibiliza com sua esperança.⁸¹⁸

No momento da projeção da práxis transformadora, tal eclesiologia impõe a tarefa de compreender as tramas ideológicas na sociedade na perspectiva dos pobres, a partir de uma análise acurada das relações de poder no âmbito político e eclesial, identificando seus impactos sobre a vida deles com o objetivo de promover uma perspectiva ecumênica, em prol dos interesses e dos direitos das classes populares.⁸¹⁹ Num segundo momento, pressupõe-se a

⁸¹⁶ Há um engajamento nas teólogas e teólogos orgânicos formados por Milton Schwantes em diferentes debates sobre direitos políticos e sociais das minorias na América Latina. Por exemplo, Maria Cristina Ventura Campusano, orientanda dele no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião pela UMESp, publicou um manuscrito sobre o tema da ecologia do cuidado em chave feminista, combatendo as perspectivas dominadoras da natureza e patriarcais com propostas bíblico-teológicas. Para mais informações, consulte: CAMPUSANO, Maria C. V. Ecología del cuidado desde una perspectiva feminista. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 354-371, 2021. p. 354-371.

⁸¹⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁸¹⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 82.

⁸¹⁹ O impacto social dessa perspectiva pode ser percebido, por exemplo, sobre a trajetória de Sandro Gallazzi, orientando de Milton Schwantes no Doutorado em Ciências da Religião pela UMESp, em 1996. Além de pesquisador do texto bíblico, Sandro Gallazzi atuou na coordenação da CPT até 2012. No seu perfil biográfico disponível na plataforma lattes, ele se declara atuante na leitura militante da Bíblia e temas relacionados ao

execução da práxis transformadora na luta contra a subalternidade, e isso acontece através do engajamento da igreja profética de rosto popular e de seus agentes ou assessores – teólogos e teólogos orgânicos – no espaço público, sobretudo no âmbito das camadas e das lutas populares.⁸²⁰

O engajamento do próprio Milton Schwantes na ação pastoral, tanto no contexto da leitura popular da Bíblia quanto nos movimentos sociais e populares de sua época, tornou-se um modelo para a atuação das teólogas e teólogos orgânicos no escopo de sua proposta eclesiológica, em especial em termos de projeção-execução da práxis transformadora. A lado de Claudete Ulrich, reforço esse argumento ao afirmar que:

A hermenêutica bíblica empregada por Schwantes teria objetivado uma transformação revolucionária nas circunstâncias históricas de seu tempo não perdendo de vista a ótica do conflito – campo *versus* cidade –, levando sempre em consideração o evento do êxodo como um paradigma de leitura da Bíblia e o movimento profético como o fio condutor dessa interpretação [...]. Como um intelectual orgânico dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros, Schwantes não poderia se limitar à abstração das palavras, pois, para ele, ‘não há ‘palavra’ – *dabar* – sem contexto’ [...]. Com efeito, sua literatura expressa um anseio por desvelar os mecanismos políticos e econômicos geradores da opressão, bem como de não permanecer alheio às contradições de seu tempo [grifo do texto].⁸²¹

Por isso, considero que a práxis transformadora no seio da eclesiologia do autor, além de ser orgânica e perpassada por alguns elementos da teoria clássica marxista, evoca o sentido e os contornos da tradição profética na Bíblia Hebraica.

O teor profético da práxis transformadora incide diretamente sobre o *modus operandi* das teólogas e teólogos orgânicos. No contexto da igreja profética de rosto popular, esses profissionais podem e devem desempenhar diferentes atividades intelectuais e pastorais – as etapas de realização da práxis transformadora supramencionadas –, visando a conscientização e a politização do povo empobrecido. Eles podem, por exemplo, inserir-se na organização dos movimentos sociais e populares para a produção e disseminação de materiais didático-pedagógicos destinados à formação política, ou em movimentos ligados a questões trabalhistas, ambientais, indígenas, entre muitas outras. Esse tipo de inserção é tratado na literatura do autor como algo essencialmente profético e à luz da Bíblia, cuja origem remontaria à organização da classe camponesa no mundo bíblico.⁸²²

universo da Teologia da Libertação. Em um texto publicado em RIBLA, no ano de 2023, ele trabalha com a perspectiva do conflito entre classes – campo *versus* cidade – no mundo bíblico, considerando a Teologia em sua dimensão política e concreta capaz de iluminar a realidade contemporânea. Saiba mais em: GALLAZZI, Sandro. Teologia camponesa em disputa. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 89, p. 93-109, 2023. p. 93-109.

⁸²⁰ CRUZ, 2021, p. 122.

⁸²¹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 128-129.

⁸²² SCHWANTES, 1992c, p. 51.

Para Milton Schwantes, a consequência imediata da profecia bíblica é a interação com os setores pobres da sociedade, o que demanda a inserção das igrejas em meio às classes populares. Compreender o texto bíblico é, para ele, a maneira mais segura para ouvir o clamor dos pobres, denunciar as injustiças sociais que os fazem sofrer e anunciar um futuro melhor, isto é, um futuro pautado na utopia da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.⁸²³ Com efeito, a práxis transformadora inicia no momento em que o texto bíblico se torna objeto de estudo das teólogas e teólogos orgânicos, passando pela etapa em que a igreja facilita o acesso ao texto bíblico, formulando seu núcleo em uma linguagem de libertação, para, então, adentrar na realidade dos pobres e incitar a luta pela transformação social. No pensamento do autor, a leitura popular da Bíblia não apenas ajuda ler a realidade, mas tem um potencial para transformá-la radicalmente – isso fora chamado nos dois capítulos precedentes de leitura-ação.⁸²⁴

O conhecimento bíblico precisa ser recriado em meio à prática das igrejas e movimentos sociais, explica Milton Schwantes,⁸²⁵ a partir da atuação orgânica de teólogas e teólogos especialistas em exegese bíblica.⁸²⁶ A exegese e hermenêutica bíblica, uma vez contextualizadas, incitam um processo de retroalimentação da práxis transformadora, promovendo um “pensar crítico da ação”⁸²⁷, para, então, favorecer a ampliação dos conteúdos bíblicos em relação à vida do povo latino-americano e à inserção da igreja nas lutas sociais e populares.⁸²⁸

A práxis transformadora no contexto da igreja profética de rosto popular propõe mais que a continuidade de algumas posturas anticapitalistas, representando a gestação de um novo *ethos* eclesial, que revela certas condições subjetivas e objetivas examinadas no continente latino-americano. Ela busca e encontra na exegese especializada, na metodologia pedagógica freireana, na categoria gramsciana do orgânico, no pensamento clássico marxista e no conjunto de propostas hermenêuticas levantas pelo círculo dos biblistas latino-americanos um instrumental teórico-metodológico para interpretar e engajar a igreja nas camadas populares:

A rigor, nisso não deveria haver novidade maior. Pois, afinal, nem é possível ler e interpretar a Bíblia sem estar presente, sem participar deste processo. Pois, os intérpretes [nesse caso, os pobres] não são seres *a-históricos*, fora do mundo. Somos nós pessoas, em meio à nossa situação, marcados pela história que vivemos. Novo é

⁸²³ SCHWANTES, Milton. Uma experiência igualitária: algumas anotações a respeito das tribos de Javé. *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 8-19, 1988k. p. 8-19.

⁸²⁴ CRUZ, 2021, p. 89-90.

⁸²⁵ SCHWANTES, 1988b, p. 82.

⁸²⁶ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 128-129.

⁸²⁷ BRINGHENTI, 2013, p. 667.

⁸²⁸ SCHWANTES, 1997, p. 44.

o fato de estarmos incorporando as dores e os anseios dos empobrecidos, a realidade sofrida e esperançosa do povo à leitura bíblica. O povo sofrido esteve ausente, em tempos passados. E, hoje, entre nós, ocupa lugar privilegiado. Esta é uma marca nova da Bíblia na América Latina. É o que a gente aprende nas comunidades. Nos círculos bíblicos, as pessoas, rápida e naturalmente, passam do texto bíblico para as suas experiências, e destas retornam à Escritura. Entre ambos ocorre uma inter-relação. A fidelidade aos textos e a fidelidade à realidade confluem, se complementam e se criticam [...]. A leitura sociológica se impõe a partir dos próprios textos e brota da experiência das comunidades dos pobres que inserem a Bíblia na vida de quem tem negada a vida [grifo do texto].⁸²⁹

É nessa conjuntura que se desenvolve uma relação de afinidades eletivas entre o papel da igreja e o movimento profético veterotestamentário.⁸³⁰ Uma relação que, ao tomar impulso em um conjunto de analogias existentes já apontadas nos capítulos anteriores, conduz a um processo de fusão de horizontes entre o mundo bíblico e o contexto da América Latina, em especial nas décadas de 1970 e 1980, com uma proposta subjacente de constituição de uma *eclesiologia da e para a periferia*.⁸³¹

De acordo com as descrições do autor:

Os profetas estão nas tradições e nos círculos populares da sociedade israelita [...]. E daí podemos deduzir que eles provêm basicamente dos pequenos vilarejos provincianos de agricultores, lavradores, meeiros, pastores [...]. E já que na fala profética pulsa a vida sofrida destes lugarejos, a espoliação de que sua gente é vítima [...], não há como evitar a conclusão de que os profetas provêm deste mundo periférico [...], estão ancorados nas condições materiais de miséria da população dos vilarejos [...]. Os profetas radicais não têm seu lugar social nas esferas e funções religiosas e teológicas da elite, mas em lutas populares e nos movimentos camponeses, dos quais brotaram.⁸³²

A práxis transformadora da igreja profética de rosto popular evoca o recrudescimento da dimensão comunitária do movimento profético da Bíblia Hebraica, que faz com que o texto bíblico seja lido e interpretado na perspectiva da ação pastoral aplicada à luz das experiências do povo latino-americano. Dito nas palavras do autor:

Nossa função seria a contextualização [...]. Por isso, não raro, não nos resta outro caminho a não ser o da contextualização, da aplicação pastoral [...]. Justamente aí, em meio à pastoral bíblica, emergem desafios e dimensões às quais os ensaios clássicos não vêm dando resposta. Por exemplo: em meio às comunidades de empobrecidos e analfabetos a gente se dá conta do quanto a experiência e o saber religiosos são comunitários, são coletivos, o quanto o teólogo ou a teóloga são partes do povo e estão inseridos em meio às dores e alegrias do conjunto da população, isso obviamente na medida em que deles se espera uma contribuição significativa às questões da vida e da fé.⁸³³

⁸²⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

⁸³⁰ LÖWY, 2011, p. 142.

⁸³¹ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

⁸³² SCHWANTES, 1982b, p. 124-125.

⁸³³ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

Note que a participação das teólogas e teólogos orgânicos supera os limites de uma atuação profissional, mas pressupõe um envolvimento relacional pautado na fé e na solidariedade com os pobres. A fé é um elemento fundamental para concretizar a práxis transformadora no âmbito eclesial imaginado pelo autor, porém, ela não tem a função de dogmatizar a Bíblia, pois, para ele, “a busca [pelos núcleos de sentido da Bíblia] não poderia ter a função de dogmatizar a interpretação, mas de facilitá-la”⁸³⁴.

Fé e ciência coexistem na eclesiologia de Milton Schwantes, e são elementos importantes para a práxis transformadora. Na literatura do autor, elas aparecem sempre numa relação de integração, se se considerar as proposições de Ian Barbour,⁸³⁵ que entende a religião e a ciência como instâncias complementares, e não excludentes.⁸³⁶ Essa breve aproximação conceitual ajuda a compreender que, em seus esforços de tornar a exegese especializada um instrumento subserviente à pastoral e, através disso, promover a práxis transformadora a partir da igreja profética de rosto popular, Milton Schwantes não teria a intenção de:

Simplemente crer nas informações da ciência, porque esta é provisória, seus resultados nunca são definitivos [e, com isso], substituir o texto por dados da investigação histórica [...]. Mas sim de ir iluminando a leitura comunitária e popular do texto bíblico, dessa memória profética e transformadora, com descobertas da ciência histórica, na medida do interesse e das possibilidades da comunidade.⁸³⁷

Nesse sentido, o contexto eclesial também determina o rumo e os limites da interpretação do texto bíblico. Isso significa que a práxis transformadora em Milton Schwantes não se fechou para a reflexão teórica, na verdade, ela careceu de uma teoria que lhe permitisse uma expansão para além dos pressupostos das pesquisas bíblicas desenvolvidas no Norte global, até então. Em geral, tais pesquisas não disponibilizavam os recursos necessários para o desenvolvimento de uma investigação a partir das experiências comunitárias que se originavam nos círculos bíblicos com a leitura popular da Bíblia, que foram cruciais para o desenvolvimento da eclesiologia do autor.⁸³⁸

Ele explica esse aspecto com o seguinte argumento:

Mas, a rigor, na ciência bíblica do Norte esta dimensão comunitária e coletiva tende a desaparecer, e a Bíblia é lida de preferência a partir de experiências individuais,

⁸³⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

⁸³⁵ Para Ian Barbour, há quatro relações possíveis entre religião e ciência, a saber: conflito, independência, diálogo e integração. A perspectiva da integração é a que mais se assemelha às descrições de Milton Schwantes em sua proposta de instrumentalização da exegese especializada a partir da pastoral. Para mais informações sobre as relações entre religião e ciência, leia: BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião: inimigas estranhas ou parceiras?* São Paulo: Cultrix, 2004. p. 51-52.

⁸³⁶ BARBOUR, 2004, p. 51-52.

⁸³⁷ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

⁸³⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

bastante distanciadas do todo do povo e da humanidade. Ora, uma ciência criada sob tais premissas individualizantes será capaz de auxiliar-nos decidida ou definitivamente nas tarefas concretas que temos em meio ao povo? Será capaz de alimentar-nos em nossas perguntas? Enfim, será suficiente tão-somente querer aplicar os resultados da ciência feita no Norte?⁸³⁹

Talvez, essa tenha sido a principal razão pela qual Milton Schwantes recorreu às teses marxistas clássicas, sobretudo em suas concepções materialistas acerca da realidade latino-americana e da suposta divisão de classes nela predominante, em relação à busca pela libertação coletiva dos pobres e pela construção de uma sociedade justa e igualitária.⁸⁴⁰ Esse parece ter sido o ferramental teórico-metodológico disponível mais adaptável às propostas do autor na época.⁸⁴¹ De qualquer modo, a práxis transformadora na igreja profética de rosto popular, a partir da atuação de teólogas e teólogos orgânicos, mostra-se passível da mediação das Ciências das Religiões Aplicadas, por razões que serão melhores explicadas na seção subsequente.

3.4 Ciências das Religiões Aplicadas e a atuação de teólogas e teólogos orgânicos

Na eclesiologia de Milton Schwantes, teólogas e teólogos orgânicos são profissionais da Teologia, em especial pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, aptos para empreenderem “uma análise crítica da dinâmica política e dos problemas sociais [para] produzir uma nova visão de mundo”⁸⁴². Elas e eles são facilitadores da leitura popular da Bíblia para as classes populares, e sua participação é vista como um contributo para os círculos bíblicos, porque, por serem especialistas em exegese ou pela facilidade de acesso aos resultados das pesquisas bíblicas, são capazes de fomentar uma melhor apreensão dos elementos concretos que permeiam as narrativas bíblicas: “os estudos históricos e sociológicos nos mostram o quanto os conteúdos escriturísticos estão conectados a situações concretas, a momentos determinados”⁸⁴³.

No pensamento do autor, teólogas e teólogos orgânicos iniciam sua jornada intelectual nas universidades, entretanto, a forja de seu método se consolida na pastoral. Seu vínculo com as classes populares é fundamental nesse processo, porque seu discurso e suas ações visam um consenso em torno da organização e da mobilização dos pobres para a construção de uma sociedade justa e igualitária. No âmbito acadêmico, elas e eles aprendem a lidar com referenciais teórico-metodológicos, mas é no espaço da igreja profética de rosto popular, através

⁸³⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

⁸⁴⁰ SCHWANTES, 1988k, p. 8-19.

⁸⁴¹ LÖWY, 1989, p. 5.

⁸⁴² CRUZ; ULRICH, 2023, p. 131.

⁸⁴³ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

da organização popular e da participação nos círculos bíblicos e nos movimentos sociais, que são profundamente impactados, pois estabelecem um contato direto com as experiências populares e apreendem um tipo de conhecimento que as instituições de ensino superior não são capazes de ensinar. No seio das classes populares, essa corrente orgânica de profissionais da Teologia aprende, a partir de uma relação intercambiável com o povo, “uma metodologia pastoral de transformação histórica”⁸⁴⁴.

Embora a literatura de Milton Schwantes conceda uma ênfase exacerbada ao saber gestado nas camadas populares da América Latina, ele jamais desprezou qualquer debate teórico ou contribuição oriunda do campo das ciências bíblicas do Norte global. Na verdade, ele se esforçou para traduzir os resultados dessas pesquisas para o contexto latino-americano,⁸⁴⁵ como já afirmado no primeiro capítulo. Todavia, seu grande interesse parece ter recaído mais sobre a consolidação da área das Ciências das Religiões e Teologia na América Latina, porém, sem abdicar das epistemologias e das metodologias que estavam em desenvolvimento por lá e por aqui, propondo uma verdadeira miscelânea entre conhecimento científico e saber popular. Sobre isso, ele comenta:

Parece que as traduções já não são suficientes. Entre nós se espalha a impressão de que devemos recriar a ciência bíblica à luz de nossas circunstâncias e em diálogo com o que se elabora em outros quadrantes. Talvez se possa dizer que estamos na alvorada da elaboração da Ciência Bíblica Latino-Americana!⁸⁴⁶

Profissional em Ciências das Religiões

Em outro texto, essa ideia é complementada da seguinte maneira:

Em nosso contexto estamos aprendendo a formular o núcleo bíblico em termos de opressão e libertação. Esse eixo hermenêutico vem carregado pelas experiências históricas de nossos povos e, simultaneamente, pela redescoberta da Bíblia em meio aos processos libertadores latino-americanos.⁸⁴⁷

A formação de teólogas e teólogos orgânicos não representa o único objetivo do autor para formular seu núcleo eclesiológico, mas inclui a premência de valorizar e disseminar as pesquisas bíblicas latino-americanas, através desses profissionais “cujo estatuto epistemológico consistia na aproximação entre o conhecimento científico e o saber popular”⁸⁴⁸. Tem-se aí uma necessidade latente de uma intelectualidade comprometida e engajada, em que teólogas e

⁸⁴⁴ SCHWANTES, 1986b, p. 83-84.

⁸⁴⁵ SCHWANTES, 2006, p. 53.

⁸⁴⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

⁸⁴⁷ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

⁸⁴⁸ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 134.

teólogos orgânicos teriam a responsabilidade de vincular-se às classes populares e utilizar seus conhecimentos para transformar a sociedade latino-americana.⁸⁴⁹

Para Milton Schwantes, a função das teólogas e teólogos orgânicos, assim como pode ser notado no pensamento de Antônio Gramsci,⁸⁵⁰ relaciona-se sobretudo aos seus profundos vínculos com a cultura, história e perspectiva política das classes subalternas que se organizam para construir uma sociedade justa e igualitária.⁸⁵¹ Nesse sentido, as teólogas e teólogos orgânicos optam pelas classes populares para democratizar o poder – inclusive no interior da igreja –, expandir os direitos e extinguir as causas da pauperização. Na literatura do autor, elas e eles são agentes da subversão da dominação e do autoritarismo vigente nas décadas de 1970 e 1980, que, através da Bíblia, criariam uma nova concepção política fundamentada sobre a noção de hegemonia, nesse caso, dos pobres.⁸⁵²

Milton Schwantes defende uma necessária e profunda osmose entre teólogas e teólogos orgânicos e as classes populares. Em sua literatura, ele se mostra convencido de que os pobres têm uma capacidade intrínseca de interpretar o texto bíblico e agir, elaborando um conhecimento não gestado nas universidades, experiências e uma sensibilidade com a Bíblia a partir de um ponto de vista idiossincrático. Nesse sentido, combatendo a abstração restrita da exegese clássica, ele afirma que os pobres são os sujeitos intérpretes da Bíblia e, com efeito, portadores de uma intelectualidade, pois não existiria nenhuma leitura bíblica sem uma intervenção intelectual. Os pobres latino-americanos são tratados como detentores de experiências análogas à realidade do mundo bíblico e com uma visão de mundo que nasce de sua realidade e de sua organização social. A capacidade de interpretar a Bíblia, portanto, não é monopólio de especialistas em exegese, mas é incumbência de uma coletividade, na lógica diacrônica – para compreender as dinâmicas sociais do mundo bíblico – e na perspectiva sincrônica – para refletir sobre o mundo presente.⁸⁵³

Isso explica a insistência de Milton Schwantes quanto ao reconhecimento da relação de intercambialidade entre sujeitos que aprendem e ensinam a interpretação bíblica simultaneamente.⁸⁵⁴ Para ele, a interpretação da Bíblia é dialética, porque se trata de um exercício intelectual promovido pela coletividade. Destarte, embora as teólogas e teólogos orgânicos realizem funções mais acentuadamente intelectuais na igreja profética de rosto

⁸⁴⁹ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 134.

⁸⁵⁰ GRAMSCI, 1982, p. 36.

⁸⁵¹ SCHWANTES, 1988k, p. 8-19.

⁸⁵² SCHWANTES, 1998a, p. 12.

⁸⁵³ SCHWANTES, 2002, p. 15-17.

⁸⁵⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

popular e na sociedade, sobretudo no trato exegetico com o texto bíblico, a dimensão dessa atividade entre elas, eles e as classes populares é apenas quantitativa, jamais qualitativa. Ou seja, o desempenho de funções intelectuais distintas não é um critério para justificar divisões de classes ou hierarquias na igreja e na sociedade.⁸⁵⁵

Como já postulado na seção precedente, a práxis transformadora resulta de uma teologia bíblica orientada pela prática da leitura popular da Bíblia no contexto das lutas populares.⁸⁵⁶ Teoria e prática confluem nas articulações das teólogas e teólogos orgânicos, porque o conhecimento que elas e eles adquirem nas universidades, ou nas igrejas que se distanciam do mundo periférico, por si só, não é capaz de aproximá-los do povo. Por isso, o instrumental teórico-metodológico da exegese especializada à serviço da pastoral e da organização popular evitaria uma atividade intelectual detida somente no âmbito da abstração e da generalização. Contudo, para o autor, teólogas e teólogos orgânicos “sendo sua função social orgânica e reconhecida como de utilidade pública, através de uma leitura política da Bíblia [...] deveriam subsidiar as atividades empreendidas pelos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros”⁸⁵⁷.

É por sua função social orgânica e de utilidade pública que a atividade eclesial das teólogas e teólogos orgânicos se torna passível da mediação das Ciências das Religiões Aplicadas. De acordo com o *Documento de área 44* da CAPES, as Ciências das Religiões Aplicadas representam uma modalidade de engajamento social,⁸⁵⁸ bem como refere-se a um “modelo [...] ilimitado, inter e transdisciplinar, que incentiva e promove uma ação orientada, crítica, comunicativa, político-social”⁸⁵⁹ das Ciências das Religiões.

Segundo o argumento de Abdruschin Rocha e Osvaldo Ribeiro:

Há um relativo consenso de que as [Ciências das Religiões] devem prestar contas de sua relevância social com vistas à paz, à humanização e à mediação de conflitos culturais-religiosos. Ou seja, [...] deve prestar atenção à vida cotidiana e seus problemas, assumindo assim, a utilidade pragmática como ‘lugar’ de construção desses conhecimentos.⁸⁶⁰

A eclesiologia de Milton Schwantes, sobretudo em sua proposta de formação de uma corrente orgânica de teólogas e teólogos, está eivada de aspectos da ação pastoral enquanto

⁸⁵⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

⁸⁵⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

⁸⁵⁷ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 134. Veja ainda: SCHWANTES, 1986b, p. 84.

⁸⁵⁸ CAPES, 2019, p. 3.

⁸⁵⁹ TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

⁸⁶⁰ ROCHA, Abdruschin S.; RIBEIRO, Osvaldo L. Ciência (s) da Religião Aplicada (s): uma contribuição do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 193-212, 2019. p. 195.

práxis transformadora. Com efeito, elas e eles são produtores de um conhecimento aplicável, que resulta da análise exegética do texto bíblico junto ao povo, cujo ponto de partida e de chegada são os problemas sociais da América Latina.⁸⁶¹

A proposta eclesiológica de Milton Schwantes impõe uma atuação para as teólogas e teólogos orgânicos e indica a existência de relações dialéticas entre a realidade interpretada e a Bíblia, através das mediações exegético-hermenêuticas. Isso não significa que os conteúdos bíblicos iluminam a realidade em análise, ao contrário, para o autor, é a realidade que impõe as perguntas que conduzem as teólogas e teólogos orgânicos em sua busca pelos núcleos de sentido da Bíblia. Da mesma forma que a realidade é dinâmica e se transforma continuamente, os “núcleos de sentido são [...] formulações provisórias, carentes de contínua correção a partir das experiências concretas da leitura popular [...]. Não me parece possível fugir da tarefa [...], por conter o risco de abstração distanciada”⁸⁶².

Há um diálogo entre ciência e práxis transformadora bastante explícito na eclesiologia de Milton Schwantes, e ele é reforçado na atuação das teólogas e teólogos orgânicos. Nos termos estabelecidos por Agenor Bringhenti, esse seria um dos momentos em que a proposta eclesiológica de Milton Schwantes supera a possibilidade de uma mera aplicação, podendo ser entendida como um esforço hermenêutico “no qual a realidade causa um impacto sobre a mensagem revelada e esta sobre aquela, provocando uma mudança de sentido, tanto na compreensão da realidade como da revelação”⁸⁶³, o que deve ser realizado especialmente a partir da atuação de teólogas e teólogos orgânicos.

Para Milton Schwantes:

É preciso traduzir a Bíblia para nossos dias [...]. Não há quem ponha em dúvida que a Bíblia deve estar na mão do povo de Deus. Igualmente, é, hoje, indiscutível que cabe à igreja, em particular a seus profetas-teólogos, ir às fontes originais, para beber da água viva junto às fontes mais antigas.⁸⁶⁴

Udo Tworuschka explica que as Ciências das Religiões Aplicadas são portadoras de uma abordagem indutiva com a utilização de métodos empíricos.⁸⁶⁵

O indutivismo e o empirismo desempenham um papel fundamental em alguns aspectos da exegese clássica alemã. Em sua proposta de uma análise histórica, a utilização dos métodos histórico-críticos, por exemplo, recorre à abordagem indutiva para coletar os dados históricos

⁸⁶¹ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

⁸⁶² SCHWANTES, 1989a, p. 16.

⁸⁶³ BRINGHENTI, 2013, p. 668.

⁸⁶⁴ SCHWANTES, 1984c, p. 34.

⁸⁶⁵ TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

do mundo bíblico para empreender uma interpretação das narrativas. O mesmo pode ocorrer na análise literária, quando se intenciona localizar determinados padrões e estruturas no texto. A abordagem empírica pode ser observada na análise do contexto histórico e cultural no qual uma narrativa foi redigida e na busca por uma compreensão sobre os significados de vocábulos e expressões, por exemplo, na análise linguística ou no diálogo com as Ciências Sociais e com a Arqueologia.⁸⁶⁶

No entanto, a maneira como Milton Schwantes instrumentaliza a exegese especializada não se restringe a uma mera aplicação de métodos científicos pautados no indutivismo e no empirismo. Para ele, os textos bíblicos possuem uma dimensão que vai além da experiência empírica: “a Bíblia tem um núcleo”⁸⁶⁷. Por isso, ele entende que sua interpretação requer, além da abordagem histórico-social, uma reflexão em torno dessa estrutura nuclear e da relação dialética entre narrativa bíblica e realidade latino-americana. Observe:

Por aqui, nós fomos habituando a fazer Teologia Bíblica na experiência e perspectiva do *conflito*. Não serão belos conceitos e generalizantes abstrações que nos auxiliarão a captar o sentido da ação de Deus. Decisivo mesmo é estar de olho no conflito [...]. Sim, a Teologia Bíblica justamente traz à tona os conflitos da vida. Evoca-os. Impede que sejam escondidos [...]. Em meio a estes conflitos, dá-se o testemunho sobre Deus. O testemunho não ocorre à parte, em algum lugar apropriado para tal. Ocorre em meio ao cenário das contradições, a partir de um lugar específico, a partir dos mais fracos [grifo do texto].⁸⁶⁸

Por se tratar de uma proposta eclesiológica subjacente, a dimensão transcendente que supera a experiência empírica não está ausente na argumentação do autor. A menção sobre o “testemunho de Deus”⁸⁶⁹ no excerto acima é um exemplo disso. Isso significa que a eclesiologia de Milton Schwantes e sua proposta de atuação de teólogas e teólogos orgânicos não se desvincula da abordagem indutiva e nem deixa de recorrer ao uso de métodos empíricos, mas evoca uma multiplicidade de métodos, que incluem: os métodos histórico-críticos, para localizar o *Sitz im Leben* das perícopes bíblicas;⁸⁷⁰ a análise literária, para classificar os gêneros, estilo e estrutura narrativa; a leitura sociológica da Bíblia, para identificar os principais conflitos entre campo e cidade no mundo bíblico; e a mediação teológica, para interpretar o texto à luz da realidade da América Latina de propor a atuação da igreja profética de rosto popular.⁸⁷¹

A exegese aplicada na literatura de Milton Schwantes não rejeita a abordagem indutiva e nem os métodos empíricos, mas ela pressupõe a busca por um núcleo de sentido que os

⁸⁶⁶ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

⁸⁶⁷ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

⁸⁶⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 18.

⁸⁶⁹ SCHWANTES, 1989a, p. 18.

⁸⁷⁰ SCHWANTES, 1988c, p. 31-37.

⁸⁷¹ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

transcende.⁸⁷² A fé é um elemento que desempenha uma função fundamental na eclesiologia do autor. Na verdade, a exegese empregada nesses *corpora* demonstra ser um campo multifacetado, porque combina aspectos histórico-sociais, literários e teológicos. Embora a abordagem indutiva e os métodos empíricos sejam elementos indispensáveis nesse empreendimento exegético-hermenêutico,⁸⁷³ eles se mostram insuficientes por si só para capturar a totalidade do significado que Milton Schwantes atribuiu à Bíblia, sobretudo no desenvolvimento de sua eclesiologia.⁸⁷⁴

Para avançar nesta reflexão, de acordo com Udo Tworuschka, as Ciências das Religiões Aplicadas constituem-se como uma subárea das Ciências das Religiões centrada na investigação de realidades vigentes e problemáticas, que procura “facilitar ‘melhores’ realidades no futuro a partir de uma ação refletida de resolução de problemas”⁸⁷⁵. Sua proposta, nos termos estabelecidos pelo autor, consiste em forjar uma identidade própria para produzir um conhecimento útil e utilizável.⁸⁷⁶ Os problemas sociais descritos na literatura de Milton Schwantes, aqueles que sua proposta eclesiológica procurou mitigar através da atuação de teólogas e teólogos orgânicos, decorrem, em geral, de conflitos baseados na religião e na política, o que, segundo o pensamento de Udo Tworuschka, são passíveis da mediação das Ciências das Religiões para além de seu alcance teórico.⁸⁷⁷

A práxis transformadora das teólogas e teólogos orgânicos, segundo os critérios eclesiológicos aqui analisados, emerge como um campo fértil para a produção de uma abordagem científica e uma metodologia engajada. A busca por um método exegético compatível com a realidade latino-americana perpassa diversos textos de Milton Schwantes. Por exemplo, no fragmento a seguir, ele declara:

Meu objetivo não era o de explicitar parâmetros da nova evangelização, necessária nos dias de hoje. Esta questão é bem mais ampla do que o enfoque específico e restrito que aqui abordei [...]. Concentramo-nos nas raízes da experiência javista [de modo que] foi transparecendo no jeito daquelas tribos da montanha fazerem sua história um método que nos anima e, de certo modo, é paradigmático [...]. Não se trata de querer imitar as tribos de Javé. Nosso mundo é outro [...]. Ainda assim [...] neste javismo incipiente transparece um método teológico muito elucidativo. Acontece que os conteúdos vão sendo explicitados, passo a passo, em meio às experiências e às práticas históricas. Não estão concluídas à parte da história, mas são formuladas e descobertas

⁸⁷² SCHWANTES, 1989a, p. 16-18.

⁸⁷³ SIMIAN-YOFRE, 2011, p. 13-18.

⁸⁷⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 36-37.

⁸⁷⁵ TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

⁸⁷⁶ TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

⁸⁷⁷ TWORUSCHKA, 2013, p. 581.

na participação insistente e ativa no palco do mundo. Se o javismo nasce dentro deste método, então continua tendo, também hoje, seu berço contínuo na prática histórica.⁸⁷⁸

De acordo com Udo Tworuschka, a aplicação das Ciências das Religiões envolve, em grande medida, a elaboração e a articulação de conhecimentos científicos e religiosos que favorecem a resolução de problemas culturais e sociais, mesmo que tal produção científica mantenha-se no nível da reflexão teórica.⁸⁷⁹ À luz do fragmento textual supracitado, essa parece ter sido uma das intenções de Milton Schwantes na formulação de sua eclesiologia e nas proposições para a atuação das teólogas e teólogos orgânicos. Seu discurso é profundamente teológico, mas vale lembrar que ele o enuncia sem respeitar os limites epistemológicos entre as Ciências das Religiões e Teologia, o que, de modo geral, não parece ser um impedimento para aproximar sua perspectiva de ação pastoral, enquanto práxis transformadora, ao campo das Ciências das Religiões Aplicadas.⁸⁸⁰

Há uma dimensão imensurável que favorece a criação de conhecimentos e a aplicação das Ciências das Religiões Aplicadas. Para Udo Tworuschka, tal dimensão pode abarcar diversas áreas, por exemplo, o campo da saúde ou a presença de mulçumanos em hospitais e suas implicações teológicas que incidem diretamente em torno de questões alimentares, visitas, oração, sofrimento e contato com pessoas mortas, entre outras.⁸⁸¹ Cabe questionar as razões que levam a crer que a eclesiologia de Milton Schwantes, com seu foco na atuação de teólogas e teólogos orgânicos, não teria um lugar para a mediação das Ciências das Religiões Aplicadas. A eclesiologia desse autor, além de possuir metas práticas, direciona seu foco sobre os problemas sociais da América Latina, sem perder de vista a necessidade de construir um conhecimento aplicável, mesmo que seu ponto de partida seja a reflexão exegética e teológica em diálogo com a ação pastoral.⁸⁸²

Parte-se do pressuposto de que a eclesiologia em debate é passível da mediação das Ciências das Religiões Aplicadas, uma vez que “suas afirmações, seus textos e seus discursos potencialmente alteram a existência”⁸⁸³, ao menos, são destinados para esse propósito. O que pretendo defender é que:

Schwantes foi um intelectual orgânico que se aliou ao movimento bíblico latino-americano no intuito de extrapolar os limites teórico-metodológicos do norte global e as fronteiras institucionais do cristianismo ocidental, dirigindo seu olhar para o mundo

⁸⁷⁸ SCHWANTES, Milton. As tribos de Javé: uma experiência paradigmática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 47, n. 185, p. 103-119, 1987c. p. 118-119.

⁸⁷⁹ TWORUSCHKA, 2013, p. 581.

⁸⁸⁰ CRUZ, 2020a, p. 742-752.

⁸⁸¹ TWORUSCHKA, 2013, p. 583.

⁸⁸² SCHWANTES, 1989a, p. 16.

⁸⁸³ TWORUSCHKA, 2013, p. 584.

e para as experiências das pessoas economicamente desfavorecidas. Com efeito, sua proposta de formação de [teólogas e teólogos] orgânicos considerava a relação dialética entre a realidade dessas pessoas e o texto bíblico, em um programa de leitura marxista, o que implica em mediações hermenêuticas em que as [teólogas e teólogos] orgânicos deveriam consultar as narrativas bíblicas carregados/as de perguntas impostas pela vida concreta, sempre com uma preocupação de alterar realidades opressoras. As [Ciências das Religiões Aplicadas], com todo o seu arcabouço teórico-metodológico, podem impulsionar o método hermenêutico em questão e torná-lo mais prático e mais crítico-reflexivo, ajudando, ainda, na superação das fronteiras das religiões institucionalizadas.⁸⁸⁴

Compreendo que o horizonte hermenêutico de Milton Schwantes – a ser replicado pela corrente de teólogas e teólogos orgânicos em sua atividade social e de utilidade pública –, marcado por uma leitura histórico-social da Bíblia,⁸⁸⁵ pode ser expandido pelas Ciências das Religiões Aplicadas, em suas dimensões teóricas e práticas simultaneamente pressupostas na práxis transformadora.

Na contemporaneidade, as Ciências das Religiões Aplicadas podem fornecer uma estrutura formativa para as teólogas e teólogos orgânicos fundamentada na reflexão crítica e na constante interação com outras ciências. Essa mediação mostra-se com um potencial para ajudar tanto na expansão das possibilidades de aplicação da exegese e da hermenêutica bíblica, como pode carregar a proposta eclesiológica de Milton Schwantes com um conhecimento científico-religioso direcionado à resolução de problemas sociais.⁸⁸⁶

Já foi aludido, em alguma medida, que a eclesiologia de Milton Schwantes desafia não apenas a atuação das igrejas, mas, também, requer novas posturas por parte das universidades de Teologia e Ciências das Religiões. Por isso, argumento que:

Na esteira das proposições do biblista brasileiro subjaz o desejo de romper com uma suposta distância preestabelecida entre a teologia bíblica e o povo, através da formação de [teólogas e teólogos] orgânicos inseridos no campo político, econômico, social, cultural e eclesial [...]. O advento desta escola – enquanto corrente de pensamento – representaria o início de novas relações entre a pesquisa em Bíblia e a ação pastoral, não apenas na academia, mas nos movimentos sociais e populares bem como na vida eclesial. O que exigiria uma profunda reorganização da estrutura acadêmica – que não desprezaria o trabalho acadêmico *tradicional* – no intuito de conduzir a atividade exegético-hermenêutica. Nesta ótica, [teólogas e teólogos] orgânicos contariam com bibliotecas especializadas e enriquecidas com a produção literária latino-americana. Mas, a radicalidade dessa proposta consiste no argumento de que a estreita colaboração entre a pastoral e as universidades impulsionaria a cultura latino-americana, superando a hegemonia do norte global, sem eliminá-la completamente [grifo do texto].⁸⁸⁷

⁸⁸⁴ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 139.

⁸⁸⁵ SCHWANTES, 1991a, p. 132.

⁸⁸⁶ TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

⁸⁸⁷ CRUZ, 2021, p. 108-109.

Destarte, a expectativa de Milton Schwantes girava em torno da confluência das contribuições dos espaços acadêmicos, eclesiais e populares, no intuito de favorecer a atuação de teólogas e teólogos orgânicos. Elas e eles, por sua vez, teriam a missão de “conduzir as pessoas pobres aos umbrais do pensamento crítico”⁸⁸⁸.

Uma das prioridades identificadas na eclesiologia de Milton Schwantes era a formação acadêmica das teólogas e teólogos orgânicos, em nível de pós-graduação *stricto sensu* em Teologia e Ciências das Religiões. No entanto, existiam barreiras institucionais em relação ao acesso nas universidades – sobretudo para as mulheres –, que deveriam ser superadas para a consolidação do projeto idealizado por esse autor. Para Mercedes Brancher, um coletivo de mulheres apenas conseguiu doutorar-se em Sagradas Escrituras por causa do incentivo e do suporte oferecidos por Milton Schwantes.⁸⁸⁹

No depoimento dado por Valmor da Silva, na ocasião de sua entrevista concedida para a realização da minha pesquisa sobre Milton Schwantes no mestrado profissional em Ciências das Religiões, afirmou-se que:

Milton atuou no IEPG (Instituto Ecumênico de Pós-Graduação) em São Bernardo do Campo, na Metodista (posterior Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP) [...]. Logo passou a reunir um grupo de doutorandos em Bíblia. Cito alguns nomes que me lembro de memória (Valmor da Silva, Sandro Gallazzi, Tânia Mara Vieira Sampaio, Nancy Cardoso Pereira, Domingos Sávio da Silva, Tércio Machado Siqueira). Quando ainda não se sabia o que era fazer doutorado em Bíblia no Brasil, começamos a discutir projetos de tese e, em seguida, a Metodista teve o curso aprovado pela CAPES. A grande contribuição, no meu parecer, é a harmonização entre a exegese acadêmica e a pastoral popular.⁸⁹⁰

Na continuidade de seu relato acerca da influência de seu professor em sua formação acadêmica, Ivoni Reimer expõe um pouco de seu horizonte hermenêutico, com as seguintes palavras:

Penso que no sentido de que novas perspectivas podem vir das bases/movimentos, que também estudam (sujeitos da interpretação), e que esperam de nós [teólogas e teólogos] seriedade e competência nas pesquisas. Contudo, não chegaria (eu) ao ponto de separar e estereotipar entre uma hermenêutica acadêmica e outra hermenêutica popular – pois os espaços nos quais a hermenêutica é realizada dialogam e interagem.⁸⁹¹

⁸⁸⁸ CRUZ, 2021, p. 109.

⁸⁸⁹ BRANCHER, Mercedes. Vou falar do que vi e conheci. Um mestre amigo. In: DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolda R. (orgs.). *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 34.

⁸⁹⁰ SILVA, 2021, [n.p.].

⁸⁹¹ REIMER, 2021, [n.p.].

Diante dessas reflexões e argumentos, parece apropriado situar a eclesiologia de Milton Schwantes para além dos espaços de realização da ação pastoral e da leitura popular da Bíblia, que configuravam o contexto eclesial privilegiado para sua efetivação. O acesso às universidades e às pesquisas bíblicas fazem parte desse processo. Por isso, as Ciências das Religiões Aplicadas mostram-se como um fértil não apenas para o estabelecimento de mediações científicas, mas, também, como uma possibilidade de formação complementar para as teólogas e teólogos orgânicos, que, eventualmente, “desejam denunciar e solucionar problemas sociais na atualidade”⁸⁹².

A formação inicial em Teologia e complementar no campo das Ciências das Religiões, sobretudo em sua dimensão aplicada, favorecerá a realização de todo empreendimento eclesiológico proposto por Milton Schwantes por parte das teólogas e teólogos orgânicos. A corrente de pensamento idealizada pelo autor não foi formalizada, mas ela não deixou de ser notada pela geração de profissionais que ele formou. É o que explica Valmor da Silva:

Milton foi protagonista da leitura bíblica no Brasil, num contexto político de abertura democrática e num contexto eclesial de Teologia da Libertação. Nesse contexto, catalisou os anseios de biblistas e formou uma geração de estudiosos atentos à realidade política e eclesial. Essa leitura teve desdobramentos nas pessoas que ele formou, e que passaram a atuar em seminários e em faculdades. Essa herança marca a formação e os escritos de novos biblistas.⁸⁹³

Milton Schwantes, sua produção literária e toda sua proposta eclesiológica pertencem a uma época específica marcada pela reflexão, produção literária e atuação orgânica de uma geração de teólogas e teólogos com influências muito particulares. Ele é filho de seu tempo. Mas, isso não significa que seu interesse pelo recrudescimento dos núcleos de sentido da Bíblia não tenha uma serventia no processo de formação de um horizonte hermenêutico engajado na transformação das estruturas sociais na contemporaneidade. As Ciências das Religiões Aplicadas, em seu espectro, mostra-se como “uma modalidade propícia à construção de novos conhecimentos a partir da vida e abre-se para novas propostas epistemológicas e metodológicas”⁸⁹⁴.

Se a eclesiologia em tela propõe desdobramentos práticos e transformadores da realidade social vigente, porque ela não poderia ser mediada pelas Ciências das Religiões Aplicadas? Por seu caráter inter e transdisciplinar, as Ciências das Religiões Aplicadas promovem o desenvolvimento de modelos e/ou tarefas organizacionais destinadas à ação, ou

⁸⁹² CRUZ; ULRICH, 2023, p. 140.

⁸⁹³ SILVA, 2021, [n.p.].

⁸⁹⁴ CRUZ, 2020a, p. 741.

melhor, à práxis transformadora.⁸⁹⁵ É nesse sentido que o conhecimento aplicável das Ciências das Religiões Aplicadas se mostra útil e relacional com a eclesiologia de Milton Schwantes, em especial em relação à atuação das teólogas e teólogos orgânicos, pois esse autor sempre assumiu a práxis transformadora na ótica da opção pelos pobres.

Esse horizonte eclesiológico reflete os pressupostos da “ação pastoral como práxis transformadora”⁸⁹⁶, despontando não apenas como um objeto de estudo no âmbito das Ciências das Religiões, mas, para além disso, como uma proposta que integra teoria e ação, tornando-se passível da mediação das Ciências das Religiões Aplicadas.⁸⁹⁷ Trata-se de uma eclesiologia da práxis transformadora, que pressupõe um engajamento por parte das teólogas e teólogos orgânicos destinado às classes populares da América Latina. As Ciências das Religiões Aplicadas abrem espaço para essa proposta eclesiológica porque constituem “um tipo de intervenção prática”⁸⁹⁸, que pressupõe a “aplicação [de] conhecimentos e teorias [...] para objetivos sociais e profissionais para além da academia”⁸⁹⁹ e das igrejas.

Portanto, *mutatis mutandis*, não seria inútil considerar a possibilidade de uma mediação capaz de atualizar, aprimorar e favorecer a práxis transformadora, em especial a partir da elaboração de conhecimentos científicos-religiosos destinados à resolução de problemas sociais, políticos, culturais, eclesiais, entre outros, ainda que eles se mantenham no nível da reflexão teórica.⁹⁰⁰ No conjunto das obras literárias aqui analisadas, as teólogas e teólogos orgânicos devem encarar os “problemas do hoje, do aqui e agora”⁹⁰¹, porque Milton Schwantes sempre defendeu a necessidade de “traduzir a Bíblia para os nossos dias”⁹⁰². Por isso, é necessário refletir sobre as implicações dessa proposta eclesiológica para os desafios que emergem no século XXI. Isso será realizado no próximo capítulo.

⁸⁹⁵ TWORUSCHKA, 2013, p. 583.

⁸⁹⁶ BRINGHENTI, 2013, p. 666-667.

⁸⁹⁷ TWORUSCHKA, 2013, p. 583.

⁸⁹⁸ STERN, Fábio L. Ciência da Religião Aplicada. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João D. *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola, 2022. p. 143.

⁸⁹⁹ STERN, 2022, p. 143.

⁹⁰⁰ TWORUSCHKA, 2013, p. 581.

⁹⁰¹ CRUZ, 2020a, p. 752.

⁹⁰² SCHWANTES, 1984c, p. 33.

4 IGREJA PROFÉTICA DE ROSTO POPULAR COMO *LOCUS* DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL PARA TEÓLOGAS E TEÓLOGOS ORGÂNICOS

Este último capítulo dedica-se ao esboço do aspecto profissional da pesquisa. Inicia-se com uma discussão sobre a pertinência da eclesiologia de Milton Schwantes, com sua proposta de uma leitura bíblica para a transformação social para o presente século, diante de leituras bíblicas que instigam diversos tipos de violência. Depois, os círculos bíblicos são destacados como uma estratégia para mitigação dos efeitos deletérios provocados pelas leituras fundamentalistas da Bíblia, porque são tratados como espaço democrático para conscientização e politização. Por ser a leitura popular da Bíblia uma das funções atribuídas às teólogas e teólogos orgânicos, a atuação desses profissionais na igreja profética de rosto popular será refletida à luz das perspectivas futuras para a área das Ciências da Religião e Teologia. Por último, esboça-se o passo a passo de uma proposta para implementação institucional do modelo eclesial intuído na literatura de Milton Schwantes, considerando não apenas uma aproximação, mas uma fusão: igreja profética de rosto popular como movimento social.

4.1 Pertinência da igreja profética de rosto popular no século XXI

A igreja profética de rosto popular é um modelo eclesial emergente dos postulados sobre a natureza, a finalidade e o uso político da Bíblia localizados no conjunto das obras literárias de Milton Schwantes.⁹⁰³ O texto bíblico é compreendido por ele, em sua maior parte, como produto da memória popular campesina, inicialmente preservada pela transmissão oral das tradições carregadas pela dinâmica social da sociedade israelita, sobretudo em contextos comunitários e periféricos,⁹⁰⁴ apenas tardiamente materializada em texto escrito.⁹⁰⁵ O aspecto mais importante no trato com as narrativas bíblicas, segundo a visão eclesiológica do autor, pressupõe a realização de uma leitura crítica e engajada que objetiva compreender o contexto histórico-social, para, então, desvelar qual seria a mensagem latente nas perícopes.⁹⁰⁶ Nesse sentido, o específico da eclesiologia de Milton Schwantes gira em torno da maneira de ler e interpretar a Bíblia, pois o modo como os sujeitos se aproximam dela pode determinar sua prática no espaço público.⁹⁰⁷

⁹⁰³ CRUZ, 2021, p. 51-64.

⁹⁰⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 35-37.

⁹⁰⁵ SCHWANTES, 1988c, p. 36.

⁹⁰⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 55.

⁹⁰⁷ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

De acordo com Luiz Rossi:

Determinadas formas de ler a Bíblia, ao longo de nossa história, já justificaram muitas violências e assassinatos contra as mulheres acusadas de bruxaria, as pessoas suspeitas de heresias, os povos de outras religiões, etc. E hoje muitas dessas violências ainda são instigadas e feitas em nome de Jesus contra os cultos de matriz africana e indígena, contra pessoas de orientação sexual diferente, etc. Temos que nos perguntar seriamente se ao fazer isso estamos lendo a Bíblia como Jesus a lia ou a estamos lendo como liam os seus acusadores.⁹⁰⁸

Segundo Martin Marty e Scott Appleby, movimentos fundamentalistas defendem verdades incontestáveis, e suas lideranças autoritárias, constituídas majoritariamente por homens, sustentam seus axiomas e posicionamentos teológicos em um discurso carismático. A membresia dos movimentos fundamentalistas se considera eleita e os que não pertencem ao grupo tendem a ser demonizados. Sua visão antagônica de interpretação da realidade, que pressupõe uma luta cósmica entre justos e injustos, o bem e o mal, reforça o ideário fundamentalista de seres moralmente superiores que se arrogam ao direito de julgar os demais.⁹⁰⁹ As verdades religiosas são legitimadas pelo uso seletivo de textos considerados sagrados, como é o caso da Bíblia, que é elevada acima de qualquer crítica e instrumentalizada para reforçar posições sociais, práticas culturais, estruturas políticas e estereótipos de gênero. O fundamentalismo se caracteriza pelo fanatismo, absolutização da verdade e pela intolerância.⁹¹⁰

O fundamentalismo bíblico – num sentido que será explicado brevemente – emerge como um dos principais problemas que justificam a pertinência da igreja profética de rosto popular no presente século. Esse modelo de igreja é entendido aqui como uma possível porta de acesso ao texto bíblico, entre tantas alternativas disponíveis para ler e interpretar a Bíblia, que não abdica da reflexão crítica conjugada com a práxis transformadora, tornando-se, assim, uma opção contrária à postura fundamentalista. Mas, antes de adentrar nesse assunto, para uma delimitação conceitual, o termo fundamentalismo:

É derivado de 12 livretos intitulados *The Fundamentals*, publicados nos Estados Unidos entre 1910 e 1915. Refere-se a um movimento no interior do cristianismo que dá uma vital importância à infalibilidade ou inerrância da Bíblia e que mantém, ao mesmo tempo, uma forte hostilidade contra a teologia moderna, métodos, resultados e implicações do estudo crítico moderno da Bíblia, e está completamente seguro de que

⁹⁰⁸ ROSSI, Luiz A. S. O fundamentalismo bíblico como suicídio teológico. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 88, p. 23-34, 2022. p. 25.

⁹⁰⁹ MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. The Fundamentalism Project: a user's guide. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. (eds.). *Fundamentalisms observed*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1991. p. 7-10.

⁹¹⁰ Características mais amplas sobre o fundamentalismo são apresentadas em: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. Conclusions: an interim report on a hypothetical family. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. (eds.). *Fundamentalisms observed*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1991. p. 814-842.

os que não participam de seu ponto de vista religioso não são verdadeiramente cristãos [grifo nosso].⁹¹¹

Como se trata de uma chave de leitura ancorada no literalismo, isto é, na clara rejeição do emprego ou da existência de gêneros literários no texto bíblico, configura-se como uma leitura acrítica da Bíblia, que, em grande escala, contrapõe os pressupostos da eclesiologia de Milton Schwantes.⁹¹² De acordo com Eduardo Arens, a leitura ou interpretação literal do texto bíblico subjaz a hermenêutica desenvolvida na patrística, que era pautada no jeito alegórico de ler e interpretar as escrituras. Para o autor:

A interpretação alegórica da Bíblia parte de duas suposições: o texto alegórico *deve* ter um sentido mais profundo do que aquele imediatamente observável; a Bíblia *deve* falar às pessoas de hoje, portanto os acontecimentos, personagens e coisas do passado *devem* ter um sentido figurado ou simbólico, quando não falam diretamente hoje em seu sentido literal [grifo do texto].⁹¹³

O literalismo bíblico, na lógica fundamentalista, situa o texto bíblico como seu intérprete privilegiado, sob o argumento de que as escrituras têm um significado *per se*, e, por essa razão, dispensa a mediação da exegese especializada ou de demais métodos científicos. O termo fundamentalismo bíblico, por sua vez, denota o seguinte sentido:

Uma leitura é fundamentalista quando nega a historicidade dos textos bíblicos, reivindicando para os mesmos o caráter de revelação direta de Deus, e de absoluta inerrância. O que se busca no fundamentalismo é transformar a Bíblia num livro sem história. A própria Bíblia aparece como um sujeito absoluto, a-histórico e universal. Nega-se a história do próprio texto bem como a história dos leitores atuais. Dessa forma, a maneira pela qual o texto é lido é a mesma, esteja o leitor no século oitavo ou na atualidade. Para o fundamentalismo o cristianismo está irrevogavelmente unido à infalibilidade (inerrância) da Bíblia. Os escritores da Bíblia foram inspirados por Deus de tal forma que foram preservados de qualquer erro ao registrar a Palavra Sagrada para o ser humano. As palavras da Bíblia seriam, infalivelmente, as palavras de Deus ou não teríamos, segundo essa ordem de pensamento, base para a nossa fé. É a lógica do tudo ou nada.⁹¹⁴

No contexto da igreja profética de rosto popular, o texto bíblico não recebe as mesmas tonalidades místicas e fantasiosas pressupostas no fundamentalismo bíblico. No contexto de Milton Schwantes, a leitura fundamentalista do texto bíblico era a estratégia utilizada pelas igrejas e classes dominantes para opressão das classes populares. Porém, no presente, ela foi introduzida nas camadas populares para legitimar guerras cotidianas e o uso da violência. Isso indica que o “popular” das décadas de 1970 e 1980 precisa ser redefinido no século XXI – retomarei esse aspecto mais adiante.

⁹¹¹ ROSSI, 2022, p. 26.

⁹¹² SCHWANTES, 1988c, p. 31-37.

⁹¹³ ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos*: uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2007. p. 44.

⁹¹⁴ ROSSI, 2022, p. 26.

No trato com a Bíblia, a leitura fundamentalista tende a reduzi-la à mera comprovação de doutrinas previamente estabelecidas, com uma forte rejeição da diversidade de perspectivas religiosas e teológicas nela existentes,⁹¹⁵ invalidando o caráter crítico e profético das escrituras tão valorizados na eclesiologia de Milton Schwantes. Observe:

Temos que colocar toda a força nisso: na leitura do texto bíblico. E aí na medida da necessidade, de acordo com o interesse vai se incorporando à leitura informações históricas que poderão ajudar a que não se calque no *fundamentalismo* [...]. Não se trata de substituir o texto por dados da investigação histórica, mas sim de ir iluminando a leitura comunitária e popular do texto bíblico, dessa memória profética e transformadora, com descobertas da ciência histórica, na medida do interesse e das possibilidades da comunidade [grifo nosso].⁹¹⁶

Note ainda que a dimensão popular e comunitária da leitura bíblica é fortemente estimada na literatura de Milton Schwantes, e ela segue na contramão das tendências individualistas do fundamentalismo bíblico que deterioram o “caráter social, cultural e histórico, [de modo que] sua mensagem é grandemente reduzida aos interesses individuais e egocêntricos de seus leitores”⁹¹⁷. Logo, para o autor, o fundamentalismo bíblico configura-se como uma leitura das classes dominantes em desconformidade com o modelo de leitura das classes populares.⁹¹⁸

No momento em que o pensamento fundamentalista nega o caráter histórico e a dimensão contextual da Bíblia, permanece somente seu caráter espiritual. Na cosmovisão bíblica presente na eclesiologia de Milton Schwantes, a dimensão espiritual conjuga a práxis transformadora, porque sinaliza para a ação de Yahweh no mundo, ou seja, na história, estabelecendo vínculos profundos entre a divindade e o povo empobrecido do Israel antigo.⁹¹⁹ A dinâmica do fundamentalismo bíblico implica na dicotomia entre o espiritual e o material. A materialidade, segundo explica Luiz Rossi, relaciona-se aos aspectos inerentes ao humano, isto é, ao que é histórico, social e cultural,⁹²⁰ elementos supervalorizados na proposta eclesiológica aqui pesquisada.

José Ademar Kaefer explica que a leitura fundamentalista da Bíblia “opõe-se aos [métodos histórico-críticos], como a qualquer método científico. Não há necessidade da exegese. Recusa-se a admitir que a Palavra de Deus foi expressa em linguagem humana”⁹²¹.

⁹¹⁵ ARENS, 2007, p. 44.

⁹¹⁶ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

⁹¹⁷ ROSSI, 2022, p. 27.

⁹¹⁸ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

⁹¹⁹ SCHWANTES, 1988i, p. 12.

⁹²⁰ ROSSI, 2022, p. 27.

⁹²¹ KAEFER, José A. Hermenêutica bíblica: refazendo caminhos. *Revista Estudos de Religião*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 115-134, 2014. p. 124.

Não apenas os instrumentos metodológicos de análise textual, mas a dimensão humana é retirada do processo interpretativo, eliminando, de modo consequente, a possibilidade de análise e compreensão da polissemia presente nas narrativas bíblicas. Em relação à eclesiologia aqui investigada, retira-se a função primordial da exegese especializada e seu serviço destinado à ação pastoral.⁹²²

O fundamentalismo bíblico parece ter sido ainda um problema nas décadas de 1970 e 1980 no que diz respeito ao moralismo que deriva de sua perspectiva hermenêutica. Segundo Suely Santos, esse moralismo se manifesta “na medida em que é uma leitura que parte de, e reforça o ideário moral da classe média interiorana dos Estados Unidos da América, confundindo-o com a própria ética cristã”⁹²³. De acordo com Milton Schwantes, os fundamentalistas costumavam pautar suas verdades absolutas e suas posturas moralistas em fragmentos da Bíblia, a partir da seleção e instrumentalização de versículos para defender e servir seus próprios interesses, comprometendo o acesso ao texto bíblico para as camadas populares. Para o autor, a Bíblia é um texto complexo, que demanda uma leitura em sintonia com conjuntos literários maiores, porque “a apropriação de um livro tende a ir superando o ‘fundamentalismo’ dos versículos que agradam e, simultaneamente, viabiliza a Bíblia – este livro tão complexo – a nível popular”⁹²⁴.

O fundamentalismo bíblico representa um grave problema para o século XXI e um desafio para a igreja profética de rosto popular. Além de inviabilizar a utilização apropriada de metodologias e instrumentos científicos para o estudo da Bíblia, esse tipo de leitura procura legitimar a verdade irrefutável suposta nas narrativas bíblicas, geralmente, sem a utilização de métodos de interpretação ou contextualização dos textos bíblicos.⁹²⁵ Segundo Luiz Rossi, o sujeito “fundamentalista se apresenta sempre como um intolerante [...], sua interpretação da Bíblia é a única válida e legítima [...] toda outra interpretação tem de ser, necessariamente, errada”⁹²⁶.

Na atualidade, “o inimigo agora é outro”⁹²⁷, e quem necessita de libertação não são apenas as pessoas, mas a própria Bíblia. A questão do popular, o capitalismo e os modos de opressão mudaram, ao passo que o fundamentalismo bíblico se manifesta cada vez mais na vida

⁹²² SCHWANTES, 1984a, p. 40.

⁹²³ SANTOS, Suely X. Uma leitura histórica-hermenêutica do fundamentalismo protestante em sua gênese, característica e desdobramentos: por uma leitura libertadora! *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 88, p. 11-22, 2022. p. 17.

⁹²⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 13.

⁹²⁵ SANTOS, 2022, p. 11.

⁹²⁶ ROSSI, 2022, p. 28.

⁹²⁷ Uma alusão criativa ao filme *Tropa de elite 2: o inimigo agora é outro*, dirigido por José Padilha, estreado em 2010. Veja: ADOROCINEMA. *Tropa de elite 2*. 08 out. 2010. [online]. [n.p.].

cotidiana. Talvez, a Bíblia nunca tenha sido tão popular como é na contemporaneidade, o que ajuda a distinguir a leitura popular da Bíblia de uma leitura bíblica populista. No século XXI, o populismo parece ganhar força nas crises existenciais no contexto pluralista, quando determinados setores da população se sentem ignorados pelos sistemas político e econômico. Para tais setores, levantam-se “salvadores”, que manipulam habilidosamente símbolos e sistemas. A mídia, por exemplo, explora facilmente os sentimentos populares de medo e impotência, seguindo o princípio colonial de dividir para conquistar.⁹²⁸

Além disso, lideranças manipuladoras transformam segmentos da população em bodes expiatórios como uma estratégia de controle social e político, através das mídias sociais. Em sua instrumentalização da Bíblia, seus argumentos dependem de manipulações simplistas de categorias binárias em divisão social e política, com um vocabulário simples. São salvadores de uma ordem social que alude um passado glorioso que pode ser resgatado.⁹²⁹ Na perspectiva fundamentalista, a Bíblia se torna um pilar emocional para garantir o sentimento popular contra ameaças iminentes, explica Wanda Deifelt:

Na América Latina e no Caribe, o fundamentalismo cristão tem se expandido de modo preocupante [...]. É também um fenômeno que afeta o desenvolvimento social, porque uma de suas características é a perseguição religiosa contra as religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda). Em toda a América Latina e no Caribe há um crescimento de representantes políticos eleitos a partir das assim chamadas plataformas bíblicas (antiaborto, anticasamento gay etc). Práticas retóricas fundamentalistas são usadas extensivamente para criminalizar movimentos sociais, restringir a liberdade de imprensa e coibir o direito à cidadania [...]. O fundamentalismo representa uma crise de significado e identidade do próprio cristianismo.⁹³⁰

O uso da Bíblia tem sido baseado em um sentido tradicional, ou melhor, em torno da defesa de religiões históricas como representantes da tradição, da estabilidade e da identidade cristã. Todo imaginário desenvolvido nas décadas de 1970 e 1980 em torno do trabalho, da terra, do êxodo, da profecia bíblica, do papel da igreja e tantos outros temas encontra-se invertido no século XXI. Não se denuncia mais as injustiças sociais do Estado e nem se anuncia a construção de uma sociedade justa e igualitária.⁹³¹ O projeto fundamentalista não apenas rejeita a abordagem histórico-social da Bíblia, mas também favorece a domesticação e a violência contra corpos e culturas com respaldo literário.⁹³²

⁹²⁸ COURAU, Thierry-Marie; ABRAHAM, Susan; BABIC, Mile. Editorial. *Revista Concillium*, Nimega, n. 380, p. 167-172, 2019. p. 167-172.

⁹²⁹ COURAU, 2019, p. 167-172.

⁹³⁰ DEIFELT, Wanda. Teologia luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à teologia da prosperidade. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 333-349, 2017. p. 335.

⁹³¹ SCHWANTES, 1988k, p. 8-19.

⁹³² MARTY; APPLEBY, 1991, p. 814-842.

Não apenas na América Latina, mas no mundo inteiro, há diversos movimentos políticos que se utilizam da religião, em especial do fundamentalismo bíblico, com o intuito de propagar ideologias fundamentadas nos princípios neoliberais,⁹³³ e que rejeitam uma série de dilemas sociedade como um todo, mormente aqueles que incidem diretamente sobre os grupos mais vulneráveis.⁹³⁴ Por exemplo, na África do Sul, a política do *apartheid* que era baseada em uma leitura fundamentalista do texto bíblico.⁹³⁵ Nesse sentido, o literalismo bíblico possui também mecanismos de controle social e religioso de indivíduos ou grupos. Nas palavras de Karen Armstrong:

Os fundamentalistas não veem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade sitiada através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. Para evitar contaminação, geralmente se afastam da sociedade e criam uma contracultura; não são, porém, sonhadores utopistas. Absorveram o racionalismo pragmático da modernidade e, sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o ‘fundamental’ a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação. Acabam lutando e tentando ressacralizar um mundo cada vez mais céptico.⁹³⁶

O fundamentalismo bíblico imprime nos sujeitos uma perspectiva maniqueísta da realidade, que classifica a humanidade em bons e maus, tornando a sociedade um campo fértil para a disseminação de ideologias destinadas ao controle social.⁹³⁷ Por isso, Milton Schwantes defende a necessidade de uma leitura bíblica direcionada às classes populares.⁹³⁸

O fundamentalismo bíblico também favorece a violência na sociedade por questões religiosas.⁹³⁹ Em relação às religiões afro-brasileiras, por exemplo, uma reportagem indicou que a cada quinze horas são feitas queixas de discriminação motivada por aspectos religiosos

⁹³³ O objetivo do neoliberalismo consiste em “favorecer fortes direitos individuais a propriedade privada, o regime de direito e as instituições de mercado de livre funcionamento e do livre comércio”. Além disso, ele dissemina a intervenção estatal em mínima escala, com o interesse de suavizar os problemas sociais, porque eles são relegados ao segundo plano e à vontade dos detentores do capital. Há ainda uma concepção de meritocracia que rejeita as desigualdades e as condições sociais, visando o desenvolvimento individual e da sociedade. David Harvey oferece um estudo detalhado sobre o neoliberalismo e suas implicações, na seguinte obra: HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 75.

⁹³⁴ No âmbito das sociedades neoliberais, rejeita-se a inclusão social para os chamados “sub-humanos”. Segundo Boaventura Santos, “a humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna”. Para mais detalhes, leia: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 40.

⁹³⁵ MESTERS, Carlos. Fundamentalismo, religião, ética e transformação social: como buscar e encontrar os fundamentos da vida. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER) (org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 95-96.

⁹³⁶ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 11.

⁹³⁷ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 11.

⁹³⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁹³⁹ ROSSI, 2022, p. 25.

no território brasileiro. Em umas delas, ocorrida no Rio de Janeiro, em 2015, uma menina de onze anos foi atingida por uma pedra na cabeça lançada por dois homens que estavam em um ponto de ônibus. De acordo com a reportagem, após lançar a pedra contra a menina, que havia acabado de participar de uma festa em um terreiro candomblé, “a dupla, *de bíblia em punho*, lançou ainda insultos contra um grupo formado por oito pessoas vestidas de branco e depois seguiu seu caminho, impune” [grifo nosso]⁹⁴⁰.

Em 2024, foi noticiado que, especialmente após o ano de 2021, após o início da pandemia da Covid-19, os registros de denúncias de intolerância religiosa cresceram no Brasil. Segundo a reportagem:

Os registros de denúncia sobre intolerância religiosa feitas ao Disque 100, um serviço do governo, cresceu – sobretudo após 2021, um ano depois do início da pandemia da Covid-19. Também aumentaram as violações – que são os diversos tipos de violência relatados. Em 2018, foram registradas 615 denúncias de intolerância religiosa no Brasil. O número saltou para 1.418 em 2023, um aumento de 140,3%. Já o número de violações passou, no mesmo período, de 624 para 2.124, um salto de 240,3%. Entre 2022 e 2023, o aumento das denúncias foi de 64,5% e, o de violações, de 80,7%.⁹⁴¹

Nessa mesma reportagem, Bruno Teixeira, secretário nacional de promoção da defesa dos direitos humanos, relatou o seguinte:

Esses dados são alarmantes. Cada vez mais a população tem compreendido que cenários, situação onde há violência, agressão em razão da religiosidade da pessoa se trata, sim, de uma violação de direitos humanos [...]. Esse é o ponto fundamental da discussão, que é a promoção da tolerância e a garantia da diversidade religiosa no Brasil.⁹⁴²

O fundamentalismo bíblico demonstra um grande potencial para gerar uma série de problemas e guerras sociais. São inúmeros os casos de intolerância religiosa⁹⁴³ na atualidade decorrentes de leituras fundamentalistas da Bíblia. Por exemplo, o ato de crueldade contra a ialorixá Gildásia dos Santos, que faleceu, em 2000, após um ataque de um terreiro de

⁹⁴⁰ MOTTA, Aydano A.; JACOBS, Cláudia S. País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros. In: SUPER INTERESSANTE [Site institucional]. 26 abr. 2023. [n.p.]. [online]. [n.p.].

⁹⁴¹ FANTÁSTICO. Brasil tem aumento de denúncias de intolerância religiosa; veja avanços e desafios no combate ao crime. 21 jan. 2024. [online]. [n.p.].

⁹⁴² FANTÁSTICO, 2024, [n.p.].

⁹⁴³ Trata-se de “um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas, discriminatórias e de desrespeito às diferentes crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. Sendo como um crime de ódio que fere a liberdade, a dignidade humana e a própria democracia, a intolerância religiosa costuma ser caracterizada pela ofensa, discriminação, perseguição, ataques, desqualificação e destruição de locais e símbolos sagrados, roupas e objetos ritualísticos, imagens, divindades, hábitos e práticas religiosas. Em casos extremos, há atos de violência física e que atentam à vida de um determinado grupo que tem em comum determinada crença”. Saiba mais em: BRASIL. *Diversidade religiosa e direitos humanos*. 3. ed. Brasília: União, 2013. p. 9-10.

candomblé, na Bahia, e que, em 2007, a data de sua morte foi fixada como o dia nacional de combate à intolerância religiosa.⁹⁴⁴

No âmbito do Parlamento nacional, pode-se notar o encorajamento da intolerância religiosa, do preconceito, da homofobia e do racismo em seus aspectos mais nefastos. Em uma frase publicada no *Twitter*, o deputado Marco Feliciano argumentou que a Bíblia comprova que os povos africanos foram alvos de uma suposta maldição de Noé, em virtude das primeiras práticas homossexuais da humanidade. Nas palavras dele, os “africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é a polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters”⁹⁴⁵.

Valdeci de Oliveira analisa a influência das correntes neopentecostais sobre o recente fenômeno conhecido como traficantes evangélicos. O autor explica que:

Os traficantes evangélicos impõem suas regras que incluem, desde a expulsão de pais e mães de santo da favela até a proibição de que moradores usem roupas brancas do candomblé [...]. Usam símbolos da bandeira de Israel e a estrela de Davi, para demarcar seu território de domínio. O marco teológico é a presença acentuada de correntes neopentecostais fundamentalistas [...]. Um exemplo de convertido são os chefes do tráfico do Morro do Dendê [...], onde ostentam [...], em suas casas, Bíblias por todos os lados.⁹⁴⁶

O “Complexo de Israel”, uma referência bíblica à terra prometida para o povo de Israel na Bíblia, denomina um coletivo de favelas dominado por narcotraficantes no Rio de Janeiro. A facção utiliza referências bíblicas como símbolo identitário e se identifica como “Tropa de Arão” – um personagem bíblico, irmão de Moisés –, ostentando bandeiras e a estrela de Davi na entrada das favelas para demarcar o território controlado. A autoidentificação com o Israel bíblico legitima a luta pelo controle territorial a partir do enfrentamento das forças policiais e do Estado. Com a Bíblia na mão, a luta é pelo apoio das comunidades envolvidas, mas é também marcada pela expulsão de expressões religiosas dissidentes da fé cristã.⁹⁴⁷

Na análise de Nancy Cardoso, na contemporaneidade, o imaginário bíblico extrapolou as fronteiras eclesiais. Para a autora:

A Bíblia não circula somente na Escola Dominical, nos cultos, círculos bíblicos e estudos acadêmicos. O imaginário bíblico faz parte da cultura de massas sem precisar necessariamente de um protagonismo religioso explícito: está na música, na

⁹⁴⁴ UERJ. *Dia nacional de combate à intolerância religiosa*: em todos os credos, a fé reside no respeito às diferenças. 21 jan. 2022. [online]. [n.p.].

⁹⁴⁵ OLIVEIRA, Mariana. História e Bíblia mostram ‘maldição’ contra África, diz Feliciano em defesa. In: G1 [Site institucional]. 05 abr. 2013. [online]. [n.p.].

⁹⁴⁶ OLIVEIRA, Valdeci. Intolerância religiosa! O desafio da convivência e do respeito. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 88, p. 94-104, 2022. p. 96-97.

⁹⁴⁷ MORI, Letícia. ‘Narcopentecostalismo’: traficantes evangélicos usam religião na briga por territórios no Rio. In: BBC NEWS [Site institucional]. 12 mai. 2023. [online]. [n.p.].

dramaturgia, nos produtos de consumo, nas expressões corriqueiras, na disputa territorial, na disputa eleitoral, no narcotráfico.⁹⁴⁸

Essa questão desafia a eclesiologia de Milton Schwantes, porque não há novidade em torno da presença e da popularização da Bíblia nas periferias. A novidade parece ser as transformações no campo religioso brasileiro e latino-americano a partir da recepção da Bíblia pelas camadas populares. Há ideias e concepções pautadas em fragmentos e narrativas bíblicas que gravitam pelo mundo da cultura sem mediação, mas com um grande potencial para expressar conflitos de uma batalha cósmica.⁹⁴⁹

No presente século, o texto bíblico é ligeiramente consumido pela cultura popular, moldando e invertendo visões de mundo e o senso comum para legitimar diferentes disputas. A Bíblia tornou um elemento cultural e cultural. Ela é tomada como reserva moralista de sentido em torno da defesa da família patriarcal, anticomunismo, neoliberalismo, militarismo e outros temas. Nessa perspectiva fundamentalista, “o caráter performático do texto autoriza a apropriação imediata das narrativas produzindo pregadoras e profetas, repetidores criativos do enredo buscando um imaginário de superioridade, autoridade e verdade”⁹⁵⁰, de modo que as guerras cotidianas ganham dignidade literária e o uso da violência se legitima em nome de Deus. “É tudo verdade! Está tudo no texto bíblico”⁹⁵¹. Esse cenário indica que a leitura popular da Bíblia desenvolvida nas décadas de 1970 e 1980 encontra-se hoje na marginalidade. Assim como o trato com a Bíblia mudou, a questão do orgânico e do popular precisa ser atualizada. Em Milton Schwantes, ela aparece em chave marxista,⁹⁵² e isso pode ser uma alternativa viável na contemporaneidade.

Por último, Nancy Cardoso analisa ainda o uso fundamentalista da Bíblia na promoção do sionismo contra a Palestina, no contexto da intervenção militar ocorrida em Gaza, no ano de 2023. Nas suas palavras, a autora explica que o primeiro ministro de Israel, Benjamim Netanyahu, fez uso do texto bíblico de Eclesiastes 3 com o objetivo de comparar o tempo divino com as iniciativas e interesses do Estado de Israel. Por isso:

Esta afirmação pressupõe a legitimidade de uma guerra santa, a identificação do inimigo/outro (Hamas) com todo o povo palestino, a autoidentificação do Estado de Israel com a civilização e a superioridade na definição de objetivos para o futuro. A violência do Hamas contra comunidades e o crime de sequestro de centenas de

⁹⁴⁸ CARDOSO, Nancy. Bíblia e Al Nakba: guerra santa contra a Palestina – um problema para a hermenêutica para América Latina. *Revista Ribla*, Petrópolis, v. 93, n. 2, p. 26-38, 2024. p. 30.

⁹⁴⁹ CARDOSO, 2024, p. 30.

⁹⁵⁰ CARDOSO, 2024, p. 32.

⁹⁵¹ CARDOSO, 2024, p. 32.

⁹⁵² SCHWANTES, 1984a, p. 40.

israelenses se tornaram motivo para a punição coletiva do povo palestino em Gaza e na Cisjordânia.⁹⁵³

A autora considera o fundamentalismo bíblico como um fenômeno mantenedor da “Bíblia como reserva de moral de um projeto de poder que gira em torno de temas como defesa da família patriarcal, militarismo, anticomunismo, idealismo punitivo, neoliberalismo e [...] sionismo”⁹⁵⁴. Contudo, ela relata que Milton Schwantes contribuiu para a superação do sionismo através de sua exegese e hermenêutica, através da seguinte argumentação:

Milton Schwantes abre uma bela janela interpretativa em seu livro sobre Amós [...]: o êxodo é espelho ou janela? O autor chama a atenção para a denúncia do profeta: a tradição do êxodo é usada para legitimar um projeto nacional opressor. Amós tira qualquer pretensão de exclusividade e superioridade de Israel [...]. Schwantes avalia o impacto teológico do texto [...]. Este é um exemplo – há muitos outros – de uma exegese e hermenêutica que mantêm a crítica e a criatividade necessárias para evitar os ‘ídolos’ e o fascínio bibliocentrado e o inevitável sionismo.⁹⁵⁵

A igreja profética de rosto popular, com sua proposta de leitura popular da Bíblia e práxis transformadora, a partir da atuação de teólogas e teólogos orgânicos, parece ser uma alternativa possível para mitigar os efeitos deletérios dos fenômenos contemporâneos derivados do fundamentalismo bíblico.⁹⁵⁶ Essa proposta eclesial não idealiza o texto bíblico, mas reconhece os papéis distintos que ele pode desempenhar em diferentes contextos.⁹⁵⁷

A igreja profética de rosto popular toma a Bíblia como um poderoso instrumento de libertação dos pobres contra as várias formas de violência, institucionalizadas ou sistemáticas, tais como: a pobreza, a desigualdade social, a opressão, a discriminação, o racismo, entre outras. A pertinência da eclesiologia de Milton Schwantes no presente está na sua abertura para questionar as estruturas de poder que legitimam a violência, a supremacia de algumas perspectivas religiosas em detrimento de outras. Ela integra a atuação orgânica de teólogas e teólogos na superação de todos os problemas sociais supramencionados e corolários da leitura fundamentalista da Bíblia: “a igreja profética é um ensaio urgente e necessário em nossa situação”⁹⁵⁸.

Ao considerar o fundamentalismo bíblico como um desafio contemporâneo, o mais fundamental dos significados que a igreja profética de rosto popular tem sobre a leitura da Bíblia é este:

⁹⁵³ CARDOSO, 2024, p. 27.

⁹⁵⁴ CARDOSO, 2024, p. 35.

⁹⁵⁵ CARDOSO, 2024, p. 35.

⁹⁵⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

⁹⁵⁷ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁹⁵⁸ SCHWANTES, 1978, p. 117-118.

Uma leitura que nega o fundamentalismo tem a transformação social e a justiça como a sua agenda. Ao nos afastarmos, portanto, de leituras de variantes fundamentalistas, temos por objetivo libertar a Bíblia das apropriações e interpretações alinhadas com o privilégio, o elitismo e o imperialismo, que, via de regra, são mascarados como valor neutro. A leitura fundamentalista se constitui num suicídio teológico além de constituir numa traição ao seu sentido.⁹⁵⁹

A leitura popular da Bíblia na igreja profética de rosto popular, em sua estrutura seminal, carrega uma proposta de práxis transformadora capaz de superar o neoliberalismo que se insere nas igrejas e na sociedade contemporânea. Isso porque a proposta eclesiológica de Milton Schwantes não se reduz a tentativas de socorrer os pobres, mas, à luz do texto bíblico, engaja-se para criticar e combater as causas geradoras da opressão e da pobreza, para, então, libertá-los.⁹⁶⁰

Milton Schwantes fez uma opção eclesial e indicou que o caminho da igreja profética de rosto popular:

Acentua o exercício da justiça [sendo esta] a defesa dos empobrecidos [...]. De modo insistente e preferencial, a defesa dos empobrecidos, das vítimas das políticas expansionistas [...] situa-se, pois, neste contexto histórico maior da resistência dos pobres contra as explorações e o terror praticado pela elite.⁹⁶¹

Marca presença na literatura de Milton Schwantes o conflito entre campo e cidade, refletindo a realidade conflituosa entre as camadas populares e camponesas do mundo bíblico com as mais importantes instituições daquela sociedade: templo, exército e corte. Aquela dinâmica social pressupunha a instrumentalização do sagrado, a partir do templo, como principal mecanismo de opressão, sobretudo sobre a vida e o trabalho realizado pela classe camponesa. Através da violência empregada pelo exército, a corte mantinha a opressão contra o povo através da arrecadação de tributos e da exploração da riqueza social camponesa sob os auspícios do discurso religioso.⁹⁶²

A violência promovida pela ditadura militar nas décadas de 1970 e 1980 conduziu o autor a ressignificar o papel da igreja na sociedade, à luz das narrativas bíblicas e do materialismo histórico, para situar a agenda eclesial na organização das classes populares da América Latina.⁹⁶³ Não seria um equívoco considerar que a maneira como Milton Schwantes interpretou a Bíblia e a realidade de seus dias correspondeu à forma como ele pensou a atuação

⁹⁵⁹ ROSSI, 2022, p. 28.

⁹⁶⁰ SCHWANTES, 1989b, p. 28-29.

⁹⁶¹ SCHWANTES, 1989b, p. 28.

⁹⁶² SCHWANTES, 1988b, p. 89-90.

⁹⁶³ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

de teólogas e teólogos orgânicos e a pertinência da igreja profética de rosto popular na sociedade da época. Essa ideia está bastante explícita no seguinte argumento:

O método de leitura da Bíblia necessita estar achegado ao método de leitura e da transformação das condições, às quais os pobres estão sendo sujeitados [...]. A leitura da Bíblia não poderá estar descolada desta prática dos oprimidos [...]. O jeito de ler a realidade e de transformá-la e o jeito de interpretar a Escritura convergem.⁹⁶⁴

As sequelas da opressão na América Latina forjaram o horizonte do autor em relação àquilo que está sendo chamado nesta pesquisa de igreja profética de rosto popular. Porém, isso não significa que este seja um modelo de igreja que se contente com o tratamento da opressão e da pobreza através de ações assistencialistas. Ela emerge como um “projeto alternativo”⁹⁶⁵, em uma sociedade marcada, também, pelos efeitos deletérios da leitura fundamentalista da Bíblia. A igreja profética de rosto popular é uma alternativa para libertação da Bíblia das apropriações e interpretações centradas no privilégio, no elitismo, no imperialismo e nas guerras cotidianas.⁹⁶⁶

Nancy Cardoso oferece uma argumentação que, em certo sentido, alude qual seria o esforço exegético-hermenêutico a ser empregado no contexto de uma igreja profética de rosto popular em relação à guerra na Palestina, com as seguintes palavras:

O campo religioso latino-americano é complexo, cria personagens e enredos diversos e difíceis que se relacionam com as narrativas bíblicas também de modo diverso e difícil. Não procuramos *mensagens genuínas*: no uso das ferramentas de interpretação e na vivência de comunidades de leitura e espiritualidade nós nos esforçamos para manter a janela aberta e a ‘bíblia’ entre tantas outras formas de ‘deus’ conversar com a gente. Neste momento reafirmar nossa metodologia e espiritualidade é ser solidário com a luta de nosso povo por dignidade e, mais urgente e necessário, apoiar o fim da guerra, a Palestina Livre e Soberana e a paz justa duradoura [grifo do texto].⁹⁶⁷

Nesse sentido, a reflexão e a práxis transformadora a partir da igreja profética de rosto popular articulam diferentes níveis de opressão, sem a necessidade de hierarquizá-los, oferecendo uma presença ativa no espaço público e as condições para libertar a Bíblia das leituras fundamentalistas.⁹⁶⁸

A literatura bíblica é uma das mais consumidas do mundo, alvo de extremas disputas e não pouco instrumentalizada por perspectivas fundamentalistas.⁹⁶⁹ O modelo de igreja profética de rosto popular emerge, pois, como uma alternativa, isto é, outra possibilidade de leitura e

⁹⁶⁴ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁹⁶⁵ SCHWANTES, 1987c, p. 116.

⁹⁶⁶ SCHWANTES, 1987c, p. 116.

⁹⁶⁷ CARDOSO, 2024, p. 35-36.

⁹⁶⁸ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

⁹⁶⁹ ROSSI, 2022, p. 26-28.

interpretação da Bíblia, sobretudo entre as teólogas e teólogos orgânicos, que podem situá-la como produto de processos históricos e religiosos do passado e portadora de inúmeras possibilidades interpretativas no presente. Esse modelo de igreja pode favorecer a descoberta de importantes facetas dos processos históricos e sociais em torno da diversidade de tradições religiosas do mundo antigo.⁹⁷⁰

A igreja profética de rosto popular assume os mesmos contornos de uma *comunidade eclesial hermenêutica*, conforme as descrições realizadas no primeiro capítulo, porque prioriza e favorece o uso de uma linguagem própria – a partir das classes populares da América Latina – e não está inclinada para falar “na linguagem dos outros”⁹⁷¹. A igreja profética de rosto popular, nesse sentido, parte de uma leitura e interpretação do texto bíblico “com uma profunda sensibilidade com as questões teológicas e suas implicações sociais na contemporaneidade, abrindo espaço para que teólogas e teólogos orgânicos exerçam sua função”⁹⁷² a serviço da pastoral e contribuam no processo de superação do fundamentalismo bíblico.

A Bíblia está aí, no espaço público, moldando o imaginário religioso e social de muitas pessoas, em especial o público cristão. Ela pode determinar condutas, legitimar atos violentos, estabelecer valores morais e éticos e exercer influências diversas e incomensuráveis. Por isso, é importante considerar que a igreja profética de rosto popular, com sua proposta de uma abordagem histórico-social e consequentes desdobramentos na ação pastoral, pavimenta caminhos para o estudo da Bíblia no interior das Ciências das Religiões, sobretudo em sua dimensão aplicada, que visa: “denunciar e solucionar problemas sociais na atualidade”⁹⁷³. Trata-se de um estudo a ser realizado a partir da coletividade, ou seja, na contramão da lógica do fundamentalismo bíblico que tende ao individualismo.⁹⁷⁴ Os círculos bíblicos são espaços que além de favorecer esse tipo de leitura facilitam mitigação dos efeitos da leitura fundamentalista da Bíblia.

4.2 Círculos bíblicos como horizonte de mitigação do fundamentalismo bíblico

Na eclesiologia de Milton Schwantes, os círculos bíblicos constituem um espaço privilegiado para a realização de uma leitura mais crítica, política e contextualizada do texto bíblico, através da atuação de teólogas e teólogos orgânicos junto ao povo. Ele costumava tratar

⁹⁷⁰ SCHWANTES, 1991c, p. 28-29.

⁹⁷¹ BRUEGGMANN, 2014, p. 963.

⁹⁷² PAIXÃO, 2023, p. 95.

⁹⁷³ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 140.

⁹⁷⁴ ROSSI, 2022, p. 26-28.

as CEBs como igreja exatamente pela leitura da Bíblia realizada nos círculos bíblicos e, por isso, jamais os considerou somente como uma mera atividade bíblica.⁹⁷⁵

Ao reunir os pobres para uma reflexão comunitária sobre o texto bíblico, esses grupos convocam teólogas e teólogos a um profundo processo de conversão profissional. Essas e esses profissionais podem tornar a Bíblia um instrumento de análise crítica da realidade, visando uma visão mais ampla de seus elementos concretos para que os pobres não caiam nas armadilhas hermenêuticas da perspectiva mágica que favorece a leitura fundamentalista. Por isso, no contexto de uma igreja profética de rosto popular, os círculos bíblicos podem amenizar os efeitos deletérios da leitura fundamentalista da Bíblia na sociedade e fomentar uma leitura bíblica para a conscientização e politização das classes populares.⁹⁷⁶

Nessa perspectiva eclesiológica, o objetivo da leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos não reside fundamentalmente na Bíblia em si, e sim no discernimento e na contextualização de sua mensagem para as classes populares da América Latina, à luz de sua história de opressão.⁹⁷⁷ Sob essa mesma premissa, no final da década de 1980, Pablo Richard alegou que a Bíblia fora expropriada de seu mundo originário – o mundo dos pobres –, de maneira que ela “perdeu sua força espiritual de transformar o mundo”⁹⁷⁸, e somente os círculos bíblicos tinham um potencial para resgatá-la. Para esse autor, o processo de expropriação do texto bíblico dos pobres atravessou diferentes caminhos, sendo o primeiro deles:

O do *fundamentalismo*. O método aqui foi o de separar o texto bíblico da sua história. A leitura fundamentalista da Bíblia transforma-a em livro sem história [...]. Não existe mais a história na qual o texto veio à luz e na qual o mesmo texto fez história. Tampouco existe a história atual na qual se lê hoje o texto. Assim dá na mesma que o texto seja lido no século oitavo, catorze ou na atualidade, que seja lido na América Latina, na Alemanha ou na Finlândia, ou lido num contexto de miséria/opressão ou de opulência/dominação. A Bíblia, para os fundamentalistas, totalmente à margem do espaço e da história, sempre nos comunica de maneira absoluta a Palavra de Deus [grifo do texto].⁹⁷⁹

É evidente o diálogo de Milton Schwantes com Pablo Richard, ao considerar que a leitura fundamentalista da Bíblia faz dela um objeto abstrato, a-histórico e sem força para transformar a realidade dos pobres na América Latina. Sem história, o texto bíblico se torna um poderoso instrumento de alienação das classes dominantes, narcotraficantes e outros coletivos

⁹⁷⁵ SCHWANTES, 1998, p. 6.

⁹⁷⁶ SCHWANTES, 1998, p. 6.

⁹⁷⁷ SCHWANTES, 1989a, p. 12-13.

⁹⁷⁸ RICHARD, 1988, p. 18.

⁹⁷⁹ RICHARD, 1988, p. 18-19.

ou sujeitos, porque perde todo o seu potencial de testemunhar o agir de Yahweh no mundo em favor do povo empobrecido.⁹⁸⁰

No contexto da igreja profética de rosto popular, os círculos bíblicos podem favorecer a superação do fundamentalismo bíblico no presente século, porque fomentam, por um lado:

O estudo da Bíblia [...] para captar a profundidade de sua história [...]. De outro lado, [promovem] a leitura popular. A resistência dos empobrecidos de hoje sintoniza com a da Bíblia. O labor dos estudiosos e as necessidades concretas das maiorias subjugadas vão de mãos dadas. Complementam-se. Estudo da Bíblia e prática popular se completam. Interação.⁹⁸¹

Desse aspecto, desdobra-se outra preocupação de Milton Schwantes em relação ao papel dos círculos bíblicos no processo de superação das leituras fundamentalistas da Bíblia, a partir da igreja profética de rosto popular: uma leitura bíblica capaz de assumir o mundo ideológico e a realidade das classes populares para transformá-la.

Segundo o autor, o corte das raízes históricas da Bíblia é realizado por sujeitos fundamentalistas ou especialistas em exegese – intelectuais tradicionais – vinculados à cultura das classes dominantes e não comprometidos com os elementos concretos das narrativas. Para ele, esses sujeitos ou profissionais são responsáveis por uma interpretação distorcida da Bíblia e alheia à realidade das classes populares. No entanto, os círculos bíblicos caminham na direção oposta em sua proposta de compreender o texto bíblico a partir de seus núcleos de sentido, formulando-o “em termos de opressão e libertação”⁹⁸² em benefício das classes populares.

A leitura fundamentalista rechaça a ideia de que o texto bíblico responde a contextos históricos que precisam ser desvelados e compreendidos para interpretar seus conteúdos. Além disso, a Bíblia é tratada como uma realidade clara e inalterável em que não interessa o contexto da leitora e do leitor do presente, o que explica, por exemplo, a desqualificação de outras maneiras de ler e interpretá-la. De acordo com Eduardo Arens, na ótica da leitura fundamentalista, não há espaço para perguntas e diálogos abertos, pois o sujeito fundamentalista não tolera a democracia e chama a polissemia do texto de licenciosidade sob a bandeira da liberdade de pensamento.⁹⁸³ No entanto, para Milton Schwantes, os círculos bíblicos superam a dinâmica da leitura fundamentalista, porque neles os pobres têm uma consciência natural de que quando estão lendo a Bíblia não estão lendo algo estranho às suas vidas, e sim uma palavra

⁹⁸⁰ SCHWANTES, 1988d, p. 12.

⁹⁸¹ SCHWANTES, 1988f, p. 34.

⁹⁸² SCHWANTES, 1984c, p. 34.

⁹⁸³ ARENS, 2007, p. 44-45.

que, em referência a um contexto específico, ilumina outras realidades, mesmo quando estas são diferentes em aspectos históricos, culturais, políticos ou religiosos.⁹⁸⁴

A leitura da Bíblia nos círculos bíblicos propõe um exercício envolvente que abrange não somente a contribuição das teólogas e teólogos orgânicos especialistas em exegese, mas, sobretudo, a participação dos novos sujeitos intérpretes escamoteados na terminologia “povo”, eixo estrutural da igreja profética de rosto popular.⁹⁸⁵ Milton Schwantes parte do princípio de que a Bíblia fora preservada e escrita especialmente pelas e para as classes populares, constituídas por pessoas que vivem uma realidade de opressão concreta e análoga, que fazem uma leitura dela como uma palavra presente, a partir de sua luta, resistência e subjetividade, independentemente da existência de outros sentidos atribuídos ao texto bíblico pelas classes dominantes.⁹⁸⁶

As leitoras e os leitores pobres reunidos nos círculos bíblicos reconhecem nas narrativas bíblicas a voz e o agir de Yahweh. A circularidade aí pressuposta torna a mensagem do passado viva no presente, convidando teólogas e teólogos orgânicos a um diálogo com as classes populares para juntos encontrarem respostas para as questões políticas e sociais contemporâneas. Nos círculos bíblicos, a aproximação da Bíblia somente como um texto do passado é rejeitada, porque essa perspectiva não explora plenamente sua reserva de sentido. A recomendação de Milton Schwantes é acessá-la como uma literatura atual com o uso do ferramental exegético-hermenêutico e no cotidiano das comunidades populares.⁹⁸⁷ Todavia, isso não é tratado por ele como uma tarefa fácil, porque as leitoras e os leitores pobres podem se deparar com narrativas mais complexas de difícil interpretação e atualização. É neste momento que entram em cena as teólogas e teólogos orgânicos, não para oferecerem certezas e/ou verdades rígidas e incontestes, nem para legitimarem atos violentos em nome de deus, mas hipóteses que carecem de um discernimento junto ao povo em um âmbito eclesial *ad hoc*.⁹⁸⁸

A história é o *locus* em que se origina e reverbera a mensagem bíblica. Por isso, os círculos bíblicos são fundamentais na eclesiologia de Milton Schwantes, uma vez que neles os métodos científicos podem ser utilizados livremente para localizar e ressoar a dinâmica social em torno da vida dos pobres do mundo bíblico sem distorções. O uso das ferramentas de

⁹⁸⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 52.

⁹⁸⁵ SCHWANTES, 1990b, p. 25.

⁹⁸⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

⁹⁸⁷ SCHWANTES, 1989c, p. 17.

⁹⁸⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 55.

interpretação na vivência comunitária se mostra como um diferencial das leituras fundamentalistas praticadas pelo tráfico e milícias.⁹⁸⁹

Pablo Richard classificou três tipos de distorções em torno da leitura da Bíblia na década de 1980, são elas: semântica, estrutural e ambiental. Ele explica que a distorção semântica ocorre no momento em que determinados conceitos bíblicos são interpretados à luz de categorias da ideologia dominante e acabam distorcendo a Bíblia como um todo. Em suas palavras, esse autor argumenta que:

Ninguém ignora que o dualismo ‘corpo-alma’, de Aristóteles, até hoje, é a estrutura fundamental da ideologia dominante: a alma deve dominar o corpo, como o [ser humano] livre ao escravo, o homem à mulher, o ser humano ao animal etc. [...]. O mesmo acontece com Mc 12,13-17 (‘O que é de César, devolvi a César...’). Se traduzimos a oposição ‘Deus-César’ usando o código ‘religião-política’, então chegaremos a esta brilhante conclusão: não se deve misturar religião e política, o que corresponde ao pensamento liberal dominante, mas deforma profundamente todo o Evangelho.⁹⁹⁰

A proposta de leitura do texto bíblico nos círculos bíblicos em Milton Schwantes não dicotomiza religião e política. Muito menos reforça o imaginário de superioridade, autoridade e verdade absoluta que sustentam os conflitos cotidianos e o uso da violência contra corpos e cultura. Ela também não se restringe à esfera eclesial e religiosa, mas amplia-se ao campo político e social. Não trata a Bíblia como um livro neutro, e sim uma literatura predominantemente eivada pela ideologia das classes populares e camponesas do mundo bíblico, ou seja, um texto que requer uma interpretação à luz das lutas sociais e políticas das classes populares no presente.⁹⁹¹

Para Milton Schwantes, a Bíblia não se reduz a um mero objeto de estudo de histórias do passado do mundo antigo, mas emerge como um poderoso instrumento literário e pedagógico para as classes populares e com um imenso potencial para promover a transformação social na América Latina. Por isso, os círculos bíblicos são tratados na literatura do autor como espaços propícios para a realização de uma leitura bíblica capaz de conscientizar e politizar os pobres para lutarem por seus direitos políticos e sociais.⁹⁹²

O segundo tipo de distorção da Bíblia, segundo Pablo Richard, é o estrutural. Trata-se de uma distorção que pode legitimar alguns livros, narrativas, personagens e/ou seus interlocutores em detrimento de outros. Por exemplo:

⁹⁸⁹ SCHWANTES, 1987a, p. 55.

⁹⁹⁰ RICHARD, 1988, p. 21.

⁹⁹¹ SCHWANTES, 1982a, p. 21.

⁹⁹² SCHWANTES, 1989a, p. 10.

No livro de Gênesis se despreza a figura de Agar, ou, no Evangelho de Marcos, subestima-se a cena em Betânia onde Jesus é ungido por uma mulher [...]. O mandamento: 'Não roubarás' (Ex 20,15). Em sua estrutura original é um mandamento dado aos ricos para proteger os pobres: seu sentido é mais ou menos este: 'Não roubarás do pobre o que ele precisa para manter sua vida e de sua família'. Ora, hoje a ideologia dominante modificou sua estrutura e o usa como um mandamento dirigido aos pobres para proteger a propriedade privada dos ricos.⁹⁹³

As propostas de Milton Schwantes para os círculos bíblicos favorecem o resgate do sentido histórico-social das perícopes tão rejeitado no fundamentalismo bíblico. Essa ocultação pretensiosa por parte dos sujeitos fundamentalistas ou dos intelectuais tradicionais da exegese clássica, que favorece a distorção estrutural das narrativas bíblicas, seguindo Gayatri Spivak, reflete o projeto da modernidade por meio do exercício de uma violência epistêmica,⁹⁹⁴ que escapa do horizonte eclesiológico da igreja profética de rosto popular.

Os círculos bíblicos são, para Milton Schwantes, espaços de superação de preconceitos ideológicos hermenêuticos promotores da invisibilidade das mulheres, crianças, pobres, pessoas escravizadas ou consideradas pagãs, entre outros sujeitos, no mundo bíblico e na sociedade latino-americana. Na visão eclesiológica do autor, a maneira como a Bíblia deve ser lida nesses espaços poderia garantir a cada um deles um lugar privilegiado na igreja e no espaço público. Agar, por exemplo, uma mulher escrava e relegada às margens em algumas interpretações bíblicas, é apresentada com uma centralidade ímpar na literatura dele. Observe:

Hagar, a rigor não 'desprezou' [...] a quem a possuía. Ela descobriu que seus algozes eram pequenos. Não tinham poder que pareciam ter. Pois, ela, grávida, ainda que escrava era gente forte [...]. O futuro de Hagar e de sua gente está, pois, bem articulado. O texto se esmera em pronunciá-lo nestas três perspectivas [...]: um povo incontável (v. 10), um povo com rebelde autonomia (v. 12), um memorial do Deus que não suporta opressões (v. 11).⁹⁹⁵

Nesse sentido, a leitura bíblica empreendida por Milton Schwantes parte do reverso. No excerto acima, ele realiza uma interpretação não apenas da história de Agar, mas uma hermenêutica que privilegia a ótica dela, uma mulher escrava, que, em uma leitura fundamentalista, receberia as seguintes descrições:

A gravidez de Agar não trouxe apenas alegria, mas também tensão. Após conceber, Agar começou a desprezar Sara, gerando um conflito intenso na casa de Abraão [...]. No Novo Testamento, a história de Agar é mencionada na epístola de Paulo aos Gálatas. Paulo usa a história de Agar e Ismael como uma alegoria para discutir a diferença entre viver sob a lei e viver sob a graça. Agar representa a antiga aliança, enquanto Sara simboliza a nova aliança através de Cristo. Esta comparação destaca a transição dos crentes para uma vida guiada pela fé e não pela observância estrita da

⁹⁹³ RICHARD, 1988, p. 22.

⁹⁹⁴ SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 60-98.

⁹⁹⁵ SCHWANTES, Milton. Palavras junto à fonte – Lindas palavras em lugares escondidos: anotações sobre Gênesis 16,1-16. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 39, p. 10-20, 2001. p. 15-17.

lei [...]. Agar, embora uma figura secundária, nos ensina sobre a resiliência e a certeza de que Deus vê e cuida, mesmo quando nos sentimos invisíveis e desamparados.⁹⁹⁶

O argumento acima não apenas retira a historicidade da narrativa de Gênesis 16, 1-16, mas interpreta Agar como a principal adversária de Sara, uma personagem secundária e representante da antiga aliança entre Yahweh e os seres humanos. Na ótica dessa interpretação fundamentalista, a história de Agar é reduzida a um modo de se relacionar com a divindade incompatível com uma vida em Cristo, a nova aliança.⁹⁹⁷ Na literatura de Milton Schwantes, Agar é descrita como uma mulher forte, astuta e subversiva, apesar de sua condição de escrava imposta no contexto daquela sociedade patriarcal. Para o autor, Agar e Sara nunca foram inimigas, mas vítimas de uma mesma violência e submetidas ao mesmo destino, a saber: os interesses do patriarca:

Por prevalecer esta ótica a partir da escrava, a saga não enfoca a proximidade entre Sarai e Hagar, ambas submetidas ao mesmo destino: para o patriarca, suas posses, suas heranças, sua terra, tem que haver filho. De certo modo, Sarai poderia ter seguido os ‘olhos’ de Hagar. Quando esta ‘viu que sua senhora era pequena’ (v. 4), então estes olhos, que não eram de desprezo, mas de identificação da condição e da situação da senhora, poderiam ter provocado mudanças na senhora.⁹⁹⁸

Esse é um recorte que ilustra bem a proposta de Milton Schwantes para a leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos no contexto da igreja profética de rosto popular. Ela rompe com a distorção estrutural provocada pela leitura fundamentalista do texto bíblico e, ao mesmo tempo, objetiva conscientizar as pessoas pobres acerca de seu protagonismo, mostrando-lhes um caminho esperançoso para fugirem da opressão, a partir da interpretação das narrativas bíblicas à luz dos desafios que emergem no presente. Dito nas palavras do autor:

Há de ser tarefa de uma hermenêutica atualizante resgatar as chances que estão neste olhar da pequena Hagar que reconhece quão pequena é sua aparentemente grande senhora. Aí junto às fontes, neste mundo próprio e livre das escravas, filhas, carregadoras de água, o mundo da casa patriarcal não é portador de esperança. A esperança é a fuga deserto afora.⁹⁹⁹

Na abordagem histórico-social empreendida por Milton Schwantes – que integra sua proposta de leitura da Bíblia nos círculos bíblicos –, a saga de Agar é considerada um daqueles textos que provém da voz das mulheres do mundo antigo. Mesmo que ela tenha sido escrita

⁹⁹⁶ LIMA, Geovane. A história de Agar: quem foi Agar na Bíblia? (Em detalhes). In: FILHOS DA ORAÇÃO [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

⁹⁹⁷ LIMA, [s.d.], [n.p.].

⁹⁹⁸ SCHWANTES, 2001, p. 20.

⁹⁹⁹ SCHWANTES, 2001, p. 20.

“por um homem [...] tem toda a manifestação do interesse e da cultura da mulher”¹⁰⁰⁰. Com efeito, o jeito de ler a Bíblia nos círculos bíblicos extrapola a etapa de identificação do *Sitz im Leben* dos textos, caminhando rumo à superação das invisibilidades, apagamentos e preconceitos ideológicos comumente gestados e nutridos nas distorções provocadas pelo fundamentalismo bíblico.

Em continuidade, sem oferecer muitos detalhes, Pablo Richard explicou que a distorção ambiental da leitura bíblica implicaria em possíveis deformações:

Nos títulos que se dão às diversas perícopes bíblicas; [...] nas notas de rodapé; nos textos citados como paralelos; [...] nos dicionários bíblicos, nos comentários, nos modelos estabelecidos de pregação, etc. A própria maneira de ordenar liturgicamente as leituras bíblicas deixa no olvido textos importantes ou orienta o seu comentário em uma direção contrária a seu sentido histórico.¹⁰⁰¹

Na proposta de Milton Schwantes para os círculos bíblicos, a distorção ambiental pode ser evitada por intermédio das teólogas e teólogos orgânicos, que, com sua especialização em exegese bíblica, podem contribuir para o resgate do sentido histórico-social dos textos e identificação de equívocos de tradução e qualquer tipo de distorção.¹⁰⁰²

A intelectualidade geralmente ausente no sujeito pobre das classes populares da América Latina os impede de perceber as distorções ambientais que causam alterações significativas sobre o sentido histórico-social das narrativas bíblicas. Os pobres não têm a força intelectual das teólogas e teólogos orgânicos, mas, ao lado delas e deles, podem adentrar no universo de uma luta hermenêutica que só acontece no contexto da leitura popular da Bíblia realizada nos círculos bíblicos.¹⁰⁰³ Milton Schwantes acreditava que a mediação dessas e desses profissionais peritos em exegese tornaria a leitura bíblica mais fecunda, porque elas e eles atuam para disponibilizar os elementos concretos da dinâmica social do mundo bíblico para que o povo, a partir de sua realidade – raiz e o horizonte da leitura popular da Bíblia –, realize uma leitura livre das amarras do fundamentalismo bíblico, das ideologias e da manipulação do sistema capitalista e das classes dominantes.¹⁰⁰⁴

Os círculos bíblicos também são apresentados na literatura de Milton Schwantes como espaços capazes de promover o resgate da exegese clássica bem como das teólogas e teólogos orgânicos. Em sua proposta de desvelar o sentido histórico-social dos textos bíblicos para servir

¹⁰⁰⁰ O autor defendeu esse argumento em uma entrevista concedida à Elsa Tamez registrada na seguinte obra: TAMEZ, Elsa. *Teólogos da libertação falam sobre a mulher*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 103.

¹⁰⁰¹ RICHARD, 1988, p. 22.

¹⁰⁰² SCHWANTES, 1987a, p. 50.

¹⁰⁰³ SCHWANTES, 1998a, p. 6.

¹⁰⁰⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 38.

à pastoral, através da leitura popular da Bíblia, o trabalho exegético e de seus profissionais não é descartado. Mas, nesse aspecto, a realidade de sofrimento dos pobres imprime seu horizonte libertador para resgatar a exegese, a Bíblia e as teólogas e teólogos orgânicos das perspectivas tradicionais para inseri-los no seio das classes populares e de suas lutas. Para o autor, na perspectiva tradicional, a exegese comumente se realiza nos espaços fechados das universidades, ou seja, distante das classes populares e, amiúde, contaminada por um orgulho intelectual descomedido.¹⁰⁰⁵

Esse teria sido o grande fracasso da exegese clássica, pois, no horizonte de Milton Schwantes, ela se mostrou incapaz de desvendar a relevância e a atualidade do texto bíblico para as classes populares da América Latina. A exegese, por si só, configura-se como um trabalho intelectual a-histórico, porque exclui a realidade dos pobres e a ação de Yahweh no mundo deles. Todavia, nos círculos bíblicos, a exegese e seus peritos têm uma chance de se colocarem a serviço da pastoral e das classes populares, o que não exige o abandono de seus pressupostos teórico-metodológicos para unirem-se às lutas sociais e populares a partir da igreja profética de rosto popular.¹⁰⁰⁶

Na eclesiologia de Milton Schwantes, a leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos não deve transitar nem pelas vias do fundamentalismo bíblico e nem do historicismo. Se a leitura fundamentalista retira da Bíblia toda sua dimensão histórica,¹⁰⁰⁷ o historicismo a aprisiona no passado, não cedendo espaço para as aproximações entre texto bíblico e vida que o autor tanto priorizou em sua literatura.¹⁰⁰⁸ Se os círculos bíblicos empreendessem leituras fundamentalistas ou historicistas, inevitavelmente a Bíblia seria relegada à abstração, e não haveria uma possibilidade para a libertação dos pobres. Na verdade, a proposta de Milton Schwantes não rejeita a historicidade das perícopes bíblicas, mas toma a história dos textos como impulso para conferir um novo sentido à Bíblia em um diálogo profundo com a realidade das classes populares no presente em que o texto é lido.¹⁰⁰⁹

Nos círculos bíblicos, a história é tomada como lugar que reverbera a mensagem bíblica como uma palavra enunciada por Yahweh em favor dos pobres. Teólogas e teólogos orgânicos são facilitadores da escuta das classes populares, para que os sujeitos pobres consigam ouvir atentamente essa mensagem. Para tanto, elas e eles utilizam o ferramental da exegese especializada para que essa voz histórica ecoe livre das distorções supramencionadas. Mas, isso

¹⁰⁰⁵ SCHWANTES, 1997, p. 44.

¹⁰⁰⁶ SCHWANTES, 1986b, p. 84.

¹⁰⁰⁷ ROSSI, 2022, p. 28.

¹⁰⁰⁸ SCHWANTES, 1987a, p. 50.

¹⁰⁰⁹ SCHWANTES, 1989c, p. 43-44.

precisa ser realizado preferencialmente nos espaços dos círculos bíblicos no contexto de uma igreja profética de rosto popular.¹⁰¹⁰

A orientação de Milton Schwantes para superação do fundamentalismo bíblico é a realização de uma leitura popular da Bíblia sem a necessidade de abdicar do aparato crítico da exegese especializada. Ele acredita que a localização dos dados históricos presentes nas narrativas bíblicas pode favorecer uma melhor compreensão da dinâmica social e da mensagem do texto para impactar o presente. O lugar adequado para esse tipo de leitura é, indubitavelmente, a igreja profética de rosto popular. Através dos círculos bíblicos que esse modelo de igreja promove, reúnem-se pessoas das classes populares que fundem as histórias bíblicas à sua realidade. Nesse sentido, os círculos bíblicos favorecem o estudo científico da Bíblia com o objetivo de penetrar no mundo bíblico e dele extrair posturas e ações políticas para o presente, o que não depende exclusivamente das teólogas e teólogos orgânicos, pois os resultados são sempre validados pelo povo reunido nesse modelo de igreja.¹⁰¹¹

Para interpretar a Bíblia nos círculos bíblicos e impedir o êxito de qualquer leitura fundamentalista, então, faz-se necessário entrelaçar o texto, a história e o povo organizado. Nesse processo, as teólogas e teólogos orgânicos devem ter o cuidado necessário para não haver distorções entre a realidade do povo e história bíblica. A Bíblia deve emergir como memória histórica dos pobres.¹⁰¹² Essa certeza corresponde ao ponto de partida e de chegada dos círculos bíblicos. A igreja profética de rosto popular deve encarar o texto bíblico como portador de uma linguagem humana, traduzida em uma linguagem política e social,¹⁰¹³ para, então, utilizar os critérios da análise exegética para obter as vantagens de perceber as dinâmicas sociais da sociedade do mundo antigo e promover o engajamento da igreja junto aos movimentos sociais e populares na contemporaneidade.¹⁰¹⁴

Ao invés de um conjunto de verdades rígidas, inflexíveis e inquestionáveis, a Bíblia é compreendida nos círculos bíblicos como uma revelação da ação de Yahweh em meio aos pobres. A revelação divina, na concepção de Milton Schwantes, significa que Yahweh ouve o clamor dos pobres e age para promover a libertação deles.¹⁰¹⁵ Para ele, no momento em que os pobres se reúnem nos círculos bíblicos para realizarem a leitura e interpretação da Bíblia, eles

¹⁰¹⁰ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

¹⁰¹¹ SCHWANTES, 1984c, p. 33.

¹⁰¹² SCHWANTES, 1984a, p. 36-37.

¹⁰¹³ SCHWANTES, Milton. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49, 8-12: uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da história da ascensão de Davi ao poder (1 Samuel 16 até 2 Samuel 5). *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 48, p. 25-33, 2004b. p. 25-33.

¹⁰¹⁴ SCHWANTES, 1984a, p. 33.

¹⁰¹⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 16-19.

formam a igreja profética de rosto popular. Lá, eles a leem e a interpretam a partir desse modelo de igreja que é mais amplo que uma comunidade local. A Bíblia não é lida em uma perspectiva individual ou puramente técnica, mas como uma atividade coletiva em que o povo participa à sua maneira, com o suporte de teólogas e teólogos orgânicos, visando a práxis transformadora na sociedade.¹⁰¹⁶

Diferentemente da visão fundamentalista do texto bíblico, nos círculos bíblicos, a Bíblia é tratada como o livro das memórias das classes camponesas e populares do mundo bíblico que ilumina a realidade dos pobres de hoje na América Latina.¹⁰¹⁷ Os círculos bíblicos procuram descobrir os elos que unem as camadas periféricas do Israel antigo e o povo reunido na igreja profética de rosto popular, porém, sem incorrer no concordismo simples que caracteriza a visão reducionista do fundamentalismo bíblico. As teólogas e teólogos orgânicos devem favorecer a descoberta de uma certa conaturalidade entre as narrativas bíblicas e os sujeitos intérpretes do presente que constituem as classes populares. A investigação da história bíblica a partir de seus elementos concretos favorece a superação do fundamentalismo bíblico.¹⁰¹⁸

Os círculos bíblicos promovem uma leitura e interpretação da Bíblia com o mesmo horizonte que Milton Schwantes entende que os textos foram preservados, transmitidos e escritos, isto é, como memória histórica dos pobres da sociedade israelita do mundo antigo. Para o autor, a Bíblia foi gestada em contextos contraditórios e, por essa razão, deve-se perguntar pelos “setores sociais e as lutas populares que geraram e criaram os textos”¹⁰¹⁹ [grifo do texto]. Com efeito, os textos bíblicos têm uma origem social, e isso requer uma interpretação que não permaneça somente no âmbito da exegese especializada, mas que caminhe na direção de uma vivência comunitária em torno da organização do povo, como uma opção por suas lutas sociais e interesses políticos. De modo concreto, isso significa criar um espaço democrático para um diálogo construtivo entre teólogas e teólogos orgânicos com o povo, visando um comprometimento com a transformação da sociedade como um todo.¹⁰²⁰

Na eclesiologia de Milton Schwantes, sobretudo em sua proposta de leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos, é por meio da igreja que o povo será conduzido à seguinte verdade: a tarefa da igreja é inserir-se no mundo dos pobres.¹⁰²¹ A inserção da igreja profética de rosto popular nos movimentos sociais é um elemento fundamental para a interpretação da Bíblia nos

¹⁰¹⁶ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

¹⁰¹⁷ SCHWANTES, 1984a, p. 36-37.

¹⁰¹⁸ SCHWANTES, 1989a, p. 11.

¹⁰¹⁹ SCHWANTES, 1988c, p. 31.

¹⁰²⁰ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

¹⁰²¹ SCHWANTES, 1987a, p. 48.

círculos bíblicos. A práxis transformadora é o meio para superar a abstração e as contradições existentes na visão do fundamentalismo bíblico, exigindo uma reflexão teórica e contextualização de cada ato de leitura para superar a devastadora opressão sobre as classes populares.¹⁰²²

Por toda reflexão desenvolvida até aqui, a maior contribuição dos círculos bíblicos no processo de superação da leitura fundamentalista parece ser a busca pelo sentido histórico-social da Bíblia a partir de um ambiente eclesial e comunitário. A igreja profética de rosto popular interpreta a Bíblia com o interesse de apreender os elementos concretos em torno das classes populares do passado e do presente, destacando suas tensões e utopias. A leitura popular da Bíblia combina os resultados históricos obtidos pela análise exegética com aspectos teológicos, no intuito de tornar a igreja não apenas profética e popular, mas viva e ativa no seio das camadas populares da sociedade.¹⁰²³

4.3 Atuação de teólogas e teólogos orgânicos e perspectivas futuras para as Ciências das Religiões Aplicadas

Pensar a atuação de teólogas e teólogos orgânicos enquanto profissionais da práxis transformadora no século XXI, seguindo os imperativos da eclesiologia de Milton Schwantes, exige um trabalho metódico de construção e aprofundamento de seus possíveis campos de atuação. Isso ocorre porque as igrejas, em sua maioria, já possuem seus agentes eclesiásticos, por exemplo, pastoras e pastores, clérigos, adeptos estudiosos, sacerdotes, entre outros, que, em geral, não expressam o desejo e/ou a necessidade de integrar um profissional externo ao seu horizonte eclesiológico. Não apenas isso, mas, de acordo com o autor, historicamente, as ações políticas em torno das questões que envolvem as igrejas tenderam a ser refletidas a partir delas próprias.¹⁰²⁴ Logo, o exercício das teólogas e teólogos orgânicos na contemporaneidade se depara com uma série de desafios, dentre os quais, pode-se mencionar o metodológico e o da atuação.

A igreja profética de rosto popular desafia as Ciências das Religiões Aplicadas, porque necessita de um propósito concreto para justificar sua intervenção. Da mesma forma, a atuação das teólogas e teólogos orgânicos, sobretudo em sua utilização dos conhecimentos das Ciências da Religião e Teologia, requer um compromisso e um propósito para responder questões sociais

¹⁰²² SCHWANTES, 1987a, p. 48.

¹⁰²³ SCHWANTES, 1998a, p. 7-8.

¹⁰²⁴ SCHWANTES, 1978, p. 99-118.

concretas.¹⁰²⁵ Por isso, evidenciar as experiências dessas e desses profissionais no contexto dos círculos bíblicos com a leitura popular da Bíblia parece ser um exercício importante para, por exemplo, pavimentar caminhos concretos para a área 44, em especial pela falta de reconhecimento generalizada na sociedade, que tende a não enxergar teólogas e teólogos como profissionais formais.¹⁰²⁶ O mesmo problema é enfrentado pelos profissionais das Ciências das Religiões. Mateus Costa explica o seguinte:

Nós, formados e formadas em Ciência (s) da (s) Religião (ões), temos um sério problema: poucas perspectivas profissionais e, menos ainda, espaços de atuação com remuneração financeira. Nosso principal campo de atuação tem sido a educação formal – escolas, universidades.¹⁰²⁷

Por causa dessa realidade limítrofe, parte-se de um pressuposto próprio da área 44 que considera que, através da utilização de conhecimentos científicos para responder aos interesses sociais concretos das classes populares latino-americanas, teólogas e teólogos orgânicos podem colocar à prova as teorias desenvolvidas no interior das Ciências das Religiões e Teologia.¹⁰²⁸

Para exemplificar o argumento acima, no momento em que uma teóloga e teólogo orgânico, em um círculo bíblico, depara-se com a situação de uma pessoa pobre que desafia um paradigma vigente nas ciências bíblicas – fundamento de sua prática em exegese –, a comunidade acadêmica adquire uma nova possibilidade de pesquisa, que deve ser respondida para satisfazer tal demanda. Esse processo equivale à proposta de retroalimentação pressuposta na eclesiologia de Milton Schwantes já refletida nesta pesquisa.¹⁰²⁹

A atuação de teólogas e teólogos orgânicos não perde de vista a profissionalização e a intervenção, através da práxis transformadora. O objetivo delas e deles não reside somente na construção de novos conhecimentos para o campo das Ciências das Religiões e Teologia, e sim na aplicabilidade em si. Milton Schwantes, ao pensar a práxis transformadora de teólogas e teólogos orgânicos, tinha em mente objetivos de inserção da igreja nos movimentos sociais e

¹⁰²⁵ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

¹⁰²⁶ Essa questão tende a ser tratada na área com raríssimas menções sobre os profissionais da Teologia e com certas restrições em relação aos cientistas das religiões, limitando a atuação profissional destes últimos nos seguintes campos: “educação, como docentes de um Ensino Religioso laico; [...] saúde, como parte de equipes multidisciplinares que auxiliam equipes de profissionais da saúde; e [...] políticas públicas, através da formulação e auxílio de políticas públicas na área da cultura”. Saiba mais em: COSTA, Mateus O. *Ciência da Religião Aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 58, p. 445-447, 2021. p. 446.

¹⁰²⁷ COSTA, Mateus O. Moção contra a falta de empregabilidade dos cientistas das religiões – lida no Simpósio Nacional da ABHR 2016. *Revista Rever*, São Paulo, a. 16, n. 2, p. 175-179, 2016. p. 178.

¹⁰²⁸ COSTA, Mateus O. *Ciência da Religião Aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 16.

¹⁰²⁹ SCHWANTES, 1997, p. 44.

populares da América Latina. Além disso, ele se dedicou para favorecer o ingresso de mulheres e homens nos espaços acadêmicos das Ciências das Religiões e da Teologia, pensando sobretudo em uma intervenção prática à luz das experiências com a leitura popular da Bíblia para resolução de conflitos políticos, econômicos, sociais, culturais e eclesiais.¹⁰³⁰

No momento em que as propostas práticas e eclesiológicas de Milton Schwantes começaram a despontar, circulavam críticas que tendiam considerar as Ciências das Religiões como ciência inapropriada para elas. Na década de 1960, por exemplo, na ocasião do décimo Congresso da *International Association for the History of Religious* (IAHR), em Marburgo, na Alemanha, declarou-se que as Ciências das Religiões deveriam permanecer com seu caráter estritamente acadêmico e deixar para outros campos as questões práticas, por exemplo, a Teologia. Mas, Milton Schwantes sempre se mostrou subversivo e transgressor em relação aos ditames da área, de maneira que, para ele, não existe outra maneira de fazer Ciências das Religiões e Teologia diferente de sua proposta de confluir conhecimento acadêmico e popular na pastoral.¹⁰³¹

Udo Tworuschka argumenta que a sociedade mais ampla tem expectativas em relação à atuação dos cientistas das religiões, uma postura capaz de superar o simples estudo desinteressado sobre as religiões rumo à “vontade e a intenção de cooperar na resolução de problemas religiosos”¹⁰³². De acordo com Fábio Stern, na contemporaneidade, a questão central para a aplicação das Ciências das Religiões se concentra em como realizar isso sem extrapolar os limites do agnosticismo metodológico,¹⁰³³ que, para ele, emerge como a principal divisa disciplinar entre as Ciências das Religiões e a Teologia, porém, não respeitada, em certo sentido, por Milton Schwantes em sua proposta eclesiológica.¹⁰³⁴ Porém, antes mesmo da década de 1990, marcada pela “virada material”¹⁰³⁵, Milton Schwantes já ensaiava e dedicava sua atenção sobre a necessidade de a igreja ajustar sua agenda em relação aos dilemas sociais e políticos da sociedade, visando a práxis transformadora de teólogas e teólogos orgânicos como

¹⁰³⁰ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 134.

¹⁰³¹ SILVA, 2021, [n.p.].

¹⁰³² TWORUSCHKA, Udo. Considerações sobre a Ciência Prática da Religião. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Mateus O. (orgs.). *Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 45.

¹⁰³³ STERN, 2022, p. 145.

¹⁰³⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 15.

¹⁰³⁵ Segundo Rodrigo Toniol, as pesquisas associadas à chamada virada material não inviabilizam e nem colocam em segundo plano as materialidades, pois “se religião seria o oposto do mundo material, olhar para o mundo material pouco teria a nos dizer sobre religião”. O autor complementa que as “materialidades não podem ser compreendidas como representações do real na medida em que todo o debate da virada material parte do pressuposto de que a realidade é instituída pelas e nas materialidades”. Para mais detalhes, leia: TONIOL, Rodrigo. A virada material nos estudos de religião. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 26, p. 1-31, 2024. p. 4-8.

uma demanda interna da igreja profética de rosto popular para aplicar os resultados das pesquisas bíblicas na sociedade.¹⁰³⁶

Entretanto, no campo das Ciências das Religiões, existem ressalvas sobre o modelo de aplicação que abrange mais ou menos a eclesiologia de Milton Schwantes. Ele é embutido no chamado modelo “religionista” de aplicação.¹⁰³⁷ Frank Usarski, por exemplo, levanta críticas sobre a abordagem de Udo Tworuschka em relação ao seu argumento que equipara a Ciência da Religião Prática à Ciência da Religião engajada ou comprometida. Para Frank Usarski, o engajamento social não deveria negligenciar os pressupostos teórico-metodológicos inegociáveis das Ciências das Religiões, de maneira que o projeto de aplicação das Ciências das Religiões não deveria ultrapassar dois aspectos: a “gênese de problemas no contexto de descoberta”¹⁰³⁸, que pode ser entendido como a identificação da questão social que a ciência aplicada pretende responder; e a “reformulação e solução do problema conforme a lógica da disciplina”¹⁰³⁹, o que significa respeitar os pressupostos teórico-metodológicos da teoria que fundamenta a prática.¹⁰⁴⁰

A proposta de Milton Schwantes para teólogas e teólogos orgânicos é bastante transgressora, porque viola qualquer compromisso de abordar o papel da igreja ou o fenômeno religioso livre de interferências extra-acadêmicas, não seguindo, nesse sentido, a proposta de Frank Usarski de um distanciamento ideológico, bem como escapando da lógica do agnosticismo metodológico.¹⁰⁴¹ Na análise deste último, o projeto de Milton Schwantes levaria as Ciências das Religiões ao desmonte dos esforços históricos precedentes para que essa área não fosse relegada ao universo dos interesses religiosos.¹⁰⁴²

Ao lado de Frank Usarski, Tim Jensen considera que o funcionamento da sociedade difere da universidade e, por isso, os profissionais das Ciências das Religiões não deveriam assumir uma postura pública, por exemplo, de militantes ou ativistas políticos, sob a acusação de charlatanismo, porque essa seria uma maneira de recorrer ao *status* da área para legitimar uma prática não prevista pelas Ciências das Religiões Aplicadas. No entanto, ele conclui ser

¹⁰³⁶ SCHWANTES, 1978, p. 99-118.

¹⁰³⁷ STERN, 2022, p. 122.

¹⁰³⁸ USARSKI, Frank. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da ciência prática da religião e sua alternativa. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus O. (orgs.). *Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 72.

¹⁰³⁹ USARSKI, 2018, p. 72.

¹⁰⁴⁰ USARSKI, 2018, p. 72.

¹⁰⁴¹ USARSKI, 2018, p. 72.

¹⁰⁴² USARSKI, 2018, p. 72.

melhor que esse lugar social seja ocupado por cientistas das religiões que por outros profissionais.¹⁰⁴³

O modelo de Milton Schwantes, segundo a classificação de Frederico Pieper, alinha-se com as aproximações entre as Ciências das Religiões e a Teologia, porque “não abdica da pergunta pelo sentido e pela verdade do objeto da religião, e deve buscar uma justificativa metafísica e/ou social para ela, com claros interesses práticos”¹⁰⁴⁴. Não é difícil localizar na literatura de Milton Schwantes um claro desejo de empreender uma práxis transformadora “com agendas e temáticas mais teológicas, ainda que, por vezes, mais ‘arejadas’ e em diálogo com outros saberes das ciências humanas”¹⁰⁴⁵. Segundo Fábio Stern, no modelo de Milton Schwantes, “pelas fronteiras borradas com o domínio religioso, o que ocorre é uma aplicação da própria religião. Em outras palavras, não se trata de uma *ciência* aplicada, mas sim de uma *prática religiosa*, ainda que voltada à sociedade”¹⁰⁴⁶ [grifo do texto].

Fábio Stern comenta que:

Pouquíssimos foram os autores na Ciência da Religião que pensaram em métodos de aplicação de nossa ciência, com exceção dos religionistas e fenomenólogos da religião, identificados como precursores de um modelo de Ciência da Religião prática que hoje enfrentam grande resistência no coletivo internacional da disciplina.¹⁰⁴⁷

No entanto, a despeito da resistência coletiva em situar a proposta orgânica da eclesiologia de Milton Schwantes como um modelo viável para as Ciências das Religiões, o Documento de área 44 da CAPES parece seguir em outra direção.

Em primeiro lugar, o documento caracteriza a pessoa egressa em Ciências das Religiões como um profissional capaz de desenvolver “abordagens teórico-metodológicas próprias das escolas que constituem o campo de estudos da (s) religião (ões), sua subáreas e disciplinas auxiliares”¹⁰⁴⁸. Na árvore do conhecimento da área 44, a Teologia se subdivide em quatro subáreas: Teologia fundamental-sistemática, História das teologias e religiões, Teologia prática

¹⁰⁴³ JENSEN, Tim. De cientista da religião respeitado a político disfarçado: o destino de um cientista da religião que se torna pessoa pública? Reflexões após a polêmica das charges de Maomé na Dinamarca e mais de 25 anos como especialista em mídia. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA, III, 2019, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SCRA, 2019. p. 59-65.

¹⁰⁴⁴ Os demais modelos classificados por Frederico Pieper destacam: a formação do ser humano; envolve “a Ciência da Religião como se constituindo de uma área pluridisciplinar de pesquisa científica do fato religioso”; e ressalta a autonomia da área, ainda que em diálogo com diferentes especialidades metodológicas. Saiba mais em: PIEPER, Frederico. Ciência (s) da (s) religião (ões). In: JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí. (orgs.). *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 137-138.

¹⁰⁴⁵ PIEPER, 2017, p. 138.

¹⁰⁴⁶ STERN, 2022, p. 147.

¹⁰⁴⁷ STERN, 2022, p. 148.

¹⁰⁴⁸ CAPES, 2019, p. 3-4.

e Tradições e escrituras sagradas. Estas duas últimas abrangem diversos temas correlatos, dentre os quais, pode-se destacar: “fé e política [...], relação entre teologia/culto/práxis [...], inclusão e direitos humanos, teologia e sociedade, ação, experiência e conhecimento prático, educação na respectiva tradição”¹⁰⁴⁹; como também: “Escrituras sagradas e relatos da tradição oral das diversas tradições religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria”¹⁰⁵⁰, que, conforme discutido no decorrer desta pesquisa, dialogam com as principais teses defendidas por Milton Schwantes.

Já o perfil do sujeito egresso em Teologia, além de pressupor contribuições para a interpretação de textos considerados sagrados, como a Bíblia, deve favorecer a “tradução dos conteúdos teológicos, culturais, morais e religiosos dessa tradição para sua cultura, seu tempo e o espaço público [visando] desenvolver uma teologia da práxis”¹⁰⁵¹. E, com as mesmas conotações designadas às pessoas egressas em Ciências das Religiões, para o campo da Teologia, o documento sugere que o sujeito nele formado deve “ser capaz de atuar como profissional especializado, consultor, assessor e/ou mediador em questões relacionadas à religião de que é especialista no espaço público”¹⁰⁵². Nesse sentido, o *Documento de área 44* da CAPES advoga por uma atuação especializada que abarca mediações profissionais em questões relacionadas à presença da religião no espaço público, sem estabelecer diferenciações entre teólogas, teólogos e cientistas das religiões, ao menos em termos de atuação. Além disso, o documento prescreve que:

Orientados pelos temas correlatos descritos [...], pesquisadores/as podem reconhecer, em uma ou mais subáreas da árvore do conhecimento, campos comuns de atuação. Portanto, as oito subáreas da área, considerados os seus temas correlatos, exigem uma pesquisa de perfil interdisciplinar.¹⁰⁵³

Nesta pesquisa, defende-se que Milton Schwantes reconheceu como campo comum de atuação entre as Ciências das Religiões e Teologia o modelo da pastoral, porém, numa perspectiva mais ampla, não restringindo seu horizonte aos pressupostos teórico-metodológicos da área, mas extrapolando fronteiras e subvertendo critérios científicos, sobretudo quando pensou a atuação da igreja junto aos movimentos sociais e populares da América Latina em sua época.¹⁰⁵⁴

¹⁰⁴⁹ CAPES, 2019, p. 3-4.

¹⁰⁵⁰ CAPES, 2019, p. 3-4.

¹⁰⁵¹ CAPES, 2019, p. 5.

¹⁰⁵² CAPES, 2019, p. 5.

¹⁰⁵³ CAPES, 2019, p. 8.

¹⁰⁵⁴ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

Em relação às perspectivas do *Documento de área 44* acerca do futuro da área, algumas considerações são relevantes para pensar a atuação das teólogas e teólogos orgânicos no contexto da igreja profética de rosto popular. A primeira delas gira em torno do cultivo de uma cultura de inovação, que pressupõe uma “atenção às novas tecnologias, ao seu impacto na atividade de pesquisa e à sua aplicação nas situações concretas da vida cotidiana, aprimorando o impacto dos conhecimentos em Teologia e em Ciência (s) da (s) Religião (ões) na vida social e cultural”¹⁰⁵⁵.

Esse aspecto insere as teólogas e teólogos orgânicos no atendimento de uma diversidade de demandas públicas atuais, uma vez que elas e eles têm, na igreja profética de rosto popular, um espaço aberto para oferecer seu conhecimento e sua capacidade de análise dos textos bíblicos para trabalharem a serviço do povo. As Ciências das Religiões e Teologia vislumbram nessas vias possibilidades futuras de aprofundar o trabalho interdisciplinar para, então, promover a “superação das desigualdades, redução da pobreza, justiça social e respeito à diversidade cultural e religiosa”¹⁰⁵⁶.

O *Documento de área 44* apresenta expectativas que incluem os propósitos da igreja profética de rosto popular em relação ao seu impacto na sociedade. Seu texto considera que “as práticas religiosas vivenciadas individualmente, organizadas em comunidades ou instituições são componentes da vida de qualquer sociedade humana”¹⁰⁵⁷. Por isso, o conhecimento qualificado e crítico das teólogas e teólogos orgânicos, “de corte teológico e/ou da ciência (s) da (s) religião (ões)”¹⁰⁵⁸, abre espaço para uma “análise crítica da fé e de seus desdobramentos na dinâmica da comunidade dos crentes de uma dada confissão [como elementos] passíveis de uma abordagem de corte acadêmico-científico”¹⁰⁵⁹, o que pode acontecer a partir da igreja profética de rosto popular.

Se as expectativas futuras da área permanecerem inalteradas, a formação qualificada de profissionais incluirá, por exemplo, uma maior “inserção social qualificada e transformadora de seus docentes, discentes e egressos/as”¹⁰⁶⁰. Nesse sentido, a atuação de teólogas e teólogos orgânicos poderia acontecer da seguinte maneira:

Em colaboração com outras áreas do conhecimento, setores da sociedade, órgãos governamentais, não-governamentais e movimentos sociais, [porque] a área Ciências das Religião e Teologia tem potencial para contribuir no enfrentamento dos desafios nacionais em educação, ética e melhoria da qualidade de vida da população por meio

¹⁰⁵⁵ CAPES, 2019, p. 8-9.

¹⁰⁵⁶ CAPES, 2019, p. 9.

¹⁰⁵⁷ CAPES, 2019, p. 11.

¹⁰⁵⁸ CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁵⁹ CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁶⁰ CAPES, 2019, p. 12.

da busca por compreensão aberta e plural das implicações que as cosmovisões religiosas, as espiritualidades e as teologias exercem junto à vida social, política e cultural do país.¹⁰⁶¹

Com efeito, a expectativa de impacto da igreja profética de rosto popular parece dialogar com as perspectivas futuras da área Ciências da Religião e Teologia em relação à formação profissional das pessoas egressas, pois visa atender não apenas o potencial de formação da área, mas também promover uma maior inserção social. Além disso, a visão da área quanto à modalidade profissional no âmbito das Ciências das Religiões e da Teologia valoriza um aspecto que dialoga profundamente com a eclesiologia de Milton Schwantes:

Espera-se a integração dos saberes advindos do campo de atuação dos participantes às práticas acadêmicas, para possíveis aplicações em atividades relevantes para contextos educacionais e/ou não educacionais, organizações/movimentos sociais e comunitários, instituições públicas ou privadas.¹⁰⁶²

Teólogas e teólogos orgânicos, nesse sentido, podem ser entendidos à luz do documento em tela como garimpeiros que extraem insumos no seio das classes populares para o enriquecimento do conhecimento científico nas universidades.¹⁰⁶³ Através disso, elas e eles podem aplicar suas experiências com a leitura popular da Bíblia ao projeto de inserção social previsto no rol de possibilidades de atuação dos profissionais formados nas Ciências das Religiões e na Teologia.¹⁰⁶⁴

Não seria inútil afirmar que uma das grandes preocupações de Milton Schwantes no contexto das décadas de 1970 e 1980 era com a práxis transformadora. Já não bastava, para ele, uma área do conhecimento dedicada inteiramente à formação de profissionais habilitados para a reflexão da Bíblia, mas era necessário pensar em como transformar o mundo a partir dela. Por essa razão, teólogas e teólogos orgânicos deveriam empenhar-se para agir para que a vida das pessoas pobres tivesse mais sentido e encaminhada à libertação. Nesse sentido, a certeza da “verdade” bíblica era insuficiente e ineficaz, pois os pobres almejavam uma sociedade justa e igualitária. Refletir corretamente, em termos exegéticos, sobre o texto bíblico não satisfazia os interesses do autor. O que ele pretendia era uma ação concreta rumo à libertação das classes populares da América Latina. A práxis transformadora emergiu como dimensão central na eclesiologia de Milton Schwantes. A reflexão bíblica, em certo sentido, cedeu espaço ao

¹⁰⁶¹ CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁶² CAPES, 2019, p. 16.

¹⁰⁶³ SCHWANTES, 1987a, p. 51.

¹⁰⁶⁴ CAPES, 2019, p. 16.

engajamento, e a práxis transformadora germinou de um sentimento de indignação em relação às questões políticas, sociais, econômicas, culturais e eclesiais da época.¹⁰⁶⁵

A atuação de teólogas e teólogos orgânicos, na lógica da eclesiologia de Milton Schwantes, pode ser um caminho pelo qual as Ciências das Religiões Aplicadas consigam prestar um serviço às demandas sociais concretas provocadas pelo fundamentalismo bíblico na contemporaneidade. De acordo com Paulo Ueti:

Se na década de 1970-90 as teologias da libertação e a leitura popular (política) da Bíblia se espalhavam e alimentavam agendas e movimentos de libertação e emancipação, depois disso, cresceu o movimento das leituras fundamentalistas, colonialistas e domesticadoras desses mesmos textos sagrados. A Bíblia é o livro mais vendido no mundo, com o maior número de traduções para as línguas modernas! E, na medida em que cresce o interesse pela leitura, também cresce a demanda de gente que seja capaz de ajudar o povo a entender a Bíblia.¹⁰⁶⁶

Com efeito, teólogas e teólogos orgânicos são profissionais facilitadores da leitura e interpretação bíblica para as classes populares. Seguindo o horizonte de Paulo Ueti, além de seu papel facilitador, a atuação delas e deles ainda pressupõe a partilha de informações e a sugestão de caminhos, uma vez que a leitura do texto bíblico possui “uma força ordenadora do cotidiano, alavancando processos de libertação (quando essa é a intenção) [...], ou impedindo importantes discussões e avanços nas sociedades (quando essa é a agenda predominante)”¹⁰⁶⁷.

A Bíblia é um desafio para as Ciências das Religiões Aplicadas na contemporaneidade e permanecerá sendo no futuro. Ela é o principal instrumento que norteia a atuação de teólogas e teólogos orgânicos, segundo os preceitos da eclesiologia de Milton Schwantes, e uma arma perigosa nas mãos de sujeitos fundamentalistas, milicianos, traficantes e outros grupos. Se as Ciências das Religiões Aplicadas ajudam a “denunciar e solucionar problemas sociais na atualidade”¹⁰⁶⁸, não deveriam estar ausentes de sua agenda as questões sociais provocadas pelo fundamentalismo bíblico, como a experiência relatada por Odja Barros:

Como pastora e biblista, tenho profundo apreço pela Bíblia como livro de fé. No entanto, acredito que precisamos deixar de usar a Bíblia para justificar nossos preconceitos e intolerâncias. A interpretação literalista da Bíblia tem sido usada para perpetuar males terríveis na sociedade. O uso feito por pessoas religiosas do texto literal da Bíblia tem gerado muita dor e opressão e marginalização. Escravidão,

¹⁰⁶⁵ SCHWANTES, 1982b, p. 134-138.

¹⁰⁶⁶ UETI, Paulo. Encontros e desencontros de palavras e corpos: notas sobre leitura popular da Bíblia. In: MCGEOCH, Graham (org.). *Teologia da Libertação na América Latina: novas sementes de inquietação*. São Paulo: Recriar; Unida, 2024. p. 23.

¹⁰⁶⁷ UETI, 2024, p. 23.

¹⁰⁶⁸ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 140.

segregação racial, opressão sexista das mulheres, homofobia foram e tem sido justificado por uma leitura literalista da Bíblia.¹⁰⁶⁹

No campo das Ciências das Religiões Aplicadas, os discursos religiosos nascidos tanto da leitura fundamentalista quanto da leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos costumam ser tratados como instrumentos poderosos para influenciar a vida pública e privada de inúmeras pessoas.¹⁰⁷⁰ Por isso, considerando as perspectivas futuras para a área, a atuação de teólogas e teólogos orgânicos pode ser pensada também no âmbito das relações de poder no espaço da vida cotidiana, porque o papel dessas e desses profissionais foi imaginado por Milton Schwantes para engendrar valores e comportamentos capazes, inclusive, de definir a ordem política e social a partir de um determinado *locus* de convivência e organização: a igreja profética de rosto popular.¹⁰⁷¹

A teologia bíblica gestada pelas teólogas e teólogos orgânicos, desde o início, mostra-se envolvida por múltiplos discursos e pela perspectiva do conflito de classes.¹⁰⁷² Um aspecto central nessa teologia é que ela é profundamente dependente da posição política de seus agentes e profissionais, ou seja, trata-se de uma teologia bíblica empreendida a partir de um horizonte particular que não pode inclinar-se ao universo das classes dominantes.¹⁰⁷³ Em suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas, a teologia bíblica proposta para fundamentar a eclesiologia de Milton Schwantes é produtora de um conhecimento articulado em contextos e perspectivas, que localizam a leitura e a interpretação como ato político.¹⁰⁷⁴ A atuação de teólogas e teólogos orgânicos pressupõe um “para quem”, isto é, um labor teológico voltado especificamente para as classes populares, com uma agenda política que pretende influenciar e ordenar a sociedade como um todo a partir de uma leitura e interpretação da Bíblia, visando a construção de uma sociedade justa e igualitária.¹⁰⁷⁵

Diante dessas considerações, sugere-se que as Ciências das Religiões Aplicadas contemplem abordagens similares a essa concepção de práxis transformadora a partir de teólogas e teólogos orgânicos. Elas e eles são profissionais promotores de leitura e interpretação

¹⁰⁶⁹ BARROS, Odja; NASCIMENTO, Paulo. *Vocação para a igualdade: fé e diversidade sexual na Igreja Batista do Pinheiro*. Campinas: Saber Criativo, 2025. p. 112.

¹⁰⁷⁰ RODRIGUES, Elisa. As ciências sociais da religião como ciências da interpretação. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 28, n. 1, p. 186-203, 2014. p. 186.

¹⁰⁷¹ SCHWANTES, 1982b, p. 135-145.

¹⁰⁷² SCHWANTES, 1988b, p. 81.

¹⁰⁷³ SCHWANTES, 1988b, p. 81.

¹⁰⁷⁴ SCHWANTES, 1988c, p. 31.

¹⁰⁷⁵ SCHWANTES, 1988k, p. 8-19.

da Bíblia e da realidade, a partir e no interior dos contextos, instaurando processos de leitura popular da Bíblia e sua consequente conscientização e politização das classes populares.¹⁰⁷⁶

Historicamente, a religião tem sido um poderoso instrumento para legitimar e transformar condutas e ações humanas, o mesmo ocorre com a Bíblia em sua força pujante de influenciar e definir valores, normas e comportamentos em diversas sociedades. Sua leitura e interpretação podem até exercer uma função destrutora da vida.¹⁰⁷⁷ Mas, a leitura popular da Bíblia procura seguir em outra direção, porque visa sobretudo a democratização do conhecimento bíblico para o povo, o que se torna inevitavelmente um desafio epistemológico a ser observado a partir das Ciências das Religiões Aplicadas.¹⁰⁷⁸

A dinâmica dos círculos bíblicos na igreja profética de rosto popular carrega uma proposta subjacente de formação bíblica e conscientização política, envolvendo os recursos técnicos da exegese especializada, a partir da atuação de teólogas e teólogos orgânicos, e o conhecimento de leitoras e leitores das classes populares para refletirem sobre a realidade. De acordo com Paulo Ueti:

A pergunta pela realidade, pelo *que está acontecendo*, não é simplesmente uma *técnica de grupo* para fazer o povo participar. A ideia é, do mesmo jeito que em nossa história bíblica, escutar-se sobre a realidade vivida, articular um espaço seguro para que as vozes e corpos de todas as pessoas possam ter lugar de expressão respeitada. É reconhecer que a outra pessoa tem seu lugar de fala garantido e é uma fala que importa [grifo do texto].¹⁰⁷⁹

Nesse sentido, para a leitura popular da Bíblia na contemporaneidade, a igreja profética de rosto popular emerge como *locus* privilegiado para realizar processos hermenêuticos que visam a transformação social. Para Milton Schwantes, a eclesiologia nasce do concreto da vida, de seus dilemas e do reconhecimento dos pobres como sujeitos intérpretes do texto bíblico.¹⁰⁸⁰ Teólogas e teólogos orgânicos são, nesse processo, facilitadores de experiências do povo com a Bíblia em um determinado contexto eclesial e, por isso, sua atuação não deveria ser desprezada no interior das Ciências das Religiões Aplicadas. Por isso, pensando na atuação dessas e desses profissionais, na próxima seção, propõe-se um caminho para implementação institucional do modelo de uma igreja profética de rosto popular na contemporaneidade.

¹⁰⁷⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46.

¹⁰⁷⁷ BARROS, 2025, p. 112.

¹⁰⁷⁸ CRUZ; ULRICH, 2023, p. 140.

¹⁰⁷⁹ UETI, 2024, p. 40.

¹⁰⁸⁰ SCHWANTES, 1984a, p. 48.

4.4 Implementação da igreja profética de rosto popular

Com o objetivo de evidenciar a proposta profissional da pesquisa e aproximá-la, na medida do possível, aos critérios das Ciências das Religiões Aplicadas, uma tarefa não simples pelo fato de seguir a dinâmica transgressora e subversiva que caracteriza a eclesiologia de Milton Schwantes, esta última seção ensaia alguns passos para implementação institucional do modelo de igreja profética de rosto popular na contemporaneidade. Trata-se de uma proposta que visa a confluência entre conhecimento científico e saber popular, além de uma participação ativa das teólogas e teólogos orgânicos junto ao povo,¹⁰⁸¹ constituindo uma dinâmica passível de análises, revisões e alterações, pois, trata-se de um modelo eclesial que jamais poderá ser esgotado nestas linhas. A ideia central desta seção consiste em pensar esse modelo de igreja como movimento social e como um espaço democrático para conscientização e politização do povo a partir da Bíblia.

O primeiro passo para implementação do modelo de igreja profética de rosto popular é sua institucionalização. Esse critério é uma porta de entrada, porque é importante para estabelecer os processos de articulação da práxis transformadora das teólogas e teólogos orgânicos junto ao povo em seu interior, que conduzem à definição de sua função social orgânica e de utilidade pública,¹⁰⁸² das regras internas de funcionamento e, particularmente, de uma identidade passível de reconhecimento tanto por parte da membresia quanto das pessoas que estão de fora desse grupo, particularmente, por aquelas instituições e instâncias contra as quais se posiciona ou que almeja formar parcerias.¹⁰⁸³

No capítulo anterior, foi dito que a institucionalização da igreja profética de rosto popular é importante e necessária quando funciona como um suporte para as classes populares. Todavia, Milton Schwantes a considera insuficiente no momento em que se torna um risco ou uma barreira para o engajamento social e político da igreja. Nestas linhas, a institucionalização deve ser entendida como um processo necessário para especialização das tarefas eclesiais, para definição de papéis de seus principais agentes e do povo em torno das regras de funcionamento, como também para ampliar o escopo de parcerias com instituições de ensino superior para formalizar o suporte intelectual necessário para os propósitos do grupo.¹⁰⁸⁴

A igreja profética de rosto popular deve construir seu próprio arcabouço documental – por exemplo, estatuto social, ata de fundação, registro em cartório, inscrição no Cadastro

¹⁰⁸¹ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

¹⁰⁸² CAPES, 2019, p. 3.

¹⁰⁸³ SCHWANTES, 1978, p. 99-118.

¹⁰⁸⁴ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), alvará de funcionamento e outras licenças necessárias – para organizar, à luz da legislação brasileira, as regras de funcionamento do grupo.¹⁰⁸⁵ Para evitar homologias com a divisão do espaço social,¹⁰⁸⁶ seguindo a proposta eclesiológica de Milton Schwantes, a divisão das tarefas não deve sustentar posições hierárquicas na igreja, mas estabelecer, desde a produção da documentação necessária, uma coordenação colegiada, isto é, um órgão setorial deliberativo, sem uma presidência oficial e com uma intensa participação popular.¹⁰⁸⁷

Esse processo de institucionalização valoriza a capacidade de organização do povo e requer das teólogas e teólogos orgânicos o desenvolvimento de estratégias para mobilizar as classes populares ao *status* de classe revolucionária desde o interior da igreja.¹⁰⁸⁸ Em sua organização interna, o modelo de igreja profética de rosto popular pressupõe uma definição clara de sua estrutura organizacional, com responsabilidades e funções bem delineadas para seus agentes, por exemplo, a formação da coordenação colegiada e a definição do papel das teólogas e teólogos orgânicos. Os processos decisórios da igreja devem ser transparentes e, por isso, o povo não pode deixar de participar da tomada de decisão, com o objetivo de manter sempre o consenso do grupo. Além disso, reuniões periódicas devem ser programadas, para que os objetivos, as estratégias, as parcerias e a visibilidade da igreja sejam questões sempre aprimoradas. Nesse sentido, a institucionalização da igreja profética de rosto popular representa um processo permanente e dinâmico, que precisa ser ajustado às necessidades e aos desafios que irão surgir no decorrer do tempo.¹⁰⁸⁹

O segundo passo para implementação da igreja profética de rosto popular depende, em grande medida, de sua institucionalização, pois consiste na formação de uma rede de colaboração capaz de integrar a igreja, o povo e as instituições de ensino superior. Em relação à pastoral, Milton Schwantes acreditava que a colaboração das universidades, em especial através de seus intelectuais, poderia ser um impulso significativo para ampliar, evidenciar e disseminar a dimensão comunitária e coletiva que a leitura popular da Bíblia gestou na América Latina.¹⁰⁹⁰ Além de formar, apoiar e participar de grandes redes ecumênicas na América Latina,

¹⁰⁸⁵ PONTES, Márcio. Como legalizar uma igreja evangélica. In: PONTES CONTABILIDADE [Site institucional]. 13 nov. 2024. [online]. [n.p.].

¹⁰⁸⁶ O espaço social pode ser compreendido como um campo de forças em que os agentes sociais disputam para manter ou transformar suas posições. As classes sociais, por exemplo, reúnem sujeitos que dividem condições de existência comuns entre si e, por isso, diferenciam-se por sua posição no espaço social. Para mais informações, leia: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 133-154.

¹⁰⁸⁷ SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

¹⁰⁸⁸ SCHWANTES, 1988b, p. 89.

¹⁰⁸⁹ SCHWANTES, 1988b, p. 82.

¹⁰⁹⁰ SCHWANTES, 1989a, p. 16.

ele também colaborou com alguns dos principais movimentos sociais e populares de sua época – MST, CPT e outros –, demonstrando pleno interesse com sua prática exegetica para conferir à leitura popular da Bíblia uma significação mais consciente, política e comprometida com a totalidade concreta da sociedade latino-americana. A atitude do autor delineia o caráter profético de sua eclesiologia.¹⁰⁹¹

A colaboração com áreas do conhecimento e com movimentos sociais, além de outros setores e campos, está prevista no *Documento de área 44* da CAPES.¹⁰⁹² Por isso, a institucionalização da igreja profética de rosto popular contribui para sua implementação, porque auxilia no estabelecimento de parcerias com as instituições de ensino superior, em especial com os PPGs da área Ciências da Religião e Teologia. A área 44 sugere que esses PPGs provoquem algum “impacto [...] na sociedade”¹⁰⁹³, e, além da inserção social, eles devem “intensificar a formação de recursos humanos qualificados”¹⁰⁹⁴, ou seja, habilitar teólogas e teólogos orgânicos, para, então, “se configurar para além da produção científica de natureza teórica, aprimorando, portanto, o foco nas soluções de problemas”¹⁰⁹⁵.

No século XXI, a colaboração de teólogas e teólogos orgânicos prescinde uma presença concreta nos círculos bíblicos da igreja profética de rosto popular. Num primeiro momento, elas e eles podem auxiliar nos processos de leitura popular da Bíblia através de encontros virtuais realizados em *ciberespaços*,¹⁰⁹⁶ sejam síncronos ou assíncronos, bem como por meio da elaboração de cartilhas pastorais digitais, com o mesmo estilo dos textos publicados por Milton Schwantes através do CEBI, que exploram amiúde a linguagem popular,¹⁰⁹⁷ seguindo a lógica das afinidades eletivas weberianas.¹⁰⁹⁸ Não há como mensurar as diversas possibilidades de colaboração que essas e esses profissionais podem estabelecer com a igreja profética de rosto popular, mas elas podem iniciar por intermédio das novas tecnologias, o que configura uma das considerações sobre o futuro das Ciências da Religião e Teologia, de acordo com o *Documento de área 44*.¹⁰⁹⁹

¹⁰⁹¹ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

¹⁰⁹² CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁹³ CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁹⁴ CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁹⁵ CAPES, 2019, p. 12.

¹⁰⁹⁶ O ciberespaço, segundo Pierre Lévy, constitui um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e da memória dos computadores”, formado por uma infraestrutura material que também abrange informações e dados compartilhados pelos usuários das redes. Logo, constituem uma dimensão da vida humana, porque não instaura outra realidade, mas amplia o espaço único da realidade e potencializa o humano que o compõe. Para mais informações, consulte: LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999. p. 92.

¹⁰⁹⁷ SCHWANTES, 1985c, p. 1-5.

¹⁰⁹⁸ LÖWY, 2011, p. 142.

¹⁰⁹⁹ CAPES, 2019, p. 8.

Para exemplificar o uso de novas tecnologias nos círculos bíblicos para leitura popular da Bíblia, no período da pandemia da Covid-19, em que prevaleceu o distanciamento social, o CEBI, em Mossoró, no Rio Grande do Norte, recorreu aos recursos tecnológicos para promover os estudos bíblicos. Na experiência relatada por João Correia Junior e Zelia Nascimento:

O estudo não parou, porém migrou e se apropriou dos recursos tecnológicos e das redes sociais. Muitos estudos foram realizados pela plataforma *Google Meet*, *Instagram*, *Facebook* ou *Youtube*. Essas reuniões ocorreram principalmente entre os participantes da equipe de assessores que se viram obrigados a aprender a lidar com novas tecnologias e adquirir os equipamentos necessários para acessá-las e acostumar-se à convivência virtual. Por outro lado, foram criadas diversas oportunidades de formação por meio de cursos e *lives* com estudiosos de renome na área, sejam promovidos pelo próprio CEBI ou por faculdades e associações bíblicas. Celebrações, vigílias e exercícios de leitura orante também ocorreram em ambiente virtual [grifo do texto].¹¹⁰⁰

A iniciativa tomada pelos agentes do CEBI, em Mossoró, além de cultivar uma cultura de inovação, favorece o aperfeiçoamento da confluência entre pesquisas bíblicas e leitura popular da Bíblia no ciberespaço, porém, a partir de um contexto eclesial, assim como é proposto na eclesiologia de Milton Schwantes.¹¹⁰¹ De acordo com o *Documento de área 44*, essa pode ser entendida como uma estratégia para que os PPGs de Ciências da Religião e Teologia se coloquem “a serviço do atendimento das demandas públicas, oferecendo o seu conhecimento e a sua capacidade de análise dos fenômenos específicos com os quais trabalha”¹¹⁰², de maneira que, “é por essa via que a área se associa às demais ciências e saberes em seu serviço ao desenvolvimento da cidadania, com [...] superação das desigualdades, redução da pobreza, justiça social e respeito à diversidade cultural e religiosa”¹¹⁰³.

Os ciberespaços abertos pelos recursos tecnológicos contemporâneos podem ampliar as possibilidades de realização da leitura popular da Bíblia e seus processos de conscientização e politização no contexto da igreja profética de rosto popular. A partir desse modelo de igreja, pode-se estabelecer uma parceria com os PPGs da área 44, no intuito de disponibilizar pesquisadoras e pesquisadores para a realização de cursos bíblicos, *lives* e diferentes projetos e/ou eventos virtuais capazes de explorar questões e elementos da vida concreta para solucionar demandas populares. São conteúdos que podem ser armazenados e acessados posteriormente, a qualquer momento, por pessoas espalhadas pelo mundo inteiro, aumentando o alcance das contribuições da igreja profética de rosto popular por meio da *internet* e, ao mesmo tempo, por

¹¹⁰⁰ CORREIA JUNIOR, João L.; NASCIMENTO, Zelia C. P. A leitura popular da Bíblia: a experiência do CEBI em Mossoró/RN. *Revista Fronteiras*, Recife, v. 6, n. 2, p. 228-245, 2023. p. 242-243.

¹¹⁰¹ SCHWANTES, 1992a, p. 7.

¹¹⁰² CAPES, 2019, p. 9.

¹¹⁰³ CAPES, 2019, p. 9.

exemplo, disseminando uma mensagem combativa aos efeitos nocivos da leitura fundamentalista da Bíblia.¹¹⁰⁴

Cabe lembrar que essa não é uma proposta de implementação de uma igreja virtual,¹¹⁰⁵ por assim dizer, e sim uma recomendação para o uso de recursos tecnológicos com o objetivo ampliar o alcance das propostas eclesiológicas de Milton Schwantes para conscientização e politização das classes populares em relações às questões sociais do presente – uma luta contra o projeto fundamentalista. Por exemplo, a Bíblia pode ser instrumentalizada para recomendar o uso moderado e saudável da *internet* e das redes sociais em face da volatilidade de informações e da escassa preocupação com a veracidade das fontes de notícias, que acabam criando lacunas para as *fake news*, tratadas aqui como um fenômeno contemporâneo proliferado na *internet* na forma de notícias falsas pensadas com a intenção de desinformar a população, especialmente sobre questões políticas.¹¹⁰⁶

De qualquer modo, a colaboração de especialistas formados nos PPGs de Ciências da Religião e Teologia na igreja profética de rosto popular, seja ela presencial ou virtual, além de favorecer o trato com a Bíblia e com sua interpretação, pode ampliar o impacto social da igreja. Teólogas e teólogos orgânicos podem auxiliar a igreja e o povo sobre sua prática à luz das ciências bíblicas. Na eclesiologia de Milton Schwantes, um dos papéis centrais da igreja consiste em abrir as portas para que profissionais da área 44, sobretudo especialistas em ciências bíblicas, participem e observem as dinâmicas dos círculos bíblicos no processo de leitura popular da Bíblia e, através disso, ensaiem novos horizontes teórico-metodológicos para aprimorar o engajamento da igreja em relação à vida do povo.¹¹⁰⁷

¹¹⁰⁴ BARROS, 2025, p. 112.

¹¹⁰⁵ A Igreja Batista da Lagoinha, por exemplo, foi a primeira igreja evangélica a inaugurar um templo no metaverso, um universo virtual desenvolvido para interação de usuários da *internet* que utilizam um conjunto de tecnologias, tais como, a realidade virtual e a realidade aumentada, para se conectarem em ambientes virtuais compartilhados. Sob o nome de Lagoverso, a versão virtual dessa igreja promove cultos, recreações, *shows*, eventos, entre outros, nos quais os usuários interagem com seus avatares. Saiba mais em: GONÇALVES, André L. D. Igreja Batista da Lagoinha inaugura templo no metaverso. In: TECMUNDO [Site institucional]. 22 abr. 2022. [online]. [n.p.].

¹¹⁰⁶ Cinco aspectos das redes sociais favorecem a criação e a disseminação de *fake news*, a saber: aglutinação de sujeitos ligados por interesses e problemas comuns; exposição mascarada da vida, como uma espetacularização do conteúdo para assegurar a visibilidade; individualismo em rede, a despeito de ser um ambiente que propicia a interação coletiva; criação e disseminação de informações por meio das conexões entre os agentes; criação de perfis falsos. Esses aspectos, para o autor, dispensam a subjetividade humana e a empatia prevista nas interações sociais presenciais. Essa relação se estabelece no interior das redes sociais e reflete as características da superficialidade, da falta de compromisso de reciprocidade com o outro e a espetacularização da vida privada. Lucélia Gomes realizou uma pesquisa sobre a influência da midiatização da religião como instrumento de manipulação do eleitorado evangélico no Brasil: GOMES, Lucélia K. B. *A influência da midiatização da religião: a construção discursiva do “Kit Gay” como instrumento de manipulação do eleitorado evangélico brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. p. 74-81.

¹¹⁰⁷ SCHWANTES, 1984a, p. 32.

A abertura para o ingresso de teólogas e teólogos orgânicos pode acontecer através de parcerias entre os PPGs e a igreja profética de rosto popular, na forma de oportunidades para especialistas em ciências bíblicas aprofundarem seus conhecimentos e habilidades, bem como aperfeiçoarem sua experiência profissional a partir da leitura popular da Bíblia. A igreja profética de rosto popular não é apenas um modelo de igreja que facilita uma atuação eclesial para pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, mas também é uma instituição propícia para o aprimoramento da capacidade de desenvolvimento de pesquisas e projetos inovadores a partir das classes populares. As atividades realizadas nesse modelo de igreja podem impulsionar a produção científica e a visibilidade de pesquisadoras e pesquisadores, por exemplo, através da publicação de artigos e/ou na construção de projetos de pesquisa para o campo das Ciências das Religiões Aplicadas.¹¹⁰⁸ Por lidarem com as camadas populares, as pessoas egressas na área 44 podem desenvolver práticas docentes com a experiência de ensino-aprendizagem e de orientação pressupostas na leitura popular da Bíblia, segundo as concepções defendidas por Milton Schwantes e similares à pedagogia freireana.¹¹⁰⁹

O terceiro passo para implementação da igreja profética de rosto popular se direciona à formação de sua membresia. No século XXI, o corpo de membros desse modelo de igreja não pode presumir somente a aceitação de pessoas adultas trabalhadoras em situação de pobreza, mas abranger diferentes grupos e setores da sociedade. O conceito clássico de pobre não pode mais se ajustar à contemporaneidade, porque se restringe aos aspectos socioeconômicos, necessitando, agora, envolver todas as vítimas de algum tipo de opressão na sociedade, em termos geográficos e existenciais, a saber: vítimas de discriminação racial, étnica ou sexual, por exemplo, pessoas negras, indígenas e mulheres; as minorias estrangeiras, homossexuais ou religiosas; pessoas com deficiência física ou mental; pessoas idosas, entre muitas outras.¹¹¹⁰ O objetivo de uma igreja profética de rosto popular consiste em dar voz e representatividade às pessoas marginalizadas, excluídas ou prejudicadas por questões sociais e políticas, a partir de uma leitura bíblica engajada.¹¹¹¹

A partir da constituição da membresia da igreja – que também poderá apresentar um caráter mutável e dinâmico –, dado que o critério de acolhimento é a participação na leitura popular da Bíblia, os círculos bíblicos podem promover encontros para leitura popular da Bíblia destinados à conscientização de crianças, adolescentes, mulheres, homens, pessoas idosas, entre outros, sobre questões em torno de seu cotidiano. Essas pessoas, em geral, podem ser separadas

¹¹⁰⁸ CAPES, 2019, p. 9.

¹¹⁰⁹ SCHWANTES, 1997, p. 44.

¹¹¹⁰ BOFF, Clodovis; PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 27.

¹¹¹¹ SCHWANTES, 1978, p. 118.

em pequenos grupos para realizarem uma leitura e interpretação que não trata a Bíblia, por exemplo, como uma “reserva de moral de um projeto de poder que gira em torno de temas como defesa da família patriarcal, militarismo, anticomunismo, idealismo punitivo, neoliberalismo”¹¹¹², entre outros. É importante reunir pessoas que se identifiquem com as pautas da agenda da igreja e que estejam dispostas a se organizarem para os rumos pastorais, sociais e políticos por ela estabelecidos.¹¹¹³

Seja com a formação de círculos bíblicos por faixa etária ou qualquer outro critério, a clareza quanto à membresia da igreja profética de rosto popular irá definir a premência dos temas a serem abordados na leitura popular da Bíblia. Para a classe trabalhadora, a ênfase que Milton Schwantes dava aos movimentos sindicais e à defesa dos direitos trabalhistas foi um exemplo disso, porque conscientizava as pessoas sobre a proteção de seus interesses, luta por melhores salários, condições de trabalho e direitos trabalhistas.¹¹¹⁴ Em relação às mulheres, a leitura bíblica engajada pode conscientizar todo o grupo em relação ao combate ao machismo, à violência contra a mulher, à discriminação no mercado de trabalho e na política e diversas questões.¹¹¹⁵ Para as pessoas negras, a leitura popular da Bíblia torna-se eficaz na conscientização contra o racismo e discriminação racial na luta por igualdade e justiça social.¹¹¹⁶ Para a comunidade LGBTQIAPN+, a leitura bíblica engajada pode favorecer uma consciência livre de discriminação, mesmo que isso esteja restrito inicialmente no interior da igreja profética de rosto popular.¹¹¹⁷ Não há limites para as propostas e temas que podem ser definidos nesse modelo de igreja.

Com a formação da membresia da igreja profética de rosto popular, a coordenação colegiada, as teólogas e teólogos orgânicos e o povo poderão identificar os principais problemas enfrentados pelo grupo e o impacto pastoral, social, político e eclesial que se pretende provocar a partir da leitura popular da Bíblia. Essa é a dimensão profética e popular da liturgia que se manifesta na eclesiologia de Milton Schwantes. Ele destacava a relevância da liturgia como *locus* de denúncia das injustiças sociais e anúncio da libertação do povo, defendendo sempre o momento litúrgico não como um ritual da igreja, mas um impulso crucial para o compromisso e o engajamento com a transformação social.¹¹¹⁸

¹¹¹² CARDOSO, 2024, p. 35.

¹¹¹³ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

¹¹¹⁴ SCHWANTES, 1986d, p. 6.

¹¹¹⁵ SCHWANTES, 1984b, p. 153.

¹¹¹⁶ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

¹¹¹⁷ SCHWANTES, 1984b, p. 148.

¹¹¹⁸ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

A liturgia é, nesse sentido, o quarto passo para implementação desse modelo eclesial. Ela pressupõe o resgate da experiência dos pobres e o acolhimento da cultura popular, que pode ocorrer através da música, danças e diferentes expressões artísticas para tornar a celebração mais criativa, viva e relevante. Sem desprezar a hinologia tradicional, por exemplo, a harpa cristã, ou as músicas congregacionais contemporâneas, como os estilos *Gospel* e *Worship* tão executados em diversas igrejas cristãs e/ou evangélicas, a liturgia da igreja profética de rosto popular opta pela inclusão de canções que expressam a identidade, as lutas e a cultura popular brasileira e latino-americana. Zé Vicente, um cantor e compositor nordestino apoiador das CEBs, cantou a seguinte canção em uma palestra ministrada por Milton Schwantes:

O que era noite tornou-se dia, o que era trevas resplandeceu! O que era morte tornou-se vida, porque há um Deus que hoje nasceu! Sobre a terra pesa a noite. Sobre os pobres pesa a opressão. Sobre os braços dos pequeninos, Jesus, Deus menino, traz a redenção. Há mulher pequena e pobre, respondendo 'sim' ao amor. Há um homem buscando guarida. Na terra ferida, nasce o Salvador! Há pastores pelos campos. Há esperança ainda no ar. Paz ao povo de boa vontade, justiça e verdade sem fim vão reinar! Caminheiros vêm de longe. Uma estrela vem do céu, confundindo a reis e tiranos: se cumprem os planos de Deus! Entre o campo e a cidade. Entre a noite e o alvorecer. Cantam o galo, os anjos, o povo, Deus, menino novo, para nós quis nascer! Aleluia! Aleluia! Aleluia!¹¹¹⁹

A música, enquanto um elemento litúrgico, pode ser um instrumento poderoso para estimular uma compreensão popular sobre as questões sociais, políticas, sonhos, projetos e outros, além de auxiliar na formação de uma consciência política das pessoas pobres que pretendem construir uma sociedade justa e igualitária como consequência de sua própria fé e práxis transformadora. A liturgia, nesse sentido, pode ser um espaço para transformação pessoal e social, pois, na eclesiologia de Milton Schwantes, a fé deve seguir na direção da vida e do compromisso com as classes populares: “a liturgia, cada vez mais, precisa corresponder a um povo pobre que se organiza”¹¹²⁰.

Sobre o papel e a relevância da musicalidade nas CEBs, Antônio Manzatto argumenta o seguinte:

As canções nas CEBs cantam a força do povo e afirmam sua grandeza. São populares também porque animam a vida das comunidades tanto nas questões da fé como naquelas que dizem respeito à convivência cotidiana. Mas o destaque vai para seu papel conscientizador, seja sobre a temática religiosa ou teológica, seja sobre a temática social e política. Fiéis à sua matriz, tais canções pensam a realidade do país a partir da periferia, do mundo de baixo, aquele oprimido, explorado e descartado. O

¹¹¹⁹ SCHWANTES, Milton. *A força criadora e libertadora da Palavra (1/5)*. [YouTube, 3 mai. 2012]. São Paulo: GUSTAVO Martins, 2012 (27min 02s). [online]. (26min – 27min 02s).

¹¹²⁰ SCHWANTES, 1992c, p. 51.

papel das canções, então, é o de conscientizar para fomentar a participação popular em todos os espaços da vida.¹¹²¹

No pensamento de Milton Schwantes, a liturgia equivale ao comprometimento com a justiça social e com a solidariedade com os mais pobres. É aquela que se faz memória dos que sofrem e que lutam por uma sociedade mais justa. A liturgia se abre à esperança e anuncia as boas novas do Reino de Deus,¹¹²² e ela pode ser realizada através de diferentes expressões artísticas no seio da igreja profética de rosto popular.

O quinto e último passo proposto para implementação do modelo de igreja em tela é a promoção da práxis transformadora rumo aos desafios sociais.¹¹²³ A práxis transformadora pode acontecer de diferentes maneiras e estratégias, mas, nestas linhas, para efeito de ilustração e sem a intensão de esgotar suas possibilidades de concretização, ela será proposta na forma de projetos de educação e comunicação popular com cursos para as classes populares. Cabe destacar que os projetos podem ser realizados, a depender da necessidade e disponibilidade das teólogas e teólogos orgânicos, nas modalidades presencial e à distância, ou seja, com a utilização de recursos tecnológicos e ambientes virtuais disponibilizados gratuitamente, *a priori*.

A ideia inicial consiste na oferta de três projetos, sendo dois educacionais e outro de comunicação popular. O primeiro projeto educacional objetiva o oferecimento de cursos de inglês, espanhol e alemão para a comunidade. A escolha desses idiomas tem a ver com a habilidade de teólogas e teólogos orgânicos que já se dispuseram para atuarem voluntariamente no projeto, realizando, inclusive, doações de materiais didáticos para serem reutilizados na igreja profética de rosto popular. A oferta de cursos de idiomas é uma maneira de concretizar a práxis transformadora, segundo a eclesiologia de Milton Schwantes, por seu potencial de promoção da: inclusão, no sentido de facilitar a comunicação e a interação com pessoas de diferentes países; capacitação, pois o domínio de um idioma estrangeiro pode ser um diferencial no mercado de trabalho e favorecer diferentes oportunidades de emprego; participação cidadã, porque abre portas para que a membresia da igreja se engaje em questões globais; e fortalecimento da igreja, pela possibilidade de ampliação da atuação de seus agentes para além das fronteiras nacionais.¹¹²⁴

¹¹²¹ MANZATTO, Antônio. Canções nas CEBs. *Revista Annales FAJE*, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 37-43, 2022. p. 39.

¹¹²² SCHWANTES, 1992c, p. 51.

¹¹²³ SCHWANTES, 1992c, p. 49-53.

¹¹²⁴ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

A educação está na lista de direitos a serem reivindicados pelos pobres na literatura de Milton Schwantes. Veja:

Nestas últimas décadas os contrastes se tornaram tão cruéis, o empobrecimento se fez tão avassalador, que já não se pode tapar o sol com a peneira. E, afinal, as classes dominantes não têm solução para a miséria crescente. Os pobres estão jogados sobre si mesmos. Terão que conquistar seus direitos. E é o que vão fazendo, passo a passo, na luta por teto e terra, *por escola* e posto de saúde. Nas lutas sociais, os empobrecidos (mulheres e homens) vão se tornando sujeitos, conquistam sua cidadania [grifo nosso].¹¹²⁵

Em virtude disso, a igreja profética de rosto popular não pode abdicar dessa luta no presente, mas deve contribuir para que essas pessoas conquistem seus direitos e sua cidadania.

O segundo projeto de educação popular pressupõe sua efetivação a curto e longo prazo, porque procura garantir a continuidade das propostas eclesiais de Milton Schwantes pelo incentivo à formação de teólogas e teólogos orgânicos para, junto ao povo, formarem a futura coordenação colegiada da igreja profética de rosto popular.¹¹²⁶ Sobretudo para este propósito, a institucionalização e a rede de colaboradores da igreja têm um valor incomensurável. Por intermédio das parcerias e/ou dos convênios firmados com as instituições de ensino superior e seus PPGs, a igreja profética de rosto popular poderá promover, a curto prazo, cursos livres em teologia bíblica, visando mormente a capacitação em exegese de pessoas interessadas, para, então, a longo prazo, favorecer o ingresso de mulheres e homens que eventualmente desejam tornar-se profissionais das Ciências da Religião e Teologia. Isso pode acontecer através da solicitação de bolsas de estudos e/ou da participação em processos seletivos das universidades estaduais e federais que oferecem os cursos de Teologia e Ciências das Religiões.

Com o domínio de outros idiomas e por portar um diploma de curso livre em teologia expedido pela igreja profética de rosto popular, desde que seja portadora de outro diploma de graduação reconhecido pelo Ministério da Educação, qualquer pessoa terá grandes chances, por exemplo, de ingressar no mestrado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Dentre os requisitos para admissão no mestrado em Teologia da PUC-Rio para o ingresso no primeiro semestre de 2025, destacam-se os seguintes:

Ao/à candidato/a formado em Cursos Livres de Graduação de Teologia, com média final igual ou superior a 8,0 (oito) e carga horária igual ou superior a 1.600 horas/aulas, poderá ser permitida a admissão, desde que portador de diploma de outro curso de Graduação reconhecido pelo MEC, a critério da Coordenação do Programa [...]. Ter comprovado proficiência em 1 (uma) das seguintes línguas estrangeiras modernas: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês ou Italiano [...]. Ao/à candidato/a para a Área de

¹¹²⁵ SCHWANTES, 1989a, p. 10.

¹¹²⁶ SCHWANTES, 1987a, p. 46-47.

Teologia Bíblica, ter comprovada proficiência nas línguas hebraica e grega bíblicas.¹¹²⁷

No curso livre de teologia oferecido pela igreja profética de rosto popular já está pressuposto o ensino instrumental dos idiomas hebraico e grego bíblicos. No decorrer da minha formação teológica, obtive conhecimentos instrumentais dessas línguas, destacando-me mais no aprendizado do hebraico, que me abriu possibilidades para ensaiar ações de ensino à luz do modelo eclesial em tela.¹¹²⁸ Além disso, na comunidade acadêmica brasileira, existem diversas pesquisadoras e pesquisadores que dominam essas línguas e podem contribuir com a gravação de aulas de hebraico e grego para composição desse curso livre.

Em sua essência, a igreja profética de rosto popular emerge de uma proposta eclesial que visa superar o distanciamento entre a teologia bíblica e o povo, através da formação de uma corrente orgânica de teólogas e teólogos, que, uma vez formados, devem inserir-se na pastoral com propósitos políticos, econômicos, sociais, culturais e eclesiais.¹¹²⁹ Essa igreja é, nesse sentido, o ponto de partida e de chegada, especialmente no que diz respeito à formação acadêmica das teólogas e teólogos orgânicos. Dela emergem os insumos para novas pesquisas acerca da Bíblia e, para ela, devem retornar as contribuições das ciências bíblicas, porém, traduzidas em linguagem popular.¹¹³⁰

O projeto de comunicação popular, além de explorar bastante o uso da linguagem popular, objetiva a produção de conteúdos informativos e educativos sobre as pautas presentes na agenda da igreja profética de rosto popular. Esse parece ser o projeto com caráter mais interdisciplinar em relação aos outros, porque ele prevê uma comunicação horizontal que prioriza a participação ativa de intelectuais de diferentes áreas do conhecimento para, junto ao povo, construírem coletivamente conteúdos e mensagens. Por exemplo, o povo pode se reunir para eleger um tema relacionado à sua vida e experiência, como um caso de violência doméstica noticiado em jornais. Após a seleção do tema, diferentes especialistas serão convidados para abordar o assunto, o que poderá ocorrer através de textos breves ou vídeos, que serão divulgados nas redes sociais da igreja e de sua membresia, no intuito de conscientizar as pessoas a partir de exemplos concretos. O povo também participa dessa última etapa, contribuindo com suas críticas sobre determinado assunto.¹¹³¹

¹¹²⁷ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). *Edital 2024.2: Mestrado em Teologia* – ingresso 2025.1. Rio de Janeiro: PUC-Rio. [online]. p. 3.

¹¹²⁸ CRUZ, 2021, p. 14.

¹¹²⁹ SCHWANTES, 1986b, p. 83-84.

¹¹³⁰ SCHWANTES, 1985c, p. 1-5.

¹¹³¹ A comunicação popular deve ser entendida nestas linhas como uma estratégia de troca de informações e ideias em caráter horizontal, porque dispensa a hierarquização em preferência à participação coletiva dos agentes envolvidos. Ela é comumente desenvolvida em comunidades, movimentos populares e grupos sociais que se

A comunicação popular é um elemento importante para a concretização das propostas eclesiológicas de Milton Schwantes. Ela insere a igreja profética de rosto popular como agência promotora da democratização de informações e ideias. Em sua proposta de horizontalidade, abre espaço para a participação do povo ao lado de teólogas e teólogos orgânicos e demais intelectuais de outras áreas do conhecimento, desde a produção dos conteúdos até sua disseminação. Nesse sentido, o projeto de comunicação popular da igreja profética de rosto popular está a serviço da práxis transformadora, porque é um recurso que privilegia a defesa dos direitos dos pobres e visa a construção de uma sociedade justa e igualitária: “a libertação é questão pastoral [...] está no dia-a-dia da atuação eclesial em meio às dores e às esperanças do povo”¹¹³².

Para efeito ilustrativo, os passos sugeridos para a implementação da igreja profética de rosto popular estão sintetizados no quadro a seguir:

Quadro 1. Passos para implementação da igreja profética de rosto popular¹¹³³

PASSO SUGERIDO	AÇÕES SUGERIDAS
Institucionalização	a) Elaboração do estatuto social, ata de fundação, registro em cartório, inscrição no CNPJ, aquisição de alvará de funcionamento e outras licenças necessárias. b) Estabelecimento das regras de funcionamento.
Rede de colaboração	a) Estabelecimento de parcerias com as instituições de ensino superior, em especial com os PPGs da área Ciências da Religião e Teologia. b) Estabelecer parcerias com teólogas e teólogos orgânicos para contribuírem virtualmente no ciberespaço: redes sociais e outros.
Formação da membresia	a) Convidar pessoas de diferentes grupos e setores sociais, que se identifiquem com as pautas da igreja profética de rosto popular, para a leitura popular da Bíblia.
Liturgia	a) Seleção prévia de músicas, danças e outras expressões artísticas que, de alguma maneira, dialoguem com os temas que serão articulados na leitura popular da Bíblia.

apropriam de recursos comunicativos para expressarem suas questões, dilemas e visões de mundo. Para mais informações sobre esse conceito, leia: PERUZZO, Cíclia M. K. *Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2022. p. 23.

¹¹³² SCHWANTES, 1991a, p. 132.

¹¹³³ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

	b) Promover uma liturgia comprometida com a realidade das pessoas mais pobres, com criatividade e engajamento a partir da Bíblia.
Promoção da práxis transformadora	a) Oferta de cursos de idiomas: inglês, espanhol e alemão. b) Oferecimento de curso de livre de teologia. c) Projeto de comunicação popular.

De maneira alguma, os passos suprasugeridos para implementação da igreja profética de rosto popular esgotam suas possibilidades de revisão, atualização e ampliação. O aprimoramento vem com a caminhada. O modelo de igreja profética de rosto popular já vem sendo implementado, por enquanto, em caráter informal, na região V do Município de Vila Velha, no Estado do Espírito Santo. Trata-se de uma implementação marcada por muitas limitações, mas, que caminha esperançosamente. Nos passos solitários dados até aqui, compreende-se que a institucionalização abriria portas para formar uma rede de colaboração, o que expandiria o alcance da igreja para atender demandas de diferentes grupos e setores da sociedade. Apesar das barreiras e dos limites, “a igreja profética [de rosto popular] é um ensaio urgente e necessário em nossa situação”¹¹³⁴.

PPCPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

¹¹³⁴ SCHWANTES, 1978, p. 117-118.

CONCLUSÃO

Procurei pelos vestígios de uma eclesiologia escamoteada na literatura de Milton Schwantes como um dos tesouros nela contido, porém, raríssimas vezes comentado ou aprofundado nos textos que versam sobre a vida e obra do autor. O objetivo principal da pesquisa consistiu em avançar no debate que iniciei no mestrado em Ciências das Religiões sobre o horizonte hermenêutico desse biblista brasileiro a partir de seus desdobramentos em uma proposta eclesiológica fundamentada na atuação profissional, orgânica e popular de teólogas e teólogos, em especial pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia, considerando suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas.

Nem todas as obras literárias produzidas pelo autor foram analisadas. Privilegiei a análise daquelas que, em maior ou menor escala, refletem seu horizonte eclesiológico e proposta de atuação orgânica para profissionais das Ciências da Religião e Teologia, em uma perspectiva profética e popular direcionada à realidade das pessoas em situação de pobreza. O saudosismo demasiado que percebi em torno da memória de Milton Schwantes, além de representar um grande obstáculo que impediu acessar poesias e manuscritos não publicados bem como realizar entrevistas com biblistas que com ele trabalharam e conviveram, justifica minha estratégia discursiva e proposta de delimitação para tornar o material literário publicado como a principal fonte de estudo.

Por essa razão, optei por um *blend* metodológico capaz de articular a pesquisa bibliográfica, documental e exploratória. Através da pesquisa bibliográfica, debrucei-me não somente sobre as obras de Milton Schwantes, mas recorri ao ferramental das Ciências Sociais, da hermenêutica bíblica latino-americana, da Arqueologia e Sociologia da Bíblia, das Ciências das Religiões Aplicadas e outras áreas correlatas, para contextualizar o debate que levantei em torno da eclesiologia do autor. A análise documental contemplou o *Documento de área 44* da CAPES, essencial não apenas para as aproximações com as propostas profissionais e orgânicas evidenciadas na literatura analisada, mas também, a partir do caráter exploratório da tese, delinear o aspecto profissional da pesquisa em torno da hipótese do modelo de uma igreja profética de rosto popular para atuação de teólogas e teólogos orgânicos.

Em face dos limites supramencionados e do caminho metodológico percorrido, busquei uma resposta para a seguinte pergunta-problema: como a literatura de Milton Schwantes apresenta um modelo eclesiológico pautado numa atuação orgânica e popular com pressupostos hermenêuticos para a atividade profissional de teólogas e teólogos, sobretudo pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, e quais suas implicações para as Ciências das Religiões

Aplicadas? Considero plausível manter a hipótese inicial da pesquisa com algumas ressalvas necessárias. Mas, antes de discorrer sobre ela, pretendo refletir sobre os momentos que me ajudaram no processo de sua confirmação.

A estruturação do referencial teórico a partir das contribuições de Antonio Gramsci e Paulo Freire foi um momento importante para situar Milton Schwantes não apenas como um intelectual orgânico, mas um formador e assessor de redes orgânicas, populares e ecumênicas na América Latina, como também ajudou a identificar na sua literatura a presença de elementos da educação popular. Pelas lentes de Antonio Gramsci, Milton Schwantes foi considerado um intelectual orgânico pelos vínculos que estabeleceu com os setores agrários, urbanos e populares dos movimentos sociais e rurais brasileiros, em especial nas décadas de 1970 e 1980. Ele foi um pastor luterano com um perfil profundamente ecumênico, um professor acadêmico de Ciências das Religiões e Teologia e um exímio pesquisador da Bíblia engajado na organização popular em um período marcado pelos efeitos deletérios da ditadura militar, por tensões eclesiais e pela efervescência dos movimentos sociais. Com essas lentes, ainda foi possível captar o interesse do autor na formação de uma corrente orgânica de teólogas e teólogos para uma sutura completa entre essas e esses profissionais com o povo para enriquecer as experiências com a leitura popular da Bíblia a partir da subserviência da exegese à pastoral.

Os elementos da educação popular freireana em minha proposta complementar do referencial teórico notados nos *corpora* de Milton Schwantes foram os seguintes: teoria-prática, conscientização e relações com o mundo do trabalho, levando em conta as experiências do autor com a leitura popular da Bíblia e seus vínculos com os setores populares da América Latina. Milton Schwantes se esforçou para confluir as experiências com a leitura popular da Bíblia com o conhecimento acadêmico e popular, para promover uma leitura da realidade na ótica dos pobres, ultrapassando o exercício de uma leitura bíblica desinteressada, mas constituída em relações históricas e políticas.

Em correspondência aos seus objetivos específicos, a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos. O objetivo do primeiro capítulo consistiu em propor uma taxonomia para sistematizar, organizar e classificar a literatura de Milton Schwantes, visando descrever, identificar e conceituar sua eclesiologia. Iniciei com uma reflexão sobre a recepção das obras literárias do autor na América Latina, que se mostrou atrelada ao cenário político, econômico e social, incluindo os conflitos eclesiais em torno da proposta de uma igreja dos pobres, bem como considerei o horizonte teológico protestante e os estudos bíblicos da segunda metade do século XX nessa análise contextual. Todo esse contexto representou um desafio na compreensão tradicional da práxis das igrejas, nas relações entre teologia protestante e dilemas

sociais e no campo da hermenêutica bíblica especializada, abrindo um espaço significativo para a recepção das ideias do autor materializadas em sua literatura. Foram destacadas as lutas sociais contra a ditadura militar e o capitalismo industrial e seus efeitos sobre os pobres, em paralelo aos conflitos eclesiais que ferventavam o contexto brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, que tornaram a igreja parte dos problemas enfrentados pelo autor.

Alguns movimentos latino-americanos facilitaram o processo de recepção das obras de Milton Schwantes. O camilismo, em sua concepção prática do marxismo não dissociada do cristianismo, imprimiu a perspectiva da rebelião no papel da igreja de transformar radicalmente as estruturas econômicas e sociais que exploravam os pobres. A metodologia popular freireana e suas propostas de conscientização e politização do povo mostraram-se relevantes para a leitura popular da Bíblia, inserindo na literatura em questão a ideia de uma revolução impulsionada pela crítica e organização popular para superar as contradições impostas pelas estruturas opressoras da sociedade.

As transformações na consciência social protestante, especialmente a partir de ISAL, além de reorientar a relação do protestantismo com os dilemas sociais latino-americanos e aguçar a responsabilidade social da igreja no processo de transformação da sociedade, promoveram deslocamentos hermenêuticos acerca da primazia da práxis no fazer teológico, o que também se mostrou essencial para a recepção das obras de Milton Schwantes. O aparato crítico das Ciências Sociais favoreceu a leitura científica da realidade latino-americana, uma estratégia que perpassa não só a literatura do autor, mas marcou o envolvimento dele, ao lado de outros protestantes, com os movimentos sociais e populares das décadas de 1970 e 1980.

A Teologia da Libertação, que pressupunha um fazer teológico e hermenêutico a partir do povo, sua realidade e necessidades, inserindo o pobre como sujeito de sua própria libertação, foi um campo fértil para a recepção das obras de Milton Schwantes. As obras do autor foram amplamente publicadas e traduzidas para os idiomas falados na América Latina, sobretudo o português e o espanhol. Isso me levou a entender que a participação do autor em redes e projetos ecumênicos, tais como RIBLA, REBILAC, CIB e outros, facilitaram a experiência de recepção desses *corpora* na América Latina.

Houve ainda repressão e resistência por parte das igrejas latino-americanas quanto ao projeto de uma igreja dos pobres. Conflitos eclesiais que, a meu ver, favoreceram a recepção das obras do autor, porque são textos que denunciam os modelos eclesiais que apoiam ou se silenciam diante da opressão arregimentada pelo Estado, ou que mantêm uma estrutura hierárquica rígida e perpetuadora dos processos de opressão contra os pobres. Foram tensões eclesiais que abriram espaço para um ecumenismo para além das fronteiras do cristianismo, por

intermédio da ação pastoral das CEBs e das redes ecumênicas não eclesiais, rompendo com as concepções tradicionais de igreja institucional e inserindo a atividade eclesial na transformação da história e da sociedade. Considero que a literatura de Milton Schwantes teve uma boa recepção na América Latina, porque ela expressa o protagonismo das classes populares e defende seus interesses e direitos, além de abordar temas censurados no contexto da ditadura militar e refletir, hermeneuticamente, a conjuntura política, econômica, social, cultural e eclesial latino-americana em uma linguagem clara e compreensível para a comunidade acadêmica e setores populares.

O mapeamento e classificação das obras literárias publicadas em 1970 e 1980 privilegiaram o horizonte eclesiológico de Milton Schwantes. Em geral, os textos espelham a adesão de algumas teses marxistas como chave interpretativa da Bíblia e de seu *Sitz Im Leben*, demonstrando críticas contra o sistema capitalista latino-americano e no contraponto das posturas eclesiais de apoio ou silenciamento em face da opressão dos pobres. A literatura do autor realça o conflito bíblico entre campo e cidade, e a negligência do templo de Jerusalém quanto ao sofrimento da classe camponesa. O evento do êxodo e os profetas veterotestamentários são chaves de leitura e interpretação da Bíblia e da realidade, porque, segundo o autor, representam uma memória e um movimento incompatíveis e antagônicos com a dominação que pauperiza os pobres. As obras mapeadas destacam a visão política do autor, a importância da organização popular, a inserção das igrejas nos movimentos sociais e populares, a necessidade de reestruturação hierárquica das igrejas, a função subserviente da exegese à pastoral, o protagonismo dos pobres no processo de leitura e interpretação da Bíblia, o ecumenismo para além das fronteiras cristãs e correspondente ao clamor dos pobres e o conceito de pobre em seu sentido sociológico e teológico, traduzindo a inclinação divina para as pessoas socialmente enfraquecidas.

A eclesiologia de Milton Schwantes foi gestada em uma conjuntura de efervescência política, econômica, social, cultural e eclesial, refletindo os esforços de uma geração de biblistas latino-americanos e teólogas e teólogos da libertação para transformações contextuais para além dos espaços institucionalizados das igrejas. Ela trata o pobre como sujeito pauperizado pela ação das instâncias dominadoras da sociedade, vítimas da injustiça estatal e eclesial. A força da igreja profética de rosto popular desponta de uma transformação interna, isto é, da inclinação à opção preferencial pelos pobres em oposição à pobreza, através da leitura popular da Bíblia. Uma eclesiologia que correlaciona reflexão bíblica com a pastoral, tratando a leitura popular da Bíblia como um projeto divino direcionado aos pobres. Milton Schwantes não pretendeu captar ou transformar as igrejas de seu tempo – em sua maioria, elas rejeitaram essa opção –, mas

idealizou uma eclesiologia como resposta aos dilemas sociais de sua época. Igreja, na literatura do autor, é um movimento social e político, que atua preferencialmente em defesa dos pobres e se insere nas camadas populares. É um espaço democrático para uma leitura bíblica engajada, que dissemina as perspectivas da profecia bíblica e do êxodo libertador. Por essas razões, a igreja é um campo fértil para atuação de teólogas e teólogos orgânicos.

O capítulo finaliza com um diálogo com Antonio Gramsci, situando Milton Schwantes como um intelectual orgânico que pretendeu formar uma corrente orgânica de teólogas e teólogos, em especial pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico. A teoria gramsciana situou Milton Schwantes como intelectual orgânico – educador, organizador popular e dirigente político – pelas relações que ele estabeleceu com os setores urbanos e agrários dos movimentos sociais e populares nas décadas de 1970 e 1980, além das CEBs, MST, CPT, CEBI e espaços congêneres. A visão política e o horizonte hermenêutico do autor mostraram-se influenciados pela mundividência campesina e pela realidade dos trabalhadores rurais e operários urbanos de sua época, colorindo sua proposta eclesiológica. A formação de uma corrente orgânica de teólogas e teólogos se concentra amplamente na leitura popular da Bíblia, nos círculos bíblicos promovidos pela igreja profética de rosto popular, para ler e interpretar a Bíblia na perspectiva do movimento profético, rememorar o êxodo bíblico, articular a exegese a serviço da pastoral e fomentar a inserção da igreja nas classes populares. A formação dessa corrente de pensamento procura romper com a abstração teórica e assumir os contornos da práxis transformadora a partir da igreja profética de rosto popular, um espaço que favorece a confluência de elementos eclesiásticos, acadêmicos e populares.

No segundo capítulo, localizei os seguintes elementos da educação popular freireana que perpassam a literatura de Milton Schwantes: teoria-prática, conscientização e as relações com o mundo do trabalho, que gestaram uma eclesiologia fundamentada na experiência concreta e que abrange a dialogicidade, a autonomia e o binômio ação-reflexão. A exegese especializada foi redirecionada à luz da realidade concreta dos pobres, dando novos contornos às dimensões litúrgicas da igreja profética de rosto popular: uso da linguagem popular, inserção nas camadas periféricas e movimentos sociais, leitura bíblica como ato político para transformação social. A conscientização popular é uma consequência direta da leitura popular da Bíblia, porque ela favorece a análise crítica da realidade e se desdobra na busca pela superação dos problemas sociais. Quanto ao mundo do trabalho, Milton Schwantes partiu de uma análise das relações de produção, formas de organização e condições de trabalho no mundo bíblico e na sua época, para propor uma eclesiologia pautada na dinâmica do conflito campo-

cidade. A igreja profética de rosto popular procura responder às necessidades contemporâneas e favorecer a construção de uma cultura anticapitalista.

Os elementos da educação popular freireana parecem fornecer uma perspectiva prático-transformadora para a eclesiologia de Milton Schwantes, tornando-a uma eclesiologia da humanização. A criação de espaços para leitura popular da Bíblia, diálogo e participação ativa de teólogas e teólogos orgânicos com o povo são aspectos centrais para pensar a leitura bíblica como ato eclesial e político. A eclesiologia mostrou-se revolucionária e popular, sobretudo em sua proposta de inserir os pobres no processo de leitura e interpretação da Bíblia, ao passo que, no diálogo com a metodologia freireana, ela pressupõe a criação de espaços para conscientização e politização deles. A ação transformadora é uma ação refletida que sinaliza para o rompimento com a cultura do silêncio entre os pobres que gritam por libertação, superando as tramas ideológicas que obscurecem a realidade e tratam o pobre como ser a-histórico. Ler a vida com a Bíblia nas mãos do povo seria um ato hermenêutico e político capaz de instaurar um processo de transformação na sociedade a partir da igreja profética de rosto popular.

A leitura popular da Bíblia nos círculos bíblicos não é apenas uma questão democrática, e sim uma estratégia de resgate das memórias populares do mundo antigo escamoteadas nas perícopes bíblicas para mobilizar o universo de saberes do povo e ressignificar o horizonte do texto para conferir sentido à vida. Teólogas e teólogos orgânicos facilitam os processos hermenêuticos com seu domínio exegético-científico, mas são os pobres que têm algo verdadeiramente relevante para ensinar. A leitura é, nesse sentido, mais ampla que a exegese especializada, porque é através dela que a vida ganha um novo sentido. Círculos bíblicos são espaços que aproximam a Bíblia de questões sociais, políticas e econômicas, sem incorrer no risco de se misturar com o poder. A organização do povo na igreja é uma forma de empreender uma ação transformadora para superar as crises sociais.

Círculos bíblicos são espaços promotores da fusão de horizontes entre o mundo bíblico e a contemporaneidade. Eles facilitam a disponibilização da Bíblia para o povo, promovem uma leitura bíblica encarnada nas lutas populares, integram as ciências bíblicas à pastoral e ajudam o povo a compreender a ação divina nas ações humanas, sobretudo nas lutas sociais e populares. Essa leitura conta com o auxílio de teólogas e teólogos orgânicos para exercícios hermenêuticos participativos, auxiliando o povo no processo de conscientização e politização a partir da Bíblia e da pastoral.

A dimensão política da eclesiologia de Milton Schwantes reflete o horizonte teológico dos círculos protestantes da Teologia da Libertação nos aspectos da responsabilidade social

cristã, visão ecumênica, crítica profética contra o sistema capitalista latino-americano e organização popular e serviço à pastoral. A responsabilidade social cristã tem no evento do êxodo, no movimento profético e no distanciamento dos sistemas opressores da sociedade um novo *ethos* para as relações entre igreja e sociedade latino-americana. A visão ecumênica constitui o foco político-ecclesiológico do autor, porque enxerga na unidade e na cooperação entre as igrejas e diferentes religiões uma maneira de privilegiar o sofrimento dos pobres e sua libertação. Trata-se de uma ecclesiologia política com referencialidade bíblica que protagoniza os pobres como sujeitos intérpretes privilegiados da Bíblia. Nesse sentido, em sua dimensão política, essa perspectiva ecclesiológica evoca a tradição bíblica como resposta aos dilemas sociais, econômicos, políticos e eclesiais.

No terceiro capítulo, Milton Schwantes foi descrito como um transgressor de fronteiras entre as Ciências das Religiões e Teologia. Sua metodologia hermenêutica escapou da lógica e critérios do agnosticismo metodológico em suas inclinações ideológicas e políticas, com um forte apelo teológico e sem neutralidade científica, prescrevendo como deveria ser o papel político da igreja na América Latina. Ele não manteve uma indiferença normativa quanto às características da literatura e religião do mundo bíblico ao tomar partido pelas manifestações populares do Israel antigo, aproximando-se de seu objeto de investigação – a Bíblia – e avaliando politicamente o cenário latino-americano com prescrições políticas para a igreja em relação aos dilemas sociais da época. O caminho seguido pelo autor foi o da confluência entre estudos bíblicos, leitura popular da Bíblia e pastoral. Sua dedicação na formação de redes ecumênicas, sem perder de vista a articulação metodológica entre as Ciências das Religiões e a Teologia, foi um passo dado nessa direção.

Os pontos de confluência identificados nas obras literárias de Milton Schwantes que permitem articulações da hermenêutica bíblica a partir das Ciências das Religiões e da Teologia foram os seguintes: a interdisciplinaridade, os estudos sociológicos do mundo bíblico, as contribuições da linguística em torno das línguas bíblicas e as relações entre a proposta ecclesiológica do autor com a ação pastoral. Trata-se de uma ecclesiologia elaborada a partir de fontes escritas, orais e materiais que evoca articulações acadêmicas e conhecimento linguístico para promover a comparação e a contextualização que, no interior das Ciências das Religiões e de suas propostas metodológicas, são aspectos que favorecem a construção de categorias temáticas ou explicativas internas ao sistema religioso e localizam um ou mais elementos da religião em seu contexto histórico-social. Comparação e contextualização representam uma das marcas metodológicas na literatura em questão.

No modelo de uma igreja profética de rosto popular, as relações entre pastoral e exegese especializada mostraram-se nucleares. Em suas implicações para as Ciências das Religiões Aplicadas, a ação pastoral foi conceituada como uma ação refletida, uma práxis com fundamentação teórica contextualizada. A exegese especializada, enquanto teoria que sustenta a ação pastoral na eclesiologia em tela, não é da ordem da abstração e da generalização, mas tem uma função política que reorienta a prática da igreja profética de rosto popular. Exegese foi tratada como uma dimensão da ação pastoral, um instrumento político, prático e utilizável indispensável para a igreja na resolução de problemas sociais e transformação da sociedade. A ação pastoral é uma ação humana sujeita às contingências históricas e, por isso, ela se associa às Ciências das Religiões. Nos *corpora* de Milton Schwantes, o termo pastoral recebe tonalidades marxistas, porque designa uma práxis transformadora que requer compromisso e consciência política. Ela não se reduz a uma ação clerical, porque pressupõe a descentralização do poder eclesial e o advento das classes populares nas instâncias de decisão da igreja. A ação pastoral é fruto de uma hermenêutica bíblica contextualizada, que retroalimenta a práxis da igreja profética de rosto popular – principal agência da ação e reflexão na perspectiva dos pobres.

As Ciências das Religiões estão presentes na literatura de Milton Schwantes sobretudo em suas intencionalidades pastorais. Ele explorou os três grandes momentos da ação pastoral como práxis transformadora em sua literatura: contextualização, projeção e execução da ação de uma comunidade de fé. A contextualização hermenêutica foi direcionada à América Latina, e o papel da igreja fora situado em relação às classes populares e às instituições religiosas e políticas desse continente. A projeção da ação pastoral envolve a utopia da transformação social traduzida na construção de uma sociedade justa e igualitária, em que os pobres teriam seus direitos garantidos: terra, alimento e família. A execução da ação pastoral conta com o suporte institucional da igreja profética de rosto popular para transformar a realidade dos pobres latino-americanos.

Milton Schwantes não procurou adequar sua eclesiologia ao modelo pastoral. Na verdade, para ele, a pastoral era a única maneira de pensar e fazer Ciências das Religiões e Teologia. Seu horizonte científico e eclesiológico é pastoral, o que desafia os pressupostos da área 44, que, em suas classificações elementares sobre o papel da igreja, foi incapaz de domesticar o autor. Por isso, ele não foi apenas um transgressor das fronteiras epistemológicas das Ciências das Religiões e da Teologia, mas um intelectual orgânico subversivo que imaginou o papel da igreja para além das proposições e diferenciações impostas pela área. A práxis transformadora tem implicações imediatas sobre o perfil profissional da teóloga e teólogo em

termos de neutralidade científica, porque não são meros observadores/as de fenômenos bíblicos e religiosos, mas agentes facilitadores/as da transformação social junto às classes populares. São educadores/as populares através da leitura popular da Bíblia, que confluem fé e ciência para resolução de problemas sociais. Por último, são profissionais que iniciam sua jornada intelectual nas universidades, mas seu método é forjado e consolidado na pastoral, na organização popular, nos movimentos sociais e na participação nos círculos bíblicos para leitura popular da Bíblia.

As Ciências das Religiões Aplicadas mostram-se um campo fértil não apenas para o estabelecimento de mediações científicas, mas, também, como uma possibilidade de formação complementar para as teólogas e teólogos orgânicos, que, eventualmente, desejam denunciar e solucionar problemas sociais no século XXI. Milton Schwantes é filho de seu tempo. Mas, isso não significa que seu interesse pelo recrudescimento dos núcleos de sentido da Bíblia não tenha uma serventia no processo de formação de um horizonte hermenêutico engajado na transformação das estruturas sociais na contemporaneidade. As Ciências das Religiões Aplicadas mostraram-se uma modalidade que favorece a construção de novos conhecimentos a partir da vida e abre-se para novas propostas epistemológicas e metodológicas. Trata-se de uma eclesiologia da práxis transformadora, que pressupõe um engajamento por parte das teólogas e teólogos orgânicos destinado às classes populares da América Latina. As Ciências das Religiões Aplicadas abrem espaço para essa proposta eclesiológica, porque constituem um tipo de intervenção prática que pressupõe a aplicação de conhecimentos e teorias para objetivos sociais e profissionais para além da academia e das igrejas.

No quarto capítulo, procurei esboçar o aspecto profissional da pesquisa, classificando a igreja profética de rosto popular como *locus* privilegiado para atuação de teólogas e teólogos orgânicos na contemporaneidade. Esse modelo de igreja é pertinente para o século XXI, sobretudo pelos efeitos deletérios provocados pelas leituras fundamentalistas da Bíblia que legitimam atos violentos e guerras cotidianas contra pessoas e grupos na sociedade. No presente, o popular mudou e, mesmo com a Bíblia em posse das camadas populares, o jeito que ela é lida tem motivado diferentes tipos de violências. Logo, a igreja profética de rosto popular tem uma proposta de leitura diferente do projeto fundamentalista, pois não a reduz a mera comprovação doutrinária e nem rejeita a diversidade de perspectivas religiosas e teológicas nela existentes, sobrelevando o caráter crítico e profético das narrativas bíblicas.

O modelo eclesiológico de Milton Schwantes desponta como exemplo, entre muitos outros, de uma hermenêutica bíblica crítica e criativa para mitigar os efeitos nocivos das leituras fundamentalistas da Bíblia no presente. A igreja profética de rosto popular resgata a história

das narrativas e, com isso, liberta o texto bíblico das apropriações e hermenêuticas centradas no privilégio, no elitismo, no imperialismo e nas guerras cotidianas que costumam ser maquiadas como valor neutro. Esse modelo de igreja pode favorecer a descoberta de importantes facetas dos processos históricos e sociais em torno da diversidade de tradições religiosas do mundo antigo e contribuir para o desenvolvimento de outras propostas de leitura popular no presente, porém, com a devida criticidade que se exige no interior dos círculos bíblicos.

Os círculos bíblicos instauram uma batalha hermenêutica através da leitura popular da Bíblia contra o projeto fundamentalista. Os pobres encontram força intelectual nas teólogas e teólogos orgânicos para tornarem a leitura bíblica mais fecunda e livre das tramas ideológicas e da manipulação sustentadas pelas classes dominantes que se utilizam da leitura fundamentalista da Bíblia para defender seus interesses. A orientação de Milton Schwantes para superação do fundamentalismo bíblico é a realização de uma leitura popular da Bíblia sem a necessidade de abdicar do aparato crítico da exegese especializada. A maior contribuição dos círculos bíblicos no processo de superação da leitura fundamentalista parece ser a busca pelo sentido histórico-social da Bíblia a partir de um ambiente eclesial e comunitário *ad hoc*. A leitura popular da Bíblia combina os resultados históricos obtidos pela análise exegetica com aspectos teológicos, no intuito de tornar a igreja não apenas profética e popular, mas viva e ativa no seio das camadas populares da sociedade.

A atuação de teólogas e teólogos orgânicos na contemporaneidade enfrenta inúmeros desafios, sendo os mais notáveis o metodológico e o de atuação. Há uma resistência coletiva na comunidade acadêmica que dificulta situar a proposta orgânica da eclesiologia de Milton Schwantes como um modelo viável para as Ciências das Religiões. Contudo, o *Documento de área 44* abre lacunas para tornar isso possível. Os/as profissionais da área são apresentados como aptos para o desenvolvimento de abordagens teórico-metodológicas direcionadas a uma teologia da práxis e capazes de atuar em questões ligadas à religião na qual é especialista no espaço público, o que não exclui o estudo da Bíblia. Em termos de atuação, o documento não diferencia os profissionais das Ciências das Religiões e da Teologia, mas sugere articulações interdisciplinares para uma maior inserção social qualificada e transformadora direcionada ao atendimento de uma variedade de demandas públicas contemporâneas: superação de desigualdades, redução da pobreza, justiça social, respeito à diversidade cultural e religiosa e muitas outras. Teólogas e teólogos orgânicos são, nesse processo, facilitadores de experiências do povo com a Bíblia em um determinado contexto eclesial e, por isso, sua atuação não deveria ser desprezada no interior das Ciências das Religiões Aplicadas.

A proposta profissional da pesquisa sugere a institucionalização, parcerias com instituições de ensino superior, formação de membresia, definição da liturgia e promoção da práxis transformadora. Com essa proposta profissional, considero a igreja profética de rosto popular como um antídoto contra o fundamentalismo bíblico, porque ela fomenta relações vitais entre o povo com a Bíblia sem distorções, mas com um sentido histórico-comunitário. Preciso assinalar que esse modelo de igreja se torna pertinente para o século XXI na medida em que propõe superar os discursos religiosos pautados em leituras fundamentalistas da Bíblia que promovem a polarização entre diferentes segmentos sociais e eclesiais, combatendo leituras classistas, sexistas, xenofóbicas, homofóbicas, machistas, racistas, entre tantas outras, que circulam em púlpitos e redes sociais sob a bandeira da liberdade religiosa, colocando em xeque direitos individuais e coletivos.

Do *corpus* literário de Milton Schwantes, esforcei-me para extrair um modelo de igreja profética de rosto popular para atuação de teólogas e teólogos orgânicos, em especial pesquisadoras e pesquisadores da Bíblia. Esse modelo de igreja mostrou-se um caminho possível para superação e/ou mitigação da leitura fundamentalista do texto bíblico no século XXI, pelo seu caráter plural, diverso e abrangente e suas intencionalidades de abarcar a dinâmica social heterogênea de grupos distintos. A igreja profética de rosto popular é um espaço para uma hermenêutica bíblica engajada, porque, sem abdicar do instrumental exegetico-interpretativo, leva em consideração os processos interpretativos que a Bíblia passou no decorrer do tempo e constituem sua riqueza. É um espaço simultaneamente eclesial, acadêmico e popular, que visa conduzir os pobres aos umbrais da conscientização e politização, e não se fecha nos princípios doutrinários e morais disseminados pelo projeto fundamentalista. Há que se pensar na hermenêutica bíblica realizada na igreja profética de rosto popular como uma abertura para várias dimensões da existência, uma hermenêutica da práxis transformadora.

Portanto, mantenho a hipótese inicial da pesquisa de que há uma eclesiologia subjacente nos *corpora* de Milton Schwantes, que interpreto como um modelo de igreja profética de rosto popular, *locus* privilegiado para atuação profissional de teólogas e teólogos orgânicos, em especial pesquisadoras e pesquisadores do texto bíblico, com profundas implicações para o campo das Ciências das Religiões Aplicadas. Ela não existe sem os pobres, alvo e fonte da eclesiologia do autor. É um caminho para assessoria institucional das classes populares e uma alternativa para enfrentamento dos efeitos deletérios provocados pela leitura fundamentalista no presente.

Finalmente, permanecem inúmeras questões a serem aprofundadas com o desenvolvimento de futuras pesquisas. Minha sugestão é que se explore, através de um estudo

de caso, o perfil pastoral de Milton Schwantes na IECLB a partir de entrevistas com pessoas pastoreadas por ele. Nos limites da literatura analisada na pesquisa, considero que ele não foi um pastor luterano representante de uma igreja alemã no Brasil, e sim um pastor totalmente brasileiro, latino-americano, que queria superar a concepção de que sua igreja existia para o cultivo da germanidade. O desafio de acessar textos e poesias do autor não publicados também renderia pesquisas interessantes, porque abriria as portas para conhecer outras perspectivas do autor não divulgadas em torno de suas propostas eclesiológicas. Por último, valeria o esforço de entrevistar biblistas latino-americanos e pesquisadores e pesquisadoras alemãs sobre suas experiências e contatos com o autor, porque ele deixou marcas profundas tanto na Alemanha quanto na América Latina. Enfim, estou convencido de que há um conjunto de relíquias e preciosidades a serem encontradas na vida e obra de Milton Schwantes.



REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio. *Os despossuídos: crescimento e pobreza no país do milagre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ABRANCHES, Sérgio. *Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ADOROCINEMA. *Tropa de elite 2*. 08 out. 2010. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-189340/>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- ALMEIDA, Saulo M. O pensamento teológico de Rubem Alves: contribuições Isalinas. *Revista Unitas*, Vitória, v. 9, n. 1, p. 71-83, 2021.
- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ALVES, Rubem. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana, 1985.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião: inimigas estranhas ou parceiras?* São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARROS, Odja; NASCIMENTO, Paulo. *Vocação para a igualdade: fé e diversidade sexual na Igreja Batista do Pinheiro*. Campinas: Saber Criativo, 2025.
- BARTH, Karl. *Dádiva e louvor: ensaios teológicos*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- BARTH, Karl. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte, 2006.
- BASTIAN, Jean Pierre. *História del protestantismo en América Latina*. México: CUPSA, 1986.
- MORI, Leticia. ‘Narcopentecostalismo’: traficantes evangélicos usam religião na briga por territórios no Rio. In: BBC NEWS [Site institucional]. 12 mai. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj5ej64934mo>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- BBLAMS. *A Bibliografia Bíblica Latino-Americana*. [s.d.]. Disponível em: <http://portal.metodista.br/biblica/sobre#:~:text=Iniciada%20em%201988%20pelo%20Prof.%20Milton%20Schwantes%20%28in,%C3%A1rea%20de%20Literatura%20e%20Religi%C3%A3o%20no%20Mundo%20B%C3%ADblico..> Acesso em: 20 jul. 2024.
- BEINERT, Wolfgang. Pastore Tedesco sobre a complexidade do Papa Bento XVI. *Revista Teopraxis*, Passo Fundo, v. 41, n. 137, p. 117-124, 2024.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Caminhos do protestantismo militante: o ISAL e a Conferência do Nordeste*. Vitória: Unida, 2014.

BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: a teologia do político e suas mediações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOFF, Clodovis; PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Clodovis. Apresentação. In: FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 24-26.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANCHER, Mercedes. Vou falar do que vi e conheci. Um mestre amigo. In: DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolda R. (orgs.). *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 24-36.

BRASIL. *Diversidade religiosa e direitos humanos*. 3. ed. Brasília: União, 2013.

BRINGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 663-673.

BRUEGGMANN, Walter. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulinas, 1983.

BRUEGGMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

BUCCI-GLUCKSMANN, Christinne. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAMPUSANO, María C. V. Ecología del cuidado desde una perspectiva feminista. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 354-371, 2021.

CAPES. *Catálogo de teses e dissertações*. [s.d.]. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CAPES. *Portal de periódicos*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CARDENAL, Ernesto. *La revolución perdida*. Madrid: Trotta, 2004.

CARDOSO, Nancy. Milton Schwantes: o desafio da Teologia da Libertação. In: TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO [Site institucional]. 21 out. 2015. Disponível em: <https://teologialibertacao.wordpress.com/2015/10/21/milton-schwantes-o-desafio-da-teologia-da-libertacao/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

CARDOSO, Nancy. Bíblia e Al Nakba: guerra santa contra a Palestina – um problema para a hermenêutica para América Latina. *Revista Ribla*, Petrópolis, v. 93, n. 2, p. 26-38, 2024.

CASONATTO, Odalberto D. O que é um biblista? O que faz o biblista? Estas informações estão relacionadas com a Ciência da Religião? In: ABÍBLIA.ORG [Site institucional]. 07 abr. 2013. Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=6598>. Acesso em: 27 fev. 2025.

CESAR, Waldo. Igreja e sociedade – Ou sociedade e igreja? *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 17-28, 2003.

COMBLIN, José. Contracapa. In: CROATTO, José S. *Isaias: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. [n.p.].

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de Área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: MEC; CAPES; DAV, 2019.

CORREIA JUNIOR, João L.; NASCIMENTO, Zelia C. P. A leitura popular da Bíblia: a experiência do CEBI em Mossoró/RN. *Revista Fronteiras*, Recife, v. 6, n. 2, p. 228-245, 2023.

COSTA, Mateus O. Moção contra a falta de empregabilidade dos cientistas das religiões – lida no Simpósio Nacional da ABHR 2016. *Revista Rever*, São Paulo, a. 16, n. 2, p. 175-179, 2016.

COSTA, Mateus O. *Ciência da Religião Aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

COSTA, Mateus O. *Ciência da Religião Aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 58, p. 445-447, 2021.

COURAU, Thierry-Marie; ABRAHAM, Susan; BABIC, Mile. Editorial. *Revista Concillium*, Nimega, n. 380, p. 167-172, 2019.

CROATTO, José S. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986.

CRUZ, Wallace S. A interpretação do texto bíblico de Milton Schwantes: por uma mediação da Ciência Prática da Religião. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 14, n. 2, p. 735-753, 2020a.

CRUZ, Wallace S. Por uma leitura da realidade presente na perspectiva de Milton Schwantes. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 34-49, 2020b.

CRUZ, Wallace S. *Intertextualidade e interdiscursividade no corpus literário de Milton Schwantes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2020c.

CRUZ, Wallace S. *O lugar do pobre para uma práxis profético-ecumênica: a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.

CRUZ, Wallace S.; ULRICH, Claudete B. A formação de “biblistas orgânicos” a partir da Ciência Prática da Religião: um tributo a Milton Schwantes. *Revistas Caminhos*, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 124-143, 2023.

DEIFELT, Wanda. Teologia luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à teologia da prosperidade. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 333-349, 2017.

DIAS, Zwinglio M. TEIXEIRA, Faustino. *Ecumenismo e diálogo-inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008.

DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria; DREHER, Isolde R. *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

DUSSEL, Enrique. *Historia general de la Iglesia en América Latina: introducción general a la Historia de la Iglesia en América Latina*. Salamanca: Sígueme; CEHILA, 1983.

ECO, Humberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FANTÁSTICO. *Brasil tem aumento de denúncias de intolerância religiosa; veja avanços e desafios no combate ao crime*. 21 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2024/01/21/brasil-tem-aumento-de-denuncias-de-intolerancia-religiosa-veja-avancos-e-de-safios-no-combate-ao-crime.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2025.

FILHO, José A. Estética da recepção e métodos histórico-críticos: o texto da perspectiva do leitor. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 311-324, 2019.

FILHO, José A. A teoria da recepção e a historicidade da compreensão das Escrituras. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 37-57, 2021.

FILKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FLORISTÁN, Casiano. *Teología práctica: teoría y praxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sígueme, 1991.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *The politics of Education: culture, power and liberation*. South Hadley: Bergin & Garvey, 1985.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. *Revista Proposta*, Rio de Janeiro, n. 113, p. 21-27, 2007.

GALLAZZI, Sandro. Teologia camponesa em disputa. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 89, p. 93-109, 2023.

GISEL, Pierre. Uma coexistência criativa entre a Teologia e as Ciências das Religiões: que trabalho desenvolver dos dois lados? In: SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano V.; ALMEIDA, Tatiane. (orgs.). *A epistemologia das Ciências da Religião: pressupostos, questões e desafios*. Curitiba: CRV, 2020. p. 131-148.

GOMES, Lucélia K. B. *A influência da midiaticização da religião: a construção discursiva do “Kit Gay” como instrumento de manipulação do eleitorado evangélico brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.

GONÇALVES, André L. D. Igreja Batista da Lagoinha inaugura templo no metaverso. In: TECMUNDO [Site institucional]. 22 abr. 2022. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/237482-igreja-batista-lagoinha-inaugura-templo-metaverso.htm>. Acesso em: 07 fev. 2025.

GOTAY, Samuel S. Teologia da Libertação latino-americana: Camilo Torres. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 1-21, 2020.

GOTTWALD, Norman K. *A light to the Nations: an introduction to the Old Testament*. Eugene: WIPF & STOCK, 1959.

GOTTWALD, Norman K. *All the Kingdoms on the Earth: Israelite Prophecy and International relations in the ancient near east*. New York: Harper and Row, 1964.

GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto – 1250-1050 a.C.* São Paulo: Paulinas, 1986.

GOTTWALD, Norman K. *The Bible and Liberation: political and social hermeneutics*. New York: Orbis Books, 1993.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUNNENWEG, Antonius H. J. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

HIGUET, Etienne A. Reformulação do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 343-375, 2012.

JENSEN, Tim. De cientista da religião respeitado a político disfarçado: o destino de um cientista da religião que se torna pessoa pública? Reflexões após a polêmica das charges de

Maomé na Dinamarca e mais de 25 anos como especialista em mídia. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA, III, 2019, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SCRA, 2019. p. 59-65.

KAEFER, José A. Hermenêutica bíblica: refazendo caminhos. *Revista Estudos de Religião*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 115-134, 2014.

KESSLER, Rainer. Milton Schwantes (1946-2012) e Alemanha. *Revista Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 273-278, 2023.

KONINGS, Johan. Hermenêutica bíblica da Teologia da Libertação. *Revista Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, p. 1-31, 2020.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

LIMA, Geovane. A história de Agar: quem foi Agar na Bíblia? (Em detalhes). In: FILHOS DA ORAÇÃO [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://filhosdaoracao.com/personagens-biblicos/a-historia-de-agar/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

LIMA, Vinício A. *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LOPES, Mercedes. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 21 set. 2020. 1 e-mail.

LÖWY, Michel. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 19, p. 5-22, 1989.

LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÖWY, Michel. *A teoria da revolução do jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, jul. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANZATTO, Antônio. Canções nas CEBs. *Revista Annales FAJE*, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 37-43, 2022.

MARIA, Tayná L.; CHEVITARESE, André L. Fundamentalismo religioso cristão: em busca de um conceito. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana; DUSILEK, Sérgio; MARIA, Tayná L. (orgs.). *Fundamentalismo religioso cristão: olhares transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Klíne, 2021. p. 9-21.

MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. The Fundamentalism Project: a user's guide. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. (eds.). *Fundamentalisms observed*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1991. p. 7-10.

MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. Conclusions: an interim report on a hypothetical family. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. (eds.). *Fundamentalisms observed*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1991. p. 814-842.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MCGEOCH, Graham G. From revolutionary texts to rebellious readers: what is leitura popular da Bíblia and is it really 'popular'? *Journal Radical Américas*, London, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2020.

MENDONÇA, Antônio G. O fim de um tempo: última aula na Pós-Graduação em Ciências da Religião, (15 de agosto de 2002). *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 34, p. 234-248, 2008.

MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica no Brasil. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1984.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *O caminho por onde andamos*: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia. São Leopoldo: CEBI, 2006.

MESTERS, Carlos. Fundamentalismo, religião, ética e transformação social: como buscar e encontrar os fundamentos da vida. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER) (org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 93-112.

MOTTA, Aydano A.; JACOBS, Cláudia S. País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros. In: SUPER INTERESSANTE [Site institucional]. 26 abr. 2023. [n.p.]. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/pais-registra-cada-vez-mais-agressoes-e-quebras-de-terreiro/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

NASCIMENTO, Lucas M. A bíblia e a vida: o método exegético de Milton Schwantes. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 55-63, 2012.

NOGALSKI, James. *Interpreting prophetic literature*: historical and exegetical tools for reading the prophets. Louisville: Westminster John Knox, 2015.

NOGUEIRA, Paulo A. S. *Linguagens da religião*: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOGUEIRA, Paulo. Os métodos histórico-críticos: pressupostos e pautas para renovação. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 296-310, 2019.

OLIVEIRA, Mariana. História e Bíblia mostram 'maldição' contra África, diz Feliciano em defesa. In: G1 [Site institucional]. 05 abr. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/04/ao-stf-feliciano-diz-que-historia-e-biblia-mostram-maldicao-afri-canos.html>. Acesso em: 11 jan. 2025.

OLIVEIRA, Valdeci. Intolerância religiosa! O desafio da convivência e do respeito. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 88, p. 94-104, 2022.

PAIXÃO, Wallace S. A invenção de uma comunidade eclesial orgânica: ação pastoral e teólogas e teólogos como intelectuais orgânicos. *Revista Unitas*, Vitória, v. 11, n. 1, p. 81-99, 2023.

PEREIRA, Nancy C. *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012.

PERUZZO, Cicília M. K. *Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2022.

PIEPER, Frederico. Ciência (s) da (s) religião (ões). In: JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí. (orgs.). *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 131-139.

PONTES, Márcio. Como legalizar uma igreja evangélica. In: PONTES CONTABILIDADE [Site institucional]. 13 nov. 2024. Disponível em: <https://escritoriopontes.com.br/como-legalizar-uma-igreja-evangelica/>. Acesso em: 07 fev. 2025.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Roma: [s.n.], 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 27 fev. 2025.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-Rio). *Edital 2024.2: Mestrado em Teologia – ingresso 2025.1*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Disponível em: <https://www.pos.teo.puc-rio.br/apresentacao/processo-seletivo/>. Acesso em: 07 fev. 2025.

PY, Fábio; PEDLOWSKI, Marcos A. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). *Revista Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 233-252, 2018.

PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. *Revista Rever*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 162-178, 2017.

RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006.

REIMER, Haroldo. Não há dabar sem contexto: apontamentos sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 232-245, 2013.

REIMER, Ivoni R. *Uma pergunta sobre a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 01 fev. 2021. 1 e-mail.

RIBEIRO, Osvaldo L. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009.

RICHARD, Pablo. *La fuerza espiritual de la iglesia de los pobres*. San José: DEI, 1987.

RICHARD, Pablo. Leitura popular da Bíblia na América Latina. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 8-25, 1988.

ROCHA, Abdruschin S.; RIBEIRO, Osvaldo L. Ciência (s) da Religião Aplicada (s): uma contribuição do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 193-212, 2019.

RODRIGUES, Elisa. As ciências sociais da religião como ciências da interpretação. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 28, n. 1, p. 186-203, 2014.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 574-576.

ROSSI, Luiz A. S. O fundamentalismo bíblico como suicídio teológico. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 88, p. 23-34, 2022.

SADER, Emir. Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade. In: SILVEIRA, Rosa M. G. (org.). *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. Vitória: Universitária, 2007. p. 75-83.

SADER, Emir. *A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2009.

SANTA ANA, Julio. *A Igreja dos pobres*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, Boaventura S. *O fim do império cognitivo: a afirmação da epistemologia do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Suely X. Uma leitura histórica-hermenêutica do fundamentalismo protestante em sua gênese, característica e desdobramentos: por uma leitura libertadora! *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 88, p. 11-22, 2022.

SHAULL, Richard. *O cristianismo e a revolução social*. São Bento do Sul: União Cristã, 1953.

SCHWANTES, Milton. Natã precisa de Davi: na esperança da igreja profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 18, n. 3, p. 99-118, 1978.

SCHWANTES, Milton. A cidade e a torre (Gn 11, 1-9): exercícios hermenêuticos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 21, n. 2, p. 57-76, 1981.

SCHWANTES, Milton. A cidade da justiça: estudo exegético de Is. 1.21-28. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 1, p. 5-48, 1982a.

SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 2, p. 105-145, 1982b.

SCHWANTES, Milton. Projeto de Deus na Bíblia. In: ARNS, Paulo. *Fé e educação política*. Porto Alegre: DAIT, 1982c. p. 88-102.

SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984a.

SCHWANTES, Milton. “Da boca de pequeninos”: enfoques antropológicos. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984b.

SCHWANTES, Milton. Bíblia e Lutero. *Revista Caminhando*, Goiânia, a. 2, v. 2, p. 32-34, 1984c.

SCHWANTES, Milton. *Bíblia e libertação*. Porto Alegre: CAPB, 1984d.

SCHWANTES, Milton. Profecia e organização: anotações à luz de um texto (Am 2, 6-16). *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985a.

SCHWANTES, Milton. Uma terra boa: êxodo 3,8. *Revista Simpósio*, São Paulo, v. 6, n. 30, p. 169-172, 1985b.

SCHWANTES, Milton. “E o verbo se fez carne e acampou entre nós”: notas sobre o estudo da história do povo de Deus. Belo Horizonte: CEBI, 1985c.

SCHWANTES, Milton. Profetas do povo de Deus. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 208, p. 34-38, 1986a.

SCHWANTES, Milton. *A família de Sara e Abraão*: texto e contexto de Gênesis 12-25. Petrópolis: Vozes, 1986b.

SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Petrópolis: Vozes, 1986c.

SCHWANTES, Milton. “Seis dias trabalharás e farás a tua obra”: iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986d.

SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: qual é a palavra dos profetas sobre o Estado? *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 16-20, 1986e.

SCHWANTES, Milton. Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987a.

SCHWANTES, Milton. A herança de Javé: meditando o Salmo 127. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 2, p. 175-180, 1987b.

SCHWANTES, Milton. As tribos de Javé: uma experiência paradigmática. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 47, n. 185, p. 103-119, 1987c.

SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 5-6, 1988a.

SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988b.

SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988c.

SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988d.

SCHWANTES, Milton. Apresentação. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 5-6, 1988e.

SCHWANTES, Milton. Afluiu para ele grande multidão. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 228, p. 32-34, 1988f.

SCHWANTES, Milton. Escravidão na Bíblia. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 227, p. 32-34, 1988g.

SCHWANTES, Milton. Entre vós não será assim. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 234, p. 33-34, 1988h.

SCHWANTES, Milton. *O Espírito faz história*. Belo Horizonte: CEBI, 1988i.

SCHWANTES, Milton. Uma Bíblia que inquieta. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 235, p. 33-34, 1988j.

SCHWANTES, Milton. Uma experiência igualitária: algumas anotações a respeito das tribos de Javé. *Revista Palavra Partilhada*, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 8-19, 1988k.

SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989a.

SCHWANTES, Milton. Esperanças messiânicas e davídicas. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 23, p. 18-29, 1989b.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes, 1989c.

SCHWANTES, Milton. *Igreja como povo: “meu povo em Miquéias”*. Belo Horizonte: CEBI, 1989d.

SCHWANTES, Milton. No conflito das interpretações. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 242, p. 34-35, 1989e.

SCHWANTES, Milton. Toda criação geme e suporta angústias. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 246, p. 29-30, 1989f.

SCHWANTES, Milton. Tudo pelo social? *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 239, p. 33-34, 1989g.

SCHWANTES, Milton. A terra pertence a Deus (Lv 25.23): anotações sobre a questão da terra na Bíblia. *A Palavra na Vida*, Belo Horizonte, n. 31, p. 7-42, 1990a.

SCHWANTES, Milton. Movimentos bíblicos e pastoral. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 253, p. 23-25, 1990b.

SCHWANTES, Milton. A caminho da terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991a.

SCHWANTES, Milton. Trabalhador e trabalho: alguns dados escriturísticos. *Revista Grande Sinal*, Petrópolis, v. 45, n. 1, p. 100-103, 1991b.

SCHWANTES, Milton. “Não estendas tua mão contra o menino” (Observações sobre Gênesis 21 e 22). *Revista Ribla*, Petrópolis, v. 10, p. 24-39, 1991c.

SCHWANTES, Milton. História de Israel: dos inícios até o exílio. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 7, p. 3-26, 1992a.

SCHWANTES, Milton. Era um menino: a experiência faz a diferença. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 9, p. 17-25, 1992b.

SCHWANTES, Milton. “Cantai um canto novo!” – Liturgias se aproximam. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 35, p. 49-53, 1992c.

SCHWANTES, Milton. “Plantarei meu povo na terra que lhes dei”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 52, n. 206, p. 424-428, 1992d.

SCHWANTES, Milton. Anseios ecumênicos. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 271, p. 32-33, 1993a.

SCHWANTES, Milton. *Bibliografia bíblica latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 1993b.

SCHWANTES, Milton. A Bíblia: um desafio. *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 15, p. 5-8, 1994a.

SCHWANTES, Milton. A Bíblia: um desafio à unidade. *Revista Contexto Pastoral*, Campinas, n. 21, p. 6-7, 1994b.

SCHWANTES, Milton. Caminhando na oração. *Revista Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 89, p. 22-24, 1995a.

SCHWANTES, Milton. Do jeito da traça: Oséias 5,8-7,16. *Revista Por Trás da Palavra*, São Leopoldo, a. 15, n. 87, p. 25-30, 1995b.

SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997.

SCHWANTES, Milton. Aprendendo a ler a escritura. *Revista Simpósio*, São Paulo, n. 41, p. 5-19, 1998a.

SCHWANTES, Milton. “Faze sair meu povo Israel do Egito”: anotações sobre Êxodo 3. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. XII, n. 14, p. 23-34, 1998b.

SCHWANTES, Milton. Palavras junto à fonte – Lindas palavras em lugares escondidos: anotações sobre Gênesis 16,1-16. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 39, p. 10-20, 2001.

SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças”: observações sobre Oséias 5, 1-7. *Revista de Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 73, p. 8-19, 2002.

SCHWANTES, Milton. “A terra não pode suportar suas palavras” (Amós 7, 10): reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Paulinas, 2004a.

SCHWANTES, Milton. Elementos de um projeto econômico e político do messianismo de Judá – Gênesis 49, 8-12: uma antiga voz judaíta interpretada no contexto da história da ascensão de Davi ao poder (1 Samuel 16 até 2 Samuel 5). *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 48, p. 25-33, 2004b.

SCHWANTES, Milton. Editorial. *Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 7-8, 2005.

SCHWANTES, Milton. A teologia e o direito dos pobres. [Entrevista concedida a] [s.n.]. *IHU Online*, São Leopoldo, n. 188, p. 52-57, 10 jul. 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao188.pdf>. Acesso em: 03 out. 2023.

SCHWANTES, Milton. Anotações sobre a Teologia da Libertação: carta a um amigo. In: OIKOS [Site institucional]. 12 out. 2007. [n.p.]. Disponível em: https://oikoseditora.com.br/milton_schwantes_meditacoes.htm. Acesso em: 19 nov. 2024.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origens*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SCHWANTES, Milton. Flor onde a luz é pouca: um bate papo sobre leitura popular da Bíblia com o teólogo Milton Schwantes. [Entrevista concedida a] Suzel Magalhães Tunes. *Novo Olhar*, São Paulo, [n.p.], 30 jun. 2010. Disponível em: <https://www.claudiocarvalhaes.com/uncategorized-pt-br/duas-entrevistas-com-o-professor-milton-schwantes/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SCHWANTES, Milton. *A força criadora e libertadora da Palavra (1/5)*. [YouTube, 3 mai. 2012]. São Paulo: GUSTAVO Martins, 2012 (27min 02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SGdr28plf18&t=2s>. Acesso em: 08 fev. 2025.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013.

SEGUNDO, Juan L. *A concepção cristã do homem*. Petrópolis: Vozes, 1970.

SEGUNDO, Juan L. *Massas e minorias na dialética divina da libertação*. São Paulo: Loyola, 1975.

SILVA, Airton J. Quantos idiomas deveria um biblista dominar? In: OBSERVATÓRIO BÍBLICO [Site institucional]. 07 out. 2006. Disponível em: <https://airtonjo.com/blog1/2006/10/quantos-idiomias-deveria-um-biblista.html>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SILVA, José S. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. *Revista Plurais*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 84-105, 2011.

SILVA, Valmor. *Três perguntas sobre Milton Schwantes* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <soares.ensino@gmail.com> em 01 fev. 2021. 1 e-mail.

SIMIAN-YOFRE, Horacio. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011.

SKIDMORE, Thomas E. *The politics of military rule in Brazil, 1964-85*. New York: Oxford University Press, 1988.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018.

STÉDILE, João P.; FERNANDES, Bernardo M. *Brava gente: a trajetória do MTS e a luta pela terra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

STERN, Fábio L. Metodologia em Ciência da Religião. *Revista Relegens Thréskeia*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 138-160, 2020.

STERN, Fábio L. Ciência da Religião Aplicada. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João D. *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola, 2022. p. 143-149.

TAMBASCO, Anthony J. “A critical appraisal of Segundo’s biblical hermeneutics”. In: CURRAN, Charles E.; MCCORMICK, Richard A. *Reading in moral theology*. 4. ed. New York: Paulist Press, 1984. p. 321-336.

TAMEZ, Elsa. *A Bíblia dos oprimidos: a opressão na teologia bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

TAMEZ, Elsa. *Teólogos da libertação falam sobre a mulher*. São Paulo: Loyola, 1989.

TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação: a justificação pela fé partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

TAMEZ, Elsa. Construyendo nuestro sueño. [Entrevista concedida a] *Tiempo Latinoamericano*, Costa Rica, p. 22-23, 10 abr. 1996. Disponível em: <https://revistatiempo latinoamericano.com/rev/053/TL-053S13.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Revista Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012.

TIEMPO LATINOAMERICANO. *CIB 2000 Ecuador*. 15 out. 2000. Disponível em: <https://revistatiempolatinoamericano.com/rev/063/TL-063S18.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

TONIOL, Rodrigo. A virada material nos estudos de religião. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 26, p. 1-31, 2024.

TORRES, Fernando. Red ecuménica bíblica de América Latina y el Caribe – REBILAC. *Revista Tiempo Latinoamericano*, Córdoba, a. XVII, n. 63, p. 18-19, 1999.

TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 577-587.

TWORUSCHKA, Udo. Considerações sobre a Ciência Prática da Religião. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Mateus O. (orgs.). *Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 31-61.

UERJ. *Dia nacional de combate à intolerância religiosa: em todos os credos, a fé reside no respeito às diferenças*. 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-em-todos-os-credos-a-fe-reside-no-respeito-as-diferencas/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

UETI, Paulo. Encontros e desencontros de palavras e corpos: notas sobre leitura popular da Bíblia. In: MCGEOCH, Graham (org.). *Teologia da Libertação na América Latina: novas sementes de inquietação*. São Paulo: Recriar; Unida, 2024. p. 19-60.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 51-62.

USARSKI, Frank. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da ciência prática da religião e sua alternativa. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus O. (orgs.). *Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 63-77.

USARSKI, Frank. Demarcando as fronteiras da Ciência da Religião: um esboço com referências à discussão epistemológica na Alemanha. *Revista Rever*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 209-229, 2021.

VASCONCELLOS, Pedro L. Estudos de “escrituras” e a Ciência da Religião: da hermenêutica de textos à percepção de sujeitos religiosos em ação significativa e produção de sentidos. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 135-164.

VÉLEZ, Neftali. A leitura bíblica nas Comunidades Eclesiais de Base. *Revista Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 26-43, 1988.

VOLF, Miroslav. *After our likeness: the Church as the image of Trinity*. Michigan: Grand Rapids, 1998.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Brasília: UNB, 1998.

WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. *Revista Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, n. 12, p. 3-28, 1993.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo Israel*. 2. ed. São Paulo: Targumim; Paulus, 2006.

WIRTH, Lauri E. Os protestantes e a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: convergências. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 47-63, 2018.

WIT, Hans. *En la dispersión el texto es patria: introducción a la hermenêutica clásica, moderna e pós-moderna*. San José: Universidad Bíblica Latino Americana, 2002.

ZABATIERO, Júlio. *Manual e exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.